

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MURILO ANTONIO PASCHOALETO**

**O INTEGRALISMO E O MUNDO: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES  
INTERNACIONAIS DO INTEGRALISMO A PARTIR DO JORNAL  
*A OFFENSIVA* (1934-1938)**

**MARINGÁ**

**2012**

**MURILO ANTONIO PASCHOALETO**

**O INTEGRALISMO E O MUNDO: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES  
INTERNACIONAIS DO INTEGRALISMO A PARTIR DO JORNAL  
*A OFFENSIVA* (1934-1938)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais; linha Políticas e Movimentos Sociais, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha

**MARINGÁ**

**2012**

## Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P279i Paschoaleto, Murilo Antonio  
O integralismo e o mundo : uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal *A Offensiva* (1934-1938) / Murilo Antonio Paschoaleto. -- Maringá, 2011.  
233 f. : il.

Orientador: Prof° Dr° João Fábio Bertonha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2012.

1. Integralismo. 2. Ação integralista brasileira. 3. Facismo. 4. Jornal *A Offensiva*. I. Bertonha, João Fábio, orient. II Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 22. ed. 320.533

MURILO ANTONIO PASCHOALETO

**O INTEGRALISMO E O MUNDO: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES  
INTERNACIONAIS DO INTEGRALISMO A PARTIR DO JORNAL  
*A OFFENSIVA* (1934-1938)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais; linha Políticas e Movimentos Sociais, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. João Fábio Bertonha (Orientador)  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Ramos de Andrade  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marionilde Dias Brepohl Magalhães  
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho é dedicado aos meus pais,  
Avelino e Solange, pelo eterno apoio.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho dificilmente teria sido realizado sem o apoio de algumas pessoas e sem a colaboração de algumas instituições. Certamente, o apoio de todos vocês foi de fundamental importância para mim.

Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram. Vocês são tudo.

Agradeço aos colegas da pós-graduação, pelas conversas, e aos meus amigos, sobretudo ao Tom e o Mamede, por terem compreendido minha “ausência” ao longo destes dois anos. Agradeço ao Fábio, que me acompanha nesta jornada há cinco anos. Agradeço pelos conselhos, sugestões e pela dedicação com a qual me orientou. Por tudo isso, sou muito grato a você.

Sou igualmente grato aos membros que aceitaram o convite para compor minha banca. Prof.<sup>a</sup> Marion e Prof.<sup>a</sup> Solange, obrigado.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em História/UEM, a todos os seus professores e colaboradores, em especial à Giselle, que sempre, com um sorriso no rosto, ressalta-se, se dispôs a auxiliar não apenas a mim, mas a todos nós, pós-graduandos.

Agradeço ao CDO/UEM, ao Edson e ao Sidnei, pela digitalização dos documentos que utilizei para realizar a presente pesquisa.

Agradeço, por fim, a Capes, pela concessão da bolsa de estudos.

## RESUMO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o primeiro movimento/partido de massas do Brasil a possuir uma organização em âmbito nacional. Oficialmente fundada em outubro de 1932 e extinta enquanto organização política legalizada em 1937, a AIB, nos seus poucos mais de cinco anos de existência legal, chegou a arregimentar algo entre 500 e 800 mil brasileiros. Surgido no contexto de crises e polaridades ideológicas do período entreguerras, quando a eficácia do sistema liberal-democrático passava por questionamentos e o comunismo e o fascismo se apresentavam como alternativas viáveis à sociedade, a AIB absorveu de tal forma aspectos ideológicos, organizacionais e simbólicos do fascismo (como, por exemplo, a proposta de um Estado erigido com bases no Corporativismo e a estruturação rígida e hierárquica da estrutura organizacional do movimento), que forneceu oportunidade para que muitos pesquisadores a levassem a inclui-la no “rol” dos fascismos. O presente trabalho tem como principal objetivo fornecer alguns elementos que almejam contribuir para uma das discussões mais instigantes acerca do movimento integralista: o seu caráter ideológico. Para tanto, realizamos uma análise de como os próprios integralistas, por meio das páginas do jornal *A Offensiva* - apontado como o periódico mais importante do movimento integralista - viam e apresentavam a natureza ideológica do movimento ao qual pertenciam e, ao mesmo tempo, evidenciamos as relações, mesmo que em nível do discurso, estabelecidas entre os integralistas e os movimentos fascistas existentes nas mais variadas partes do mundo naquele contexto.

**Palavras-chave:** Ação Integralista Brasileira. Integralismo. Fascismo. Jjornal *A Offensiva*.

## ABSTRACT

The Ação Integralista Brasileira (AIB) was the first mass movement/party of Brazil to hold a nationwide organization. Officially founded in October 1932 and extinct while political party in 1937, the AIB, in its five years of legal existence, arrived to whip up something between five hundred and seven hundred thousand Brazilians. Arisen in the context of crisis and ideological polarities of the inter-war period, when the effectiveness of liberal democratic system was undergoing questioning and communism and fascism were presented as viable alternatives to society, the AIB absorbed many ideological, organizational, and symbolic aspects of fascism (as, for example, the proposal of a State built with bases in Corporatism and the rigid and hierarchical structure of the movement), which provided opportunity for many researches to lead it to include it in the “list” of fascism. This work has as main objective to provide some elements to contribute to one of the most exciting discussions about integralist movement: its ideological character. Thus, we seek to make an analysis of how Integralists themselves through the pages of the newspaper *A Offensiva* – appointed as the most important periodic of the integralist press – viewed and presented the ideological nature of the movement which they belonged and at the same time, highlight relations, even if in the level of discourse, established between integralists and the various fascist movements existing around of the world in that period.

**Keywords:** Ação Integralista Brasileira. Integralism. Fascism. Newspaper *A Offensiva*.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Organograma da SNI. Construído com base nas informações contidas no <i>Monitor Integralista</i> (ano IV, n. 15, p. 17-18) .....	42
Figura 2	<i>A Offensiva</i> , ano III, n. 264, p. 2 .....	47
Figura 3	Reprodução da capa do exemplar de uma das primeiras edições do <i>A Offensiva</i> . <i>A Offensiva</i> , Rio de Janeiro, ano I, n. 3 .....	53
Figura 4	“Na Rússia Soviética”. In <i>A Offensiva</i> , ano III, n. 188, p. 1 .....	79
Figura 5	Sob o jugo da grande finança internacional. <i>A Offensiva</i> , ano I, n. 9, p. 1 ...	111
Figura 6	<i>A Offensiva</i> , ano I, n. 13, p. 3 e <i>A Offensiva</i> , ano I, n. 30, p. 3 .....	113
Figura 7	<i>A Offensiva</i> , ano IV, n. 580, p. 1 .....	127
Figura 8	<i>A Offensiva</i> , ano II, n. 121, p. 1 e <i>A Offensiva</i> , ano II, n. 182, p. 1 .....	163
Figura 9	<i>A Offensiva</i> , Rio de Janeiro, ano II, n. 97, p. 5 .....	164
Figura 10	"Arriba Hespanha!". <i>A Offensiva</i> , ano III, n. 274, p. 1 .....	208
Figura 11	“Soldados da Revolução”. <i>A Offensiva</i> , ano III, n. 280, p. 3 .....	208
Figura 12	Fotografia do embarque de um grupo de falangistas .....	209

## LISTA DE SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
GCE	Guerra Civil Espanhola
LSN	Lei de Segurança Nacional
SDN	Sociedade das Nações
SEP	Sociedade de Estudos Políticos
SNI	Secretaria Nacional de Imprensa
SNP	Secretaria Nacional de Propaganda

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO: O CONTEXTO HISTÓRICO; O HISTÓRICO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DA IMPRENSA ENQUANTO DOCUMENTO</b> .....	10
1	<b>SOBRE A IMPRENSA INTEGRALISTA E O JORNAL <i>A OFFENSIVA</i></b> .....	37
1.1	<b>Os órgãos responsáveis pela regulamentação e fiscalização da imprensa integralista e a constante procura em se aprimorar a imprensa periódica do Movimento</b> .....	39
1.1.1	Os jornais e revistas integralistas .....	44
1.2	<b>O jornal <i>A Offensiva</i></b> .....	49
1.2.1	O noticiário internacional do <i>A Offensiva</i> : transformações, composição e fontes utilizadas para compor o noticiário internacional do periódico .....	60
2	<b>AS PERCEPÇÕES INTERNACIONAIS INTEGRALISTAS A PARTIR DO JORNAL <i>A OFFENSIVA</i>: OS “INIMIGOS” E OS “ALIADOS” DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA</b> .....	67
2.1	<b>Os “inimigos” do Sigma: o comunismo, a liberal-democracia e o judaísmo</b> ....	70
2.1.1	O comunismo .....	72
2.1.2	O liberalismo .....	80
2.1.3	Os judeus .....	86
2.2	<b>Os “aliados”: os movimentos e regimes de extrema-direita</b> .....	91
2.2.1	O surgimento e a disseminação da “idea nova” e da “mocidade” pelo mundo ....	92
2.3	<b>O <i>A Offensiva</i> e o caráter ideológico da AIB</b> .....	115
3	<b>O JORNAL <i>A OFFENSIVA</i> E ALGUNS DOS ACONTECIMENTOS MARCANTES DO PERÍODO (1934-1938)</b> .....	137
3.1	<b>A Alemanha nazista e a <i>Noite dos Longos Punhais</i> (1934)</b> .....	140
3.2	<b>A Guerra da Abissínia (Guerra da Etiópia, 1935-1936)</b> .....	147
3.2.1	A Guerra da Abissínia nas páginas do <i>A Offensiva</i> .....	159
3.3	<b>A Guerra Civil Espanhola (1936-1939)</b> .....	188
3.3.1	A Guerra Civil Espanhola nas páginas do <i>A Offensiva</i> .....	190
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	216
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	221

## **INTRODUÇÃO: O CONTEXTO HISTÓRICO; O HISTÓRICO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DA IMPRENSA ENQUANTO DOCUMENTO**

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o primeiro movimento de massas do Brasil a possuir uma organização em âmbito nacional (CAVALARI, 1999). Com suas propostas autoritárias e com o auxílio de uma eficiente máquina de propaganda, o integralismo, em pouco mais de cinco anos de existência legal, chegou a arregimentar algo entre 500 e 800.000 militantes – isso numa população de cerca de 42 milhões de habitantes (HILTON, 1983, p. 45).

Compreender o contexto tanto internacional quanto nacional em que o movimento integralista eclodiu, é algo de suma importância para compreendermos não apenas o surgimento da AIB e a natureza de suas propostas, como também a receptividade que essas propostas tiveram por parte da população brasileira.

Oficialmente fundada no ano de 1932 e extinta em dezembro de 1937, por conta da instauração do Estado Novo varguista, o período de existência legal da AIB esteve circunscrito ao período entre guerras mundiais, que é caracterizado, pela historiografia, como um momento especialmente conturbado, sobretudo, por conta da “ampla seqüência de choques que englobaram as grandes estruturas ideológicas de então” (FRAGA, 2004, p. 7).

Os ideais liberais vinham sendo, desde fins da Primeira Guerra Mundial, questionados. As críticas eram voltadas, por um lado, à ineficácia do sistema liberal democrático, que, incapaz de resolver as desigualdades sociais na sociedade capitalista, também o teria sido em impedir o morticínio da grande guerra, e, por outro, à ineficácia do liberalismo econômico, que, preconizando a não intervenção do governo na economia, teria conduzido os Estados Unidos, e todo o mundo sob sua influência, à grande crise de 1929 (BERTONHA, 2005, p. 7-10).

Nesse ínterim, a Revolução Russa, ocorrida em 1917, apresentara o comunismo como uma alternativa política viável:

[...] o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E, nesse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de convencidos de que ele não pudesse triunfar (HOBSBAWM, 2008, p. 63).

De forma semelhante, mas com propostas bastante distintas, o fascismo, assim como o comunismo, também era visto e se apresentava à sociedade como uma solução viável para a substituição do modelo liberal. Por volta de 1930, como ressaltara, em certa oportunidade, Bertonha (2008, p. 89), tanto o regime fascista tomara ciência de que poderia exportar a solução fascista para além das fronteiras italianas, quanto pessoas de fora da Itália passaram a ver, no fascismo, uma solução viável para colapso que o capitalismo e a democracia burguesa pareciam enfrentar:

[...] Certamente, a grande maioria das pessoas que passou a simpatizar com o fascismo fora da Itália nesse período jamais se converteu à sua ideologia, mas a renovada simpatia de certos setores políticos e sociais do mundo ocidental pelo regime (que sempre havia existido, mas que cresceu notavelmente com a crise) parece ter ajudado a convencê-lo de que o fascismo era a onda do futuro e que cabia a Roma guiar essa onda (BERTONHA, 2008, p. 89).

Como nos evidenciam os dados apresentados por Hobsbawm (2008, p. 115), ao longo do período compreendido entre a ascensão de Mussolini ao poder, em outubro de 1922, e o ápice do sucesso do Eixo na Segunda Guerra Mundial, o mundo assistiu a uma retirada acelerada das instituições liberais democráticas - no ano de 1944, dos 65 Estados existentes no mundo, apenas 12 contavam com governos constitucionais e eleitos - o que nos demonstra que as críticas voltadas às instituições liberais democráticas não ficaram apenas em nível do discurso.

Não obstante, Hobsbawm (2008, p. 116) observa que, nesse período, a ameaça às instituições políticas liberais vinha, sobretudo, da direita política, e que essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas, também,

[...] uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para qual o rótulo 'fascismo' é ao mesmo tempo insuficiente, mas não inteiramente irrelevante. Insuficiente porque de modo algum todas as forças que derrubavam os regimes liberais eram fascistas. E relevante porque o fascismo, primeiro em sua forma original italiana, depois na forma alemã do nacional-socialismo, inspirou outras forças antiliberais, apoiou-as e deu à direita internacional um senso de confiança histórica: na década de 1930, parecia a onda do futuro.

Como frisado no excerto acima, ainda que nem toda direita que ameaçasse as instituições liberais fosse fascista, o fascismo inspirara e apoiara outras forças antiliberais e dera à direita internacional a confiança de que o fascismo seria a “onda do futuro”. Embora a análise do autor seja passível de algumas ressalvas, sobretudo no que se refere aos conceitos e

terminologias empregadas, o panorama geral por ele oferecido é, de fato, revelador: a tendência mundial, de queda de governos democráticos e de ascensão de governos autoritários, parecia clara.

O Brasil também experimentou, nesse período, toda a efervescência política, social e econômica existente no contexto. De acordo com alguns estudiosos, a década de 1920 representou uma fase de transição no processo histórico brasileiro.

A economia brasileira, baseada, até então, no modelo agrário exportador foi fortemente afetada pela crise de 1929. Esta crise provocou uma queda tanto dos preços, quanto da demanda pelos produtos primários ofertados ao mercado internacional pelo Brasil e, entretantes, acabou por abalar a posição de destaque que a oligarquia cafeeira ocupara no cenário nacional de então.

Como resposta a essa crise, a qual teria despertado, também no Brasil, um sentimento de descrença na doutrina liberal, o governo brasileiro deu início a uma política que almejava fomentar a industrialização do país. Baseado no modelo de “substituição de importações”, o governo passou a interferir na economia e a estimular as atividades industriais, por meio de políticas de financiamento e tributações.

O referido processo de industrialização, por sua vez, acelerou o processo de urbanização do país, estimulando a expansão e consolidação de uma classe média, bem como de uma classe operária (CRUZ, 2004, s/p). Todavia, essa classe média e a operária em processo de consolidação e expansão, conquanto, não desempenharam papel político de relevo durante esse período (TRINDADE, 1979, p. 15-17).

Segundo Trindade (1979, p. 15-17), a luta política circunscrevera, nesse período, basicamente os conflitos entre tendências e contradições no seio da oligarquia rural dominante - que quase sempre giraram em torno da questão da sucessão presidencial - e insurreições desencadeadas por jovens oficiais contestadores, que se revoltaram e se insurgiram contra o sistema político existente, manifestando o desejo de renovação dos costumes políticos. Revoltas arquitetadas por esses oficiais ocorreram ao longo dos anos de 1922 e 1925, quando estes, finalmente, se uniram às tropas revoltistas do Capitão Luiz Carlos Prestes, conformando a Coluna Prestes, que, até fevereiro de 1927, objetivando “manter viva a flama da revolução”, percorreria cerca de 25.000 km e tomara parte em mais de 50 combates.

Não obstante, os anos de 1920 foram marcados, também, por uma “mutação no ideário” brasileiro (TRINDADE, 1979, p. 19). Intelectuais e artistas brasileiros atentavam para a imperativa necessidade de criar-se um pensamento nacional autônomo, com o objetivo de refletir-se acerca dos problemas intrínsecos ao Brasil. A crítica era voltada, sobretudo, à

imensa influência que a intelectualidade europeia exerceria sobre a brasileira e, conseqüentemente, sobre toda a vida nacional, solapando qualquer tipo de expressão intelectual autóctone.

Ao longo dos anos de 1920 temos, assim, no Brasil, um quadro de substanciais transformações: intensificou-se a industrialização da economia; novas camadas urbanas se incorporaram à luta social e política; a legitimidade do sistema político, dominado pelo grupo agrário exportador, era colocada em questão e uma mutação ideológica se operava entre as elites intelectuais.

Dessa forma, pilares nos quais se sustentavam o sistema político da Primeira República (1889-1930) sofreram um grande abalo, tornando-se impossível sustentá-la por muito tempo – e, de fato, não o fora. Ao terceiro dia do mês de outubro de 1930, partindo do Rio Grande do Sul, irrompeu-se a Revolução de 1930.

Na Primeira República, vigorava, no Brasil, a chamada “política do café com leite”, na qual políticos indicados ora por São Paulo, ora por Minas Gerais, os estados mais ricos e populosos da União, se alternavam na Presidência da República.

Washington Luiz, paulista, eleito presidente no ano de 1926, rompendo com a tradição estabelecida, indicara o também paulista Júlio Prestes como seu sucessor para as eleições que viriam a ocorrer em 1930, fato que desagradou a oligarquia mineira, cujos protestos encontraram apoio nos Estados do Rio Grande do Sul e da Paraíba e também em setores do Exército, contrários ao governo instituído, como os “tenentistas”. Estes, então, deram início à articulação de uma frente oposicionista à eleição de Júlio Prestes e, em 1929, lançaram a Aliança Liberal, que, em setembro do mesmo ano, apresentou Getúlio Vargas como seu candidato às eleições.

As eleições realizadas no início de março de 1930 deram a vitória a Júlio Prestes. Mas, antes mesmo de Prestes assumir o governo (o que se daria no dia 15 de novembro), as tropas revolucionárias, formadas, sobretudo, pelas forças militares de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e por setores do Exército, depuseram o então Presidente Washington Luiz e, a três de novembro de 1930, Vargas assumiu a presidência do país. Getúlio tornou-se chefe do Governo Provisório, dissolveu o Congresso Nacional e os estaduais, revogou a Constituição de 1891 e passou a governar por decretos.

Em 1932, outra revolução foi deflagrada. Irrompendo-se, dessa vez, em território paulista, a Revolução Constitucionalista tinha duas reivindicações: a derrubada do Governo Provisório de Vargas e a promulgação de uma nova Constituição para o país. O movimento, irrompido em julho de 1932, foi controlado pelas forças federais em outubro do mesmo ano.

No ano seguinte ao levante paulista, foi realizada uma eleição para a Assembleia Nacional Constituinte e, em 1934, foi promulgada uma nova Constituição.

É nesse contexto de, no âmbito internacional, polaridades ideológicas, quando a eficácia do liberalismo passava por questionamentos ao passo que o comunismo e o fascismo se apresentavam como modelos viáveis para a sociedade, e, no âmbito nacional, de intensa efervescência política, social e ideológica, que surgiu a Ação Integralista Brasileira, fundada por Plínio Salgado, em 1932.

Assim, segundo Cruz (2004, p. 37):

O surgimento da AIB deve ser relacionado ao conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que marcou o período referido. A conjugação entre a crise econômica mundial – com reflexos sobre o Brasil –, o descrédito no liberalismo político e econômico, a ascensão das camadas populares, simultaneamente ao surgimento de movimentos políticos radicais ou revolucionários – como a Aliança Nacional Libertadora (fundada em 1935) e o PCB (fundado em 1922) – e o fortalecimento dos ideais autoritários – tendo como principais representantes do período o nazismo e o fascismo – fez com que o terreno da história do período se tornasse fértil para um movimento que se propunha a construir uma ‘nova sociedade’, cujos pilares seriam a harmonia social, a renovação espiritual frente ao materialismo capitalista, a disciplina, a hierarquia e o fortalecimento do Estado, destruindo a velha sociedade da ‘desordem’, do liberalismo desenfreado, do individualismo egoísta e do fraco poder político nos moldes liberais.

\*\*\*

A AIB foi um movimento brasileiro de extrema-direita, oficialmente fundado no dia 7 outubro de 1932, com a leitura do *Manifesto de Outubro* no Teatro Municipal de São Paulo.

Plínio Salgado, líder “supremo e eterno” da AIB, nasceu em 1895, no interior do Estado de São Paulo. Foi escritor e jornalista de destaque; militou no Partido Republicano Paulista até o ano de 1930, sendo eleito deputado estadual em 1927. No mesmo ano em que se desvinculou da legenda pela qual fora eleito deputado, Salgado partiu para uma viagem à Europa. Nessa época, o futuro líder da AIB “está desiludido com a vida política brasileira e pronto para dar início a algo novo”:

A viagem de Salgado à Europa deu a ele a oportunidade de meditar sobre sua obra e sobre a política brasileira e de ler boa parte da literatura política que circulava no continente naquele momento. Mais importante, porém, foi a sua passagem pela Itália, onde conheceu de perto o fascismo, que o maravilhou e o estimulou a tentar criar algo semelhante no Brasil. Em 1932, finalmente, fundou a Sociedade de Estudos Políticos. Dessa associação, surgiu a Ação Integralista Brasileira, fundada oficialmente em 7/10/1932 (BERTONHA, 2008, p. 286).

Apesar de termos data e local específico para a fundação da AIB, sua conformação, contudo, nos remete ao ano de 1931. Desde meados do ano de 1931, Plínio Salgado, futuro



Chefe Nacional da AIB, e San Thiago Dantas, futuro Secretário Nacional de Imprensa da AIB, redigiam, conjuntamente, o *A Razão*, jornal de propriedade de Alfredo Egídio de Souza Aranha. Através das páginas desse jornal, sobretudo da coluna *Nota Política*, Salgado, ao mesmo tempo em que divulgou e estabeleceu as bases doutrinárias do que viria a ser a AIB, articulou, ao seu entorno, um grupo de pessoas simpáticas às suas ideias, culminando com a formação, em 12 de março de 1932, da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) (TRINDADE, 1979, p. 80-81).

Depois de fundada a referida Sociedade, Salgado buscou promover uma articulação com outros intelectuais e movimentos próximos ideologicamente à SEP. Estabeleceu contatos com Olbiano de Mello, que pretendia lançar, em Minas Gerais, o seu Partido Nacional Sindicalista e com Severino Sombra, que, desde julho de 1931, organizara e liderara, no Ceará, a Legião Cearense do Trabalho (TRINDADE, 1979, p. 120-122).

Após algumas reuniões da SEP, Salgado propôs, em maio de 1932, a criação da AIB, no que foi apoiado por grande parte dos integrantes da organização. Segundo Trindade (1979), a essa época, o movimento já estava, em grande parte, estruturado, faltava-lhe “apenas a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB”. Tal documento foi redigido e, enfim, divulgado no dia 7 outubro de 1932 - daí o nome pelo qual ficou conhecido o *Manifesto (de Outubro)*, que, oficialmente, foi o marco da fundação da AIB.

Ainda em processo de formação, a AIB

[...] absorveu vários pequenos movimentos fascistas extremamente frágeis, que haviam surgido já nos anos 20, mas que pouco se desenvolveram, como a *Legião Cruzeiro do Sul*, o *Partido Nacional Fascista*, o *Partido Nacional Sindicalista* e outros (BERTONHA, 2008, p. 287).

Entre outubro de 1932 e inícios de 1934, a AIB passou por um período de consolidação, tanto em termos organizativos, quanto em termos de arregimentação de militantes.

Ao longo de todo o ano de 1933, os dirigentes do movimento percorreram várias regiões do país, objetivando divulgar as ideias da AIB. As “Bandeiras Integralistas”, como ficaram conhecidas tais expedições, percorreram grande parte do território nacional, fundando, de Norte a Sul do Brasil, núcleos do Movimento.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre as “Bandeiras Integralistas”, ver Barbosa (2007, p. 76-77).

Ainda em 1933, as Diretrizes Integralistas foram estabelecidas e a AIB iniciou a formação de sua estrutura diretiva, a qual foi consolidada entre fevereiro e início de março de 1934, com a realização do I Congresso Integralista, em Vitória/ES.<sup>2</sup>

Nesse Congresso, foi decretado e proclamado o reconhecimento de Plínio Salgado como “Chefe Supremo, insubstituível e perpétuo da Revolução Integralista”.<sup>3</sup> Pelas resoluções do Congresso, no ápice da hierarquia do movimento, encontrar-se-ia Salgado, seguido por um órgão consultivo, denominado Conselho Nacional, e pelos seis Departamentos Nacionais (o de Organização Política, o de Doutrina, o de Propaganda, de Cultura Artística, o de Milícia e o de Finanças) do Movimento, com seus respectivos chefes.<sup>4</sup>

A Salgado ficariam diretamente subordinadas, além dos Departamentos Nacionais, as Chefias Provinciais, presentes em todos os estados do Brasil. A estrutura das Chefias Provinciais<sup>5</sup> era muito parecida com a nacional, mas em nível estadual: contaria com um Chefe Provincial, um Conselho Provincial, um Gabinete Civil e um Gabinete Militar e os Departamentos Provinciais.

No mesmo ano em que se realizou o I Congresso Integralista, a estrutura organizativa da AIB passou por algumas mudanças de nomenclaturas, o que tem gerado eventuais equívocos, e julgamos ser, aqui, o espaço oportuno para resolvê-los. Nesse ano, Plínio Salgado decidira que todos os Departamentos Nacionais passariam a denominar-se Secretarias Nacionais. Segundo a resolução do Chefe Nacional, tais Secretarias seriam “regidas pelos mesmos regulamentos que regiam os antigos departamentos” e teriam tido “seus serviços ampliados”. Além disso, as *Secções*, subdivisões dos antigos Departamentos, chamar-se-iam, a partir do momento, Departamentos.<sup>6</sup>

Assim, se até dezembro de 1934 a estrutura organizativa da AIB era composta por Departamentos Nacionais e por suas respectivas Seções, a partir dessa data, passou a ser composta, então, por Secretarias Nacionais e por seus inúmeros Departamentos. Como ressaltado, foram apenas mudanças terminológicas e não organizacionais. Mas, por, usualmente, muitos estudiosos do tema virem a reproduzir erroneamente os termos (por vezes, encontramos referências ao Departamento Nacional de Propaganda da AIB no ano de 1935, quando, na verdade, a mesma seria Secretaria Nacional de Propaganda), acreditamos ser aqui

<sup>2</sup> O Congresso de seu ao longo dos dias 28 de fevereiro, 1º, 2 e 3 de março de 1934.

<sup>3</sup> *Monitor Integralista*, ano II, n. 6, p. 1.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>5</sup> Os integralistas se recusavam a utilizar “estado” para designar os estados brasileiros, preferindo o termo “provincia”, que “recordaria o centralismo do império e parecia muito mais adequado para indicar o caráter forte do futuro Estado Integralista” (BERTONHA, 2005, p. 65).

<sup>6</sup> *Monitor Integralista*, ano II, n. 8, p. 1.

o espaço adequado para esclarecer o referido equívoco, almejando evitar que pesquisadores venham a cometê-lo futuramente.

Notamos, assim, que a estrutura organizativa da AIB foi baseada na hierarquia e disciplina: o poder era emanado do ápice da pirâmide hierárquica, na qual se encontrava Salgado, passando pelos departamentos nacionais, depois pelos provinciais, municipais, distritais. A hierarquia e disciplina também estavam presentes e eram reafirmadas, como ressaltado por Cruz (2004, p. 23), pela simbologia criada pelo Movimento: “o retrato de Salgado era obrigatório nas sedes do movimento e as ordens honoríficas e o número de *anauês*<sup>7</sup> dados aos membros dependiam de sua importância hierárquica dentro do movimento”.

No mês de março do ano subsequente, em 1935, durante o II Congresso Integralista, realizado em Petrópolis/RJ, decidiu-se que a AIB passaria a funcionar também como um partido político, e não apenas como uma associação civil.<sup>8</sup> Assim, após o Congresso de Petrópolis, a AIB adotara a via eleitoral como forma de chegar ao poder (OLIVEIRA, 2009, p. 180).

Em 1936, a estrutura organizacional da AIB passou por uma considerável reestruturação com o objetivo de dinamizar e aperfeiçoar o funcionamento do Movimento. Foram criados dois novos órgãos de representação (a Câmara dos Quarenta e o Conselho Supremo) e, concomitantemente, instituíram-se as Cortes do Sigma,<sup>9</sup> órgão máximo de representação na AIB. Além da criação desses novos órgãos, foram criadas quatro novas Secretarias Nacionais, a de Arregimentação Feminina e Plinianos, a de Assistência Social, a de Relações com o Exterior e a de Imprensa,<sup>10</sup> ampliando as frentes de atuação do movimento integralista.

A re-estruturação organizativa pela qual o movimento passou, é apontada, pelos estudiosos do integralismo, como sendo de fundamental importância para os objetivos da AIB. Almejando lograr sucesso nas eleições presidenciais que viriam a ocorrer em 1938, os dirigentes integralistas procuraram aperfeiçoar o aparato burocrático do movimento e a criação de novas secretarias nacionais - como, por exemplo, a de Imprensa, uma das

---

<sup>7</sup> Saudação utilizada pelos militantes do Movimento, que era feito, erguendo-se o braço verticalmente e dizendo-se a palavra de ordem *anauê*, que significa “*você é meu companheiro!*” na língua Tupi (SERRATTO, 2004, p. 15).

<sup>8</sup> *Monitor Integralista*, ano III, n. 10, p. 7.

<sup>9</sup> Essa Corte seria composta pelo *Conselho Supremo* (que, por sua vez, era composto pelos secretários nacionais), a *Câmara dos Quarenta* (que seria um “organismo consultivo formado por ‘personalidades de alto valor moral e intelectual’”) e pela *Câmara dos Quatrocentos* (composta por militantes de locais diversos e outros membros especialmente designados pela Corte do Sigma) (TRINDADE, 1979, p. 172-176).

<sup>10</sup> *Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 3.

responsáveis por divulgar as propostas eleitorais da AIB ao grande público – bem como a transformação do antigo Departamento de Organização Política numa Secretaria das Corporações e dos Serviços Eleitorais - que tinha como principal finalidade dinamizar o alistamento eleitoral dos militantes do Movimento -, são indícios de que os dirigentes deste concentraram esforços na campanha presidencial da AIB.

Os esforços dos líderes da AIB em expandir o número de militantes do Movimento parecem ter surtido efeito: segundo dados apresentados pela própria organização, a AIB, em pouco mais de cinco anos de existência legal, chegou a reunir cerca de 1.352.000 militantes, espalhados pelos mais de 4.000 núcleos criados pelo Movimento.<sup>11</sup> Esse número, contudo, é visto com certa ressalva pela historiografia, que estima algo em torno de 500 mil e 800 mil militantes (HILTON, 1983, p. 45). De qualquer forma, aquele é, ainda assim, um número significativo; e que se torna ainda mais expressivo quando levamos em consideração que o Brasil possuía, à época, cerca de 42 milhões de habitantes.

A expressividade adquirida, naquele contexto, pela AIB, pode ser notada também por meio da quantidade de jornais e revistas criadas pelo Movimento. Os integralistas cunharam, ao longo da trajetória da organização, uma extensa rede impressa, que, segundo dados fornecidos pela própria AIB – e até o momento, corroborado pelos pesquisadores - chegou a contar com cerca de 138 periódicos, dentre jornais e revistas, espalhados por todo o território brasileiro.

Sobre a imprensa integralista, bem como sobre a possível relação, apontada por Oliveira (2009), existente entre o crescimento da imprensa e do número de militantes do Movimento, nos deteremos com mais cuidado no primeiro capítulo de nossa dissertação. Cabe-nos ressaltar, aqui, que a quantidade de títulos e a abrangência da rede impressa organizada pelo movimento forneceram, inclusive, subsídios para que a mesma fosse comparada com um dos maiores consórcios jornalísticos existente à época, o *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand.

Para compreendermos o rápido crescimento da AIB, é preciso levar-se em consideração, também, a simbologia, a ritualística e todo o aparato simbólico criado pelos integralistas, com o objetivo de difundir e “socializar” os ideais do Movimento, bem como de arregimentar novos adeptos. A AIB possuía uniforme, bandeira, insígnia, hino, palavra de ordem e rituais para diversos tipos de acontecimentos. Todos esses aspectos foram compilados em uma publicação denominada *Protocolos e Rituais*, que continha instruções de

---

<sup>11</sup> *Monitor Integralista*, ano V, n. 22, p. 4.

como os integralistas deveriam se comportar nas sedes do Movimento e, até mesmo, na vida social e familiar (SENTINELO, 2011, p. 67).

Devemos ressaltar que a utilização de símbolos e de rituais, bem como a realização de inúmeras e grandes passeatas organizadas pelo Movimento, por meio das quais se pretendia mostrar a força e disciplina dos camisas-verdes,<sup>12</sup> foram de crucial importância para que, ao mesmo tempo em que se difundisse e se “socializasse” a doutrina integralista, se reafirmasse o sentido de disciplina e hierarquia existente no seio do Movimento.<sup>13</sup>

A dimensão adquirida, a estrutura organizada e as estratégias de arregimentação adotadas pelos integralistas possibilitaram que a AIB recebesse, nas eleições realizadas no ano de 1936, aproximadamente 250 mil votos, elegendo cerca de 500 vereadores, 20 prefeitos e quatro deputados estaduais (ABREU apud BULHÕES, 2007, p. 5), números que serviram para encorajar os integralistas em sua campanha eleitoral.

Como a Constituição de 1934 determinava que as próximas eleições presidenciais fossem realizadas em janeiro de 1938, a questão da “sucessão presidencial”, desde 1936, tomou conta do cenário político. Todavia, como ressaltado por Barbosa (2007, p. 86), “a campanha sucessória desenrolou-se em meio a um quadro repressivo, de censura e de restrição da participação política, resultado do estado de guerra decretado no país em março de 1936, com a justificativa de combater o comunismo”.

Segundo Barbosa (2007), o aparato forjado, pelo governo, para reprimir a ação comunista, foi utilizado para enfraquecer ou neutralizar, inclusive, os indivíduos ou organizações que se mostravam contrários à prorrogação do mandato presidencial de Vargas. Desse modo, o “processo eleitoral foi sofrendo um progressivo esvaziamento, e as resistências políticas ao golpe [do Estado Novo] foram sendo progressivamente minadas”.

Nesse ínterim, Plínio Salgado foi escolhido, por meio de um plebiscito interno ao Movimento, realizado ao longo do ano de 1937, como o candidato da AIB a concorrer às eleições presidenciais vindouras. Estas, no entanto, não chegaram a acontecer: utilizando-se do perigo de uma “ameaça comunista”, o governo solicitara ao Congresso Nacional o retorno ao estado de guerra, que havia sido momentaneamente suspenso. Ao décimo dia do mês de novembro de 1937, Vargas, por meio de um pronunciamento transmitido por rádio a todo país, instaurou, por fim, o Estado Novo, e, em inícios de dezembro do mesmo ano, a AIB,

---

<sup>12</sup> Os termos “camisas-verdes” e “blusas verdes”, para designar, respectivamente, os homens e as mulheres integralistas, era uma alusão ao uniforme (composto basicamente por camisa ou blusa verde e calça ou saia preta ou branca), utilizado por todos os militantes em reuniões e eventos públicos do Movimento, bem como nos diversos eventos sociais dos quais participassem (SENTINELO, 2011, p. 68; SERRATTO, 2004, p. 15).

<sup>13</sup> Uma discussão aprofundada sobre a “máquina simbólica” da AIB e sobre os rituais criados pelo Movimento pode ser encontrada em Bertonha (2008, p. 245-265) e Cavalari (1999).

juntamente com os demais partidos políticos, foi posta na ilegalidade, pelo governo instituído (CAVALARI, 1999, p. 19).

Em função da divulgação do decreto que dissolvia os partidos políticos, os dirigentes integralistas, ainda em dezembro de 1937, transformaram a AIB, novamente, numa sociedade civil, tal qual a antiga SEP, denominada Associação Brasileira de Cultura:

A presidência da ABC coube a Plínio Salgado e os demais cargos foram ocupados por elementos da cúpula integralista. A estrutura e a direção da nova associação permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma velada, sua campanha doutrinária.

Essa campanha continuou até maio do ano seguinte (1938), quando a AIB parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violenta. Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder (CAVALARI, 1999, p. 19).

O atentado a Vargas no Palácio da Guanabara, levado a cabo por um pequeno grupo de integralistas, em maio de 1938, parece ter sido, segundo Cavalari (1999), resultado dessa nova “tática de revolução violenta”.

A Intentona Integralista, nome pelo qual o episódio ficou conhecido, foi rapidamente dominada por Vargas, que, em seguida, deu início a uma intensa repressão ao integralismo, prendendo e exilando alguns de seus líderes - Plínio Salgado, por exemplo, foi preso e, posteriormente, exilado para Portugal, de onde retornou em 1945, com o fim do Estado Novo - e cooptando outros em sua máquina estatal (CAVALARI, 1999).

Levando-se em consideração o relativo sucesso de inserção social obtido pela AIB, a força de sua propaganda política e o apoio com que os integralistas contavam em setores das Forças Armadas e do clero, o fracasso da AIB, paulatinamente alijada por Vargas, pode, como ressaltado por Bertonha (2008, p. 286-288), causar, num primeiro momento, certo espanto.

As relações entre a AIB e o governo Vargas não eram monolíticas e foram marcadas, ao mesmo tempo, por conflitos e colaborações. Se, por um lado, enquanto Vargas acreditou que pudesse tirar proveito da AIB (nos referimos, sobretudo, à ligação estabelecida entre integralistas e Vargas no combate ao comunismo, especialmente após a fundação da ANL, em 1935), permitiu que o Movimento se desenvolvesse sem maiores restrições. Todavia, quando percebeu que o integralismo poderia ser uma ameaça a seu governo, desencadeou intensa repressão ao Movimento, extinguindo-o, prendendo e exilando os líderes deste.

A recíproca não é, de toda forma, equivocada, podendo ser observado, ao longo do período de existência legal da AIB, um posicionamento tanto de apoio, quanto de desaprovação, por parte dos integralistas, ante várias das atitudes tomadas por Vargas – e a

imprensa integralista fornece-nos indícios formidáveis sobre esses aspectos, como ressaltara, em seu estudo, Barbosa (2007).

Conquanto, os integralistas não encontraram maiores resistências por parte de Vargas ao longo do período de existência legal do Movimento, ao contrário do que acontecera com o outro partido de massas existente no período, a Aliança Nacional Libertadora, que recorrentemente tivera suas atividades cerceadas pelo governo federal, por seu caráter esquerdista.

Os integralistas, inclusive, apoiaram o golpe do Estado Novo. Mesmo tendo ciência de que a instauração do Estado Novo viria frustrar as pretensões presidenciais da AIB, os integralistas apoiaram as pretensões de Vargas, esperando que Salgado e outras lideranças do Movimento viessem a ocupar cargos importantes no novo governo, o que não aconteceu.

Foi apenas nesse momento que as relações entre Vargas e a AIB, de fato, estremeceram: descontentes com o rumo que o golpe teria tomado, um grupo de integralistas, ao décimo primeiro dia de maio de 1938, pegaram em armas, objetivando derrubar Vargas do poder. O episódio, que ficou conhecido como Intentona Integralista, foi rapidamente controlado por Vargas, que, posteriormente, iniciou intensa repressão ao integralismo, prendendo e exilando vários dos líderes deste.

A AIB, assim como os movimentos congêneres europeus, escolheu, por ser mais viável politicamente, a via eleitoral para tentar chegar ao poder. Todavia, como ressaltado por Bertonha (2008, p. 286-288), o integralismo, de modo diverso do fascismo, na Itália, e do nazismo, na Alemanha, “não contou com o apoio do Estado e das classes dirigentes para se lançar nessa corrida em direção ao poder”. Pelo contrário, Vargas, utilizando-se da “histeria anticomunista e da agitação social existentes no país à época”, teria canalizado para si o apoio das elites econômicas, de políticos conservadores e das Forças Armadas.

Ademais,

A base social integralista também tinha problemas. Aparentemente, os integralistas jamais conseguiram sair dos limites das classes médias, enquanto Vargas usava a máquina do Estado para atrair tanto essas classes como o operariado. Quando Vargas lançou o seu Estado Novo e introduziu medidas de força contra o comunismo e para tentar sanar os problemas sociais, a mensagem integralista se tornou supérflua.

Recebendo os apoios que, se captados por Salgado, teriam, talvez, dado poder ao integralismo, Getúlio Vargas fortaleceu-se no poder. Enquanto foi de seu interesse, ele se utilizou dos integralistas para seus propósitos. Quando isso não foi mais necessário, ele simplesmente impediu o integralismo de continuar existindo, desmontando-o pouco a pouco. O fracasso do integralismo deveu-se em grande parte, assim, à preferência das classes dirigentes a um regime grandemente influenciado pelo fascismo, mas conservador, como o Estado Novo de Vargas (BERTONHA, 2008, p. 288).

Ao entrarmos em contato com os estudos relacionados ao integralismo, notamos que um das questões mais corriqueiras, nessa bibliografia, girava em torno do debate acerca do caráter ideológico do Movimento. Seria o integralismo um movimento de caráter fascista ou não?

O debate gerado em torno do caráter ideológico da AIB, em verdade, adquire proporções mais amplas, internacionais, quando levamos em consideração os debates suscitados por autores que defendem, inclusive, ter sido o fascismo um fenômeno europeu do entre guerras, ou seja, um fenômeno restrito geograficamente, temporalmente delimitado e, portanto, encarado como sendo impossível a sua reprodução fora de tal contexto.

Como apontara Paxton (2007), alguns observadores duvidam que o fascismo histórico, ou seja, os movimentos e regimes fascistas surgidos no período entre guerras, possa ter existido fora da Europa. Nesse ponto, Paxton (2007, p. 312) faz uma referência ao autor italiano Renzo de Felice, para quem “o fascismo histórico específico exigia as pré-condições especificamente européias da revolução cultural do fim de século, da intensa rivalidade entre os novos pretendentes ao status de Grande Potência, do nacionalismo de massas e da disputa pelo controle das novas instituições democráticas”.

Posição semelhante é defendida por Michael Mann, em seu livro *Fascistas* (2008). Nessa obra, o autor, ao delimitar como *macroperíodo* as crises da modernidade europeia no entreguerras<sup>14</sup> e como *macrolugar*,<sup>15</sup> metade da Europa, acaba por restringir o fascismo histórico à Europa Central, Oriental e Meridional, ou seja, ao continente europeu.

Para o autor, houve movimentos de *tendências* – tendências, ressalta - fascistas em alguns países economicamente mais desenvolvidos de outros continentes,<sup>16</sup> inclusive no Brasil. No entanto, ressalva que seu ponto de vista sobre esses casos não europeus “é de que nenhum associava todos os valores essenciais do fascismo mencionados anteriormente”. No caso do Brasil e da Argentina, surgiram movimentos populistas de massa e, em certa medida, autoritários, com algumas tendências radicais e estatistas, mas que careciam, segundo Mann

---

<sup>14</sup> O *macroperíodo* compreenderia quatro grandes crises: “as conseqüências de uma devastadora guerra dita ‘mundial’ mas na verdade em grande medida européia, entre exércitos formados por massas de cidadãos, graves conflitos de classe exacerbados pela Grande Depressão, uma crise política decorrente da tentativa de muitos países de promover uma rápida transição para um Estado-nação democrático e um sentimento cultural de contradição e decadência da civilização”. Ainda de acordo com Mann, “o próprio fascismo reconhecia a importância das quatro fontes de poder social, dizendo-se explicitamente capaz de apresentar soluções para as quatro crises. E as quatro desempenharam um papel mais específico na diminuição da capacidade das elites de continuar governando à velha maneira” (MANN, 2008, p. 40).

<sup>15</sup> O *macrolugar* compreenderia a Europa Central, Oriental e Meridional. Segundo Mann, “na região noroeste do continente, só minúsculas minorias buscavam essa forma de governo” (MANN, 2008, p. 40).

<sup>16</sup> Cita, como exemplo, o Japão, a África do Sul, a Bolívia, o Brasil e a Argentina, países nos quais o fascismo teve alguma ressonância, “embora seu alcance seja matéria de debate” (MANN, 2008, p. 41).



(2008, p. 41), de um “nacionalismo de expurgos”, um dos requisitos, segundo o autor, para um movimento ser encarado como fascista.

Por outro lado, há autores que, como Silva (2001), ao estabelecerem um *minimum fascista*, veem o fascismo como um fenômeno que não se restringiu à Alemanha, Itália ou à Europa. Os requisitos desse *minimum fascista*, não obstante, variam de autor para autor. Contudo, é relevante destacarmos que, sob essa perspectiva, o fascismo, por adquirir o caráter *fenomenológico*, poderia ser visto não como uma exclusividade da Europa do entre guerras, mas como um fenômeno mais amplo e, dependendo do *minimum* proposto, até mesmo como um fenômeno universal e atemporal – possibilitando que grupos, ainda hoje, possam ser vistos enquanto “fascistas”.

Trindade, em recente ensaio, discutiu sobre a possibilidade do desenvolvimento de movimentos de caráter fascista na América Latina (TRINDADE, 2004). Segundo o autor, muitos dos estudiosos que questionaram - e estariam a questionar - a possibilidade de reprodução do fascismo na América Latina no período entre guerras restringem-se a afirmar que as condições históricas latino-americanas não seriam comparáveis às da Europa, “especialmente se considerarmos o impacto da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Soviética sobre a Itália e Alemanha”, o que impossibilitaria a reprodução de movimentos fascistas por aqui.<sup>17</sup>

Baseado em algumas obras que versam sobre o contexto latino-americano daquele período, Trindade afirma que os Estados latino-americanos estariam passando, na década de 1930, por dificuldades semelhantes às que as nações avançadas do mundo ocidental haviam resolvido há muito tempo, e que esse conjunto de problemas econômicos, sociais e políticos teria criado um terreno favorável para a eclosão de movimentos de caráter fascista (MILZA apud TRINDADE, 2004, p. 16). Ademais, considera, ainda, que, pelo fato de a América ter sido a parte do mundo onde mais se “copiou” a Europa, “seria [a América] o lugar mais provável para que surgissem movimentos fascistas não-europeus de importância” (PAYNE apud TRINDADE, 2004, p. 17).

---

<sup>17</sup> Segundo Trindade, os autores que refutam a possibilidade de reprodução de movimentos fascistas na América Latina sustentam a ideia de que as mobilizações a favor ou contra a Grande Guerra, bem como duração e extensão desta, não tiveram uma repercussão comparável à dos países europeus envolvidos no conflito. Ademais, no pós-guerra, os países europeus envolvidos no conflito passaram por dificuldades econômicas e sociais e pelo medo do alastramento da Revolução Soviética, “que se apresentava como uma ameaça potencial de revolução na Alemanha e na Itália”. Além disso, “tanto a mobilização dos *anciens combattants* não poderia certamente ter ocorrido na América Latina, assim como também a reação das camadas médias ameaçadas de proletarização e de segmentos operários que buscavam uma saída fora do liberalismo e do socialismo. Igualmente, foi muito mais forte a predisposição da burguesia capitalista européia em aceitar a ‘ditadura fascista’, diante da ameaça das classes subalternas, do que nos países latino-americanos” (TRINDADE, 2004, p. 12-13).

A par da discussão em torno dos efeitos da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Soviética não terem sido sentidos da mesma forma na Europa e na América Latina, Trindade ressalta que a rede de relacionamentos econômicos, políticos, culturais e étnicos de países latino-americanos com os europeus era intensa (TRINDADE, 2004, p. 13). Dessa forma, o autor defende que, apesar de o impacto da Grande Guerra e da Revolução Soviética não ter sido o mesmo nos dois continentes em questão, o que ocorria na Europa tinha, por meio das redes de relacionamentos e dos canais de comunicação, como jornais e agências de notícias, “um impacto direto sobre as elites políticas e intelectuais e sobre os setores da população [latino americanas] que, por razões étnicas, culturais ou ideológicas, se identificavam ou sofriam uma forte influência”.

Assim, se o fascismo e o nazismo foram respostas nacionais a uma conjugação de crises de natureza política, social, econômica, financeira e internacional nos países capitalistas europeus que tiveram suas democracias liberais fragilizadas, seria “possível, apesar das diferenças socioeconômicas, terem sido criadas condições capazes de viabilizar sua reprodução na América Latina” (TRINDADE, 2004, p. 14).

As precondições favoráveis à emergência de movimentos ou partidos de orientação fascista na América Latina, às quais Trindade se refere, seriam as mais variadas,

[...] desde o tipo de transição econômica, social e política nos países mais ‘avançados’, a influência das ideologias européias sobre as elites políticas e intelectuais, até a presença significativa de minorias étnicas, oriundas de várias correntes migratórias, sucessivas de origem européia (sobretudo de italianos e, em menor proporção, de alemães). Todos esses fatores favoreciam o mimetismo político-ideológico ou o surgimento de movimentos fascistas (TRINDADE, 2004, p. 13).

Como bem pondera o autor, é preciso, neste ponto, realizar uma distinção entre os movimentos miméticos dos movimentos políticos nacionais de massa que, de fato, tinham caráter fascista. Trindade considera que, dos movimentos que realmente possuíam caráter fascista e que atingiram grande inserção social, o mais destacado teria sido, sem dúvidas, a Ação Integralista Brasileira.

Resta-nos, ainda, uma última indagação: se, como apontado até o momento, pode-se considerar que o fascismo não se restringiu às fronteiras europeias, ou seja, se o consideramos um fenômeno mais amplo e que encontrou, também na América Latina, um terreno propício para sua emergência, podemos considerar que houve no Brasil?

Para Trindade, como visto, a resposta é positiva. Em seu já referido ensaio sobre o *Nazi-fascismo na América Latina* (2004), o autor afirma que o Brasil foi o país latino-

americano no qual emergiu o movimento de caráter fascista de maior sucesso no continente americano, a Ação Integralista Brasileira. A questão do caráter fascista ou não da AIB merece ser mais bem detalhada.

A discussão sobre o caráter ideológico da AIB é, de fato, uma das questões mais polêmicas com que se deparam os estudiosos do movimento integralista. Para a historiografia, desde os anos de 1970, o debate sobre o caráter fascista da AIB, e a sua caracterização como tal, é, realmente, intenso, com posições que variam desde aqueles que identificam, no integralismo, mero mimetismo dos fascismos europeus, passando por posições mais matizadas (e que associam origens nacionais e influências internacionais) e chegando a visões do integralismo como algo completamente nacional e avesso às inflexões internacionais.

Vasconcelos, em sua obra *A Ideologia Curupira – análise do discurso integralista*, além de não ver qualquer originalidade no movimento integralista, classifica-o como “de ponta a ponta mimético” (VASCONCELOS, 1979, p. 17). Ademais, considera de suma importância ressaltar, ainda, “a preocupação dos camisas-verdes de provar a todo instante a autonomia de sua doutrina a fim de escapar à pecha de mimetismo ideológico” (VASCONCELOS, 1979, p. 17). Por fim, Vasconcelos sentencia que a especificidade do integralismo, se comparado com os movimentos fascistas europeus, era a sua falta de autonomia em relação às “nações capitalistas hegemônicas”:

[...] não é o irracionalismo em si, o corporativismo, a hipóstase espiritual ou o elemento cristão, nem sequer o nacionalismo literário ou político que confere especificidade ao integralismo enquanto discurso totalitário de país periférico. O que o diferencia dos fascismos europeus é a falácia autonomística em relação às nações capitalistas hegemônicas, cuja gênese é inimaginável sem o contexto da dependência estrutural (VASCONCELOS, 1979, p. 57).

Posição distinta da de Vasconcelos foi defendida por Chasin (1978), para quem o integralismo não seria um tipo de fascismo, mas uma “ideologia reacionária e utópica”, uma “forma de regressão” que ocorre em uma fase do capitalismo brasileiro, por ele designada como “hipertardio”.

Gilberto Calil (2001, p. 60), ao comentar a obra de Chasin, destaca que o autor em questão rejeita a possibilidade de existência de um movimento fascista em um país de desenvolvimento capitalista hipertardio, como o Brasil: “para ele, o fenômeno se restringiria aos países capitalistas adiantados, sendo uma forma específica das [sic] burguesias destes países reagirem ao perigo da revolução, conseqüentemente, o integralismo não poderia ter natureza fascista”.

Hélgio Trindade (1983, p. 304-315) critica e se distancia da posição desses dois autores, afirmando que eles desconsideram a existência de um pensamento autoritário brasileiro e “partem do pressuposto de que não existe pensamento político brasileiro e que a história das idéias políticas no Brasil não passa de um processo de imitação, sem nenhuma originalidade, das doutrinas ou ideologias produzidas pelos países centrais”. Para Trindade, o integralismo não foi mero mimetismo ideológico, como ora defendido por Vasconcelos; mas, o autor reconhece que a influência do fascismo europeu foi crucial para a configuração da AIB:

[...] a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da AIB enquanto movimento político. O fascismo brasileiro teria podido se desenvolver, no Brasil, na década de 30, com características diferentes, tanto ao [sic] nível do discurso ideológico, como da organização. A realidade, porém, foi outra [...] o estudo da AIB nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismático e autocrático do poder do chefe e, inclusive, os rituais do movimento não se podem explicar sem a influência do modelo europeu de referência externa (TRINDADE, 1979, p. 278).

Não obstante reconhecer que “não se possa explicar o integralismo sem a ascensão fascista na Europa”, Trindade (1979, p. 278) considera que “a evolução histórica nacional, a partir da Revolução de 30, proporcionou condições internas favoráveis ao nascimento da AIB”, e que as mesmas condições internas teriam de ser levadas em consideração para explicar-se o sucesso de inserção social obtido pela AIB.

Posição semelhante é partilhada por Bertonha (2005), que, ao mesmo tempo em que defende a possibilidade de ter sido o fascismo um fenômeno não restrito somente à Europa e aponta o integralismo enquanto um movimento de caráter fascista, adverte, entretanto, para a necessidade de levar-se em consideração as especificidades nacionais de cada um desses movimentos. Segundo o autor, os inúmeros movimentos de caráter fascista, que surgiram nas mais variadas partes do mundo ao longo das décadas de 1920 e 1930,

[...] buscavam responder, com armas mais ou menos semelhantes, à mesma crise política, econômica e social que atingia a todos os países, mas não eram exatamente iguais: os movimentos fascistas surgiram em contextos diferentes, em países com tradições diversas, onde as pessoas pensavam e viviam de maneiras diferentes. Tudo isso iria influenciar cada um dos fascismos existentes, gerando várias diferenças entre eles (BERTONHA, 2005, p. 10).

E conclui, em outra oportunidade:

Dessa forma, chamar a todos os movimentos de fascistas a partir da constatação de elementos comuns e de uma temporalidade definida não permite, porém, esquecer as enormes nuances, que devem ser levadas em conta para o bom entendimento do fenômeno fascista como um todo, entre os diferentes movimentos. Entretanto, é o fato dos [sic] diferentes fascismos estarem respondendo a esta mesma crise, no mesmo momento e com armas mais ou menos semelhantes, que dá a eles a unidade que nos autoriza a chamá-los todos de fascistas e que permitiria recusar as propostas dos que querem vê-los como entidades separadas (BERTONHA, 2008, p. 85-86).

Aproximamo-nos da posição dos autores que apontam a possibilidade de ter sido o fascismo um fenômeno de amplitude global, e não algo restrito tão somente ao continente europeu do período entre guerras<sup>18</sup> e, ao mesmo tempo, dos autores que encaram o integralismo enquanto um movimento de caráter fascista.

Cabe-nos ressaltar, aqui, que não vemos o integralismo enquanto um movimento fascista do tipo mimético, como formulado por Vasconcelos, e, sim, como um movimento fortemente influenciado pelo fascismo, mas que encontrou, na realidade brasileira, questões elementares na formulação de sua ideologia, de suas propostas, de sua organização e de seu discurso; enfim, um movimento no qual a influência fascista foi central, mas que precisou ser reformulada e adaptada ao contexto nacional. Aproximamo-nos, dessa forma, do posicionamento de autores que veem o integralismo enquanto um movimento do tipo fascista que, ao mesmo tempo em que associa origens externas, associa, também, origens internas (que gerariam as especificidades nacionais, como apontado por Bertonha).

Ainda assim, acreditamos que uma discussão que levasse em consideração a forma com que os integralistas se viam, naquele conturbado contexto, pode contribuir e, ao mesmo tempo, fornecer elementos fundamentais para o debate acerca do caráter ideológico da AIB. É isso que nos propomos a realizar nesta dissertação.

\*\*\*

Levando-se em consideração que nossa discussão almeja centrar-se, sobretudo, na forma com que os integralistas se viam, cremos ser a imprensa um dos canais que nos fornece mais indícios para tal empreitada. Isso porque acreditamos que, por meio da imprensa, “podemos colher indícios sobre a maneira como uma comunidade se enxergava, e as perspectivas e valores que norteavam a sua adesão a uma determinada representação da realidade” (MACHADO, 2006, p. 156).

---

<sup>18</sup> Como exemplos desta bibliografia, ver Milza (1985); Payne (1995); Linz (1976); e os autores brasileiros Bertonha (2000, 2007); Trindade (1979, 1983, 2004); Silva (2001).

No que pesem as ponderações acerca da utilização da imprensa para o estudo a que nos propomos realizar, temos, ainda, a consideração de Barbosa, que desenvolveu um estudo baseado num dos jornais criados pelo movimento integralista, o *Jornal Acção*.

Em sua pesquisa, Barbosa (2007, p. 122) ressaltou que os jornais do Sigma, no momento da concretização dos acontecimentos, acabariam por revelar, de uma forma mais explícita e enfática, a perspectiva ideológica e a imagem de visão de mundo dos integralistas. Tal afirmativa, novamente, levou-nos a crer que o estudo da imprensa integralista seria um canal privilegiado para nossos objetivos.

Como brevemente ressaltado em outra oportunidade, a AIB organizou uma extensa rede impressa que, entre jornais e revistas periódicas, chegou a contar com cerca de 138 títulos. Certamente, realizar um estudo minucioso de toda a imprensa periódica integralista, seja pela quantidade de títulos, seja pela dificuldade de acesso aos mesmos, é algo que não pretendíamos e nem cogitávamos.

Para o presente trabalho, elegemos o jornal *A Offensiva*, apontado, pela historiografia referente ao tema,<sup>19</sup> como o periódico mais importante da AIB. Levando-se em consideração que reservamos, em nossa dissertação, um capítulo específico para discorrer acerca da imprensa integralista e também sobre o referido jornal, cremos não ser imperativo retomar, aqui, toda essa discussão, que está presente em algumas páginas adiante.

Cabe-nos ressaltar, conquanto, que o jornal que elegemos é apontado como o mais importante por alguns fatores: não obstante o fato de o ciclo de vida do *A Offensiva* ter sido relativamente longo (circulando entre os anos de 1934 e 1938, deixando de abarcar, portanto, os dois primeiros anos de existência do Movimento e contando com um total de 748 edições) e, também, um dos únicos periódicos da AIB a possuir tiragem diária e circulação em todo o território nacional, o *A Offensiva*, como apontado por alguns autores (CAVALARI, 1999; OLIVEIRA, 2009), servia como modelo e como fonte de matérias para jornais menores da rede integralista, aqueles de circulação estadual, regional ou mesmo nuclear.

Dessa forma, acreditamos ter sido o *A Offensiva*, fosse por sua abrangência, fosse pelo fato de ter servido como modelo e fonte de matérias para jornais menores, um dos jornais da rede impressa da AIB que manteve maior contato com os militantes integralistas. E isso foi levado em consideração ao elegê-lo para esta pesquisa.

Na presente pesquisa, nos predispusemos a levantar uma discussão acerca do caráter ideológico da AIB, baseados, sobretudo, na “relação interfascismos”. Isso porque cremos ser

---

<sup>19</sup> Sobre a imprensa integralista e, mais especificamente, sobre o jornal *A Offensiva*, ver Cavalari (1999); Oliveira (2009); Simões (2009).

essa perspectiva analítica, possivelmente, a que mais se adequa aos desígnios de nossa proposta.

Mas o que queremos dizer quando declaramos que nossa análise foi pautada, sobretudo, na “relação interfascismos”? Em linhas gerais, queremos dizer que o estudo aqui apresentado é resultado de uma análise que levou em consideração a forma com que os integralistas se viam, a forma com que viam os movimentos e regimes fascistas existentes no mundo e a forma com que esse “universo fascista”, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, foi apresentado a opinião pública brasileira. Dado o fato de o *A Offensiva* não ter sido um órgão interno ao Movimento e seus militantes, mas sim um jornal que poderia ser adquirido por qualquer pessoa em bancas de jornais, podemos afirmar que esse jornal não era dirigido tão somente aos militantes do Movimento, mas a todos aqueles que se dispusessem a comprá-lo.

Em outras palavras, essa perspectiva de análise nos possibilita ver como os integralistas viam e apresentavam o “universo fascista” e ao mesmo tempo como se viam nesse mesmo “universo”, ou seja, a relação, ainda que muitas vezes não pragmática e detendo-se no nível do discurso - interfascismos.

Como teremos a oportunidade de conferir, o discurso apregoado pelo *A Offensiva* acerca desse “universo fascista” e da forma com que o integralismo nele estava inserido foi marcado por uma posição ambígua. O *A Offensiva* demonstra-nos que os integralistas, ao mesmo tempo em que se inseriam nesse universo, procurando, para tanto, destacar os pontos doutrinários ou organizacionais em que convergiam e os inimigos comuns a serem combatidos e se solidarizavam com seus membros integrantes, nutrindo esperanças de que todos atingissem o poder em seus respectivos países, procuravam, entretanto, destacar as singularidades, superioridades e a originalidade do movimento ao qual pertenciam, arrolando, para tanto, os pontos em que divergiam e o caráter genuinamente nacional do integralismo.

Tal ambiguidade pode ser explicada, em partes, pelo “nacionalismo exacerbado” que embasava não apenas a doutrina integralista, como também a de todos os movimentos/regimes integrantes desse “universo fascista”. Dentre os pontos que, em nível ideológico, aproximavam todos os movimentos de caráter fascista, existia um, o nacionalismo exacerbado (justamente um dos traços mais comuns e mais sobressalentes da ideologia e dos movimentos fascistas) que inviabilizava qualquer tipo de declaração que subjugasse, mesmo que a termos ideológicos ou terminológicos, um movimento ao outro e que inviabilizava, por fim, que a “solidariedade ideológica” entre os membros se efetivasse por completo (BERTONHA, 2008, p. 260-261).

Por outro lado, a ambiguidade do discurso do *A Offensiva* acerca do caráter ideológico do integralismo poderia ser explicada, em partes, também por questões conjunturais. Como teremos a oportunidade de conferir no segundo capítulo desta dissertação, questões conjunturais, como a promulgação da Lei de Segurança Nacional (LSN), em abril de 1935, seguida da decretação do Estado de Guerra, em 1936, parecem ter impellido o *A Offensiva* a adaptar o discurso acerca do caráter ideológico da AIB.

Isso porque a promulgação da LSN ameaçava tanto a AIB quanto a Aliança Nacional Libertadora (ANL), enquanto organizações políticas legalizadas e, na lógica de suspeição existente, os aliancistas acusavam os integralistas de serem fascistas, objetivando que os estes fossem enquadrados na LSN; por sua vez, os integralistas, com o mesmo objetivo, acusavam os aliancistas de serem comunistas.

Assim, se que até 1935 o *A Offensiva* não via maiores problemas em apresentar o integralismo enquanto um movimento fascista e enquanto um movimento integrante do universo fascista, apenas cercando-se dos cuidados de ressaltar as particularidades e superioridades do integralismo (mas ainda assim se valia, por vezes, do termo “fascista” para designá-lo), posteriormente à promulgação da LSN, algumas estratégias discursivas foram adotadas pelo periódico para tratar a questão: a mais evidente foi a supressão do termo “fascista”, que foi preterido por “movimento de reação”, “movimento nacionalista” ou “movimento ressurrecional”, para fazer alusão à AIB.

Não vemos sentido de prolongar-nos, neste espaço introdutório, nessa questão; essa discussão está presente nas páginas que seguem. No entanto, tal fato demonstra-nos que a questão da ambiguidade do discurso do *A Offensiva* acerca do caráter ideológico da AIB deve ser vista não apenas em termos ideológicos - ou seja, restrita apenas à ambiguidade que o “nacionalismo” intrínseco à doutrina fascista carrega em si - mas deve ser ampliada, envolvendo outros aspectos que não os doutrinários, como os conjunturais, por exemplo.

Face à perspectiva analítica adotada, o estudo que aqui apresentado não é resultado nem da análise do noticiário nacional e nem do noticiário internacional do jornal *A Offensiva*. Em verdade, nos baseamos, sobretudo, na análise daqueles artigos por meio dos quais os integralistas procuravam evidenciar os pontos de convergência e também os de divergência do movimento ao qual pertenciam com os demais movimentos fascistas; na análise daqueles artigos em que os integralistas sutilmente tentavam demarcar os limites do pertencimento e do distanciamento; dos laços em comuns que os uniam e das diferenças que os impeliam; e na análise da cobertura daqueles episódios/acontecimentos marcantes da década de 1930 nos quais os integralistas expressavam seu apoio e sua solidariedade ideológica aos integrantes



desse “universo fascista”. Em outras palavras, utilizamos o periódico numa tentativa de evidenciar o que arbitrariamente denominamos as “percepções internacionais” dos integralistas.

Pela própria natureza dos artigos que procuramos, acabamos, invariavelmente, por concentrar nossos esforços na análise do noticiário internacional do *A Offensiva*. Isso não significa, contudo, que tenhamos negligenciado o noticiário nacional do mesmo e, muito menos, que tenhamos desconsiderado o contexto nacional, e isso pode ser notado quando aludimos à possibilidade de causas conjunturais (como a promulgação da LSN) explicarem ou influenciarem, em partes, a ambiguidade do discurso integralista acerca do caráter ideológico da AIB; e também quando aludimos ao fato de a possibilidade de que a apropriação que os integralistas fizeram de alguns acontecimentos internacionais e a utilização destes com fins eleitorais ter sido minimamente viabilizada graças ao contexto político e social nacional.

Não obstante, por mais que a perspectiva analítica adotada nos permita evidenciar as relações interfascismos, na medida em que nos possibilita colher indícios de como os integralistas viam e apresentavam o “universo fascista” e ao mesmo tempo como se viam no mesmo, devemos ressaltar que o estudo que aqui apresentamos apresenta as relações interfascismos em nível do discurso, e não da prática, tendo-se em vista que tais relações, no presente estudo, são evidenciadas por meio do discurso dos integralistas, presente nas páginas do *A Offensiva*.

Nesse sentido, Bertonha (2001) e Dietrich (2007), em seus respectivos estudos sobre os italianos fascistas e sobre os alemães nazistas residentes no Brasil, nos demonstram que as relações entre integralistas, fascistas e nazistas, em linhas gerais, também estiveram marcadas por ambiguidades, ou seja, que, entre colaborações (com contribuições entre fascistas e integralistas e nazistas, envolvendo o compartilhamento de sedes, a edição conjunta de jornais e cessão mútua de espaços para a realização de cerimônias) e conflitos (que se deram, sobretudo, pela procura, da colônia italiana e alemã, em manter acesos os laços entre as respectivas colônias e a pátria de origem, fato não visto com bons olhos pelos integralistas, que pregavam a necessidade de os imigrantes estrangeiros serem absorvidos na nação), a ambiguidade do discurso integralista, propagado pelas páginas do *A Offensiva*, também se fez na prática.

Cabe-nos ressaltar, por fim, que a pesquisa aqui apresentada de forma alguma tem a pretensão de estabelecer uma conclusão acerca do caráter ideológico da AIB e que em momento algum aspiramos a tal objetivo, pois temos ciência de que, para tanto, vários aspectos, tais como a ideologia, bem como a simbologia e ritualismo do Movimento, a origem

social dos militantes e a estruturação do Movimento, dentre outros, devem ser levados em consideração para essa análise ser completa. Ainda assim, acreditamos que os resultados aqui apresentados proveem elementos de grande importância e que contribuem para a discussão do caráter ideológico do integralismo, uma vez que fornecem indícios sobre a forma com que os integralistas se viam nesse particular “universo fascista” ao mesmo tempo em que evidenciam o apoio e a solidariedade ideológica dos referidos aos movimentos e regimes que lhes eram congêneres.

Embora acreditemos que a imprensa integralista, pelos motivos até o momento expostos, seja um canal privilegiado para os propósitos do presente trabalho, não podemos nos furtar de toda a cautela exigida dos que almejam trabalhar e se debruçar sobre esse tipo de documentação.

Destarte, é imperativo levar-se em consideração que o texto jornalístico não é um documento “puro e cristalino”, que contém todas as verdades (BARBOSA, 1998, p. 87). O texto jornalístico é, antes de tudo, uma construção discursiva, que, por trás de si, esconde uma gama de interesses, sejam esses pessoais, empresariais ou políticos, que, possivelmente, foram as motivações de sua produção e também do desejo de fazê-los públicos (CAPELATO, 1988, p. 20). Como ressaltado por Stephanou (2001, p. 45),

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato, ela o cria, na medida que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos.

Em verdade, embora tais observações e ressalvas, bem como o debate suscitado em torno da neutralidade e subjetividade dos impressos, gerem acirradas polêmicas e empolgantes discussões, pouco colaboram, como ressaltado por Luca (2006, p. 139), para o trabalho efetivo do historiador:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso dos jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração e do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa (LUCA, 2006, p. 139).

Nesse sentido, mais importante que discutir-se a subjetividade do texto impresso, já que esta deve ser tomada como premissa ao escolher-se esse tipo de fonte, é discutirem-se as ferramentas com as quais o historiador pode munir-se e as estratégias que podem ser seguidas para a realização de sua análise.

Destarte, adverte-nos Barbosa (1998, p. 87-88), é imperativo que o historiador inquiria, dialogue com suas fontes e que faça entrecruzamentos com informações outras que não apenas as fornecidas pelo seu documento, procurando observar tanto o que sua documentação explicita, quanto sobre o que se silencia. Nesse ponto, o levantamento bibliográfico sobre o tema a ser estudado, bem como o diálogo com tal bibliografia, se fazem imprescindíveis.

Como ressaltado por Luca (2006, p. 140), o pesquisador que elege os jornais e revistas como fontes trabalha com o que se tornou notícia, “o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”, e, mais uma vez, a bagagem de informações fornecidas pela bibliografia específica sobre o tema pode contribuir, jogando luzes sobre questão.

Devemos estar atentos, também, ao destaque conferido, pelo jornal ou revista, ao acontecimento, bem como para o local (espaço do periódico) em que se deu a publicação, afinal, “é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às suas páginas internas” (LUCA, 2006, p. 140). É preciso, portanto, que o pesquisador veja as matérias que cercam aquela que está sendo pesquisada, analise a publicação como um todo, inclusive na disposição gráfica das notícias, já que os “discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam” (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

Assim, a forma e o aspecto com que o conteúdo foi apresentado ao leitor também devem ser ponderados, tornando-se mister, não obstante, a análise dos métodos de impressão vigentes no período e os recursos metodológicos e tecnológicos dos quais dispunha o periódico a ser estudado. Nesse ponto, atentar-se para os recursos, inclusive de capitais, dos quais a empresa ou organização dispunha, é, também, de fundamental importância, afinal “as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária” (LUCA, 2006, p. 140).

Não menos atento deve estar o historiador para a constância das notícias: o assunto abordado no dia ou na semana anterior “retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte?”. A constância das notícias é reveladora, na medida em que a ênfase em determinados temas, a linguagem adotada e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretendem atingir (LUCA, 2006, p. 140).

Outros aspectos devem, ainda, ser levados em consideração. Jornais e revistas são, na maior parte das vezes, empreendimentos que reúnem e demandam a interação de um conjunto de indivíduos, não sendo meras obras individuais,

Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo, é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos (LUCA, 2006, p. 140).

De forma semelhante, é preciso ponderar-se que o texto apresentado ao leitor, já impresso e materializado nas páginas do periódico, é resultado de uma “intensa atividade de bastidores”, cabendo ao pesquisador recorrer a outras fontes de informação “para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico” (LUCA, 2006, p. 141).

Por fim, mas não menos importante, é preciso que o pesquisador concentre seus esforços numa tarefa que, a princípio, pode parecer trivial: a leitura intensiva de sua documentação - no nosso caso, um jornal. Como ressaltado por Oliveira (2009, p. 49), a leitura do historiador necessita ser diferente da do indivíduo que teve acesso ao jornal no momento em que este foi confeccionado; em outras palavras, o pesquisador precisa evitar o erro de ler o jornal, outrora eleito como documento, com a mesma “tranquilidade” com que leria um jornal de hoje. Para tanto, torna-se imperativa a realização de uma leitura intensiva, “que deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes mesmo enfadonha”.

Como vimos, não apenas o conteúdo dos artigos estampados nas páginas do periódico deve ser o alvo de interesse do pesquisador. O próprio periódico, o tamanho e quantidade das páginas de cada edição, sua diagramação, a disposição das notícias - e a constância das mesmas -, bem como o conhecimento dos meandros até sua veiculação e dos interesses, fossem estes comerciais ou políticos, que moveram o periódico a veicular determinada matéria, devem, igualmente, integrar a análise do pesquisador.

Ponderados todos os cuidados metodológicos, explicitados o contexto no qual se insere nosso objeto, bem como os objetivos e os limites de nossa proposta, damos, enfim, início à nossa discussão.

A pesquisa aqui apresentada está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo o leitor encontrará uma discussão acerca da rede impressa erigida pela AIB ao longo de seus cinco anos de existência legal.

Levando em consideração que nos debruçamos em trabalhar com a imprensa integralista, mais especificamente com o principal periódico criado pelo Movimento, o Jornal *A Offensiva*, consideramos pertinente, antes de tudo, realizar uma incursão à estrutura impressa organizada pela AIB. Assim, procuramos, neste capítulo, arrolar uma discussão sobre a extensa rede periódica do Movimento e também sobre a criação e funcionamento dos órgãos responsáveis pela organização e censura dessa estrutura impressa. Num segundo momento, discorreremos sobre o principal periódico do movimento, o jornal *A Offensiva*, e sobre a composição de seu noticiário internacional, espaço onde se encontrava a maior parte dos artigos que utilizamos na análise para a presente pesquisa.

Ao entrarmos em contato com a documentação, constatamos que grande parte das matérias que compunham o noticiário do *A Offensiva* foi elaborada com base num *background* de crises e polaridades doutrinárias. No clima de instabilidade e de “mal-estar generalizado” apregoado pelo *A Offensiva*, o mundo encontrar-se-ia, segundo o periódico, polarizado em dois grandes blocos, o “materialista” e o “espiritualista”. Por intermédio de inúmeros artigos, o *A Offensiva* tencionou transmitir a ideia de que, enquanto os componentes do primeiro grupo, “materialista”, seriam os grandes responsáveis pela inquietação pela qual a humanidade estaria a passar, os componentes do segundo grupo, “espiritualista” – grupo do qual a AIB fazia parte -, teriam surgido para reorganizar e restabelecer a paz no mundo.

Dessa forma, no segundo capítulo, procuramos evidenciar, num primeiro momento, como que, nesse apregoado clima de instabilidade, o *A Offensiva* apresentou à opinião brasileira ambos os lados (os “materialistas” e os “espiritualistas”), que, segundo o periódico, seriam a antítese um do outro. Por essa dialética ser uma constante no noticiário do *A Offensiva*, acreditamos que compreender a forma como o periódico apresentou os inimigos e os aliados do integralismo é fundamental para a compreensão da dinâmica do noticiário do periódico.

Posto que a AIB foi um movimento com fortes influências fascistas e que o *A Offensiva* apresentava o integralismo, no âmbito internacional, como um dos movimentos integrantes do grupo “espiritualista”, procuramos, num segundo momento, levantar indícios de como o *A Offensiva* trabalhou e apresentou a seu público a questão do caráter ideológico do integralismo.

No terceiro capítulo, elegemos três acontecimentos que, além de terem sido marcantes no período, envolveram três dos “aliados ideológicos” do integralismo: o fascismo italiano, o nazismo alemão e os nacionalistas espanhóis. Entre meados de 1934 e inícios de 1938, ou seja, no período em que o *A Offensiva* circulou, o mundo assistiu ao desenrolar de vários acontecimentos marcantes. Episódios como a Guerra da Abissínia (1935-1936), a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Noite dos Longos Punhais (1934) tiveram grande repercussão no meio internacional. Tendo sido deflagrados no período entre guerras mundiais, período, este, marcado não apenas por uma profunda instabilidade política, econômica e social, mas também por disputas ideológicas, tais episódios atraíram a atenção e a solidariedade de boa parte do globo.

Em território brasileiro, a deflagração de tais acontecimentos foi noticiada por inúmeros órgãos de imprensa, das mais variadas orientações políticas, incluindo os que compunham a extensa cadeia impressa organizada pelos integralistas. Neste capítulo, buscamos evidenciar a forma com que a AIB, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, apresentou a Guerra da Abissínia, a Guerra Civil Espanhola e a Noite dos Longos Punhais à opinião pública brasileira. Por meio da cobertura realizada pelo *A Offensiva* a tais episódios, buscamos, entretanto, procurar evidenciar a “solidariedade ideológica” dos integralistas para com o regime fascista, o regime nazista e os nacionalistas espanhóis, colhendo, para tanto, indícios do apoio prestado, por parte dos integralistas, aos seus “aliados ideológicos”.

Assim, nossa análise não se restringirá tão somente aos artigos nos quais os integralistas tratavam da questão acerca da natureza ideológica da AIB de forma mais direta, ou seja, naqueles artigos em que os integralistas procuravam evidenciar tanto as convergências quanto as divergências entre o movimento ao qual pertenciam e os movimentos/regimes que lhe eram congêneres, mas também os artigos que, ainda que de forma sutil, acabavam por tangenciar tal questão - como os referentes à cobertura realizada pelo *A Offensiva* aos episódios acima citados -, e por meio dos quais pudemos ver a solidariedade dos integralistas para com os movimentos/regimes congêneres à AIB.

## 1 SOBRE A IMPRENSA INTEGRALISTA E O JORNAL *A OFFENSIVA*

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o primeiro movimento de massas do Brasil a ter uma organização em âmbito nacional (CAVALARIA, 1999) e foi, também, o primeiro movimento/partido político brasileiro que utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois, até então, os movimentos e/ou partidos mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários (OLIVEIRA, 2009, p. 19).

Fatos que, caso vistos de forma isolada, poderiam ser interpretados como mera coincidência, indicam-nos a possibilidade de existência de uma intrínseca relação entre o sucesso da inserção social obtida pela AIB e a utilização sistemática que a organização fez da imprensa. Dessa forma, parece-nos bastante plausível a tese de Oliveira (2009, p. 14) de que teria sido justamente a existência de uma extensa rede de jornais e revistas, que visavam não apenas a difusão da doutrina do Sigma,<sup>20</sup> mas também a arregimentação de novos militantes, um dos grandes fatores responsáveis pelo sucesso da inserção social do integralismo nos anos de 1930.

Ponto de vista semelhante ao de Oliveira é partilhado por Cavalari, que foi pioneira num estudo mais minucioso sobre a imprensa integralista. A autora, ao perguntar-se como o integralismo teria conseguido, em tão pouco tempo, organizar-se e consolidar-se como um grande partido de massas em todo o território nacional e quais estratégias teriam sido utilizadas pelo Movimento que lhe permitiram tal conquista, sentencia que seria preciso levar em consideração a rede impressa, a ritualística e a simbologia criadas pelo Movimento para compreender-se o vertiginoso crescimento pelo qual a AIB passou ao longo dos seus cinco anos de existência legal (CAVALARI, 1999, p. 34).

Se, hoje, os estudiosos do integralismo parecem concordar que a utilização sistemática que os integralistas fizeram da imprensa foi um dos grandes fatores responsáveis pelo sucesso da inserção social do Movimento nos anos de 1930, diversas notas veiculadas pelo *A*

---

<sup>20</sup> A letra grega *sigma* ( $\Sigma$ ), que também é o símbolo matemático que significa “soma” ou “somatória”, foi adotada como a insígnia do movimento integralista. Sua adoção enquanto símbolo do Movimento, segundo os integralistas, se justificaria na medida em que o integralismo almejava integrar, “somar”, todos os brasileiros na unidade nacional. Tendo-se em vista que o sigma era a insígnia do Movimento, os integralistas, por diversas vezes, empregavam o termo “sigma” numa substituição ao termo “integralista”; assim, recorrentemente se referiam à “doutrina do sigma”, aos “jornais do sigma”, aos “amigos do sigma” e assim por diante, numa alusão à doutrina integralista, aos jornais integralistas e aos simpatizantes do movimento integralista.

O termo também foi utilizado para designar o consórcio jornalístico (a Sigma - Jornais Reunidos) criado no ano de 1936, responsável por fiscalizar a imprensa do Movimento e também adotado como título por inúmeros periódicos.

*Offensiva* sugerem-nos que os próprios integralistas, já àquela época, tinham consciência do poder do qual dispunha a imprensa.

Por meio de variadas notas, notamos que os dirigentes da AIB acreditavam que a organização da imprensa integralista exerceria grande influência sobre a organização do próprio movimento,<sup>21</sup> e que viam na rede de jornais integralista um canal privilegiado, superior, inclusive, ao rádio e aos comícios, para que a AIB prosseguisse sua marcha rumo à presidência do país.<sup>22</sup> Daí, provavelmente, não só o papel de destaque que a AIB delegou às atividades jornalísticas, mas também a constante procura dos dirigentes integralistas em expandir e aperfeiçoar o funcionamento da rede impressa do Movimento.

A rede impressa integralista atingiu um tamanho considerável, contando, no ano de 1937, com oito grandes jornais diários, editados nas maiores capitais do país,<sup>23</sup> 105 jornais semanais e quinzenais, três revistas ilustradas,<sup>24</sup> uma revista de alta cultura,<sup>25</sup> além de cerca de 3.000 boletins semanais ou quinzenais, num total de 138 periódicos oficialmente ligados ao Movimento (OLIVEIRA, 2009, p. 138).

Desse montante de periódicos, ao menos três possuíam circulação de âmbito nacional<sup>26</sup> e oito<sup>27</sup> tiveram edição e circulação diária, ao menos em algum momento de sua existência. De acordo com os próprios integralistas, o principal jornal do movimento, o *A Offensiva*, atingia todos os rincões do país e, além dele, toda região do país seria abrangida por, ao menos, um periódico.

Apesar de ter atingido um tamanho considerável, a expansão da rede impressa do Sigma não se deu de forma ocasional: era uma rede, ao menos em tese, organizada de cima para baixo, totalmente hierarquizada, que contava com órgãos responsáveis pela manutenção e fiscalização de tal rede, bem como pela censura e seleção do que deveria ou não ser publicado nos jornais e revistas do Movimento.

<sup>21</sup> O Congresso de Imprensa. *A Offensiva*, ano III, n. 366. 18 de dezembro de 1936, p. 1.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Os jornais *A Offensiva*; *Acção*, editado em São Paulo; *O Imparcial*, editado na Bahia; *Diário do Nordeste*, de Recife; *A Província*, de Maceió; *A Razão*, de Fortaleza; *Acção*, de São Luiz do Maranhão e *Correio da Noite*, de Porto Alegre.

<sup>24</sup> As revistas *Anauê!*, e *Brasil Feminino*, editadas no Rio de Janeiro, e *Sigma*, editada em Niterói.

<sup>25</sup> A revista *Panorama*, editada São Paulo.

<sup>26</sup> Os jornais *O Monitor Integralista* e *A Offensiva*, e a revista *Anauê!*

<sup>27</sup> Os jornais *A Offensiva*; *Acção*, editado em São Paulo; *O Imparcial*, editado na Bahia; *Diário do Nordeste*, de Recife; *A Província*, de Maceió; *A Razão*, de Fortaleza; *Acção*, de São Luiz do Maranhão e *Correio da Noite*, de Porto Alegre.



### 1.1 Os órgãos responsáveis pela regulamentação e fiscalização da imprensa integralista e a constante procura em se aprimorar a imprensa periódica do Movimento

Visando controlar e ao mesmo tempo expandir, mas de forma padronizada, a rede impressa do Movimento, a AIB criou um enorme aparato burocrático, constituído pela Secretaria Nacional de Imprensa, pelas Comissões de Imprensa e pelo Consórcio Jornalístico Sigma – Jornaes Reunidos. Todo esse aparato, por fim, era subordinado diretamente a Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB (OLIVEIRA, 2009, p. 16).

Bulhões (2007, p. 20), em sua dissertação de mestrado, ressalta que esse aparato administrativo buscava controlar de “forma autoritária todos os mecanismos e pessoas envolvidas no seu funcionamento, de forma altamente centralizada, além de exercer uma censura severa de tudo que era veiculado nos meios de comunicação mantidos pelo movimento”.

Antes de adentrarmos à discussão sobre o funcionamento da imprensa integralista, cremos ser pertinente retomar alguns pontos fundamentais acerca da criação da estrutura responsável por administrar os periódicos do Sigma. Tendo-se em vista que alguns trabalhos sobre a imprensa integralista vêm, usualmente, repetindo erros pontuais acerca de datações e nomenclaturas, esse exercício se torna imperativo não apenas para os propósitos de nosso trabalho, como também para estudos posteriores.

A criação do principal órgão responsável especificamente por toda a estrutura impressa do Movimento, a Secretaria Nacional de Imprensa, se deu apenas no ano de 1936, após a re-estruturação organizativa pela qual a AIB passou.

Antes de ter uma secretaria exclusiva para si, as deliberações sobre a imprensa do Movimento se encontravam sob a responsabilidade da Seção de Imprensa existente dentro do Departamento Nacional de Propaganda, posteriormente designado Departamento de Imprensa e Secretaria Nacional de Propaganda – como ressaltamos em outra oportunidade, a partir de dezembro de 1934, todos os Departamentos Nacionais e suas Seções passaram a denominar-se, respectivamente, Secretarias Nacionais e Departamentos.

Este Departamento, posteriormente denominado Secretaria de Propaganda foi, até meados de 1936,<sup>28</sup> chefiado pelo médico Madeira de Freitas, que foi também, entre os anos de 1935 e 1938, diretor do *A Offensiva*, o principal periódico integralista.

---

<sup>28</sup> Sobre a exoneração de Freitas do cargo de Secretário Nacional de Propaganda, ver *Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 3.

A Seção de Imprensa, posteriormente denominada Departamento, seria responsável pelo trabalho de censura nos jornais integralistas; por encaminhar aos jornais integralistas o material que deveria vir a ser veiculado; por monitorar as reportagens, notas e matérias relacionadas à AIB veiculadas em periódicos não integralistas, fossem estes nacionais ou estrangeiros; e, por fim, por auxiliar os jornais na busca de anúncios publicitários, com o objetivo de que estes pudessem financiar seu próprio custeio (BULHÕES, 2007, p. 32).

Como podemos notar, a imprensa foi, desde o início da organização do Movimento, objeto de preocupação por parte dos dirigentes da AIB. Apesar de a imprensa não dispor, ainda, de uma secretaria nacional exclusiva para tratar de seus assuntos, uma estrutura para administrá-la foi, paulatinamente, erigida. E a criação do consórcio jornalístico *Sigma-Jornaes Reunidos* foi, nesse sentido, mais um indício.

No ano de 1935, a AIB criou o *Sigma-Jornaes Reunidos*, um consórcio jornalístico, subordinado, de início, à Secretaria Nacional de Propaganda e, posteriormente, à Secretaria Nacional de Imprensa, o qual tinha como finalidade fiscalizar todos os jornais integralistas que, à época, atingiam o número de 88, segundo dados fornecidos pela própria AIB.<sup>29</sup>

O consórcio *Sigma* era, na sua forma, semelhante ao conglomerado montado por Assis Chateaubriand, o *Diários Associados*, que chegou a controlar 36 jornais, 19 tevês, 25 rádios, 18 revistas e duas agências de notícias (DOTTA apud BULHÕES, 2007, p. 34). Oliveira (2009, p. 287), inclusive, chegou a especular que a criação do conglomerado *Sigma* poderia ter sido uma “resposta” ao conglomerado “liberal” de Chateaubriand.

Tal suposição não nos parece inexata, tendo-se em vista as constantes críticas e ataques dos periódicos integralistas tanto ao conglomerado *Diários Associados*, quanto ao próprio Chateaubriand e, também, a uma curiosa declaração de Miguel Reale, que, face ao surgimento de vários jornais diários integralistas, não titubeou em declarar que “se quiser saber o que será a rede dos jornais do Sigma, eu sintetizarei assim: será exatamente o contrário do que é hoje a cadeia dos Associados” (REALE apud LEAL, 2006, p. 50).

Tanto na documentação, quanto na bibliografia consultada, não há maiores informações sobre o consórcio jornalístico criado pelos integralistas. Contudo, nos aproximamos da opinião de Cavalari (1999, p. 83-84) de que a criação do *Sigma-Jornaes Reunidos* faria parte da estratégia de padronizar a imprensa do Movimento, objetivando dar um sentido único à difusão da ideologia integralista e à forma com que esta seria transmitida, via imprensa, aos militantes de todo o Brasil.

---

<sup>29</sup> *A Offensiva*, 28 de set. de 1935, p. 1.

A hipótese levantada por Cavalari se mostra plausível se considerarmos que uma das únicas notas veiculadas na imprensa integralista acerca da criação do *Consórcio Sigma* dizia que este, “o maior monobloco jornalístico até hoje criado na América do Sul”, seria “mais um passo para a unificação nacional, pelo pensamento, pela cultura e pela orientação doutrinária”.<sup>30</sup>

Os esparsos números de periódicos existentes nos anos iniciais da organização, indubitavelmente, não justificariam os esforços exigidos para a criação e manutenção de uma Secretaria Nacional voltada exclusivamente para a imprensa do Movimento. Todavia, a AIB estava crescendo em números vertiginosos: em 1935, já contava com cerca de 380 mil militantes.<sup>31</sup> De forma semelhante, crescera o número de títulos que compunham sua rede impressa: em 1935, já contabilizavam 88.<sup>32</sup>

O crescente número de jornais ligados ao Movimento, aliado ao aumento da dificuldade de outras secretarias tanto em coordenar as atividades ligadas à imprensa integralista, quanto em monitorar a opinião emitida pela imprensa alheia acerca da AIB, possivelmente impeliram a direção da AIB a cogitar a criação de uma Secretaria Nacional voltada exclusivamente para a imprensa do Movimento (BULHÕES, 2007, p. 34-35). Conjecturas à parte, em junho de 1936, a estrutura diretiva da AIB passou por uma reestruturação e nesta reorganização foram criadas quatro novas Secretarias Nacionais, dentre as quais, a Secretaria Nacional de Imprensa.

De sua criação até março de 1937, a Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) foi chefiada por San Thiago Dantas e, posteriormente, por Francisco Luiz de Almeida Salles.<sup>33</sup>

A SNI era, de acordo com seus próprios estatutos, o órgão coordenador, orientador e organizador da imprensa integralista em todo o país. A ela caberiam as tarefas de orientar os jornais integralistas técnica e politicamente; cooperar com os jornais integralistas, produzindo e fornecendo-lhes matérias redatoriais; organizar empresas e obras que dessem auxílio financeiro à imprensa integralista; estimular e auxiliar os jornais integralistas e favoráveis ao Movimento, fornecendo-lhes artigos e notícias cuja publicação fosse considerada de interesse pela AIB; fazer, por meio da imprensa, a publicidade de tudo do que a AIB necessitasse; coordenar estudos e fazer intercâmbio entre os homens de imprensa filiados ou aproximados da AIB; organizar congressos que favorecessem a sistematização dos trabalhos; avaliar os

<sup>30</sup> *A Offensiva*, 28 de set. de 1935, p. 1.

<sup>31</sup> *Monitor Integralista*, ano V, n. 22, p. 4.

<sup>32</sup> *A Offensiva*, 28 de set. de 1935, p. 1.

<sup>33</sup> Sobre a nomeação e exoneração de Dantas para o cargo de Secretário Nacional de Imprensa e sobre a nomeação de Salles para mesmo cargo, ver, respectivamente, *Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 3 e *A Offensiva*, ano IV, n. 482, p. 3.

pedidos de matrícula e inscrever os jornais ligados ao Movimento no consórcio *Sigma-Jornais Reunidos*; e exercer a censura de todas as informações ligadas ao integralismo em sua imprensa.<sup>34</sup>

Pelos seus regulamentos, a SNI, assim como outras Secretarias, possuía estruturação hierárquica, com ramificações em nível nacional (Secretaria Nacional de Imprensa), provincial (Secretarias Provinciais de Imprensa) e municipal (Secretarias Municipais de Imprensa). Cada uma dessas secretarias deveria estar subordinada à sua correspondente em nível superior e, por fim, diretamente a Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB.<sup>35</sup>

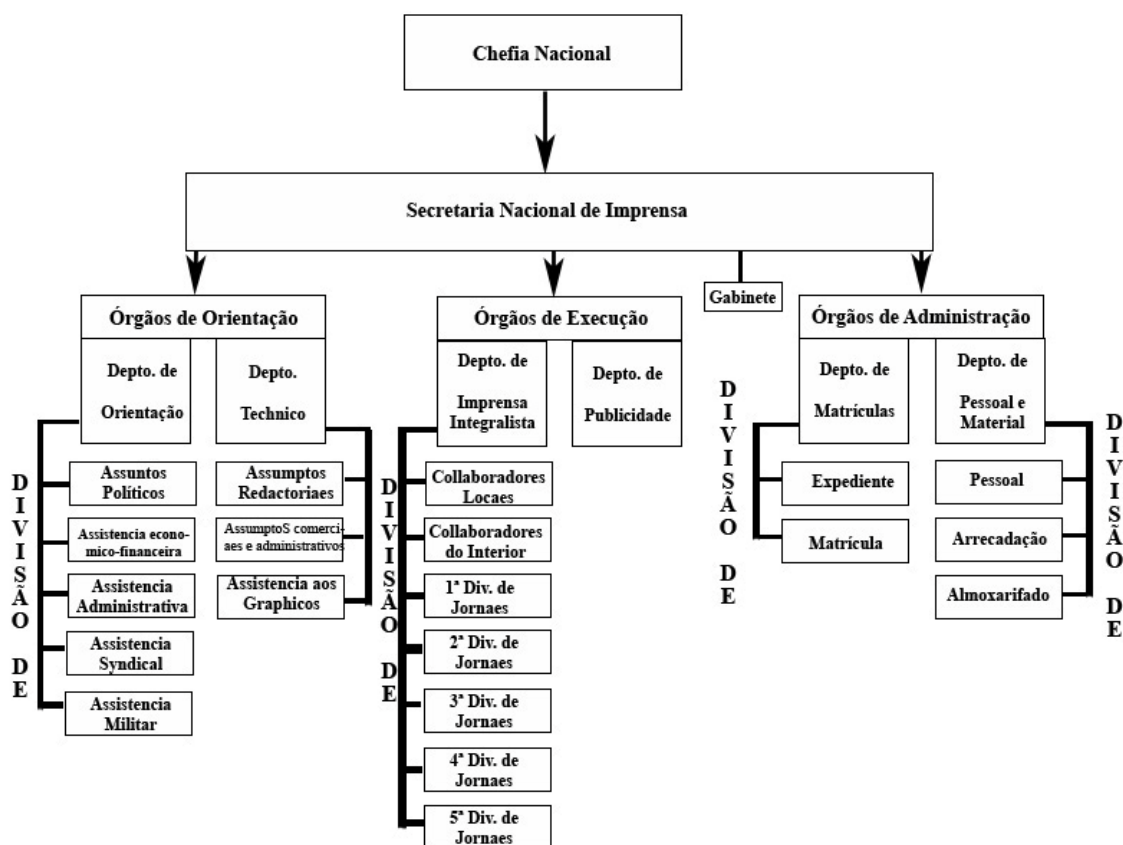


Figura 1 – Organograma da SNI. Construído com base nas informações contidas no *Monitor Integralista* (ano IV, n. 15, p. 17-18).

<sup>34</sup> Informações retiradas de *Monitor Integralista* ano I, n. 15, p. 17-18; e de Bulhões (2007, p. 35).

<sup>35</sup> *Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 17.

A Secretaria Nacional de Imprensa passou a congregar um conjunto de funções que outrora se encontravam dispersas entre diversas secretarias, tornando-se, assim, o órgão coordenador, orientador e organizador da imprensa integralista em todo o país. Vislumbramos que a criação de uma Secretaria Nacional, responsável exclusivamente pela imprensa do Movimento, foi a expressão máxima tanto da importância que a imprensa teve para a AIB quanto do controle que os dirigentes integralistas pretendiam exercer sobre a mesma.

Ainda no intento de aprimorar o funcionamento da imprensa integralista, os dirigentes do Movimento organizaram e, ao longo dos dias 18, 19 e 20 de dezembro de 1936, realizaram, em Belo Horizonte, o (I) Congresso Integralista de Imprensa.

Nesse congresso, foram apresentados e discutidos vários estudos e teses sobre a imprensa do movimento integralista, das quais destacamos os três primeiros, que nos demonstram a preocupação dos dirigentes integralistas em aprimorar o funcionamento da estrutura impressa do Movimento:

1ª Comissão, Tese: quais os tipos de jornal mais convenientes aos problemas de atuação da imprensa integralista?

2ª Comissão, Tese: há conveniência em multiplicar o número de jornais integralistas nos municípios ou deve-se concentrar esforços para manter órgãos de maior porte fluindo numa região?

3ª Comissão, Tese: a) quais as sugestões do congresso sobre a organização financeira da imprensa integralista? b) como articular no consórcio ‘Sigma Jornaes Reunidos’ os interesses de publicidade dos jornais que o compõe [sic]? (LEAL, 2006, p. 58)

Nesse Congresso foram apresentados, também, o Código de Ética Jornalística, elaborado por Salgado, e a criação do que viria a ser a primeira Escola Brasileira de Jornalismo,<sup>36</sup> da qual não há maiores indícios de que tenha chegado a sair do papel, apesar de seus estatutos e grade curricular terem sido elaborados.

Não é nosso propósito, aqui, discorrer, em detalhes, sobre o Código de Ética e sobre a Escola de Jornalismo. Todavia, a elaboração e apresentação de um Código de Ética, a criação da Escola de Jornalismo - ou ao menos a pretensão de criá-la -, bem como a própria realização do Congresso e dos debates de inúmeras teses, demonstram-nos a preocupação com que AIB cercou a imprensa do Movimento.

Enfim, como ressaltado em parágrafos anteriores, a documentação sugere-nos que os dirigentes da AIB acreditavam que a organização da imprensa integralista exerceria grande influência sobre a organização do próprio Movimento e, também, que viam na imprensa

---

<sup>36</sup> Para maiores informações sobre o Código de Ética e sobre a Escola de Jornalismo, ver Leal (2006) e Oliveira (2009).

periódica integralista um canal privilegiado, superior, inclusive, ao rádio e aos comícios, para que a AIB prosseguisse sua marcha, ou seja, continuasse a crescer, não apenas em termos numéricos, mas como força política e, assim, quem sabe, chegasse ao poder. Daí, provavelmente, os relativos esforços despendidos na procura por organizar a estrutura impressa do Movimento.

### 1.1.1 Os jornais e revistas integralistas

Como pudemos conferir no tópico anterior, os integralistas construíram uma rede impressa que, ao longo dos cinco anos de existência legal do Movimento, chegou a contar com 138 periódicos. Os mais de 100 títulos que compunham a imprensa integralista, graças ao enorme aparato burocrático montado pela AIB, ecoariam, de forma uniforme, os ideais integralistas.

De acordo com a bibliografia relativa à imprensa integralista,<sup>37</sup> era por intermédio dos inúmeros jornais e revistas criados pelo Movimento que a AIB tencionava atingir quatro objetivos: difundir a doutrina integralista; arregimentar novos militantes; “educar” a população; estabelecer uma padronização, em âmbito nacional, tanto da difusão ideológica, quanto da própria estruturação do Movimento. Essas questões merecem ser mais bem explicitadas.

A imprensa periódica do Sigma era composta por jornais - grandes diários ou pequenos semanários ou quinzenários - e revistas, algumas, inclusive, ilustradas. Esses periódicos tinham algumas vantagens sobre os livros doutrinários integralistas: eram mais baratos e, por meio de suas páginas, a doutrina integralista era difundida de uma forma bastante simplificada, pois seu conteúdo fora pensado, de acordo com Oliveira (2009, p. 15), para ser de fácil assimilação, com textos simples, escritos de modo a serem facilmente compreendidos, e por algumas ilustrações, sobretudo no caso das revistas.

Não obstante, os jornais integralistas almejavam, também, “educar” a população. Nesse sentido, poderíamos nos remeter à entrevista concedida por Ernani S. Bruno, militante integralista e Secretário Nacional de Doutrina e Estudos, ao jornal *A Offensiva*, na qual ele declarou reconhecer que, pelo fato de a população brasileira estar em maior contato com

---

<sup>37</sup> Ver, dentre outras obras, Cavalari (1999); Barbosa (2007); Oliveir, (2009); Simões (2009).

jornais diários e revistas, caberia a estes a difusão de conhecimentos, a popularização das conquistas científicas e técnicas e a democratização das realizações culturais e artísticas.<sup>38</sup>

Como Oliveira (2009, p. 15) ressaltou em seu estudo, esse processo de “educar” por meio das páginas dos periódicos integralistas, todavia, se daria não apenas “informando”, mas “formando” o sujeito leitor. Por meio da leitura de periódicos integralistas, os leitores, além de manterem-se a par de informações culturais diversas, seriam formados de acordo com os ideais do Movimento.

Por serem mais baratos, os jornais e revistas integralistas eram mais acessíveis, tanto aos camisas-verdes quanto à população em geral, do que os livros doutrinários.<sup>39</sup> Isso, provavelmente, proporcionou que um maior número de pessoas pudesse entrar em contato com a doutrina integralista. Ademais, a aquisição de jornais diretamente em bancas de jornal ou revistas proporcionava que pessoas alheias ao Movimento pudessem entrar em contato com uma carga da doutrina integralista mesmo não estando filiadas ao Movimento.

A conjunção de todos esses fatores explicaria a utilização da imprensa como um canal privilegiado para que objetivos, como difundir a doutrina, arregimentar militantes e “educar” a população, fossem atingidos.

Por sua vez, a abrangência nacional bem como a unidade na difusão da doutrina estabelecida nesses periódicos explicariam a sua utilização enquanto instrumento padronizador. Tal padronização teria se dado em dois âmbitos: a padronização da ideologia disseminada (que, garantida por meio dos órgãos de censura, estabeleceria uma unidade ideológica em âmbito nacional) e a padronização da própria estrutura do Movimento (CAVALARI, 1999).

O conteúdo doutrinário dos mais diferentes jornais, das mais diferentes regiões do Brasil era, basicamente, o mesmo, o que proporcionaria certa padronização ideológica dentro do Movimento (CAVALARI, 1999). Igualmente, a abrangência nacional do Jornal *Monitor Integralista*, no qual se veiculavam as normas e diretrizes internas do Movimento, seria uma garantia de que a estrutura organizativa da AIB seria rigidamente seguida e respeitada em todo o território nacional (OLIVEIRA, 2009).

---

<sup>38</sup> O Secretário Nacional de Doutrina, entrevistado pela “A Offensiva”, fala sobre o papel da imprensa integralista. *A Offensiva*, ano III, n. 363, p. 1-2.

<sup>39</sup> Uma edição do *A Offensiva*, por exemplo, poderia ser adquirida ao preço de 200 réis, no ano de 1934, e entre 200 e 300 réis, em 1938; uma edição da revista *Anauê!*, por algo entre 1.500 e 2.000 réis; ao passo que um livro integralista, de autoria dos principais teóricos do movimento, como Miguel Reale ou Plínio Salgado, por exemplo, poderiam ser adquiridos por algo entre 6.000 e 6.900 réis.

A extensa rede de periódicos integralistas era composta por jornais de circulação nacional, provincial e nuclear, sendo o *Monitor Integralista* e o *A Offensiva* os dois jornais de circulação nacional que compunham a rede impressa do Movimento.

O *Monitor Integralista* era o órgão oficial do Movimento, e era por meio de suas páginas que se deliberava como deveria ser a estrutura interna da AIB. Era nele que se editavam todas as resoluções da chefia nacional; as nomeações de membros para cargos nacionais e provinciais; a forma como deveriam ser estruturadas as secretarias nacionais, provinciais e nucleares, e era também em suas páginas que apareciam as convocações para reuniões e congressos. Todas as resoluções da chefia nacional eram assinadas pelo próprio Plínio Salgado. Assim, a abrangência nacional do *Monitor* garantiu a uniformidade da organização interna do Movimento nas mais diversas regiões do país (OLIVEIRA, 2009, p. 151).

Se ao *Monitor* cabia o papel de difundir as normas e estrutura interna do Movimento, ao *A Offensiva* cabia o papel de difusão da doutrina integralista. Na prática, o *A Offensiva* era o principal periódico com que o movimento integralista contava para a difusão de sua doutrina (OLIVEIRA, 2009, p. 151). Era um jornal de aquisição obrigatória a todos os núcleos e dirigentes integralistas, aconselhada aos demais militantes. Sua abrangência nacional foi, também, de fundamental importância para a uniformidade na difusão da doutrina, tendo-se em vista que o *A Offensiva* servia como fonte de matérias e modelo de referência para os jornais menores.

Não obstante, o *A Offensiva* teria, segundo Oliveira (2009), contribuído para a consolidação e a manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da AIB. Tal fato teria se dado pela presença constante de textos do Chefe Nacional e do destaque que estes tinham dentro periódico, como se pode notar na reprodução que segue:



# TOPICOS

## NADA DE MANOUELAÇÃO

As eleições de 1936 não serão feitas de modo a permitir a manipulação dos votos. O processo eleitoral será livre e aberto a todos os cidadãos brasileiros.

Em relação ao processo eleitoral, o governo não tem intenção de interferir no direito de escolha dos cidadãos. A vontade popular será o fator determinante para a escolha dos representantes.

Os procedimentos eleitorais serão realizados de acordo com a legislação em vigor, sem qualquer alteração que possa comprometer a integridade do processo.

É importante ressaltar que o sistema eleitoral adotado visa garantir a maior participação possível da população no processo democrático.

Os resultados das eleições serão divulgados imediatamente após a apuração dos votos, sem qualquer intervenção governamental.

Este compromisso é fundamental para a realização de eleições livres e justas, essenciais para o fortalecimento da democracia brasileira.

Os procedimentos eleitorais serão realizados de acordo com a legislação em vigor, sem qualquer alteração que possa comprometer a integridade do processo.

É importante ressaltar que o sistema eleitoral adotado visa garantir a maior participação possível da população no processo democrático.

Os resultados das eleições serão divulgados imediatamente após a apuração dos votos, sem qualquer intervenção governamental.

Este compromisso é fundamental para a realização de eleições livres e justas, essenciais para o fortalecimento da democracia brasileira.

Os procedimentos eleitorais serão realizados de acordo com a legislação em vigor, sem qualquer alteração que possa comprometer a integridade do processo.

É importante ressaltar que o sistema eleitoral adotado visa garantir a maior participação possível da população no processo democrático.

Os resultados das eleições serão divulgados imediatamente após a apuração dos votos, sem qualquer intervenção governamental.

Este compromisso é fundamental para a realização de eleições livres e justas, essenciais para o fortalecimento da democracia brasileira.

Os procedimentos eleitorais serão realizados de acordo com a legislação em vigor, sem qualquer alteração que possa comprometer a integridade do processo.

É importante ressaltar que o sistema eleitoral adotado visa garantir a maior participação possível da população no processo democrático.

# Pipócas...

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

Esses indivíduos não sabem para onde vão, não têm planos, não têm sonhos. Eles apenas existem, sem viver.

É preciso despertar esses pipócas, é preciso dar-lhes direção, é preciso dar-lhes um propósito de vida.

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

Esses indivíduos não sabem para onde vão, não têm planos, não têm sonhos. Eles apenas existem, sem viver.

É preciso despertar esses pipócas, é preciso dar-lhes direção, é preciso dar-lhes um propósito de vida.

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

Esses indivíduos não sabem para onde vão, não têm planos, não têm sonhos. Eles apenas existem, sem viver.

É preciso despertar esses pipócas, é preciso dar-lhes direção, é preciso dar-lhes um propósito de vida.

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

Esses indivíduos não sabem para onde vão, não têm planos, não têm sonhos. Eles apenas existem, sem viver.

É preciso despertar esses pipócas, é preciso dar-lhes direção, é preciso dar-lhes um propósito de vida.

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

Esses indivíduos não sabem para onde vão, não têm planos, não têm sonhos. Eles apenas existem, sem viver.

É preciso despertar esses pipócas, é preciso dar-lhes direção, é preciso dar-lhes um propósito de vida.

Os pipócas são aqueles que se movem sem direção, sem propósito, sem meta. São aqueles que vivem no limbo da indecisão e da dúvida.

# Esperar? Não; marchar!

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

Esperar é uma atitude passiva que não nos ajuda a superar as dificuldades. É preciso tomar decisões e agir com firmeza.

A marcha representa a ação, o movimento, a busca por um objetivo. Não devemos ficar parados diante dos problemas.

# PERITO SALGADO

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

Perito Salgado é um homem de caráter, de princípios. Ele não se deixa influenciar por interesses pessoais ou políticos.

Seu trabalho é baseado na honestidade e na justiça. Ele sempre busca a verdade e a equidade em todas as situações.

# AS eleições municipais no Estado do Rio de Janeiro

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

Os resultados das eleições municipais no Rio de Janeiro foram divulgados recentemente. A maioria dos votos foi dada para o candidato da oposição.

Esses resultados refletem o sentimento popular de insatisfação com o atual governo municipal. É uma vitória para a democracia.

# O ATTENTADO contra o Rei da Inglaterra

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

Um atentado foi planejado contra o Rei da Inglaterra, mas foi descoberto e frustrado. O plano envolvia a utilização de explosivos durante uma cerimônia pública.

Os responsáveis pelo atentado foram presos e estão sendo julgados. O governo britânico está tomando medidas para garantir a segurança do monarca.

# George Andrew Baker

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

George Andrew Baker é um homem de grande talento e dedicação. Ele tem se destacado em sua área de atuação, demonstrando habilidades excepcionais.

Seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e inovação. Ele sempre busca a excelência em tudo que faz.

Figura 2 - A Offensiva, ano III, n. 264, p. 2.

Segundo Oliveira (2009, p. 151), as páginas do *A Offensiva* eram utilizadas por Salgado como o principal canal para se fazer presente em todos os lares: “sua voz, através das páginas de *A Offensiva*, tinha o poder de garantir o seu reconhecimento como ‘Chefe’ [...] Desta forma, o ‘Chefe’ era visto pelo leitor através das páginas do jornal devido à constância de seu nome”.

Vale salientar, ainda, o fato de o *A Offensiva* ter sido dirigido, em seu início, pelo próprio Plínio Salgado.<sup>40</sup> Quando Salgado deixou a direção do periódico, este passou a estampar em seu cabeçalho, além do nome do jornal, a frase *Orientação de Plínio Salgado*. Ou seja, o conteúdo do periódico deveria ser seguido por todos os camisas-verdes, pois essa era uma orientação do próprio Chefe Nacional (OLIVEIRA, 2009, p. 159).

Os jornais de circulação regional (ou provincial) serviam como instrumentos que faziam a ponte entre a Chefia Provincial e os camisas-verdes dos diversos núcleos locais. Objetivavam, também, estabelecer um elo de uniformidade entre as diversidades culturais e sociais que muitas vezes se faziam presentes nos estados (OLIVEIRA, 2009, p. 173). Ademais, traziam o Movimento para mais perto dos filiados, pois, apesar de publicarem matérias de teor nacional e internacional, eram as notícias regionais que se destacavam nessas publicações (OLIVEIRA, 2009, p. 173).

Os jornais de circulação local ou nuclear<sup>41</sup> eram os que possuíam o maior número de títulos dentro da rede impressa integralista. No geral, tinham o formato de pasquins, com periodicidade semanal ou quinzenal e, em grande parte, tiveram vida efêmera, muitas vezes não passando da primeira edição (OLIVEIRA, 2009, p. 173-174).

Além dos jornais, a imprensa periódica da Ação Integralista Brasileira era composta por revistas, ilustradas ou não, como, por exemplo, a *Anauê!*, a *Brasil Feminino* e a *Sigma*, e uma de alta cultura, a *Panorama*. As revistas integralistas começaram a surgir a partir de 1935, quando a AIB já havia adquirido registro como partido político, adotando, assim, a via eleitoral em detrimento da revolucionária. Com essa alteração, houve a necessidade de se apresentar propostas sociais ou pelo menos agregar um discurso que aditasse não só os homens, mas também suas esposas e seus filhos (OLIVEIRA, 2009, p. 180).

Dessa forma, enquanto os jornais focavam as massas, as revistas eram dirigidas aos grupos que, fosse por uma questão de gênero sexual, idade ou erudição, escapavam desse discurso mais generalizado e, apesar de serem em número reduzido, atingiam, segundo o autor, um número

<sup>40</sup> Sendo, no período de 1935-1938, dirigido por Madeira de Freitas, figura de destaque dentro do Movimento.

<sup>41</sup> É interessante ressaltar que, por ser mais difícil de a Secretaria Nacional de Imprensa, Doutrina e Propaganda exercer um controle sobre todos os jornais nucleares, estes, segundo Oliveira, ainda que não chegassem a deturpar a ideologia integralista, faziam uma leitura subjetiva do integralismo (OLIVEIRA, 2009, p. 173-175).

elevado de militantes de todo o país (OLIVEIRA, 2009, p. 180). Dessa forma, todos os grupos considerados sadios pelo Movimento acabavam sendo, de acordo com Oliveira, enquadrados dentro da rede de difusão ideológica que os integralistas construíram (OLIVEIRA, 2009, p. 180).

De todos os periódicos integralistas, o jornal *A Offensiva*, pelos motivos outrora expostos, foi, indubitavelmente, o periódico de maior importância dentro da extensa rede impressa organizada pela AIB.

## 1.2 O jornal *A Offensiva*

O *A Offensiva*, editado na cidade do Rio de Janeiro, à exceção de *O Monitor Integralista*, foi o jornal de maior longevidade e abrangência com que o Movimento contou. A Folha circulou entre os anos de 1934 e 1938, com periodicidade semanal entre 1934 e janeiro de 1936, e diária entre os anos de 1936 e inícios de 1938, quando foi extinta.

Com quase quatro anos de circulação, não seria de espantar que o *A Offensiva* tenha sofrido transformações ao longo de sua existência. Tanto Oliveira (2009) quanto Simões (2009) afirmam que o ciclo de vida do jornal *A Offensiva* foi marcado por fases distintas e, em suas respectivas teses de doutoramento, as identificam e as classificam.

Em linhas gerais, para Oliveira (2009, p. 152), a primeira fase do periódico se estendeu de maio de 1934 a maio de 1935, com a justificativa de que, nesse período, o jornal era dirigido por Plínio Salgado e “ainda estava em busca de uma definição daquilo que era o integralismo”. Nessa época, o jornal tinha oito páginas, formato pasquim e circulava semanalmente.

Segundo Oliveira, a edição número 53 do *A Offensiva* apresentou algumas mudanças significativas, como a troca da direção do jornal,<sup>42</sup> a sua ampliação física<sup>43</sup> e também uma reestruturação interna de suas seções, dando início, assim, à segunda fase do periódico.

A segunda fase do *A Offensiva* coincidiu com a implantação da Lei de Segurança Nacional (LSN), que, segundo Oliveira, estaria ameaçando o funcionamento legal tanto da AIB quanto da Aliança Nacional Libertadora: “se, por um lado, não há mais preocupação de [a AIB] legitimar a sua existência, devido ao grande número de adeptos, por outro, há a necessidade de justificar por que o movimento/partido não representaria risco para a sociedade e, por esta razão não podendo ser enquadrado na LSN” (OLIVEIRA, 2009, p. 159-160).

---

<sup>42</sup> A partir dessa fase, o jornal deixa de ser dirigido por Plínio Salgado e passa a ser dirigido por Madeira de Freitas.

<sup>43</sup> A partir dessa edição, o *A Offensiva* passou a ter entre dez e 16 páginas.

Tal necessidade gerou algumas alterações na forma com que o *A Offensiva* apresentava seu conteúdo aos seus leitores. Além de o periódico ter recrudescido os ataques à ANL, “tentando mostrar que ela era comunista e que representava uma ameaça à segurança do país”, o jornal integralista precisou adaptar o seu conteúdo e

[...] nas palavras de ordem do início de cada edição deixa de aparecer o termo ‘revolução’ e referências à tomada do poder [...] insinuações de que o governo teria características liberais deixam de ser veiculadas [...] as reportagens de capa sobre as atividades do movimento, com reproduções de imagens de paradas e desfiles ao estilo militar são cortadas (OLIVEIRA, 2009, p. 160).

Quando do afastamento do perigo de cassação da AIB, por conta do enquadramento na LSN, o *A Offensiva*, que, por conta da mesma Lei, tinha adaptado o teor de seu conteúdo, voltou a veicular notas sobre as reuniões e desfiles do Movimento, embora o “caráter bélico” de tais veiculações tenha diminuído (OLIVEIRA, 2009, p. 163). Nesse ponto, o autor destaca que, além das modificações “conjunturais”, que mudaram a “forma e o conteúdo do jornal”, o periódico passou por modificações “estruturais”,<sup>44</sup> as quais deram origem ao início da terceira – e última – fase de vida do *A Offensiva*,<sup>45</sup> que compreenderia o período entre janeiro de 1936 até a edição derradeira do periódico, em 19 de março de 1938.

Da mesma forma, Simões, em sua tese de doutoramento, também notou fases distintas no ciclo de vida do *A Offensiva*. A autora, assim como Oliveira, identifica três fases, mas classificou-as de maneira diferente deste último.

Em seu trabalho, Simões aponta, detalhadamente, as características de cada fase identificada, o conteúdo do periódico, as seções que compunham o jornal, bem como as transformações que o *A Offensiva* sofrera na mudança de uma fase para outra. Aqui, nos limitaremos a apresentar ao leitor as fases elencadas pela autora, no entanto, para quem pretende se aprofundar no tema “imprensa integralista”, recomendamos a leitura de sua tese.

Para Simões, a primeira fase do jornal tem como marco inicial a edição n. 1 e como marco final a edição n. 89, ou seja, de 17 de maio de 1934 a 25 de janeiro de 1936, período em que o jornal era editado semanalmente e tinha como característica básica a divulgação da doutrina integralista. A segunda fase abrangeria as edições do n. 90 à n. 660, ou seja, de 28 de janeiro de

<sup>44</sup> Oliveira entende como “mudanças estruturais” a obtenção de registro como partido político junto ao Superior Tribunal Eleitoral. Com essas mudanças, a AIB abandonou a via revolucionária e adotou a via eleitoral e Constitucional para tentar chegar ao poder. Dessa forma, “as demonstrações de força passaram a ser a capacidade de arregimentação e não a força armada. E isto se reflete nas páginas do periódico” (OLIVEIRA, 2009, 163).

<sup>45</sup> Como principais características dessa fase, o autor aponta a mudança tanto do tamanho físico do impresso (de pasquim para tabloide) quanto de sua circulação (que deixa de ser semanal, passando a ser diária). Ademais, notamos, também, que “as notícias internacionais passaram a ganhar maior destaque na primeira página, muitas vezes tendo mais espaço que as nacionais” (OLIVEIRA, 2009, p. 163).

1936, “quando passa a funcionar como diário matutino, até o jornal n. 660, do dia 3 de dezembro de 1937”. Segundo Simões (2009, p. 35), na edição n. 661, “quando é notificada a extinção de todos os partidos políticos e o jornal precisa mudar radicalmente para manter-se em funcionamento, as alterações já podem ser observadas”. Como características dessa terceira – e última fase –, que se estende da edição n. 661 até a edição n. 748, o jornal, precisando adequar-se às mudanças políticas do período, extingue as seções de caráter explicitamente doutrinário e “as ações do movimento noticiadas no jornal [...] tornam-se limitadas aos serviços de assistência e as atividades culturais” (SIMÕES, 2009, p. 35).

Como podemos notar, há diferentes interpretações quanto à classificação dos ciclos de vida do jornal. Contudo, ambas as classificações possuem justificativas que se sustentam e, para nós, antes de se excluírem, se completam. Não é nossa pretensão, aqui, propor uma nova classificação do ciclo de vida do periódico. Objetivamos, tão somente, baseados tanto nas obras dos autores citados como também na documentação, realizar uma discussão geral sobre o *A Offensiva*, apontando algumas questões não comentadas por Simões e Oliveira e aprofundando outras que são de nosso interesse.

O primeiro número de o *A Offensiva* foi posto em circulação no dia 17 de maio de 1934, um ano e sete meses após oficialmente fundado o movimento integralista. De seu lançamento até janeiro de 1936, o *A Offensiva* possuía tiragem semanal, vendagem apenas por assinatura ou diretamente na sede. De 28 de janeiro de 1936 até sua extinção, em 19 de março de 1938, tornou-se um “grande jornal diário”, mantendo sua distribuição por assinaturas e ampliando sua vendagem por intermédio de bancas (SIMÕES, 2009, p. 34; BULHÕES, 2007, p. 57).

O primeiro corpo administrativo do *A Offensiva* foi formado por Plínio Salgado (diretor), Madeira de Freitas (redator-chefe), Thiers Martins Moreira (secretário) e Joaquim Santos Maia (gerente), e a redação e administração do periódico funcionavam em um sobrado, na Rua Sete de Setembro, n. 67, no Rio de Janeiro.<sup>46</sup> O corpo administrativo do jornal passou por várias alterações antes de se estabilizar, em 1936.<sup>47</sup> Da mesma forma, os espaços físicos da redação e da direção do jornal também sofreram alterações de endereços antes de se estabilizarem, em novembro de 1935, na Rua da Quitanda, n. 51.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> *A Offensiva*. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 2, 17 de maio de 1934.

<sup>47</sup> O primeiro corpo administrativo assim permaneceu até a edição n. 12, de 2 de agosto de 1934. Já na edição n. 13, de 9 de agosto de 1934, vemos que os cargos de diretor e redator-chefe continuaram a ser ocupados por Salgado e Madeira de Freitas, respectivamente; contudo, criou-se um novo cargo, o de Diretor de Redação, que foi ocupado por Thiers Martins Moreira. O cargo de Secretário, outrora ocupado por Thiers, passou a ser ocupado por Hélio Vianna e o de Gerente, por Joaquim Santos Maia. Já na edição n. 16, de 30 de agosto de 1934, Santos Maia deixou a gerência do jornal, que passou a ser ocupada por Cassiano Gomes.

<sup>48</sup> Na edição n. 24, vemos que a “redação e administração” do jornal estão instaladas, agora, na Travessa do Ouvidor, n. 28, onde permanecem até a edição n. 76, de 2 de novembro de 1935. Já na edição n. 77, de 9 de novembro de 1935, vemos que a “redação, administração e **officinas**” estão instaladas na Rua da Quitanda, n. 51, onde permanecem até o fechamento do jornal.

Apesar de possuir uma sede, onde funcionavam a administração e a redação do jornal, o *A Offensiva*, durante os anos de 1934 e 1935, não possuía oficina gráfica própria, sendo por isso impresso nas oficinas do jornal *Diário de Notícias*.<sup>49</sup> Tal fato, como apontado por Simões (2009, p. 36) e Bulhões (2007, p. 58), parece ser consequência da falta de recursos financeiros nos anos iniciais do Movimento, o que inviabilizava a compra de equipamentos e montagem de uma oficina gráfica própria.

Até 1935, o *A Offensiva* era financiado, em parte, pela Sociedade Anônima “Sigma Editora”, cujas ações estavam à venda para todos os integralistas que quisessem contribuir, e, em parte, por recursos advindos dos anúncios propagandísticos de empresas em suas páginas, além, é claro, dos recursos provenientes da própria vendagem do jornal (BULHÕES, 2007, p. 58). Entre os anos de 1934 e 1935, período em que circulou semanalmente, a edição avulsa do *A Offensiva* era vendida por \$200 réis, a assinatura trimestral custava 3\$000, a semestral, 5\$000 e a anual, 10\$000.<sup>50</sup>

Em maio de 1935, a estrutura administrativa do jornal passou por uma significativa alteração. Plínio Salgado, Chefe Nacional do Movimento e, até então, diretor do *A Offensiva*, se afastou da direção do jornal. Madeira de Freitas, que, à época, acumulava os cargos de secretário nacional de propaganda e de redator-chefe do *A Offensiva*, assumiu a direção do periódico. Salgado, apesar de ter se afastado da direção do jornal, passou a ser o “Orientador” do *A Offensiva*.

Entre os anos de 1934 e 1935, período em que circulou semanalmente, o *A Offensiva* possuía um caráter estritamente doutrinário (BULHÕES, 2007, p. 59; OLIVEIRA, 2009; SIMÕES, 2009, p. 36). Nesse período,<sup>51</sup> o conteúdo do jornal estava voltado para a divulgação de aspectos da doutrina integralista e do cotidiano do Movimento. Segundo Simões (2009, p. 36), nessa fase, o *A Offensiva* foi um “canal amplamente utilizado pela alta hierarquia do movimento para inculcar os ideais integralistas entre os camisas-verdes e os não adeptos”. Não obstante, a coluna de Plínio Salgado, que tinha um destaque especial na primeira página do jornal, foi de fundamental importância para a consolidação e a manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da AIB (BULHÕES, 2007, p. 62; OLIVEIRA, 2009, p. 154-155).

<sup>49</sup> Apenas a título de curiosidade, a relação entre o *A Offensiva* e o *Diário de Notícias* ia além da utilização das oficinas deste último para a impressão do jornal integralista. A colaboração entre ambos era mais intensa, com o periódico integralista realizando propaganda do *Diário de Notícias* e vice-versa. Para uma discussão mais detalhada sobre o assunto, ver Bulhões (2007).

<sup>50</sup> Apenas a título de comparação, a edição do dia 7 de ago. de 1936 do *A Offensiva* trouxe a informação de que “gêneros imprescindíveis á nutrição do povo”, como arroz, batata e feijão, custariam, respectivamente, à época, 2\$000, 1\$700 e 1\$200 réis, o kg, e que a “receita média mensal de cada cidadão não passa de 500\$000 mensaes”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 252, p. 2.

<sup>51</sup> Período que, segundo a classificação de Oliveira, compreende a primeira e a segunda fase de vida do periódico, e, segundo Simões, a primeira fase.

No período em que circulou semanalmente, o *A Offensiva* possuía entre oito (em 1934) e 12 (em 1935) páginas. De forma geral, a primeira página do jornal trazia, além da coluna de Plínio Salgado, que tinha um caráter de “editorial”, uma palavra de ordem em letras garrafais. Ambas merecem ser mais bem detalhadas.



Figura 3 – Reprodução da capa do exemplar de uma das primeiras edições do *A Offensiva*. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3.

Essas “palavras de ordem” tinham caráter doutrinário. Eram textos rápidos, objetivos e que, segundo Oliveira (2009, p. 152), ditavam os pontos básicos da mensagem transmitida pelo jornal, ou seja, a ideia de que “o integralismo como o movimento político de força que estava crescendo e se opunha às ideologias consideradas pelo movimento como inimigas (comunismo e liberalismo)”.

Carine de Souza Leal (2006), em seu trabalho de conclusão de curso, analisou essas “palavras de ordem” (por ela denominadas como “frase destaque”). De acordo com a autora, essas frases em fonte maior, em negrito e, na maioria das vezes, situadas na parte superior da capa e da contracapa dos jornais, seriam mais que “manchetes”, tendo-se em vista que as “manchetes” deveriam vir vinculadas a uma matéria ou reportagem, “enquanto que as ‘frases destaque’, muitas vezes, se bastam, não vindo acompanhadas, nem indicando texto” (LEAL, 2006, p. 75).

Na interpretação de Leal, essas “frases destaque”, por serem veiculadas em locais privilegiados do jornal (parte superior da capa e contracapa), devem ser entendidas como “uma decisão do editor sobre o que é mais importante ser dito naquele momento e naquele lugar”. Por fim, conclui que, “se todo o texto está ligado a um contexto, esse o está de maneira mais acentuada. Se o discurso é a materialização da ideologia, na FD, por ser o lugar de maior visibilidade da página, será a ideologia materializada e simplificada à sua essência” (LEAL, 2006, p. 75).

A primeira página trazia, ainda, a coluna de Plínio Salgado. Essa coluna possuía o caráter de editorial (OLIVEIRA, 2009, p. 152). Os textos de Salgado objetivavam difundir a ideologia do Movimento, de forma simples e direta. Eram textos voltados para o grande público e, por isso, não eram complexos ou com excessos de erudição. Segundo Oliveira, esses textos mantiveram uma “lógica de contraposições”, sobretudo entre o integralismo e liberalismo e comunismo. Dessa forma, “o integralismo era definido, didaticamente, através da contraposição com os defeitos de outras ideologias” (OLIVEIRA, 2009, p. 154).

Além da “frase destaque” e da coluna de Salgado, a primeira página do jornal constantemente trazia notícias sobre paradas e concentrações integralistas realizadas nas mais diferentes regiões do país. As notícias sobre as paradas geralmente vinham acompanhadas de fotografias, tiradas nessas concentrações. O uso dessas fotografias objetiva “comprovar” o conteúdo da notícia a ser dada (BULHÕES, 2007).

Por fim, a primeira página do *A Offensiva* era composta por várias notas de cunho nacional e internacional, que, geralmente, eram iniciadas nessa página e concluídas em outras páginas do interior do jornal.



Se, por um lado, podemos estabelecer um padrão para a primeira página do *A Offensiva*, o mesmo não pode ser aplicado às demais páginas que compunham o periódico. No entanto, a presença de determinadas colunas e/ou seções temáticas em páginas específicas permite-nos afirmar que determinada página dava ênfase a um assunto em especial.

Não perdendo de vista tal ponderação, podemos dizer que a segunda página do *A Offensiva* trazia artigos escritos pela própria equipe de redação e direção do jornal, como Salgado e Madeira de Freitas, ou por “autores contribuintes” – que, no geral, eram também integralistas relevantes dentro da hierarquia do movimento – Olbiano de Mello, Ernani Silva Bruno, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Luiz Câmara Cascudo, dentre outros, além de notas não assinadas. Tanto os artigos dessas lideranças como as notas não assinadas versavam sobre assuntos diversos e de cunho nacional e internacional. Além dessas notas, vê-se, na segunda página, a conclusão de muitas notícias que eram iniciadas na capa do periódico.

A terceira página elegia os aspectos políticos e ideológicos internacionais como ênfase. Era nela que a seção “A Semana Internacional” e/ou “Momento Internacional” era veiculada. Esta seção, em especial, é-nos de particular interesse e sobre ela discorreremos com maior profundidade no próximo tópico desta dissertação. Neste ponto, nos limitaremos a dizer que a tônica dessa página estava em apresentar, de um lado, o crescimento e fortalecimento de movimentos de extrema direita, sobretudo os de orientação fascista, e, de outro, a decadência da liberal democracia e o perigo do comunismo, personificado, sobretudo, na figura da URSS.

A quarta página apresentava um conteúdo diversificado, com colunas e seções que apareceram esporadicamente, sendo, por isso, difícil classificá-la. Nela, por vezes se veicularam a “Secção Jurídica”, a “Secção Universitária”, “O Integralismo nas Províncias”, “Proletariado”, “Moda Feminina”, o Curso “História política e social do Brasil”, escrito por Helio Vianna, além de notas variadas, de caráter político ou econômico, doutrinário ou não.

Apesar de ser difícil estabelecer um padrão para a quarta página, podemos notar, pelas colunas ou seções que veiculou, a tentativa de atingir um público diversificado. Por vezes, os universitários; por vezes, as mulheres; por vezes, os operários. Além disso, chamou-nos a atenção a veiculação de um curso, o “História política e social do Brasil”, elaborado pelo Departamento do Distrito Federal, que se estendeu do dia 5 de julho de 1934 a 8 de novembro de 1934. Esse curso, que pode ser visto como uma característica da “fase doutrinária” do *A Offensiva*, fora escrito por Helio Vianna e apresentado em forma seriada, em 15 capítulos e mais conclusão, pelo periódico (SIMÕES, 2009).

A quinta página, por meio da seção “O Integralismo nas Províncias”, tinha como objetivo apresentar o desenvolvimento do integralismo nos mais diversos estados do Brasil. Por vezes, se veicularam, também nessa página, a “Secção Jurídica”, “Secção Universitária”, “Vida Militar” e a “Página Médica”,<sup>52</sup> dentre outras.

Assim como na quarta página, podemos ver que a quinta, apesar de ter como objetivo principal apresentar o desenvolvimento do integralismo nos diversos estados do país, procurava, por vezes, atingir um público específico, como pessoas ligadas à área da saúde e militares.

A sexta e a sétima páginas apresentavam as colunas “Radio”, “Mundo Cinematographico”, “Theatro”, “Musica”, “Sport”/“Notas Esportivas”, “Turf”, “Variedades”, “Elegancia”, “Na Sociedade”, dentre outras. A oitava página, por muitas vezes apresentava a coluna “Proletariado”, mas trazia, também, notas diversas, como, por exemplo, uma cobertura policial.

A partir do n. 53, como outrora exposto, houve uma mudança na direção do *A Offensiva*. Plínio Salgado assumiu o papel de “Orientador” do periódico e deixou a direção da folha a cargo de Madeira de Freitas. Já na edição de estreia de Madeira de Freitas como diretor, o jornal sofreu uma ampliação física e passou a contar com 12 páginas.

De forma geral, a mudança de direção e a ampliação do número de páginas não geraram grandes alterações no conteúdo do periódico. Após o número 53, a coluna “O Integralismo nas Províncias” foi ampliada e passou a ocupar um maior número de páginas (páginas 7, 8 e 9). Outras colunas, como “Na Sociedade”, “Sport”, “Turf”, “Theatro”, “Cinema”, “Secção Jurídica”, dentre outras, foram, por sua vez, remanejadas para esses novos espaços, mas não se fixaram em um local específico, variando de páginas de acordo com cada edição. Ademais, podemos destacar a tentativa de se implantar uma nova coluna, intitulada “O Currupira”, que tinha o caráter de “suplemento infantil”.<sup>53</sup>

Em janeiro de 1936, o *A Offensiva* foi, finalmente, transformado em diário. A utilização do “finalmente” é proposital, tendo-se em vista que foram anunciadas, no periódico, ao menos duas datas para que o *A Offensiva* passasse a circular diariamente ainda no ano de 1935 (primeiramente, em novembro e, posteriormente, em dezembro), o que, de fato, não chegou a acontecer. Na verdade, desde a fundação do *A Offensiva*, podia-se notar a intenção

<sup>52</sup> Ver, como exemplo, Secção Jurídica, *A Offensiva*, ano I, n. 28, p. 5; Secção Universitária, *A Offensiva*, ano I, n. 23, n. 32, p. 5; Vida Militar, *A Offensiva*, ano II, n. 58, n. 61, n. 65, p. 5; Página Médica, *A Offensiva*, ano II, n. 54, n. 55, n. 56, n. 62, p. 5.

<sup>53</sup> Ver, como exemplo, O Currupira, *A Offensiva*, ano II, n. 54, n. 55, n. 56, p. 10.

do Movimento em transformá-lo em um órgão diário.<sup>54</sup> No entanto, apenas em finais de 1935 é que foram sistematizados esforços visando a tal objetivo.

Em novembro de 1935, circulares nas quais as Secretarias Nacionais de Propaganda e de Finanças, incumbidas pelo Chefe Nacional de “estudarem os meios indispensáveis à publicação diária de *A Offensiva*”, afirmaram que, apesar de já terem adquirido oficinas próprias, necessitavam ainda da contribuição dos camisas-verdes para a concretização desse objetivo. Segundo a circular, duas seriam as formas de contribuição dos camisas-verdes: a obtenção de ações da Excelsior SA, a empresa sociedade anônima que iria editar o *A Offensiva*, e a tomada de assinaturas do periódico.<sup>55</sup>

Para a compra de ações, que teriam como fim “capitalizar a empresa”, o valor seria de 200\$000 e, para assinaturas, o valor seria variável de acordo com o período e periodicidade com que os assinantes pretendiam receber o jornal. As assinaturas foram tabeladas em 60\$000 a anual, 35\$000 a semestral; o número avulso do dia seria vendido nas bancas por \$200 e os números atrasados poderiam ser adquiridos por \$400. Para os assinantes que preferissem receber apenas as edições dos domingos, que, segundo o jornal, manteriam “os moldes anteriores do tempo de sua publicação periódica”,<sup>56</sup> o preço das assinaturas foi tabelado em 15\$000 anual e 8\$000 semestral.<sup>57</sup>

Não possuímos meios para saber se o apelo das referidas Secretarias Nacionais foi atendido pelos camisas-verdes, contudo, é fato que o *A Offensiva*, dois meses após a veiculação das circulares, foi transformado em órgão diário.

Também nesse período, a direção e administração do *A Offensiva* ganham estabilidade, com Madeira de Freitas ocupando o cargo de diretor, Ordival Gomes, o de gerente, Victorino de Oliveira, o de secretário e Plínio Salgado, o de “Orientador”. Esses cargos permaneceram ocupados de tal modo até a extinção do jornal, em março de 1938 (SIMÕES, 2009, p. 43).

Assim que foi transformado em diário, o *A Offensiva* sofreu algumas alterações. Dentre as mais significativas, além, é claro, de passar a ter tiragem diária, podemos destacar as alterações em seu tamanho físico. O *A Offensiva* apresentava, de terça a sábado, em grande parte das edições, um total de dez páginas, e, aos domingos, contabilizava oito páginas mais um suplemento, chamado de “2ª Secção” com outras oito, totalizando 16 páginas. Além disso, seu formato foi alterado de pasquim para tabloide (OLIVEIRA, 2009, p. 163).

---

<sup>54</sup> Como podemos perceber por meio da nota “A Sigma Editora...”. *A Offensiva*, ano I, n. 4, p. 7.

<sup>55</sup> *A Offensiva* diária. *A Offensiva*, ano II, n. 81, p. 6.

<sup>56</sup> *A Offensiva* diária. *A Offensiva*, ano II, n. 90, p. 2.

<sup>57</sup> *A Offensiva*, ano II, n. 91, p. 2.

Salgado, quando da transformação do *A Offensiva* em “matutino diário”, declarou que

Depois de mais de dois annos de publicação semanal, durante os quaes penetrou profundamente as massas brasileiras, com uma feição estrictamente doutrinaria, A OFFENSIVA apparece como um diário matutino [...] Evidente que essa circumstancia vae alterar a sua expressão exterior, a sua physionomia. Um semanário é uma coisa completamente diversa de um diário [...] o rythmo de velocidade, e as próprias finalidades de cada qual, dois jornaes differentes, porque são, na realidade, coisas absolutamente diversas. *Desse modo, os que se habituaram a ler A OFFENSIVA até hoje, notarão uma mudança completa. Não terão mais o jornal exclusivamente de doutrina e, de certo modo, fechado no seu mundo, no mundo dos interessados apenas por essa doutrina. Terão um organ de amplitude informativa muito mais vasta, respirando intensamente no meio social brasileiro e reflectindo em suas columnas a trepidação do mundo contemporâneo. Aquelles que se habituaram á rigidez doutrinaria, á precisão absoluta do “controle” que se evidenciava, phrase a phrase, num sentido uniforme, que ia desde o artigo de fundo ás collaborações e destas ao noticiário, notarão agora uma plasticidade maior, não até ao ponto de prejudicar a intransigência de um pensamento, mas até a linha necessária a não isolar o jornal dos factos objectivos da vida do paiz [...] [Diariamente], este jornal será eminentemente informativo e conterá a apreciação dos acontecimentos nacionaes e mundiaes, dando o maximo desenvolvimento a suas secções.*<sup>58</sup> (grifos nossos)

Podemos notar, pelo excerto, a prioridade em se enfatizar o caráter informativo que o *A Offensiva* passaria a ter. Como Salgado mesmo ressaltou, o *A Offensiva* não seria mais um periódico exclusivamente voltado para a doutrinação. O *A Offensiva* passaria a ser, a partir daquele momento, um jornal informativo, que objetivava atingir também as pessoas “não fechadas no mundo integralista”, ou seja, os não militantes. Essa “plasticidade maior”, contudo, não se daria até o ponto de descaracterizar a doutrina do Movimento, mas até o necessário “a não isolar o jornal dos factos objectivos do paiz”. Ademais, nessa nova fase, como enfatizado por Salgado, o *A Offensiva*, por circular diariamente, seria um jornal informativo que traria notícias nacionais e mundiais, “dando o máximo desenvolvimento a suas secções”.

Essa ênfase em mostrar que o *A Offensiva* passaria a dar uma ampla cobertura ao noticiário internacional pode ser notada, novamente, em outro artigo de Salgado, na edição de 17 de maio de 1936. Por conta do segundo aniversário do periódico, o Chefe Nacional explicou o porquê de o *A Offensiva* ter sido, durante muito tempo, um jornal exclusivamente doutrinário, que veiculava apenas “o noticiário referente ao desenvolvimento do Integralismo”. Para ele, a circulação semanal explicaria tal fato, pois “não podíamos dar serviço telegraphico, com tantos dias de interrupção”.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> *A Offensiva* diária. *A Offensiva*, ano II, n. 90, p. 2.

<sup>59</sup> Dois Aniversários. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 2.

Como anunciado por Salgado, verificamos que o *A Offensiva* diário possuía caráter mais informativo, mas não ao ponto, é claro, de seu caráter doutrinário desaparecer. O caráter informativo – e a ênfase na divulgação desse novo caráter, como notamos nos artigos de Salgado – é perfeitamente compreensível se levarmos em consideração as pretensões e o momento pelo qual a AIB estava passando.

A essa época, a AIB já era oficialmente um partido político que concorreria às eleições, e o *A Offensiva* foi utilizado visando-se fins eleitorais. Dessa forma, o periódico, ao adotar um caráter mais informativo, abrindo-se e saindo “do seu mundo”, como Salgado mesmo ressaltou, tencionou atingir um público novo, as pessoas alheias ao integralismo, atraindo-as e transformando-as em potenciais eleitores do partido integralista.

Não é mera coincidência o fato de o periódico, também nesse período, ter passado a dedicar várias páginas à propaganda eleitoral. Segundo Simões, o início da publicação, no *A Offensiva*, de uma “Secção Eleitoral” é, nesse sentido, mais um indício (SIMÕES, 2009, p. 44). De acordo com a autora, a referida seção tinha como objetivo “divulgar semanalmente as leis, regulamentos e jurisprudência eleitoral para servir ao público que tem necessidade de conhecer, pelo menos de modo geral, essas normas orientadoras da actividade eleitoral”.<sup>60</sup>

Além da “Secção Eleitoral”, podemos destacar, no que se refere à utilização do *A Offensiva* como a que visava a fins eleitorais, a intensa campanha em prol da alfabetização. As páginas do *A Offensiva* foram, de fato, amplamente utilizadas para a divulgação da necessidade de se aprender a ler e a escrever para que se pudesse votar.<sup>61</sup> Como apontado por Chauí (1978, p. 102-103), “preparando-se para a campanha eleitoral contra a ANL, o interesse [da AIB] pelas escolas primárias aumentou, bem como os cursos de alfabetização de adultos: ao lado da benemerência cívica, tratava-se de produzir alfabetizados, isto é, eleitores”.

Na verdade, o *A Offensiva* dera início à campanha eleitoral, ainda que timidamente, já em 1935. Contudo, foi no ano de 1937, quando seções e artigos sobre o assunto estamparam com frequência as páginas do jornal, que ela se intensificou (SIMÕES, 2009, p. 45). Nesse mesmo ano, após um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido como o candidato da AIB para disputar a presidência da República.<sup>62</sup>

<sup>60</sup> *A Offensiva* (apud SIMÕES, 2009, p. 44).

<sup>61</sup> Em suas páginas, podemos ver não apenas o crescente número da fundação de escolas integralistas, mas, também, várias advertências que chamavam a atenção para a necessidade de as “Senhoras” ensinarem “as vossas domesticas a ler e escrever”; de os “Fazendeiros, commerciantes e industriaes [...] concorrerem para que todos os que trabalham sob sua direcção aprendam a ler e escrever”; e de que os “brasileiros” contribuíssem “para a alphabetização dos seus empregados”. Ver, como exemplo, *A Offensiva*, ano IV, n. 576, p. 2; *A Offensiva*, ano IV, n. 584, p. 2; *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 575, p. 2.

<sup>62</sup> Segundo Simões, o Chefe Nacional “explorou o espaço do jornal para conquistar adeptos a sua causa” (SIMÕES, 2009, p. 45).

As esperadas eleições, contudo, por conta da consumação do golpe do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, não chegaram a acontecer. Ademais, em dezembro do mesmo ano, a AIB, assim como os demais partidos políticos existentes, foi posta na ilegalidade, por meio do Decreto-Lei n. 37. O decreto, contudo, permitiu que os partidos políticos continuassem a existir como “sociedade civil”, com fins culturais, beneficentes ou desportivos, “desde que não façam com a mesma denominação com que se registraram como partidos políticos” (CAVALARI, 1999, p. 19).

Adaptando-se à nova situação, a AIB organizou-se, novamente, como uma sociedade civil, a Associação Brasileira de Cultura (ABC), que se assemelhava muito à Sociedade de Estudos Políticos (SEP), organização que precedeu à formação da AIB. A presidência da ABC coube a Plínio Salgado e os demais cargos foram ocupados por elementos da cúpula integralista. De acordo com Cavalari (1999, p. 19), “a estrutura e a direção da nova associação permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma velada, sua campanha doutrinária”.

O golpe estadonovista teve grande impacto nas páginas do *A Offensiva*. Para se adaptar às novas exigências e agir na legalidade, o *A Offensiva* teve de abandonar a campanha eleitoral que vinha praticando, extinguir um grande número de seções e adaptar tantas outras. De acordo com Simões (2009, p. 48-49), até mesmo o conteúdo doutrinário foi atingido pelas resoluções, sofrendo reduções e tornando-se deveras implícito.

O *A Offensiva*, por fim, tem a edição n. 748 como seu número derradeiro. No dia 19 de março de 1938, data de seu último número, a folha não fez menção alguma sobre a possibilidade de ter sua circulação interrompida.

#### 1.2.1 O noticiário internacional do *A Offensiva*: transformações, composição e fontes utilizadas para compor o noticiário internacional do periódico

Como anteriormente visto, o ciclo de vida do *A Offensiva* foi marcado por algumas transformações. Dentre estas, uma das mais significativas foi, certamente, o caráter informativo que o periódico assumiu após ter sido transformado em um órgão diário, em janeiro de 1936. Com a transformação do *A Offensiva* em uma folha de caráter informativo, o periódico passou a dar ampla cobertura ao contexto internacional. Isso não quer dizer, contudo, que o noticiário internacional fora ignorado pela folha em seus anos iniciais.

Indubitavelmente, o noticiário internacional passou a ter maior destaque no *A Offensiva* quando o periódico passou a ter tiragem diária, em janeiro de 1936. Todavia, já nos anos de 1934 e 1935, podemos notar a presença do noticiário internacional, mesmo que de forma mais discreta, se comparado com o período posterior, entre janeiro de 1936 e março de 1938.

No período em que a folha circulou semanalmente, grande parte das notícias relacionadas ao contexto internacional eram escritas pela própria equipe de redação e direção do jornal, como Plínio Salgado e Madeira de Freitas, ou por “autores contribuintes”, como Gustavo Barroso, Luiz da Câmara Cascudo, Custódio de Viveiros, Miguel Reale e outros.

Os textos que versavam sobre os assuntos internacionais eram veiculados, sobretudo, na terceira página de cada edição, local onde se editava, também, a coluna “A Semana Internacional”. Apesar de aparecer com mais destaque nessa coluna e, conseqüentemente, nessa página, os assuntos internacionais também eram recorrentes na segunda página - página na qual os articulistas, por escreverem sobre aspectos variados, acabavam, por vezes, abordando o panorama internacional - e na última página de cada edição.

Nesse período, ou seja, entre 1934 e 1935, o noticiário visava apresentar ao leitor um panorama bastante geral da situação internacional. As exceções ficavam por conta das matérias que versavam sobre o surgimento ou desenvolvimento de movimentos de caráter fascista existentes nos mais diferentes países. Nesse período, não era incomum que os leitores do periódico encontrassem artigos que tencionavam demonstrar não só a existência, mas também o surgimento e o desenvolvimento de vários movimentos de caráter fascista pelo mundo, numa possível tentativa de transmitir a impressão de que a ideologia fascista se encontraria numa fase de franca expansão.

De forma geral, tais artigos buscavam transmitir a ideia de que esses movimentos fascistas teriam surgido como uma reação das forças “nacionalistas” e “sadias”, presentes no bojo dos mais diferentes países, ante o perigo do comunismo e à ineficácia dos regimes liberais. Os diversos movimentos de caráter fascista eram apresentados como “congêneres” ao integralismo, e todos, apesar de algumas particularidades e especificidades, partilhariam de muitos pontos em comum, como, por exemplo, o anticomunismo, antiliberalismo e luta pela salvação da “civilização cristã”. Essa questão será retomada e discutida mais detalhadamente no próximo capítulo desta dissertação, no qual procuramos levantar indícios de como o *A Offensiva* apresentava, em seu noticiário internacional, os “aliados” e os “inimigos” da doutrina integralista.

A partir de janeiro de 1936, o noticiário internacional do *A Offensiva* passou a ter mais destaque e a ocupar maior espaço nas páginas do mais importante diário integralista. Apesar de encontrarmos maior incidência de notícias de cunho internacional na segunda, última e, sobretudo, na primeira e quinta páginas de cada edição, é facilmente verificável que pequenas notas sobre o contexto internacional estavam espalhadas ao longo de todo o jornal, o que nos dá indícios de como os responsáveis pelo periódico se preocuparam, a partir desse momento, em manter os leitores informados sobre o que se passava fora do Brasil.

A edição diária do *A Offensiva* significou a abertura de novos espaços para que assuntos diversos, além da doutrina integralista, fossem abordados. Assim, é claro que o *A Offensiva* em tiragem diária possibilitou, como apontado por Salgado, que notícias telegráficas pudessem ser transmitidas diariamente e sem defasagem de tempo; mas não apenas isso.

Nesse período, é manifesto que o interesse dos dirigentes do periódico, pelo noticiário internacional, foi intensificado, tanto o é que essa parte do noticiário passou a ocupar grande parte desses novos espaços criados pela tiragem diária do jornal. O recrudescimento desse interesse também pode ser verificado não apenas por meio da presença maciça de notas de cunho internacional ao longo de todo periódico, mas também por intermédio da diversidade das fontes que começaram a ser utilizadas (agências telegráficas, enviados e correspondentes especiais e correspondências recebidas por via aérea dos mais diferentes países) para a composição do noticiário internacional do então mais importante diário integralista.

Ou seja, se, por um lado, como ressaltara Salgado, a tiragem diária do periódico criou novos espaços para que outros assuntos, que não a doutrina integralista, pudessem ser abordados, por outro, esses novos espaços, que poderiam ser ocupados por qualquer tipo de notícia, passaram a ser ocupados, em grande parte, por notícias de cunho internacional. Tal fato pode ser um indício de que os dirigentes do periódico julgaram ser necessário, por motivos que, adiante, poderemos compreender, que os leitores do *A Offensiva* entrassem em contato com notícias dessa natureza.

No *A Offensiva* diário, autores integralistas continuaram a escrever sobre o panorama internacional. Contudo, nesse período, eram as notas de agências de notícias, recebidas por via telegráfica, que constituíam a maior parte do noticiário internacional do periódico.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> As agências de notícias das quais o *A Offensiva* se servia eram as mesmas dos outros grandes jornais da época, ou seja, a *Reuters* (Reino Unido), a *Havas* (França) e, ainda que modestamente, a *Stefani* (Itália), a *Transocean* (Alemanha), a *United Press* (EUA), a *Associated Press* (EUA) e a *Agência Nacional* (Brasil).



Na formulação de seu noticiário internacional, o *A Offensiva* utilizava, além dos serviços das agências de notícias, matérias e correspondências recebidas por via aérea de alguns países como Itália, Alemanha e, após a eclosão da Guerra Civil, da Espanha. As correspondências veiculadas foram, numericamente, bastante inferiores às notas telegráficas, no entanto, constituíram-se em importante fonte para composição do noticiário internacional do *A Offensiva*.

Algumas das correspondências oriundas da Itália não vinham, pelo que sugere a documentação, traduzidas para o português. Como apontado por Bertonha (2000), a estrutura de propaganda italiana no Brasil apresentou vários defeitos, e o envio de alguns artigos não traduzidos para o português pode ter sido apenas mais um desses.

O interessante, contudo, é que “defeitos” dessa natureza não impediram que o *A Offensiva* publicasse tais materiais. Pelo que nos sugere a documentação, o periódico, procurando superar o referido “defeito” da estrutura de propaganda italiana, publicou, por diversas vezes, matérias que, por estarem em italiano, foram, antes de serem veiculadas, traduzidas para o português por José Miccolis.

As correspondências recebidas não eram compostas apenas por textos, mas também por fotografias. Com um olhar mais atento, notamos que grande parte das fotografias de Hitler, de Mussolini e de outros líderes de movimentos/partidos de caráter fascista ou de extrema-direita foram recebidas por via aérea, por meio da empresa alemã Condor-Lufthansa.

Ainda que utilizadas pelo periódico, em momento algum o *A Offensiva* explicitou de que forma tais correspondências, fossem artigos ou fotografias, foram recebidas/adquiridas. Nas diversas notas formuladas com base nesse tipo de fonte, o periódico, apesar de mencionar que as matérias eram oriundas de correspondências aéreas, se detinha em citar o país de que estas eram originárias, não dando maiores detalhes de quem as fornecia e nem de que forma as recebia.

Em estudo, Bertonha evidenciou a forma com que a máquina de propaganda italiana trabalhou no Brasil. Segundo o autor, a máquina de propaganda italiana utilizou-se de diversos meios, tais como imprensa, rádio, cinema e convenções, para garantir uma posição pró-italiana do governo e da opinião pública brasileira. Um dos meios priorizados para a propaganda direta foi a imprensa, e o governo italiano, por intermédio de seus consulados no Brasil, procurou, por meio de distintas formas, cooptar diversos jornais brasileiros (BERTONHA, 2000, p. 89-90).

Apesar de, como apontado por Bertonha, normalmente a obtenção do apoio da classe jornalística passar por um lento trabalho de conquista e de que “a técnica mais utilizada para

fazer os jornais brasileiros difundirem notícias favoráveis à Itália e ao fascismo era a distribuição maciça de artigos e fotografias para eles”, existiam alguns jornalistas brasileiros que “certamente eram simpáticos à Itália fascista e forneciam gratuitamente o seu trabalho e o seu espaço jornalístico para a divulgação de notícias positivas sobre o fascismo” (BERTONHA, 2000, p. 89-90).

Particularmente, cremos que, por afinidades ideológicas, o *A Offensiva*, assim como outros periódicos integralistas, eram componentes desse grupo simpático à Itália fascista<sup>64</sup> e que forneciam espaços jornalísticos para a divulgação de notícias positivas em relação ao fascismo. Ou seja, apesar de o *A Offensiva* não ter dado maiores detalhes sobre a forma que tais materiais foram adquiridos, sabemos que era uma prática bastante comum, naquele período, os jornais veicularem textos que eram frutos do material de propaganda enviados ao Brasil pelos mais diferentes países, e o *A Offensiva*, que na visão do próprio governo italiano seria um periódico “filofascista”, não deve ter escapado à regra.

Tão importante quanto sabermos a forma que tais correspondências foram recebidas/adquiridas, é destacarmos de quais países eram originárias: elas o eram, na esmagadora maioria, da Itália, da Alemanha e da Espanha, logo Franco ter dado início à conformação de seu governo.

A origem das correspondências permite-nos inferir o conteúdo do material que o *A Offensiva* viria a veicular: seriam matérias simpáticas a Mussolini e ao fascismo, a Hitler e ao nazismo, a Franco e à falange espanhola, e a outros movimentos/partidos de caráter fascista existentes nos mais variados países. Ou seja, seriam matérias que procuravam garantir uma posição pró-fascismo. Não é aqui, certamente, o local para discorrermos em detalhes sobre o conteúdo dessas matérias, tendo em vista que, para essa discussão, reservamos o próximo tópico da nossa dissertação. Contudo, podemos adiantar que as inferências citadas foram corroboradas após a análise documental.

Por fim, o *A Offensiva* utilizava, para a formulação de seu noticiário internacional, matérias de “correspondentes especiais”. De acordo com o periódico, a contratação de enviados especiais viria a complementar os serviços telegráficos das agências de notícias, no intuito de manter seu público leitor “a par de tudo quanto se passa no globo”. Tais correspondentes<sup>65</sup> seriam, segundo a folha, jornalistas de renome que, uma vez contratados,

---

<sup>64</sup> Na verdade, na avaliação do próprio governo italiano, o jornal integralista *A Offensiva* era um periódico “filofascista”, ou seja, pró-fascismo. Ver “Ilustração 17” (BERTONHA, 2001, p. 350).

<sup>65</sup> Na verdade, à exceção do caso de Ricci, as matérias atribuídas a determinados correspondentes especiais não traziam indícios e nem maiores detalhes sobre quem eram esses correspondentes, o que torna bastante obscuros os laços de ligação entre estes e o periódico.

estavam incumbidos de relatar, “seja por telegramma, seja por aereo ou seja por qualquer outro meio”, os acontecimentos que “desenrolam sob sua vista”.<sup>66</sup>

Luigi Ricci, por exemplo, foi o correspondente especial do *A Offensiva* na Guerra da Abissínia. Segundo a folha, a contratação de Ricci seria justificada pelo fato de o conflito ítalo-etíope ser, à época, um dos assuntos de maior relevância e de maior preocupação da opinião pública internacional. Assim, Ricci, que, segundo o *A Offensiva*, era jornalista e um dos “azes do periodismo mundial”, foi contratado e, duas vezes por semana, enviaria, por avião, correspondências sobre os movimentos bélicos no *front* comandado pelo general italiano Rodolfo Graziani. Além disso, a folha ressaltou que dispunha da exclusividade dos serviços de Ricci no Brasil.<sup>67</sup>

Sobre os enviados e/ou correspondentes do *A Offensiva*, é pertinente comentarmos, também, que, nas poucas vezes em que apareceram, eles eram correspondentes ou enviados junto a tropas de exércitos e/ou movimentos fascistas ou de extrema direita, como no caso de Ricci, que fez, junto ao exército italiano, a cobertura da Guerra da Abissínia, e o de um enviado especial a Santander, na Espanha, que acompanhava as tropas dos “nacionalistas hespanhóes”.<sup>68</sup>

Pelo exposto até o momento, podemos ver que o noticiário internacional do *A Offensiva* pode ser dividido em duas fases. A **primeira** (que se estende da edição n. 1 até o número 89) compreende o período em que o *A Offensiva* circulou semanalmente e dificilmente trazia serviços telegráficos em suas páginas, detendo-se, no que se refere ao noticiário internacional, apenas a textos escritos pela própria redação do jornal. E a **segunda** (que se estende da edição 90 até o número 748), período em que circulou diariamente e passou a dar uma ênfase maior ao noticiário internacional, veiculando, além de matérias escritas pela redação do jornal, notícias telegráficas, matérias de enviados e correspondentes especiais e correspondências recebidas por via aérea de determinados países.

\*\*\*

Como outrora discutido, pelos estatutos da Secretaria Nacional responsável pela imprensa integralista, as notícias, antes de serem veiculadas, deveriam passar pelo crivo bastante rígido da estrutura de censura do Movimento. O objetivo dos órgãos de censura, que

<sup>66</sup> No “Front” sómalo, entre “askaris” e “dubats”. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 1.

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> A fome na Hespanha vermelha. *A Offensiva*, ano IV, n. 595, p. 1 e 3.

estavam presentes em quase todos os departamentos da SNI,<sup>69</sup> era “garantir que o jornal publicasse apenas o que fosse favorável à AIB ou o que estivesse de acordo com seus ideários” (SIMÕES, 2009, p. 32). Dessa forma, entendemos que, “selecionadas, recortadas, permitidas, censuradas, as notícias veiculadas nos impressos integralistas estavam a léguas da imparcialidade descomprometida” (SIMÕES, 2009, p. 32) e transmitiam apenas o que estivesse de acordo com os ideários do Movimento.

Até o momento, nos preocupamos em evidenciar a forma com que o noticiário internacional do *A Offensiva* foi formulado, as fontes utilizadas e as transformações que essa parte do noticiário passou ao longo dos quase quatro anos de existência do periódico. Essa discussão é de suma importância para o capítulo subsequente, no qual procuramos evidenciar os principais pontos do conteúdo do noticiário internacional do periódico. Assim, veremos que a forma com que o noticiário internacional foi organizado e as fontes utilizadas para sua composição não foram aleatórias. Foram, possivelmente, escolhas conscientes e de fundamental importância para que o *A Offensiva* possuísse fontes que lhe fornecessem o embasamento necessário para sustentar o seu discurso e para que pudesse transmitir as mensagens como e da forma com que os dirigentes do movimento desejavam.

---

<sup>69</sup> Que, como apontado por Bulhões, por estarem presentes em quase todos os departamentos que compunham a SNI, nos indica “a presença do controle da produção e distribuição não só no nível macro, feito pelo chefe da secretaria, mas também no nível micro, dentro de cada um dos departamentos” (BULHÕES, 2007, p. 33).

## 2 AS PERCEPÇÕES INTERNACIONAIS INTEGRALISTAS A PARTIR DO JORNAL *A OFFENSIVA*: OS “INIMIGOS” E OS “ALIADOS” DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Se, hoje, por um lado, temos um número relativamente grande de estudos sobre a imprensa integralista e, dentre esses, alguns sobre o *A Offensiva*, o principal jornal do Movimento, por outro verificamos a inexistência de trabalhos que tenham elegido o noticiário internacional do maior diário integralista como tema principal de suas análises.

É bem verdade que Oliveira (2009), em sua tese de doutoramento, ao analisar o *A Offensiva* e detalhar como, entre os anos de 1934 e 1935, a folha apresentou o comunismo, o fascismo e o liberalismo, acabou por comentar o noticiário internacional do periódico. Apesar de essa questão não ter sido o cerne do trabalho do autor, sua análise se revelou bastante frutífera e, certamente, ajudou-nos a elucidar alguns pontos de nossa pesquisa.<sup>70</sup>

De forma geral, grande parte das matérias que compunham o noticiário internacional do periódico era elaborada com base num *background* de crises e polaridades doutrinárias, o qual deve ser compreendido antes que prossigamos.

Basta folhear as páginas do *A Offensiva* para constatar que o discurso do periódico foi influenciado pelo contexto de crises (política, econômica e social) e polaridades ideológicas do conturbado período entre guerras. Nesse sentido, por meio de muitos artigos, o *A Offensiva* tencionava demonstrar a seus leitores que a humanidade estaria imersa num clima de “profunda inquietação”, para usar os termos de Plínio Salgado.

Jeovah Motta, por exemplo, declarou que não seria preciso “sensibilidade muito aguda” para apreender, “nas dobras dos factos”, o clima de instabilidade e inquietação reinante no mundo.<sup>71</sup> O autor, nesse artigo, sugere-nos que o mundo estaria assistindo à montagem de um palco de um cenário angustiante:

[...] O phantasma da guerra ronda e pesa sobre a Europa e leva o pânico a todos os espíritos. A angústia anda no ar. A confiança deixou o coração dos homens. Há luctas de ideologias, luctas de raças, luctas de nações, luctas de classes, luctas de capitaes. Há impérios se debruçando num accaso merencoreo, e impérios que nascem alçando o dorso varonil e orgulhoso. A diplomacia abandonou as salas da Liga das Nações [...] Os canhões se alinham no pateo das fábricas e os aviões enegrecem os céos [...] Nos laboratórios os sábios accumulam febricitantemente os gazes que cahirão sobre as cidades e abaterão as multidões. Os parlamentos votam créditos gigantescos para que venham novos aviões, novas metralhadoras, novos submarinos [...].<sup>72</sup>

<sup>70</sup> O autor nos chama a atenção para o fato de o discurso integralista ser construído com base na antítese “bem” vs “mal”, “espiritualismo” vs “materialismo” e pelo embate entre essas duas categorias. Esse discurso, segundo Oliveira, estava presente tanto na abordagem que os integralistas faziam do contexto nacional quanto na abordagem que faziam do contexto internacional (OLIVEIRA, 2009).

<sup>71</sup> Inquietações. *A Offensiva*, ano III, n. 301, p. 3.

<sup>72</sup> Ibid.

A mesma instabilidade foi apercebida por Plínio Salgado. Segundo o chefe nacional integralista, bastaria abrir os jornais e “correr os olhos” pelos telegramas das agências de notícias para verificar a inquietação que “abala os nervos da humanidade”,<sup>73</sup>

[...] uma inquietação profunda abala os nervos da humanidade. Há algum mal-estar generalizado. Tem-se a nítida impressão de que alguma coisa está mudando. Alguma coisa está, também, morrendo. E outra, nasce, numa grande alegria radiosa, sobre os escombros de um Passado, sobre a agonia dolorosa de um presente confuso, crepuscular [...].<sup>74</sup>

O artigo de Salgado é exemplar, pois sugere aos leitores do periódico que, em meio à “inquietação profunda” que estaria abalando os nervos da humanidade, “alguma coisa está mudando”, alguma, “morrendo” e, outra, “nascendo sobre os escombros de um passado”. Nessa passagem, Salgado provavelmente se remete ao advento e expansão do fascismo, o qual o *A Offensiva* apresentava, aos seus leitores, como a ideia e a doutrina capaz de “remediar” os males que estariam acometendo o presente e o futuro da humanidade.

Posição semelhante é partilhada por Edmundo Amaral, que via, no fascismo, “o sentido do século”.<sup>75</sup> Amaral, em artigo homônimo, parte da lógica de que o mundo estaria “doente”. No entanto, para essa doença, existiria um remédio: “seria na victoria da reacção das forças unitárias, que está o restabelecimento de [sua] harmonia”. Assim, segundo o autor, apesar de doente, “o mundo reage”. Amaral foi mais longe, afirmando que

[...] O Fascismo no seu dynamismo creador organizou a conquista de um futuro, em lugar de ser uma reacção do passado. Etapa brilhante na qual a Europa precisa passar para um plano superior, é **o Fascismo uma Idea constructiva [...] com ele nasce um novo mundo**, visto através das realidades sociaes limpas da nevoa utópica das extremas esquerdas. [...] como raios de um facho lumminoso, as idéas fascistas invadiram illuminando o mundo [...] **Essa mocidade** [os fascistas dos mais diferentes países] que interpreta o mundo dentro do espírito synthetico do seculo XX, **arremette violentamente contra as utopias do socialismo; contra o liberalismo anarchico e contra o marxismo dissolvente**, reagindo contra a mentalidade simplista das intelligencias primarias. **É uma mocidade em luta**, na expressão de Jacques Maritan [...] é a **mocidade fascista da nova Italia, é a mocidade nazista da Allemanha** actual, são as Camisas Azues de Rollão Preto em **Potugal**, são as 400.000 Camisas Pretas de Sir Oswald Mosly (sic) na **Inglaterra**, são as White Shirts, as Silver Shirts nos **Estado Unidos**. Os Francistas, A Solidariedade, a Frente Nacional Operaria e Camponesa na **França**, na **Hespanha**, na **Hollanda**, no **Mexico**, na **Suissa**, na **Argentina**. No **Chile** e finalmente o **Integralismo** entre nós.<sup>76</sup> (grifos nossos)

<sup>73</sup> SALGADO, P. Agitação. *A Offensiva*, ano II, n. 110, p. 2.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> AMARAL, E. O Sentido do Seculo. *A Offensiva*, 23 ago. 1934, p. 8.

<sup>76</sup> Ibid.

Pelo excerto, notamos que o *A Offensiva* apregoava que nas ideias fascistas se residiria a salvação da humanidade e que, se, por um lado, o contexto de crises no qual a humanidade estaria imersa se dava num âmbito global, por outro, não menos o seria a reação da “mocidade” (vista, por Amaral, por todos aqueles que seguiam e partilhavam dos ideais fascistas), que estaria se levantando, nas mais variadas nações, como reação aos flagelos do comunismo e liberalismo. O Brasil não estaria alheio a tal reação, pois, aqui, a reação seria levada a cabo pelos integralistas.

Assim como Salgado, Motta e tantos outros autores integralistas, o mundo, também na visão de Gustavo Barroso, estaria imerso numa “desordem”. Para Barroso, assim como para Amaral, a “mocidade fascista” estaria, contudo, levantando-se, nas mais diferentes regiões do mundo, para combater “o individualismo, o comunismo, o ateísmo, o judaísmo”, agentes geradores de tal desordem. Em suas palavras, “a universalidade da doutrina fascista é, hoje, fato indiscutível. Por toda parte se levanta a mocidade em reacção ao ateísmo, ao individualismo, ao judaísmo, ao comunismo e à desordem”.<sup>77</sup>

Vemos, assim, que, nesse clima de instabilidade e de “mal-estar generalizado”, preconizado pelo *A Offensiva*, o mundo encontrar-se-ia, segundo o periódico, polarizado em dois grandes blocos, o “materialista” e o “espiritualista”, para utilizarmos os termos de Oliveira (2009). Como a documentação nos sugere, *A Offensiva* apontava como “materialistas”, inimigos, o comunismo, o liberalismo e, como veremos, de acordo com alguns autores, também o judaísmo. Já o bloco “espiritualista”, aliados, seria integrado pelos diversos movimentos e regimes de extrema-direita, sobretudo os de caráter fascista.

Esses dois polos seriam a antítese um do outro: enquanto o primeiro, “materialista”, seria, segundo o *A Offensiva*, o grande responsável pela “profunda inquietação” pela qual a humanidade estaria passando,<sup>78</sup> o segundo, “espiritualista”, teria surgido não como uma simples forma de reação ao “inimigo materialista”,<sup>79</sup> mas como uma forma de restabelecer a ordem e como o prenúncio de um novo mundo,<sup>80</sup> o mundo “visto através das realidades sociais limpas da nevoa utópica das extremas esquerdas”,<sup>81</sup> o mundo governado por uma

---

<sup>77</sup> BARROSO, G. O Fascismo no Canadá. *A Offensiva*, ano I, n. 19, p. 2.

<sup>78</sup> Ver, como exemplo, BARROSO, op. cit, p. 2 e AMARAL, E. O Sentido do Seculo. *A Offensiva*, ano I, n. 15, p. 8.

<sup>79</sup> AMARAL, op. cit., p. 8.

<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> Ibid.

“Idea Nova”, o fascismo e por uma nova forma organização de Estado, o Estado Corporativo.<sup>82</sup>

Sucintamente, era esse *background* de crises e polaridades que servia como fio condutor do conteúdo de todo o noticiário internacional do *A Offensiva*. Apesar de ter sido uma exposição bastante simplificada, acreditamos que tenha sido clara e objetiva o suficiente para que o leitor compreenda a dinâmica do noticiário internacional e a forma com que o principal periódico integralista apresentava aos seus leitores o contexto internacional da época.

Cabe-nos, agora, evidenciar como o *A Offensiva*, nesse “clima de instabilidade”, apresentou à opinião pública brasileira ambos os lados, que, além de serem a antítese um do outro, se encontrariam em constante contenda. Compreender os inimigos e os aliados do integralismo nessa grande batalha é de fundamental importância para entendermos a dinâmica do próprio noticiário internacional do periódico.

## 2.1 Os “inimigos” do Sigma: o comunismo, a liberal-democracia e o judaísmo<sup>83</sup>

Vimos que grande parte das matérias que versava sobre o contexto internacional era elaborada com base num *background* de crises e polaridades políticas e doutrinárias. Nesse contexto de crises, encontrar-se-iam, de um lado, as forças “materialistas”, os grandes responsáveis pelo “clima de inquietação” no qual a humanidade estaria imersa. De outro, as forças “espiritualistas”, que, segundo o *A Offensiva*, surgiram não como uma simples forma de reação às forças “materialistas”, mas com o objetivo de restabelecer a ordem e como o prenúncio de um novo mundo.

Os inimigos materialistas seriam, segundo o *A Offensiva*, o comunismo, a liberal-democracia e, segundo alguns autores integralistas, o judaísmo. Tanto o comunismo, como a liberal-democracia e o judaísmo, eram, cada qual à sua maneira, responsabilizados, pelo periódico, pelo clima de instabilidade política, econômica, social e cultural existente na época.

<sup>82</sup> Ver, como exemplo, FREITAS, M. O Crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2, FREITAS, M. A Força de um Regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2; BARROSO, G. O Fascismo no Canadá. *A Offensiva*, ano I, n. 19, p. 2 e AMARAL, E. O Sentido do Seculo. *A Offensiva*, ano I, n. 15, p. 8.

<sup>83</sup> Apesar de buscarmos o comunismo, liberal-democracia e judaísmo “internacional”, o leitor notará que muitas vezes nos remeteremos ao comunismo, liberal-democracia e judaísmo no Brasil. Isso se dá pelo fato de que o *A Offensiva* apresentava o comunismo e judaísmo como agentes de âmbito mundial e, nessa perspectiva, o Brasil seria apenas mais um dos países em que estes agiriam.



Apesar de todos eles serem responsabilizados pelo clima de “inquietação” imperante, o *A Offensiva*, na maior parte das vezes, realizou uma distinção entre seus inimigos, apresentando as especificidades de cada um. Isso, contudo, não foi empecilho para que, por vezes, o *A Offensiva* acusasse seus inimigos de agirem de forma coadunada. Assim, não foi incomum a veiculação de artigos por meio dos quais o periódico procurou denunciar os conchavos realizados entre as “forças materialistas” para se sustentarem no poder e manterem o controle do mundo, como veremos adiante.

De forma geral, o comunismo era apresentado como uma doutrina maléfica, destruidora, exatamente o oposto do integralismo. Apesar de ser apresentado como o pior dos inimigos e como o maior inimigo dos movimentos “nacionalistas”, o comunismo e o regime comunista soviético foram, por diversas vezes, alvos não apenas de depreciação, mas de ridicularização. Como veremos adiante, por intermédio de alguns artigos, o periódico tencionou depreciar e ridicularizar o sistema político comunista, bem como sua eficiência política, econômica e militar, apresentando-o como um sistema de governo “fraco”, ineficaz, burocratizado em demasia e truculento.

O liberalismo era apresentado como uma doutrina decadente, e a liberal-democracia, como um sistema de governo falho e sem força, que estaria passando por um processo de franca decomposição. Os governos liberais-democratas eram, corriqueiramente, retratados como “inertes” - e, por serem inertes, teriam permitido, segundo o periódico, o alastramento do comunismo. Assim, a liberal-democracia, por ter “assistido”, imóvel, à propagação do comunismo, era uma das maiores culpadas, segundo o *A Offensiva*, pelo clima de instabilidade imperante à época.

Os judeus, por sua vez, eram apresentados como manipuladores e ladrões. Estariam, segundo alguns dos autores que adotaram uma postura antissemita, por trás de grande parte dos acontecimentos ruinosos, sendo, assim, junto com o comunismo e com o liberalismo, um dos grandes responsáveis pelo clima de instabilidade existente no mundo. Quanto a este último “inimigo”, temos que ter um pouco mais de cautela. O antissemitismo não era uma posição defendida por todos os integralistas e apenas alguns autores, efetivamente, escreviam textos antissemitas no periódico. No entanto, se, por um lado, o antissemitismo não foi uma posição defendida pela maioria dos integralistas e se a quantidade de textos antissemitas não foi tão elevada, se comparado com a quantidade de textos anticomunistas e antiliberais, por outro, esses textos antissemitas não podem, levando-se em consideração o número e a constância com que apareceram, ser vistos como uma mera “exceção”.

### 2.1.1 O comunismo

Pelo que nos indica a documentação, o comunismo, além de ser apontado, pelo *A Offensiva*, como o principal responsabilizado pela efervescência política e social e pela profunda inquietação na qual a sociedade estaria imersa à época, seria, também, o principal inimigo dos “movimentos de reação”, incluindo o integralismo, como podemos aperceber por meio da declaração de Gustavo Barroso: “o comunismo é, em verdade, o mais sério adversário do Integralismo, por ser a negação de tudo quanto este afirma, negação de Deus, negação da Pátria, negação da Família”.<sup>84</sup>

De forma geral, o comunismo era apresentado, pelo *A Offensiva*, sob duas vertentes, uma nacional e uma internacional. Todavia, como oportunamente ressaltado por Oliveira (2009, p. 315), apesar da referida distinção, ambas as esferas eram, muitas vezes, inseparáveis. Inseparáveis, pois, segundo a ideia por vezes transmitida pelo jornal integralista, a obra comunista no Brasil estaria sendo fomentada pela URSS, que, tendo Moscou como seu Quartel General, estaria orquestrando atividades subversivas em todo o mundo:

[...] O comunismo no Brasil é obra de estrangeiros, alguns delles subsidiados pelo governo russo para fazerem propaganda de seu credo, do mesmo modo que envenenam a atmosfera dos países que não sabem resistir á invasão indesejável.<sup>85</sup>

[...] A URSS é simplesmente o Estado do partido comunista. Os dirigentes de Moscou consideram o país e toda a sua população como simples base para a expansão do comunismo para a revolução mundial.<sup>86</sup>

As tentativas do *A Offensiva* em demonstrar que, de Moscou, o comunismo internacional estaria orquestrando a subversão em todo o mundo não foram, de fato, poucas. Nesse sentido, segundo o *A Offensiva*, seria sob a ordem dos dirigentes comunistas russos que o comunismo internacional estaria se organizando, nos mais diferentes países (como, por exemplo, Brasil, França, Espanha, e México, dentre outros), em torno das “Frentes Populares”:

A palavra de ordem do Komintern, mandando organizar as ‘frentes populares’ na Hespanha, na França, e agora no Brasil, não é uma novidade da tática bolchevista [...] Como se vê, pois, o comunismo nunca se apresenta com a sua verdadeira cara;

<sup>84</sup> BARROSO, G. Mané = Thécel = Pharés. *A Offensiva*, ano II, n. 40, p. 2.

<sup>85</sup> SALGADO, P. O Perigo do Comunismo. *A Offensiva*, ano I, n. 24, p. 1.

<sup>86</sup> SOKOLEV, A. O Exército Vermelho. *A Offensiva*, ano I, n. 19, p. 3.

usa a mascara de liberdades democráticas, de reivindicações populares. Haja vista o actual governo de Valenã, na Hespanha. Ainda existem idiotas que acreditam não ser elle comunista, porque assim o declaram os Azanhas, os Caballeros, os Companys, bonecos de engoço nas mãos dos technicos bolchevistas. Em França, o sr. Leon Blum faz a saudação de punhos fechados e diz que não é comunista. Na Italia, durante a lueta que precedeu a victoria do fascismo, também os communistas não se apresentavam como tal. Eram liberaes, eram socialistas, eram esquerdistas avançados. Na China, verifica-se a mesmíssima coisa. No México, idem. A ordem do Komintern para o Brasil já era conhecida por nós, integralistas, há quatro mezes atrás [...]<sup>87</sup>

Essas “Frentes Populares”, que, segundo o periódico, não passariam de meras organizações comunistas mascaradas com outro nome,<sup>88</sup> estariam procurando desestabilizar política, econômica e socialmente os países em que se instalaram com o único objetivo de abrir as portas dessas nações ao comunismo.<sup>89</sup>

Em alguns países, como França e Espanha, as “Frentes”, de acordo com o *A Offensiva*, já teriam atingido seu objetivo. Nesses dois países, os comunistas, por meio do governo de Azaña, na Espanha, e de Leon Blum, na França – ambos, segundo o periódico, integrantes das “Frentes Populares” - já estariam controlando o Estado. Em outros, como Brasil, Japão e Polônia, apesar das constantes tentativas e incursões, os “vermelhos” ainda não teriam atingido o poder.<sup>90</sup>

De fato, como Almeida demonstra-nos em seu estudo, o movimento comunista internacional já se encontrava, nessa época, fortemente subordinado a Stalin, “servindo aos objetivos da política exterior soviética” (1999, p. 7). Não obstante, de acordo com o autor, ante a eminente ameaça fascista, o movimento comunista internacional teria abandonado a política de hostilidade em relação às variadas correntes moderadas de esquerda, aceitando dar início à colaboração com os movimentos socialistas e as forças social-democratas existentes no seio dos partidos operários, fato que possibilitou a formação de “Frentes Populares” em diversos países.

A rearticulação entre as correntes de esquerda, segundo Almeida, apresentara resultados práticos: em 1936, o “Front Populaire” francês ganhara as eleições legislativas,

<sup>87</sup> A palavra de ordem do Komintern. *A Offensiva*, ano IV, n. 525, p.1.

<sup>88</sup> Como nos sugere a seguinte *Fraser destaque*: “Brasileiro! A frente popular é o comunismo organizado para ultrajar vossos lares, trucidar vossos filhos e escravizar vossa pátria ao jugo de Moscou [...]”. *A Offensiva*, ano IV, n. 525, p.1.

<sup>89</sup> FREITAS, M. *Frentes Populares*. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 523, p. 2; *A Lição da Hespanha*. *A Offensiva*, ano III, n. 317, p. 1.

<sup>90</sup> Como exemplo, ver “A Frente popular domina a Hespanha. O novo ministério foi organizado pelo sr. Azaña”, in *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 110, 20 de fev. de 1936, p. 5; “O Momento Internacional”, in *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 210, 19 de jun. de 1936, p. 2 e *Frentes Populares*. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 523, 25 de jun. de 1937, p. 2.

instalando-se logo em seguida o governo de Leon Blum, e, no mesmo ano, a Frente Popular espanhola ascendera ao governo, com Manuel Azaña (ALMEIDA, 1999, p. 7).

No Brasil, a Frente Popular, de acordo com o *A Offensiva*, era representada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL),<sup>91</sup> e, por meio de diversos artigos, o periódico procurou evidenciar as ligações e relações estabelecidas entre a ANL, o comunismo nacional e o comunismo internacional. Teria sido, inclusive, da maquinação conjunta entre o comunismo nacional e o internacional que, segundo o periódico integralista, teria emergido a *Intentona Comunista* de novembro de 1935.<sup>92</sup>

De acordo com o *A Offensiva*, ao realizarem motins e levantes, como ocorrido no Brasil em novembro de 1935, os comunistas almejavam desestabilizar política e socialmente os diversos países em que se instalaram numa tentativa de abrir as portas dessas nações ao comunismo internacional.

Todavia, o comunismo internacional, mesmo realizando levantes e motins com o objetivo de desestabilizar política e socialmente diversos países, estaria encontrando entraves às suas pretensões. De acordo com o *A Offensiva*, movimentos congêneres ao integralismo, apresentados como “baluartes naturais” contra o comunismo, estariam surgindo em diversos países, numa reação conjunta contra o “comunismo internacional”; e, segundo a folha, seriam justamente esses movimentos os maiores entraves às pretensões dos vermelhos.

Levando-se em consideração a barreira que esses movimentos constituíam às suas pretensões, o comunismo internacional, segundo o *A Offensiva*, teria desencadeado ferrenha campanha mundial de combate à “mocidade” fascista. Nesse sentido, Américo Palha, em artigo, procurou advertir e evidenciar aos leitores do periódico que a campanha desencadeada, nos mais diferentes países, contra as “organizações nacionalistas”, não passaria, na verdade, de uma tática bolchevista:

[...] O bolchevismo entrou agora por um outro caminho: a campanha contra todas as organizações nacionalistas. No Brasil os seus ódios são voltados para o Integralismo [...] os políticos brasileiros que se atiram contra o integralismo não estão sentindo que essas perseguições aos camisas-verdes redundam na pratica da technica bolchevista [...]<sup>93</sup>

De acordo com o *A Offensiva*, a perseguição aos “movimentos de reação” não seria algo restrito ao Brasil e ao integralismo. Na verdade, o periódico procurou demonstrar que, da mesma forma que seriam os integralistas alvos de perseguições no Brasil, movimentos

<sup>91</sup> FREITAS, M. Frentes Populares. *A Offensiva*, ano IV, n. 523, p. 2.

<sup>92</sup> Ibid.

<sup>93</sup> PALHA, A. A Nossa Vigília. *A Offensiva*, ano III, n. 287, p. 2.

congêneres também o seriam em respectivos países, como podemos conferir pelo excerto de um artigo escrito pelo integralista Alberto R. Lins:

Toda a propaganda bolchevista tem, como ponto de partida, a eliminação dos núcleos de actividade doutrinaria, que lhe fecham o caminho. Fuzilla-se o fascista na Hespanha, para que o credo vermelho não encontre obstáculo. O gabinete faccioso de Leon Blum teve o cuidado de dissolver, nos seus primeiros dias de existência, as seguintes associações consagradas á defesa da alma e das tradições da França: Les Croix de Feu, Les Jeunesses Patriotes, a Solidarité Française e Les Francistes.<sup>94</sup>

Assim, segundo os integralistas, o comunismo internacional estaria deflagrando intensa campanha de perseguição aos movimentos de carácter fascista, pois estes “lhe fecham o caminho”. Dessa forma, perseguiam-se, fuzilavam-se militantes e dissolviam-se tais movimentos, “para que o credo vermelho não encontre obstáculo”.<sup>95</sup>

Muitos dos artigos que buscavam evidenciar a campanha empreendida pelo comunismo internacional contra a “mocidade” dirigiam, entretanto, ataques à liberal-democracia e aos governos nela embasados. Essa questão pode ser verificada por intermédio de um artigo escrito por Madeira de Freitas, que declarou que as democracias liberais, ao cercearem as actividades dos movimentos congêneres ao integralismo, estariam facilitando a acção dos vermelhos:

Em taes democracias, o poder, ou se acha em mãos de governantes assoldados ao serviço do Komintern, ou se permite infiltrar por elementos que imprimem á sua actuação rumos e normas tendentes, invariavelmente, a combater e annular toda e qualquer expressão de nacionalismo, que se erga no seio dos povos christãos, com o fim de impedir e evitar o advento da escravidão soviética. Dahi as perseguições movidas por certos governos, contra o movimento de defesa nacional, qual succede, no Brasil, com relação aos camisas-verdes.<sup>96</sup>

Posicionamento semelhante pode ser notado também no artigo escrito por Lins, referido há pouco:

O fascismo é, hoje, o espectro das nações sem confiança nos seus destinos. Combatem-n’o ineptamente as democracias apodrecidas, que favorecem, pela incapacidade dos políticos e pela inexpressão patriótica do suffragio, o advento do marxismo perturbador.<sup>97</sup>

<sup>94</sup> REGO LINS, A. do. A tragi-comedia bolchevista. *A Offensiva*, ano III, n. 267, p. 2.

<sup>95</sup> Ibid.

<sup>96</sup> FREITAS, M. As Catacumbas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 308, p. 2.

<sup>97</sup> REGO LINS, op. cit., p. 2.

Nota-se, por intermédio dos excertos acima, que os integralistas procuravam evidenciar que as perseguições aos “movimentos de reação”, apesar de orquestradas e postas em prática por comunistas, contavam com o conhecimento ou conivência dos governos liberal-democratas, que, ou por serem assoldados ou coniventes ao Comintern, estariam facilitando as ações dos vermelhos.

Sobre as críticas do periódico ao liberalismo e ao liberalismo e à liberal-democracia (que, dentre as quais, está, justamente, o fato de suas legislações propiciarem brechas para a ação dos comunistas) nos deteremos adiante. Contudo, é deveras importante termos ciência de que o *A Offensiva*, obstinadamente, procurou fazer associações entre os “inimigos” do Sigma e se utilizar sutilmente dessas associações como recurso argumentativo e persuasivo.

O *A Offensiva*, além de ter procurado mostrar aos seus leitores que a perseguição aos “movimentos nacionalistas” estaria se dando numa escala global, como parte da estratégia comunista para sua dominação mundial, procurou apresentar os comunistas, fossem eles do Brasil ou de outros países, como violentos e impetuosos. Esse tipo de matéria se tornou ainda mais recorrente após a eclosão da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando o *A Offensiva* utilizou das “atrocidades” cometidas pelos “vermelhos” tanto como argumento para atacar o comunismo, quanto como uma das justificativas para o posicionamento dos integralistas ao lado das tropas de Franco.

Plínio Salgado, em artigo, comentou sobre o que se passava na Espanha e sobre as “atrocidades” cometidas pelos comunistas espanhóis. Segundo o autor, as “barbaridades” comunistas incluíam desde o estupro e assassinato de mulheres e de freiras até um enorme número de degolamento de sacerdotes:

Os últimos telegrammas da Hespanha contam que as **freiras em Madrid, Barcelona e outras cidades em poder dos communistas estão sendo arrastadas completamente nuas e assim collocadas ás portas das egrejas**. O número de religiosas e de moças e senhoras de família violentadas é muito grande. **O numero de sacerdotes degollados é enorme**. Desencadeia-se sobre a península uma catastrophe infernal.

As forças que representam a ultima reacção da alma nacional avançam, numa lucha desesperada; mas nas cidades que ellas conquistam já não restam senão escombros de egrejas, de conventos, casas saqueadas, homens assassinados e mulheres, em massa, vilipendiadas [...] <sup>98</sup>. (grifos nossos)

O artigo de Salgado foi apenas um dentre os vários que tiveram como finalidade “tornar públicas”, em território brasileiro, as brutalidades perpetradas pelo comunismo internacional, neste caso, na Espanha. Ao dar publicidade às atrocidades praticadas pelos

<sup>98</sup> SALGADO, P. Carta aos inconscientes. *A Offensiva*, ano III, n. 258, p. 2.

comunistas, os integralistas não objetivavam tão somente alardear a população brasileira, mas também evidenciar a “inferioridade moral do comunismo”.

Nesse sentido, um dos artigos escritos por Madeira de Freitas que versava sobre a Guerra Civil Espanhola é exemplar. No artigo intitulado *A inferioridade moral do comunismo*, Freitas, após discorrer sobre as brutalidades perpetradas pelos comunistas espanhóis, declarou:

Taes horrores, tamanhas atrocidades, e infâmias taes, não poderiam jamais encobrir, de modo algum, a baixeza moral, a covardia sem limites e a perversidade incrível daqueles, que, friamente, planejara e puseram por obra toda a enormidade trágica da hecatombe hespanhola. Dahi não causarem espanto os actos de traição, de pusilanimidade, de felonía, de requintada mesquinhes e de ferocidade selvagem que tingiram no sangue fidalgo de um nobre povo, o trapo vermelho que tremula no tope dos acampamentos legalistas de Hespanha [...].<sup>99</sup>

Sobre a cobertura realizada pelo *A Offensiva* a Guerra Civil Espanhola, nos deteremos no capítulo subsequente de nossa dissertação. Todavia, cabe-nos ressaltar, aqui, que as brutalidades perpetradas pelos comunistas nesse episódio foram sutilmente utilizadas, pelos integralistas, para evidenciar que o comunismo seria uma doutrina de caráter “inferior”.

Apesar de o comunismo ser apresentado, pelo *A Offensiva*, como o maior inimigo dos movimentos “nacionalistas” e como um dos maiores responsáveis pela crise em que a sociedade estava imersa naquele momento, o periódico, por vezes, tentou ridicularizar o poderio bélico, político e doutrinário comunista, tencionando transmitir, a seus leitores, a ideia de que o comunismo seria tosco, tanto enquanto doutrina, quanto enquanto regime.

Em artigo, Madeira de Freitas, ao discorrer sobre as “mentiras soviéticas”, comentou sobre o episódio no qual o Exército Vermelho, em manobras conjuntas entre sua infantaria e aviação, foi totalmente desmoralizado perante militares e embaixadores de diversos países:

[...] um possante avião de proporções gigantescas aterrissou suavemente no campo de manobras, e de dentro daquelle foi desembarcado um enorme ‘tank’, que logo se pôz a deslizar sobre as suas lagartas sem fim. E a seguir outro avião com outro ‘tank’, e mais outro com outro, sendo que em pouco o campo ficou atravancado de enormes carros de assalto. Era, de facto, formidável, o que ali se via. ‘Tanks’, multi-tonellares transportados por aviões... Mas a mentira é insubsistente, e depende do chocalho de Satanaz. Um Accidente em um dos ‘tanks’, espatifando-o, deixou a descoberto que se tratavam de peças de madeira e papelão, feitas para “épater lês voisins”, e mais leves do que uma barrica de fubá-mimoso [...].<sup>100</sup>

<sup>99</sup> FREITAS, M. A inferioridade moral do comunismo. *A Offensiva*, n. 636, p. 2.

<sup>100</sup> Id. A mentira ao serviço de Moscou. *A Offensiva*, ano V, n. 710, p. 2.

Esse episódio, segundo Freitas, teria sido um verdadeiro escândalo; um escândalo que teria deixado “em completo estado de desmoralização o estado-maior do exercito vermelho e o commissariado do povo para os negócios da guerra”.<sup>101</sup>

O mesmo Madeira de Freitas, em outra oportunidade, ressaltara que a doutrina comunista seria tosca a tal ponto que os comunistas russos estariam estabelecendo, à época, reformas constitucionais nos moldes da liberal-democracia, que “com tanto barulho e brutalidade havia destruído e arrazado”, e tão ineficaz que tal doutrina foi incapaz “de contaminar mesmo as inexpressivas naçãozinhas que orlam o bloco soviético”, resignando-se à tarefa subalterna de envenenar o “organismo social das nações”.<sup>102</sup>

As tentativas de depreciação dos comunistas não se detiveram apenas no que se refere ao seu poderio militar. Em artigo, Gustavo Barroso pôs em dúvida se, realmente, a economia soviética estaria passando por uma pujança industrial, como os “soviets vivem a proclamar de bocca cheia”.<sup>103</sup> Para o autor integralista, a resposta seria negativa, e procurou evidenciar, aos leitores do periódico, o que o impelia a tal raciocínio.

De acordo com Barroso, o que estaria ocorrendo, na URSS, nada mais era do que o desenvolvimento de uma indústria pesada ao custo dos esforços e da vida de muitos operários. Além disso, a indústria pesada estaria se desenvolvendo, também, à custa de outras indústrias (como a agricultura, pecuária, comércio, finanças, transportes e indústrias leves), que eram essenciais para subsistência da população e sem as quais o grosso da população da URSS não conseguiria sobreviver com o mínimo de dignidade. Dessa forma, o autor indaga se, realmente, poder-se-ia considerar esse tipo de desenvolvimento como um “progresso industrial”.<sup>104</sup>

Além de artigos, a tentativa de depreciar e ridicularizar o comunismo se manifestava, também, através de charges e ilustrações, veiculadas em pontuais edições do periódico.<sup>105</sup> Essas ilustrações eram retiradas, sobretudo, do jornal francês *Gringoire*.

Na veiculada a seguir,<sup>106</sup> vemos dois personagens conversando e um terceiro, sentado ao fundo, apresentando um semblante doente. Os dois primeiros personagens comentam sobre a moléstia do terceiro, que, segundo a ilustração, fora acometido pela “doença dos escrivães”.

<sup>101</sup> FREITAS, M. A mentira ao serviço de Moscou. *A Offensiva*, ano V, n. 710, p. 2.

<sup>102</sup> Id. A Fallencia do communismo. *A Offensiva*, ano III, n. 206, p. 2.

<sup>103</sup> BARROSO, G. A melhor lição do bolchevismo. *A Offensiva*, ano II, n. 133, p. 2.

<sup>104</sup> Ibid.

<sup>105</sup> Ver, como exemplo, “O Expresso Soviético ou a Super-Machina”. In *A Offensiva*, ano II, n. 183, p. 1; “A Grande usina bolchevique”. In *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 1; “Turistas no paiz do soviet”. In *A Offensiva*, ano III, n. 186, p. 1; “Na Russia soviética”. In *A Offensiva*, ano III, n. 187, p. 1; “Na Russia Sovietica”. In *A Offensiva*, ano III, n. 188, p. 1; “Na Russia soviética”. In *A Offensiva*, ano III, n. 190, p. 1.

<sup>106</sup> “Na Russia Sovietica”. In *A Offensiva*, ano III, n. 188, p. 1.





Figura 4 – “Na Russia Sovietica”. In *A Offensiva*, ano III, n. 188, p. 1.

Sabendo, assim, de que mal sofria o enfermo e tendo-se em vista que essa doença, pelo que nos sugere a charge, atingiria, principalmente, pessoas que passavam demasiado tempo escrevendo, um dos personagens indaga ao outro se seria o doente um intelectual. A resposta para a pergunta é uma negativa, acompanhada de uma explicação: o doente, por ter escrito muito, fora, sim, acometido pela “doença dos escrivães”; só que não escrevera em demasia por conta de sua profissão (pois ele não era nem um intelectual, nem um escrivão, era um operário), mas por ter passado muito tempo preenchendo questionários, numa sutil crítica à burocracia existente no regime comunista.

Se, por um lado, o comunismo foi, por diversas vezes, depreciado e ridicularizado, por outro, ele era visto como um oponente que, de acordo com o periódico, precisaria ser eficazmente combatido. O “eficazmente combatido”, contudo, não quer dizer que a folha apresentava o comunismo como um inimigo forte, mas que o via como um inimigo que não poderia ser vencido com armas e estratégias convencionais. Enquanto doutrina, o comunismo, segundo o *A Offensiva*, só poderia ser eficientemente combatido com outra doutrina:

Não será, porém, através de leis policiaes de repressão que o combateremos [...] Innegavelmente, o communismo é uma idéa, um pensamento político-social, e uma doutrina só pode ser efficientemente combatida por outra doutrina. A fagulha de uma idéa queima e lavra mais rapidamente do que o fogo das modernas bombas incendiarias da aviação contemporânea<sup>107</sup>

<sup>107</sup> FREITAS, M. A Nova era que nasce. *A Offensiva*, ano II, n. 115, p. 2.

Assim, objetivando combater eficientemente o comunismo e, levando-se em consideração que o seu principal inimigo não seria um perigo exclusivamente brasileiro, americano ou europeu, o *A Offensiva* chegou a propor não apenas uma “frente única sul-americana contra o comunismo”,<sup>108</sup> mas uma “frente única mundial contra a ameaça do perigo comum”.<sup>109</sup>

Nesse sentido, as palavras de Madeira de Freitas são exemplares. O autor integralista, ao comentar, em artigo, sobre a Guerra Civil Espanhola, procurou mostrar aos leitores do *A Offensiva* que a Espanha estaria, indubitavelmente, passando por uma grande catástrofe. No entanto, segundo Freitas, o que estaria se desenrolando no país ibérico era apenas um setor, uma divisão, de uma guerra muito mais abrangente, que era a guerra dos *Soviets* contra o “ocidente cristão”:

[...] a Hespanha é hoje um mero sector da grande guerra que os Soviets vêm travando com o Occidente christão; guerra de que o Brasil é igual sector, guerra em que a nação brasileira e a nação hespanhola são agredidas pelo inimigo comum, que é a URSS; guerra em que são alliadas todas as nações que repellem a idéa e a possibilidade de perderem a sua soberania e de se transformarem em outras tantas colônias do Soviet [...].<sup>110</sup>

Assim, numa guerra entre a URSS e “todas as nações que repellem a idéia e a possibilidade de se transformarem em outras tantas colônias dos soviets”, dever-se-ia, segundo o autor, constituir-se uma “frente única mundial contra a ameaça do perigo comum”. Essa “frente”, segundo o autor, teria um único e grande fim: “dar combate de morte ao comunismo.”

Deve-se, portanto, constituir uma frente única mundial contra a ameaça do perigo comum. E assim sendo, todos os esforços devem ser empregados pelas nações dignas de suas tradições e de sua independência, no sentido de dar combate de morte ao comunismo [...].<sup>111</sup>

### 2.1.2 O liberalismo

Se o *A Offensiva* apresentava o comunismo como o maior inimigo do integralismo, inimigo que precisaria ser eficazmente combatido, em âmbito mundial, por meio da

<sup>108</sup> *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 97, p. 6.

<sup>109</sup> FREITAS, M. Processos empíricos. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

<sup>110</sup> Ibid.

<sup>111</sup> Ibid.

conformação de uma “frente única mundial contra o comunismo”, o liberalismo, por sua vez, era apresentado como um inimigo de menor “periculosidade”, pois, o liberalismo, além de ser, segundo o periódico, uma doutrina frágil, encontrar-se-ia, desde fins da Primeira Guerra Mundial, em franca decadência<sup>112</sup> e condenado à “decrepitude”, como categoricamente sentenciara o integralista Thiers Martins Moreira.<sup>113</sup>

Ainda que o liberalismo e a liberal-democracia fossem apresentados, pelo *A Offensiva*, como doutrinas e/ou sistemas de governo relativamente frágeis, a documentação nos sugere que, numa “escala de periculosidade”, o liberalismo apareceria logo em seguida dos comunistas. Tal fato pode ser explicado, levando-se em consideração que, de acordo com os artigos veiculados pelo periódico, o liberalismo, apesar de ser relativamente fraco e de se encontrar em decrepitude, era a doutrina na qual ainda se embasaria a maior parte dos governos existentes. Além disso, era também um inimigo que precisaria ser extinto, pois, de acordo com o *A Offensiva*, os governos e constituições erigidas com base nas doutrinas liberais (como a liberal-democracia) apresentariam algumas brechas, por meio das quais seria possível o fortalecimento, expansão e, até mesmo, a ascensão do comunismo - ou de elementos influenciados por Moscou - ao poder.

Antes, contudo, de nos aprofundarmos nessas questões, cremos ser indispensável nos determos, mesmo que minimamente, em outra, que foi recorrentemente abordada pelo periódico e que, além disso, é de fundamental importância termos clara antes prosseguirmos. Referimo-nos, nesse ponto, à constante tentativa do periódico em mostrar que seria equivocada a ideia circulante de que “democracia” estaria, obrigatoriamente, vinculada ao “liberalismo”.

Não temos a pretensão de iniciar, e nem é nosso objetivo, aqui, um debate teórico ou conceitual sobre a questão. Este seria um trabalho que, além de árduo, fugiria dos nossos propósitos. Contudo, é necessário termos claro que a afirmativa do periódico não é inexata e o *A Offensiva*, por meio de diversos artigos, procurou demonstrar isso aos seus leitores. Por meio dessa distinção, entendemos que o periódico almejou transmitir, aos seus leitores, fossem estes integralistas ou não, a ideia de que o integralismo não se posicionaria contra a democracia, mas sim contra uma das formas de democracia, a liberal-democracia.

---

<sup>112</sup> O Accaso melancólico da liberal democracia... *A Offensiva*, ano II, n. 101, p. 9.

<sup>113</sup> Thiers Martins Moreira, num pequeno artigo, ao atestar a falência da liberal-democracia, afirmou que, como “o seu mal é de decrepitude”, a “Idea nova” não se daria nem ao trabalho de erguer “o punho para ameaçar-lhe a face senil”, deixando-a à “margem”. MARTINS MOREIRA, T. Fuga Crepuscular. *A Offensiva*, ano III, n. 303, p. 3.

Nesse sentido, o artigo *Quem salvará a Europa de democracia?*,<sup>114</sup> de autoria de Olbiano de Mello, é exemplar. No referido artigo, o autor integralista apontou para a existência de três tipos de democracia, sendo que duas delas, a “soviética” (que, segundo o autor, seria exercida em nome do proletariado, por meia dúzia de intelectuais) e a liberal-democrata (na qual, o governo, apesar de eleito pelo povo, era exercido direta ou indiretamente por uma única classe, a burguesa) seriam *sui-generis* e apenas uma, a “democracia integral”, seria, realmente, digna de receber esse nome, pois

[...] no comunismo-sovietico, se um dia chegar a ser praticado de facto, na Russia ou em outro paiz – esta democracia será unilateral e injusta, por ser exercida pela super-classe que se formará naturalmente no seio da massa proletarizada. A super classe dos technicos. Tal qual, mutatis-mutandis, no Estado Liberal, em que manda e não pede o burguez endinheirado. Contrariamente, na democracia integral ou corporativa, onde todos os individuos, ricos e pobres, terão interferência, através da syndicalização ampla de todas as classes, onde toda a legislação que pelo Estado for votada e em seguida applicada, todo cidadão será igual a outro, de facto, perante a lei. E mais que em face della; perante o Trabalho, pois já disse bem Miguel Reale, em um dos seus livros: que vale uma porção de leis nos códigos e um montão de fome em casa? [...] <sup>115</sup>

O artigo de O. de Mello foi apenas um dentre os vários, por intermédio dos quais, o *A Offensiva* buscou mostrar que o integralismo não seria antidemocrático. Pelo contrário, os integralistas seriam, sim, entusiastas da democracia - desde que essa fosse a “democracia verdadeira”, ou seja, a democracia orgânica -, chegando, inclusive, a defenderem uma nova forma de democracia, a democracia integral.

Entendemos que, com essa distinção, o *A Offensiva* tencionou mostrar aos leitores do periódico, fossem eles militantes integralistas ou não, que o integralismo não seria antidemocrático, mas sim antiliberal-democrático e, de fato, o posicionamento antiliberal-democrático dos integralistas foi constante e amplamente divulgado pelo periódico.

O mencionado posicionamento antiliberal e o antiliberal-democrático poderiam, de acordo com os artigos veiculados no *A Offensiva*, ser justificados por inúmeros motivos. Nesse ponto, poderíamos nos referir às críticas dos integralistas ante os fatos de a doutrina liberal e de os liberais-democratas serem indiferentes a Deus e à família, e por fazerem, segundo o periódico, um juízo equivocado do que seriam “Pátria” e “propriedade privada”.<sup>116</sup> Não obstante, pelo que nos sugere a documentação, nenhum motivo foi tão alardeado quanto

<sup>114</sup> MELLO, O. de. Quem salvará a Europa da democracia? *A Offensiva*, ano III, n. 259, p.2.

<sup>115</sup> Ibid.

<sup>116</sup> Sobre estes aspectos, ver o artigo de CASTRO, O. R. Reflexões sobre duas doutrinas. *A Offensiva*, 26 de jul. de 1934, p. 2.

o fato de a liberal-democracia ser, de acordo com os integralistas, um sistema de governo e um regime “fraco”, que propiciaria a expansão do “perigo comunista”.

Na verdade, grande parte das demais críticas ao liberalismo e à liberal-democracia girava em torno, ou era derivada, justamente, dessa sua referida fraqueza. Assim, a inércia, a ineficiência, o declínio e a falência das doutrinas liberais, segundo os integralistas, ou estariam relacionadas ou seriam consequências diretas da fraqueza do liberalismo e da liberal-democracia.

Seria, assim, precisamente, por serem “fracos”, que os governos e constituições assentadas (os) com base nas doutrinas liberais apresentariam brechas<sup>117</sup> através das quais seria possível não apenas que os comunistas se manifestassem livremente<sup>118</sup> (o que, segundo os integralistas, acabaria por gerar desordens internas nos respectivos países),<sup>119</sup> mas também que eles se fortalecessem, se proliferassem e, até mesmo, por meio dos processos eleitorais, ascendessem ao poder em determinados países.<sup>120</sup>

Ou seja, os governos erigidos com base no liberalismo e na liberal-democracia eram, de acordo com o periódico, considerados “fracos” por serem, sobretudo, suscetíveis às constantes incursões dos comunistas. Nesse sentido, M. de Freitas, ao declarar, em artigo, que a liberal-democracia “abria o peito das nações à incursão das víboras vermelhas”,<sup>121</sup> exprimiu, com excelência e em poucas palavras, o principal motivo pelo qual, segundo os integralistas, o liberalismo deveria ser varrido da humanidade.

A liberal-democracia, além de “abrir o peito das nações à incursão das víboras vermelhas”, teria se revelado ineficaz também no combate às forças comunistas que, em determinados países, como Espanha, Itália e Alemanha, teriam atingido, segundo o periódico,

<sup>117</sup> Madeira de Freitas, em artigo, afirmou que “[...] As leis liberaes permitem que haja communistas, desde que estes sejam mentirosos e falsos e se digam partidarios do candidato majoritario. Desde que o judeu Harry Berger não seja pilhado no Cattete de revolver em punho, apontando-o contra o sr. Getulio Vargas – pôde, livremente pregar o communismo onde e quando bem lhe approuvér, porque as ‘liberdades democraticas’ lh’o asseguram, dentro do espírito largo do regimen [...]”. FREITAS, M. Os paradoxos do liberalismo. *A Offensiva*, ano IV, n. 582, p. 2.

<sup>118</sup> Como podemos conferir, através de um artigo de Freitas, no qual o autor afirma que “nas democracias liberaes, elle [o comunismo] lavra em pleno regimen, e só depois de crises agudas é que o regimen, ameaçado de morte, entra á reagir, sendo para isso forçado a negar-se a si mesmo, a substituir-se pelas leis de excepção [...]”. Id. A grande lição da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 242, p. 2.

<sup>119</sup> Segundo o *A Offensiva*, só se poderia compreender a efervescência política na qual a França, a Espanha ou a Bélgica estariam, à época, imersas, se se levasse em consideração a inércia - e, até mesmo, a contribuição - dos seus respectivos governos liberal-democratas ante a agitação e expansão dos comunistas. Ver, Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 170, p. 2; FREITAS, M. Os maiores culpados. *A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 2; Guerra ao Commuunismo. *A Offensiva*, ano IV, n. 561, p. 9-10.

<sup>120</sup> Sobre esse último ponto, Alberto do Rego Lins, ao comentar sobre a perseguição aos movimentos fascistas, declarou que “combatem-n’o ineptamente as democracias apodrecidas, que favorecem, pela incapacidade dos políticos e pela inexpressão patriótica do suffragio, o advento do marxismo perturbador”. LINS, A. R. A tragi-comedia bolchevista. *A Offensiva*, ano III, n. 267, p. 2.

<sup>121</sup> FREITAS, M. Um bando de piratas. *A Offensiva*, ano IV, n. 502, p. 2.

um nível de organização intolerável. Madeira de Freitas, em artigo dirigido, sobretudo, aos liberal-democratas brasileiros,<sup>122</sup> chama a atenção justamente para esse ponto.

No artigo *Inercia Criminosa*, o autor integralista procurou mostrar aos leitores do *A Offensiva* que, apesar de esses três países terem sido tomados pela “lepra de Moscou”, suas sortes foram, contudo, distintas. Segundo Freitas, enquanto Hitler e Mussolini foram capazes de barrar e de suprimir o avanço do comunismo, salvando, assim, a Alemanha<sup>123</sup> e a Itália da “lepra de Moscou”, a Espanha encontrar-se-ia numa Guerra Civil.<sup>124</sup> E conclui, assim, que

Numa, como na outra destas duas grandes pátrias [Alemanha e Itália] urgiu que se organizassem os homens validos, constituindo um só bloco de resistência e construindo assim o Verdan inexpugnável contra o qual se deveriam quebrar, como em verdade se quebraram, os corpos do marxismo desesperado.

**Vede bem, patrícios meus e meus irmãos, que nem o liberalismo da Itália e da Alemanha, nem a imprevidência civil da Espanha, seriam capazes de impedir que o comunismo entrasse naqueles países.**<sup>125</sup> (grifos nossos)

Outro sinal da fraqueza do liberalismo também poderia ser apercebido, de acordo com o *A Offensiva*, por meio da franca e paulatina decadência pela qual o liberalismo e a liberal-democracia estariam passando, nos mais diferentes lugares do mundo, desde fins da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).<sup>126</sup>

O *A Offensiva*, por meio de inúmeros artigos, tencionou demonstrar a seus leitores como que, ao longo do período compreendido entre fins da Primeira Guerra Mundial e meados da década de 1930, o liberalismo e a liberal-democracia teriam, paulatinamente, perdido – e ainda estariam, à época, perdendo - prestígio e espaço no cenário político e econômico internacional.

Em contrapartida, o periódico procurou demonstrar que, nesse mesmo período, os regimes baseados em governos “fortes”, corporativistas, encontrar-se-iam em franco desenvolvimento. Nesse ponto, as declarações de M. Pauperio são exemplares.<sup>127</sup>

<sup>122</sup> FREITAS, M. *Inercia Criminosa*. *A Offensiva*, ano III, n. 266, p. 2.

<sup>123</sup> Segundo Freitas, “[...] Em nenhum país do mundo, a lepra de Moscou atingiu o grau de organicidade a que chegou na Alemanha, onde os efectivos do partido comunista subiram a um total de onze milhões e meio de aliados, constituindo a bancada da Prússia e detendo a presidência do Reichstag. É claro que a república liberal-democrática, mesmo com o grande Hindenburg à frente, jamais lograria conjugar à frente, jamais lograria conjugar, com os meios orgânicos da lei vigente de então, a catastrophe político-social para onde a grande nação vertiginosamente parecia precipitar-se [...]”. *Ibid.*

<sup>124</sup> “[...] Se esse país se houvesse premunido contra a invasão comunista, como o fez a Alemanha de Hitler, ou a Itália de Mussolini, é claro que a sorte da matilha vermelha teria sido, na terra de Cervantes, a mesma que lhe reservaram os fascistas e nacional-socialistas [...]”. *Ibid.*

<sup>125</sup> *Ibid.*

<sup>126</sup> O Occaso melancólico da liberal democracia... *A Offensiva*, ano II, n. 101, p. 9.

<sup>127</sup> PAUPERIO, M. A doutrina do Sigma e o Corporativismo italiano. *A Offensiva*, ano IV, n. 644, p. 9.

No artigo *A doutrina do Sigma e o Corporativismo Italiano*, Pauperio declarou que, enquanto os Estados de estrutura liberal apresentariam, a cada dia, sinais mais evidentes de “colapsos profundos”, os Estados de estrutura corporativa, como Itália, Alemanha, Áustria e Portugal, apresentariam sinais de fortalecimento – “a pratica da realidade corporativa atesta o que afirmamos!”. Assim, segundo o autor, “vivemos o século do corporativismo” e, se “hontem tivemos o dia dos partidos políticos, hoje temos o dia das corporações”.<sup>128</sup>

O maior exemplo da “decadência” do liberalismo e da liberal-democracia seria, de acordo com o *A Offensiva*, a “liberalíssima Inglaterra”, para empregarmos uma expressão utilizada por Madeira de Freitas.<sup>129</sup> Na verdade, notamos que a Inglaterra foi utilizada não apenas como um mero exemplo, mas como a “corporificação” do liberalismo e da liberal-democracia. O *A Offensiva*, por meio de diversos artigos, procurou apresentar, de forma vinculada, o declínio do liberalismo enquanto o declínio da Inglaterra e o declínio da Inglaterra enquanto o declínio do próprio liberalismo.

Nesse sentido, o declínio do poderio político e econômico e do prestígio internacional da Inglaterra foi utilizado como um exemplo “concreto” da decadência e do fracasso ao qual o liberalismo e a liberal democracia estariam fadados:

[...] As democracias liberaes a que me refiro são, por exemplo, a velha, a conspícua, a regia Inglaterra, que, afinal, ainda não afundou nos mares porque está pendurada pelos fios aos postes telegraphicos. Ó excelsa Britannia, onde estão a estas horas, os manes de Albion? [...] Tu que tilintavas aos ouvidos do mundo o orgulho da libra-ouro, que era como que a tua propria dignidade nacional; tu, que postavas á bocca dos estreitos a insolencia dos teus odiosos cães de tila, que eram os cruzadores da Home-fleet [...] porque te perdes agora em frioleiras de chancellaria, a trapejar pannos quentes sobre a angustia de tua soberania periclitante? Onde está, então, o gênio dos teus estadistas? [...] Porque não te dás pressa em recolher á paz e ao tédio de um museu naval essa colleção archeologica que é a tua frota de couraçados, hoje canastrões inermes á lepidez fulminante dos submarinos, das môscolas e dos aviões? [...] Ó fleugmatica e obstinada Britannia, que esperas ainda, das vascas desse regimen agonico em que te consumes, enfraqueces e aniquillas? E continuas, para ahí, guindando Edens e abatendo Hoares, emquanto a voz honesta de um Stanley Baldwin grita aos quatro ventos que Hitler é, na hora presente, o mais forte homem vivo no tablado político da Europa [...] <sup>130</sup>

O artigo citado se estende com dezenas de outras exemplificações que tencionaram demonstrar como a Inglaterra teria perdido prestígio e espaço no cenário político e econômico internacional. Não obstante, ao mesmo tempo em que tencionou demonstrar o declínio inglês,

<sup>128</sup> PAUPERIO, M. A doutrina do Sigma e o Corporativismo italiano. *A Offensiva*, ano IV, n. 644, p. 9.

<sup>129</sup> FREITAS, M. A Força de um Regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.

<sup>130</sup> Id. O crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2.

o mesmo artigo procurou destacar tanto a força pessoal de Mussolini, Hitler e Kemal Pachá quanto a força de seus governos:

Mussolini, Hitler e Kemal, são os chefes reaes dos povos que governam; estes os compreendem e nelles confiam, e a elles obedecem com convicção; e quando os governos de Roma, de Berlim ou de Stambul expedem ordens, ellas se cumprem em primeira intenção. Gritam e protestam as democracias liberaes; a liga das Nações toma, sem êxito, as suas cantharidas; um reboliço doido atropela as chancellarias da Europa; e é um cahir e subir de gabinetes, capaz de cansar o mais robusto collador de ‘placards’; e rosnam Flandins, e orneiam Edens, e coacham Litvinoffs – mas a incursão do fascio na Ethiopia prosegue impávida, indifferente ao phantasma ridículo das sancções; a cruz gammada continua a flammular na Rhenania; e dos Dardanellos, os soldados turcos não arredam pé [...].<sup>131</sup>

Por meio desse artigo, podemos ver que o periódico, ao mesmo tempo em que destacou a exímia organização e a robustez dos “Estados fortes” e a força pessoal de seus governantes, ressaltou a fragilidade, desordem e a ineficácia dos governos erigidos com base no liberalismo. Não obstante, podemos notar, também, que Freitas valeu-se de vários adjetivos e expressões, que, no corpo do texto, aparecem como uma tentativa não apenas de enfatizar a fragilidade e a ineficácia desses governos, mas como uma forma de ironizá-los e ridicularizá-los.

Verificamos, ainda, que, para Freitas, os protestos, gritos, coaxos e rosnadas dos governos liberal-democratas não seriam suficientes para barrar os avanços dos governos “fortes”. Dessa forma, segundo Freitas, o mundo estaria assistindo a um espetáculo, o “crepúsculo dos deuses da liberal democracia é o declínio do liberalismo, esse corvo que sahiu do Congresso de Vienna e ainda crucita sobre o destino dos povos”.<sup>132</sup>

### 2.1.3 Os judeus

Quanto ao “inimigo judeu”, temos que ter um pouco mais de cautela. O antijudaísmo, não foi, de fato, uma posição adotada e defendida por todos os integralistas e, efetivamente, apenas alguns autores escreveram textos de caráter antissemita no *A Offensiva*. Todavia, se, por um lado, o posicionamento antissemita não foi unânime e se a quantidade de textos antissemitas veiculada pelo periódico, se comparados com os anticomunistas e antiliberais, não foi tão elevada, por outro, tais textos, levando-se em consideração o número e a frequência com que apareceram, não podem ser vistos como uma mera “exceção”.

<sup>131</sup> FREITAS, M. O crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2.

<sup>132</sup> Ibid.



Ademais, a quantidade e a periodicidade com que textos antissemitas foram veiculados (o que, por si só, já nos daria suficientes motivos para não encarmos o posicionamento antissemita como simples “exceção”) parecem ter sido, também, pelo que nos sugere a documentação, o bastante para que alguns indivíduos vissem e/ou identificassem o próprio *A Offensiva* como um periódico de caráter antissemita.<sup>133</sup>

Ainda assim, nos vemos tolhidos de fazer referência a um “posicionamento antissemita do *A Offensiva*” pelo fato de tal posição não ter sido partilhada pela maior parte dos articulistas do periódico. Se, outrora, nos referimos ao “posicionamento antiliberal ou anticomunista do *A Offensiva*”, pelo fato de essas posições terem sido comumente partilhadas não apenas pelos articulistas do periódico, mas por todos os integralistas, nos vemos, agora, impelidos a referirmos-nos ao posicionamento antissemita de determinados autores que, em determinados artigos, adotaram tal postura.<sup>134</sup>

Quando pensamos nos integralistas que partilharam de uma posição antissemita, o primeiro nome que, usualmente, nos vem à cabeça é o de Gustavo Barroso. Contudo, por meio dos textos veiculados no *A Offensiva*, vemos que outros autores integralistas, em alguns de seus textos, ou revelaram, mesmo que minimamente, uma posição antissemita ou apresentaram resquícios de antissemitismo.

Gerardo Mello Mourão, por exemplo, ao discorrer sobre a possível imigração de judeus oriundos da Polônia para o Brasil, declarou que o governo polonês estaria, na verdade, realizando uma obra profilática em seu país. Mas, como? Nas palavras de Mourão, “Facílmo”: em vez de “mandarem agricultores, despacha-se a judiaria que está se tornando indesejável em toda parte”. E lamenta, “e nós abrimos os braços aos filhos de Israel”.<sup>135</sup>

Mourão prossegue exprimindo o seu ponto de vista sobre o povo semita. Segundo o autor, “o judeu onde vae arrasta a cauda de suas desgraças. Nunca é agricultor. Pratica sempre o profissionalismo da usura”. Pouco adiante, parafraseia um brasileiro residente em Varsóvia,

---

<sup>133</sup> Paulo Lavrador, ao discorrer, em uma crônica, sobre como o integralismo encararia a “questão judaica”, atentou para o curioso fato de que alguns judeus e alguns elementos que não o seriam (mas que, por trabalharem para judeus, “os leva às mesmas considerações”) nutrirem um “ressentimento” para com o *A Offensiva*. A nosso ver, tal ressentimento pode ser explicado pelas recorrentes artigos de cunho antissemita, sobretudo a coluna “Judaísmo Internacional”, veiculados pelo periódico. É curioso, nesse ponto, Lavrador mencionar a existência de um ressentimento para com o *A Offensiva* e não para com os autores específicos que, efetivamente, escreviam os textos de caráter antissemita. LAVRADOR, P. Os judeus no cinema. *A Offensiva*, ano III, n. 261, p. 8.

<sup>134</sup> Cremos que a menor ocorrência de artigos de caráter antissemita no *A Offensiva* pode ser interpretada como decorrência de o antissemitismo, ao contrário do antiliberalismo e anticomunismo, ter sido uma posição partilhada por uma parcela menor dos militantes integralistas. Esse desdobramento, possivelmente, repercutiu na elaboração do noticiário do *A Offensiva* e, provavelmente, pode explicar a menor incidência de artigos de cunho antissemita no periódico.

<sup>135</sup> MOURÃO, G. M. Momento Internacional. *A Offensiva*, ano IV, n. 385, p. 2.

que dizia que “além do mais, é uma gente sórdida, de péssimo aspecto, miserável e de physico indesejável” e, por fim, conclui que seria um agravante o caso de muitos judeus serem estudantes e intelectuais que serviriam para “dirigir campanhas communistas e desempenhar o papel de agentes do Soviet”.<sup>136</sup>

Também Oswaldo Penna, em artigo, parece ter estado atento ao “perigo judaico”. Segundo o autor, haveria, no Brasil, um “curiosíssimo” movimento filossemita, que, de acordo com seu raciocínio, não haveria razão de existir, posto que, no Brasil, “não encontramos nenhum antagonismo e preconceito racial ou religioso que o justifique [sic]” e indaga se, ao invés de se criar movimentos filossemitas, não seria mais útil e oportuno “investigar as causas da nefasta intromissão do ‘povo escolhido’ na civilização occidental”.<sup>137</sup> Penna, após uma longa exposição, assevera que caberia aos judeus uma enorme responsabilidade “na gênese do mal estar actual do mundo”.<sup>138</sup>

Não foram incomuns, também, textos de Madeira de Freitas apresentarem alertas ou advertências de um suposto “perigo judaico”. Na verdade, notamos que, nos artigos de Freitas, o “perigo judaico” geralmente apareceria vinculado ao “perigo comunista”.<sup>139</sup> Seja como for, Freitas, em diferentes artigos, chegou a fazer declarações nas quais notamos, mesmo que minimamente, acusações ou ataques aos judeus:

[...] de facto, não houve até hoje um só, um único movimento perturbador do rythmo da vida occidental, que não tivesse á frente, directa ou indirectamente, de forma ostensiva ou abscondida, o espirito revoltado dos descontentes de Judá [...]<sup>140</sup>

[...] por toda parte é a turbulência, é a conjura, é a sedição, vertendo o sangue generoso das nações ao bel talante dos tenebrosos Sábios de Sion, cujo objectivo supremo é apenas este: retornar para Israel e a deschristianização do Occidente [...].<sup>141</sup>

O mesmo ocorre com Paulo Lavrador, que, apesar de ter declarado que o integralismo não se opunha aos judeus, mas sim apenas aos “maus judeus”, reconhecia que a maioria dos elementos semitas seria, de fato, “maus judeus”, posto que, em grande parte, ou seriam grandes capitalistas, ou seriam “chefes e chefetes vermelhos”, espalhados por todo o mundo:

<sup>136</sup> MOURÃO, G. M. Momento Internacional. *A Offensiva*, ano IV, n. 385, p. 2.

<sup>137</sup> PENNA, O. Os sábios de Sião. *A Offensiva*, ano III, n. 185, p. 14.

<sup>138</sup> Ibid.

<sup>139</sup> Ver, como exemplo, o artigo Nas vésperas da cathastrophe, no qual Freitas afirma que os “sábios de sion” e a “Rússia vermelha” seriam os “inimigos originais de todas as pátrias”. Nas vésperas da cathastrophe. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 548, 24 de jul. de 1937, p. 2.

<sup>140</sup> FREITAS, M. Um bando de piratas. *A Offensiva*, ano IV, n. 502, p. 2

<sup>141</sup> Id. Ordem. *A Offensiva*, ano IV, n. 535, p. 2.

[...] é bem verdade que judeus são, na sua maioria, os grandes capitalistas internacionaes que combatemos, não porque sejam judeus, mas pela acção damninha com que vem arrastando, após o seu ouro, as nações que se endividam, que se guerream porque elles assim o querem que se extinguem porque lhes é conveniente a elles capitalistas internacionaes. É bem verdade também que a maioria dos chefes e chefetes vermelhos, desde Stalin aos Berger, espalhados pelo mundo inteiro, são judeus – e a correspondência do komintern é mesmo feita em ‘yeddish’, a língua israelita - mas isso não quer dizer que todos os judeus sejam communistas [...].<sup>142</sup>

No entanto, foi Gustavo Barroso, indubitavelmente, o maior autor antissemita com que o *A Offensiva* contou. O “maior”, nesse ponto, assume dois significados: foi o maior autor antissemita tanto por sua postura antissemita ser pública e orgulhosamente defendida (em certa oportunidade, declarara “Não é anti-judaico e anti-maçonico quem quer, mas quem pode. Graças a Deus, eu o posso e não me canso de chamar a atenção para o grave problema”.)<sup>143</sup> quanto pela quantidade e pela ferocidade de seus ataques aos judeus.

Barroso procurou, insistentemente, por meio da coluna que mantinha (a “Judaísmo Internacional”, a qual assinava sob o pseudônimo de João do Norte) e de vários outros artigos avulsos, “denunciar aos brasileiros” que os judeus estariam por trás de grande parte dos acontecimentos ruinosos, sendo, assim, junto com o comunismo e com o liberalismo, um dos grandes responsáveis pelo clima de instabilidade do mundo. Barroso, comumente, apresentava os judeus como sujeitos manipuladores e nefastos, que estariam tramando um plano para uma suposta dominação mundial.

Os ataques de Barroso aos judeus giravam em torno de alguns pontos centrais. Dentre estes, figurariam os fatos de que, segundo o autor, os judeus não se assimilariam às nações que os recebessem, tornando-se “um Estado dentro do Estado”;<sup>144</sup> controlariam a finança, indústria, comércio, imprensa, agências telegráficas;<sup>145</sup> manobriariam os governos de grandes potências, como Estados Unidos,<sup>146</sup> e controlariam a política, finanças e aristocracia de outros;<sup>147</sup> financiariam, por meio dos comunistas, a anarquia na França<sup>148</sup> e Espanha;<sup>149</sup> e pelo fato de que os judeus, “tanto os que manobram por traz da Inglaterra o capitalismo

<sup>142</sup> LAVRADOR, P. Os judeus no cinema. *A Offensiva*, ano III, n. 261, p. 8.

<sup>143</sup> BARROSO, G. Chechez le juif. *A Offensiva*, ano III, n. 290, p. 2.

<sup>144</sup> “[...] O judeu não se mistura com outros povos, mantem através dos seculos a pureza de sua raça e, dentro das outras nações, alicerçado nesse racismo, conserva a sua nacionalidade, feito um Estado dentro do Estado [...]”. Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 2.

<sup>145</sup> Ver, como exemplo, Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 2; Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 118, p. 2.

<sup>146</sup> Id. Aspectos da crise norte-americana – A acção do judaísmo-maçonico. *A Offensiva*, ano IV, n. 635, p. 2.

<sup>147</sup> Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 98, p. 2.

<sup>148</sup> Id. Clama, ne cesses!... *A Offensiva*, ano IV, n. 387, p. 2.

<sup>149</sup> Ibid.

internacional, como os que manobram por traz da URSS o comunismo internacional”, serem, segundo Barroso, os únicos interessados numa nova conflagração mundial.<sup>150</sup>

Barroso também buscou, por meio de inúmeros artigos, vincular o judaísmo ao comunismo e/ou liberalismo.<sup>151</sup> O autor, procurando evidenciar tal vínculo, afirmou que as mais diferentes agitações, provocadas nos mais diferentes países, por elementos comunistas, teriam sido financiadas com capital financeiro de judeus. Segundo Barroso, inclusive a “Revolução Bolchevista”, “que deu por terra com o Imperio do Czar”, teria sido planejada, preparada, financiada e executada por uma poderosa organização “judaica secreta”, o Kahal, de Nova York.<sup>152</sup>

No mesmo sentido, mas, dessa vez, objetivando trazer essa realidade para mais perto dos brasileiros, Barroso procurou mostrar que inúmeros judeus teriam “inspirado” e “participado” das mais variadas tentativas de “conquista comunista” do “pobre Brasil” para a URSS<sup>153</sup> e que Luiz Carlos Prestes seria, nesse intento, simplesmente, “um instrumento do judaísmo comunista, que nos quer devorar com a implantação desse soviet que engaste a linda perola brasileira no collar das republicas judaicas”.<sup>154</sup>

Em suma, acreditamos que Barroso, ao comentar que, por sua “voz” e sua “penna”, estaria revelando “que o segredo da desgraça do mundo reside na influencia exercida pelo judeu”<sup>155</sup>, exprimiu, de forma ímpar, o seu posicionamento ante a questão semita. Cabe-nos, por fim, a consideração de que, para Barroso, seria o fascismo a única solução para remediar a “influencia exercida pelo judeu”, “porque o fascismo, os nacionalismos corporativistas, são a morte do comunismo, da maçonaria e do judaísmo, sócios da mesma empresa de dissolução da civilização christã”.<sup>156</sup>

Como acabamos de conferir, cada um dos inimigos do Sigma era responsabilizado, cada qual à sua maneira, pelo clima de instabilidade pelo qual a humanidade estaria passando.

O comunismo foi, indubitavelmente, apresentado como o principal inimigo a ser combatido, pois, de acordo com os integralistas, o comunismo estaria por trás de toda a agitação política e social do período. Seria pela ação do comunismo internacional, que teria Moscou como Quartel General, que muitos países encontrar-se-iam imersos num grande clima de instabilidade.

<sup>150</sup> BARROSO, G. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 124, p. 2.

<sup>151</sup> Nesse sentido, ver, como exemplo, Id. O Kahal de Nova York. *A Offensiva*, ano IV, n. 624, p. 2 e Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 124, p. 2.

<sup>152</sup> Id. O Kahal de Nova York. *A Offensiva*, ano IV, n. 624, p. 2.

<sup>153</sup> Id. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 107, p. 2.

<sup>154</sup> Ibid.

<sup>155</sup> Id. Judaísmo internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 101, p. 2.

<sup>156</sup> Id. Judaísmo internacional. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 124, p. 2.

Como visto, o *A Offensiva* procurou demonstrar que o comunismo agia sornateiramente em muitos países, procurando desestabilizá-los política e socialmente, imergindo-os num profundo clima de instabilidade, com o único propósito de implantar a revolução mundial. Para tanto, teriam se organizado em torno organizações como as “Frentes Populares”. Estas, por sua vez, teriam chegado ao poder na França e na Espanha e estariam, ainda, almejando-o no Brasil e em vários outros países.

O liberalismo, por sua vez, foi apresentado como um inimigo que, apesar de se encontrar em franca decadência e de estar fadado à decrepitude, precisaria ser combatido. Precisaria ser combatido, pois os governos e constituições erigidos com base nos princípios liberais, como a liberal-democracia, além de ser falhos, apresentariam brechas através das quais seria possível o fortalecimento, a expansão e, até mesmo, a ascensão do comunismo ou de elementos influenciados por Moscou, ao poder.

Assim, quando Freitas declarou que a liberal-democracia “abria o peito das nações à incursão das víboras vermelhas”, exprimiu, com excelência e em poucas palavras, o principal motivo pelo qual, segundo os integralistas, o liberalismo deveria ser varrido da humanidade.

## 2.2 Os “aliados”: os movimentos e regimes de extrema-direita.

Se, por um lado, o *A Offensiva* atribuía aos seus inimigos ideológicos (o comunismo, o liberalismo e, segundo alguns autores, o judaísmo) a responsabilidade pela profunda instabilidade pela qual a humanidade estaria passando, por outro, creditava a tarefa de combater esses inimigos e, assim, restabelecer a ordem no mundo, à “mocidade”, à “idea nova”.

Valendo-se, inclusive, de construções metafóricas, o jornal integralista procurou evidenciar à opinião pública brasileira que o mundo estaria doente, e que o remédio para tal doença poderia ser encontrado na “idea nova”, nos ideais fascistas. Dessa forma, o *A Offensiva* deu publicidade a artigos - como o de Edmundo Amaral -, nos quais declarava reconhecer ser o fascismo “sentido do século (XX)”, “uma ideia construtiva”, por meio da qual se poderia construir um “novo mundo, visto através das realidades sociais limpas da nevoa utópica das extremas esquerdas”.<sup>157</sup>

---

<sup>157</sup> AMARAL, E. O sentido do Seculo. *A Offensiva*, ano I, 23 de ago. de 1934, p. 8.

Como poderemos conferir nas páginas que seguem, é notável o intento do periódico em noticiar a paulatina disseminação dos ideais fascistas em grande parte do mundo. Segundo o *A Offensiva*, nesse contexto de crises, a mocidade, apontada pelo periódico como todos aqueles indivíduos e movimentos que partilhavam dos ideais fascistas, estaria se levantando nas mais variadas nações, numa reação conjunta à instabilidade imperante.

Na vanguarda da reação contra flagelos do comunismo e do liberalismo, encontrar-se-iam a Itália e a Alemanha - onde o fascismo e o nazismo já haviam se tornado regimes -, seguidos por países inúmeros países que, como Inglaterra, Portugal, Estados Unidos, França, Espanha, dentre tantos outros, contavam com movimentos de caráter fascista. O Brasil, segundo o *A Offensiva*, não ficaria alheio a tal reação, pois, aqui, ela já teria sido iniciada pelos integralistas.<sup>158</sup>

Ao procurar evidenciar, por exemplo, a paulatina disseminação dos movimentos fascistas em grande parte do mundo, que a “universalidade da doutrina fascista seria fato indiscutível”, que “o fenômeno fascista tem amplitude mundial”, que “em todos os corpos que vestem uma camisa da cor, neste ou naquele extremo do mundo, vibra [...] a mesma espiritualidade profunda e nobre”,<sup>159</sup> o *A Offensiva* possivelmente tencionou demonstrar que, da mesma forma que seus inimigos, que agiam em âmbito internacional, os ideais fascistas estariam se disseminando e se manifestando em todos os continentes. Seria uma reação conjunta e orquestrada contra o comunismo, o liberalismo e, segundo alguns autores, o judaísmo.

### 2.2.1 O surgimento e a disseminação da “idea nova” e da “mocidade” pelo mundo.

Na vanguarda do movimento de reação pela salvação do mundo encontrar-se-iam, de acordo com o *A Offensiva*, a Itália fascista e a Alemanha nazista:

Na desorganização que o mundo atravessa, tem surgido, em diferentes países, conductores de homens bem orientados, enérgicos e patricios, que com o pulso forte, decisões rápidas e precisas, tem dominado os máus elementos, tornando suas pátrias poderosas e felizes. O primeiro a surgir foi Mussolini [...] que transformou a sua pátria numa potência respeitada e temida, a ponto dela, hoje, dictar leis a Europa [...] Hitler, recebendo uma pátria combalida, quase desorganizada, empobrecida, desarmada e esmagada sob o guante dos vencedores, domina a situação. Desenvolve

<sup>158</sup> AMARAL, E. O sentido do Seculo. *A Offensiva*, ano I, 23 de ago. de 1934, p. 8.

<sup>159</sup> BARROSO, G. Mané = Thécel = Pharés. *A Offensiva*, dia 14 fev. 1935, p. 2.

uma acção patriótica e tenaz, seguindo as pegadas de Mussolini, mas adaptando o fascismo à situação alemã [...] Arrogante e poderosa como a Itália, dá também suas ordens a outras nações [...].<sup>160</sup>

Esses dois países, segundo o periódico, já viveriam, à época, sob um governo “forte”, baseado na “idea nova”, que, em seus respectivos países, “já teriam derrubado a velha estrutura liberal e afugentado o comunismo internacional” (OLIVEIRA, 2009, p. 333). De forma semelhante, também as figuras de Mussolini e Hitler, assim como os regimes de força por eles instaurados, eram apresentados como os grandes salvadores de suas respectivas nações.

Os regimes fascista e nazista, segundo o *A Offensiva*, teriam feito, respectivamente, da Itália e da Alemanha, duas grandes potências, que, ante a decadência das velhas potências liberais, como Inglaterra e França, estariam ditando os rumos da política internacional do período. Em verdade, o *A Offensiva*, não menos insistentemente, procurou demonstrar que ambos os países só teriam se tornado grandes potências políticas, econômicas e militares após o advento de Mussolini e do fascismo, na Itália, e de Hitler e do nazismo na Alemanha, o que demonstraria que a “ressureição nacional” pela qual haviam passado deveria ser creditada aos seus regimes fortes.

Pela forma com que esse discurso foi construído, acreditamos que o *A Offensiva* tenha utilizado a Itália fascista e a Alemanha nazista enquanto exemplos práticos na tentativa de evidenciar a seus leitores que um “governo forte”, embasado nos novos ideais, além de ser o único capaz de extirpar os males provocados pelo comunismo, liberalismo e judaísmo e, assim, salvar a humanidade da “profunda inquietação” reinante, seria a única alternativa capaz de transformar um país “secundário” numa potência internacional.

Por intermédio da veiculação de vários artigos, o periódico procurava mostrar a seus leitores que tanto a Itália quanto a Alemanha, antes da ascensão de Mussolini e de Hitler ao poder, estariam vivendo sob intensa anarquia, que só fora suprimida após o advento dos governos “fortes” e disciplinadores do *Duce* e do *Führer*.

A esse despeito, o artigo *A Força de um Regimen*,<sup>161</sup> de autoria de Madeira de Freitas, é exemplar. Segundo Freitas, o fascismo teria libertado os italianos da

[...] escravidão do capitalismo judeu, da ignominiosa condição de povo fraco e dos que o exploravam em nome de uma autoridade que nunca existiu. **A Itália deve, pois, essa miraculosa ressurreição nacional ao regimen de ordem, de autoridade e de disciplina que lhe foi imposto pelo gênio de sua raça encarnado na pessoa**

<sup>160</sup> FARIA, J. Questões Sociaes. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 31.

<sup>161</sup> FREITAS, M. *A Força de um Regimen*. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.

de Benito Mussolini. Mirem-se neste espelho os liberaes-democratas. Contemplem a Itália e contemplem a Hespanha. Olhem para o Duce e olhem para Anthony Eden [ministro de Relações Exteriores da Inglaterra], escutem a voz de commando de Hitler e o cacarejar de Harry Berger. Pensem os que forem sinceros, isentem-se de animosidades [...] e concluem que, **seja na Itália ou em qualquer outra parte, só um governo forte e respeitado pôde fazer o que a Italia fez o que Hitler está fazendo, o que o Integralismo fará um dia** [...] Será possível comparar aquelle povo anarchizado de 1917, governado por meia dúzia de liberaes tortuosos [...], [uma] nação subalterna e fugaz, com a Italia fascista [...] que o mundo inteiro conhece, respeita e admira? Pode-se la confundir [...] aquelle exercito inerte, indisciplinado e trôpego, com a potencia militar de mar e terra que a Italia hoje é, com o domínio dos Ares, o effectivo nacional dos camisas-pretas e com a hegemonia incontestada do mediterrâneo? [...] (grifos nossos) <sup>162</sup>

O artigo de Freitas se prolongou em várias comparações entre a Itália antes e a Itália pós-ascensão do regime fascista, e com comparações entre Itália fascista, governada por um líder e por um regime “forte”, e as nações governadas por líderes e regimes erigidos com base no liberalismo, apresentadas pelo autor integralista como nações suscetíveis a males diversos, por conta do caráter ineficaz de seu governo e governantes.<sup>163</sup>

É relevante destacarmos, nesse artigo, a obstinação de Freitas em realçar as diferenças entre a Itália antes e a Itália pós-ascensão do regime fascista (de uma nação anarchizada, subalterna e fugaz a uma “potência de primeiro plano”). Tal obstinação, antes de ter sido em vão, demonstra-nos que o propósito central do autor integralista estava em evidenciar que a miraculosa “ressurreição nacional” da Itália deveria ser creditada ao regime de ordem, de autoridade e de disciplina que lhe teria sido imposto por Mussolini.

De forma semelhante, verificamos que realçar as diferenças entre a Itália antes e a Itália pós-ascensão do regime fascista objetivava, também, evidenciar que nenhum outro sistema de governo, que não um regime forte, como o instaurado por Mussolini, poderia salvar uma nação da anarquia e transformá-la de subalterna em potência respeitada e admirada, pois “só um governo forte e respeitado pode fazer o que a Itália fez, o que Hitler está fazendo, e o que o Integralismo fará um dia”.<sup>164</sup>

A obstinação dos integralistas em frisar que teriam sido os ideais fascistas os grandes responsáveis por transformar a Itália numa potência pode ser notada, também, num artigo de Custódio de Viveiros:

[...] O bafo quente de uma **doutrina nova**, com o furor idêntico de seus vulcões indomáveis, **venceu o chãos, restabeleceu a ordem**, impoz aos transviados o senso da disciplina, transformando homens desanimados em titans, criminosos em regenerados, ociosos em trabalhadores, pusilânimes em soldados magníficos, para

<sup>162</sup> FREITAS, M. A Força de um Regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.

<sup>163</sup> Ibid.

<sup>164</sup> Ibid.



apresentar-se ao mundo, **dez anos, após, como potência de primeira grandeza**, de cujo parecer já não dispensam os povos, por mais fortes e imperialistas que sejam! [...].<sup>165</sup>

Textos como os acima referenciados, de integralistas exaltando as transformações operadas pelo regime fascista na Itália, foram periodicamente veiculados ao longo de todo o período de circulação do *A Offensiva*. Foi, contudo, entre os anos de 1935 e 1936, por ocasião da Guerra da Abissínia, que artigos com esse aspecto foram mais explorados.

Como teremos oportunidade de conferir em detalhes no terceiro capítulo de nossa dissertação, a deflagração da Guerra da Abissínia ofereceu ocasião para que os integralistas explorassem o tão apregoado poder do qual dispunha um “governo forte”.

O conflito em questão, iniciado em 1935, quando da invasão da Itália à Abissínia (atual Etiópia), e finalizado em 1936, com a vitória italiana e com a proclamação do Império Colonial Italiano, foi amplamente explorado pelos integralistas na tentativa de corroborar que apenas um governo “forte”, como o fascista, seria capaz de, em pouco mais de 13 anos no poder, transformar uma Itália fugaz numa Itália “senhora de um império colonial”. Isso porque, como veremos oportunamente no capítulo subsequente, os integralistas creditavam os motivos que teriam conduzido a Itália à vitória não à supremacia bélica dela, mas, sim, à ideologia fascista.

Em verdade, pelo que a documentação nos indica, os camisas-verdes reconheciam que a supremacia bélica das forças italianas era inegável, todavia, como os próprios integralistas procuraram evidenciar, por meio de artigos pontuais, tal supremacia seria efeito de “causas mais profundas”, que seriam as transformações operadas pela doutrina, ideais e políticas do regime fascista, desde a ascensão de Mussolini ao poder, em 1922, na nação italiana:

**A victoria italiana na África não pode ser vista unicamente pelo aspecto material: ella não se circunscreve somente ao aspecto militar, porque esse aspecto decisivo e esmagador, é efeito de causas profundas.**<sup>166</sup>

Dessa forma, vinculando e estabelecendo uma relação direta e proporcional entre a supremacia bélica italiana ao sucesso amealhado pelo regime, ideal e política fascista, os integralistas procuravam demonstrar que, em última instância, a vitória italiana deveria ser creditada ao regime e ideologia fascista:

<sup>165</sup> VIVEIROS, C. Italia. *A Offensiva*, ano, n. 580, p. 2.

<sup>166</sup> A Italia sahiu do temporal, vencedora. *A Offensiva*, ano II, n. 172, p. 13.

E agora, que os filhos da Loba cantam com alacridade e fervor os hymnos do patriotismo retumbante, bem depressa, nos apercebemos que **a conquista da Ethiopia, foi o resultado da victoria de um ideal, expressão da fé e da pujança espiritual de um povo.** Quando os soldados da Itália Nova deixaram o solo pátrio rumo á África, os estadistas envelhecidos e os inexpertos não quizeram ver que aquelles bravos levavam argamassa em seus espíritos, a força de uma convicção fortalecida na disciplina, no culto de dever e no amor da Pátria.

**Eis porque, o segredo de tão fulminantes victorias pode ser desvendado, contribuindo, desse modo, para provar a excellência do nacionalismo immortal, que transforma os fracos de hoje, nos fortes de amanhã.**<sup>167</sup> (grifos nossos)

Não obstante, ao creditarem à ideologia e regime fascista os motivos que teriam conduzido a Itália à vitória, os integralistas, por fim, se utilizaram da vitória italiana enquanto uma prova da supremacia de um regime forte sobre a “dissoluta e anárquica” liberal-democracia:

Essa victoria não representa apenas uma conquista guerreira, uma campanha gloriosa, um episodio épico na história italiana; **essa victoria se eleva na concepção política do mundo em crise, para irradiar a preeminência incontrastável de um regime severo, patriota, augusto e nobre, sobre a dissolução anarchica da obsoleta liberal-democracia.** (grifos nossos).<sup>168</sup>

Em suma, a procura, por parte dos integralistas, em evidenciar-se a eficiência e a supremacia de um regime embasado pela “idea nova” foi grande e, como visto, os integralistas valeram-se da Itália fascista e, sobretudo, da Guerra da Abissínia, enquanto exemplos concretos de que tal supremacia, antes de ficar em nível de discurso, apresentara resultados práticos. Afinal, segundo o discurso apresentado pelo *A Offensiva*, teria sido graças às realizações do regime fascista que a Itália deixara de ser um país fugaz e anarquizado (ver artigo de Freitas) e se tornara uma potência de primeiro plano, detentora, inclusive, de um império colonial.

Menos constantes, mas, ainda assim, numerosos, foram os textos provenientes da Itália estampados nas páginas do *A Offensiva*. Esses textos, que, provavelmente, eram oriundos do material de propaganda organizado pelo governo fascista italiano, seguiam a mesma lógica dos textos escritos pelos próprios integralistas, tencionando transmitir a ideia de que o fascismo e Mussolini teriam conseguido restabelecer a economia e harmonizar a sociedade italiana; conformar um império colonial (com a concretização da conquista da Abissínia); construir pujantes “Forças Armadas”; articular vários interesses e resolver vários impasses

<sup>167</sup> A Italia saíu do temporal, vencedora. *A Offensiva*, ano II, n. 172, p. 13.

<sup>168</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 175, 7 de mai. de 1936, p. 2.

(como com a Igreja Católica, que teria perdurado por mais de 60 anos, como bem frisado pelo artigo) e que, por fim, estariam trabalhando para o restabelecimento da paz no mundo.<sup>169</sup>

De forma semelhante, a veiculação de artigos, por meio dos quais os integralistas tencionaram demonstrar as realizações de Hitler e do nazismo, foi também recorrente. No geral, eram textos que procuravam demonstrar que, entre os anos de 1918 e 1933, ou seja, entre o imediato pós-Primeira Guerra Mundial e a ascensão do nazismo ao governo, a Alemanha encontrar-se-ia arrasada, tanto econômica quanto política e socialmente; humilhada internacionalmente, tanto pela perda da guerra, como também pelas pesadas e degradantes sanções que lhe foram impostas pelos vencedores da mesma; e à beira de uma revolução comunista.

No entanto, de forma semelhante ao que se sucedera na Itália, onde o fascismo e Mussolini teriam operado uma “ressurreição nacional”, a ascensão de Hitler e do nazismo ao poder teria restabelecido a ordem interna na Alemanha, proporcionando que a mesma emergisse, num curto período temporal, como uma potência proeminente no cenário internacional.

Esses pontos podem ser apercebidos em vários artigos, como, por exemplo, o veiculado no dia 31 de janeiro de 1935, data do segundo aniversário do advento do governo nazista alemão - ocasião apontada pelos integralistas como oportuna para que comentários acerca das realizações do regime nazista fossem tecidas.<sup>170</sup> Apesar de longo, transcrevemo-lo a seguir:

A passagem do segundo aniversario do advento ao poder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Allemães vem fornecer occasião para commentarios muito oportunos, em paizes onde a resistência ás reformas mais profundas se traduz no maior dos septicismos, como é o caso do Brasil, e também em outros paizes, onde a descrença nos regimens de caracter fascista ainda encontra adeptos, como é o caso de diversas nações, últimos abencerragens da liberal-democracia.

Porque difficilmente se encontrarão na Historia exemplos tão frizantes de transposições de dificuldades para a victoria de uma idéa nacional, como esses há pouco tempo fornecido pela Allemanha. Provada por adversidades as mais duras, depois da Grande Guerra, a nobre nação germânica deu ao mundo a amostra de como aos grandes erros correspondem as grandes expiações, a estas afinal se succedendo o êxito e o renascimento, como se para coroar os mais pesados sacrificios, sómente fossem adequadas as mais brilhantes compensações.

É isto, exactamente, o que aconteceu com a Allemanha do após-guerra, soffrendo os males de uma inepta social-democracia e vendo cada vez mais fortes as ameaças do disolvente communismo. A salvação que desses perigos lhe proporcionou o

<sup>169</sup> Ver, por exemplo, As realizações do Regimen Fascista. *A Offensiva*, ano V, n. 709, p. 1 e 2; e As realizações do Regimen Fascista. *A Offensiva*, ano V, n. 711, p. 1 e 5.

<sup>170</sup> Outros interessantes artigos (que também foram veiculados por conta do aniversário da ascensão do nazismo ao governo) sobre as realizações do regime nazista e de Hitler podem ser encontrados entre fins de janeiro e início de fevereiro de todos os anos em que o *A Offensiva* circulou.

nacional-socialismo, movimento, entretanto recebido sob desconfiança, senão mesmo com innegavel antipathia, por todo o mundo, constitue, sem duvida alguma, um desses surprehendedentes momentos em que o curso da Historia é interrompido por factores mais fortes que a simples pressão dos elementos anteriores. Renova-se, renasce uma nação, novos rumos são tomados toda uma nova era se inicia. Foi o que se deu com a chegada ao poder do nacional-socialismo allemão e, principalmente, com o desenrolar da sua acção, enérgica e intransigente, contra as perniciosas actividades dos numerosos partidos em que se subdividia a política allemã [...].

Salvando a Allemanha da estagnação moral em que jazia, sob os seus governos inteiramente abaixo das necessidades nacionaes, libertando-a dos perigos que já eram mais do que próximo do communismo internacionalista, o regimen inaugurado pelo chancellor Adolf Hitler attendeu ás mais prementes necessidades allemãs, dando-lhes a um só tempo, extraordinárias forças, tanto de reacção como de construcção.

Para restabelecer a normalidade da vida interna da Allemanha, o nazismo agiu de um modo consagrador. Enfrentou corajosamente todos os problemas que se lhe apresentavam, exigindo rápidas soluções. Avultava entre elles o da desorganização do trabalho e o novo governo soube encetar uma nova era da vida allemã, determinando logo numerosas medidas que tiveram como consequência a quase immediata diminuição do numero dos sem-trabalho, em um proporção verdadeiramente sensacional.

No sector externo, não foram menores as dificuldades que se offereceram á acção do regimen hitlerista. O isolamento político da Allemanha, os resultados dos convênios de depois da guerra, a situação de verdadeira injustiça que na orbita internacional se creara para o Reich, - foram outros tantos motivos de intransigência e de firmeza por parte dos dirigentes da Wilhelmstrasse, que lhe valeram uma evidente melhoria de posição no scenario europeu, depois de enérgicas attitudes como a da sahida da Liga das Nações e depois de uma maravilhosa demonstração de vitalidade do sentimento nacional, como a apresentada pelo recente plebiscito do Sarre.

Por todas essas razões, agora, quando se registra a passagem do segundo anniversario da verdadeira revolução que foi a chegada ao poder do partido que já se transformou em um regimen, é justo que se possam relembrar todos esses factos accumulados a seu favor. Elles esclarecem que ao hitlerismo não faltaram, mesmo deante das mais graves eventualidades, a força e a fê necessárias para a realização dos seus altos objectivos políticos e sociaes e, desta forma, mostram também que não serão obstáculos para a consecução dos seus fins nem o opposicionismo internacional que ainda é existente, nem a própria força da adversidade que nos dias de hoje fere tanto a Allemanha como toda a generalidade das nações.<sup>171</sup>

Já nas primeiras linhas do artigo, vemos que o mesmo era dirigido àqueles que ainda se mostrariam descrentes ou receosos ante os regimes de carácter fascista e, levando tal desígnio em consideração, com um olhar mais atento, entendemos a lógica e o propósito do artigo em questão: depois de discorrer acerca das dificuldades enfrentadas no âmbito nacional e internacional pelo regime nazista (tais como o combate ao perigo comunista, ao desemprego e o isolamento internacional), o periódico destacou que, pelo fato de em apenas dois anos de governo o regime nazista ter dado exemplos “tão frisantes de transposições de dificuldades para a vitória de uma idéa nacional”, não haveria motivos para que países se mostrassem céuticos ou descrentes dos regimes de carácter fascista.

<sup>171</sup> A Semana Internacional. Notas do Exterior. O Segundo anniversario da chegada ao poder do nacional-socialismo allemão. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 38, 31 de jan. de 1935, p. 3.

Assim, notamos que, de forma semelhante ao realizado com a Itália fascista, mas, dessa vez, utilizando-se do exemplo alemão, os integralistas tencionaram demonstrar que não haveria motivos para nutrir ceticismo em relação a regimes fortes, capazes de enfrentar as maiores adversidades, fossem nacionais ou internacionais, e de transformarem uma nação fugaz numa potência.

Além da Itália e da Alemanha, outros países, como Portugal, Turquia, Finlândia e Japão, foram apresentados, pelo *A Offensiva*, como exemplificações de países que estariam vivendo sob um “governo forte”. Todavia, o periódico, apesar de ter referenciado a existência dos governos fortes de Kemal Pachá, na Turquia, bem como Lápua, na Finlândia, e do governo militarista no Japão, não se deteve em veicular conteúdo mais específico sobre os mesmos. Cabe-nos ressaltar, conquanto, que as referências e os elogios ao “governo forte” da Lápua se deram pelo fato de este ter incluído o comunismo nos artigos do código penal de seu país.<sup>172</sup>

A exceção, contudo, fica por conta do “velho e sempre novo” – para utilizarmos uma expressão de Madeira de Freitas<sup>173</sup> - Portugal, do qual o *A Offensiva* se preocupou, ainda que minimamente, em apresentar, a seus leitores, as realizações do “governo forte” de Salazar.

O *A Offensiva* tencionou apresentar Portugal, antes da ascensão de Salazar, como um país atrasado, pouco desenvolvido, predominantemente agrário e rural, com industrialização pífia, com alta porcentagem da população analfabeta e, além de tudo, como um país que estaria vivendo sob intensa efervescência política.<sup>174</sup> Para exemplificar, Cotrim Neto, em artigo, citou que num período de 16 anos, entre 1910 e 1926, a “vida portuguesa foi uma só inquietação”: seis presidentes da República se sucederam, 40 Primeiros Ministros e mais de 200 ministros ocupavam as secretarias de Estado.<sup>175</sup>

Assim, ao leitor do *A Offensiva* era transmitida a ideia de que Portugal, antes da ascensão de Salazar, além de viver sob intensa efervescência política, seria um país fraco tanto econômica quanto política e militarmente.<sup>176</sup> No entanto, em poucos anos, Salazar, segundo o periódico, “realizou trabalhos”: “um exército e uma marinha como jamais Portugal sonhára; finanças públicas estabilizadas; obras publicas innumeráveis”,<sup>177</sup> e, assim, Portugal “ressurgiu brilhante, forte, enfrentando as nações poderosas da terra, impondo normas,

<sup>172</sup> Ver, como exemplo, FREITAS, M. O crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2; Id. A grande lição da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 242, p. 2; Id. A Era do Sigma. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 2.

<sup>173</sup> Id. Ave, Lusitania! *A Offensiva*, ano III, n., p. 2.

<sup>174</sup> VIVEIROS, C. Portugal. *A Offensiva*, ano IV, n. 578, p. 2.

<sup>175</sup> COTRIM NETO, A. Portugal e o Estado Novo. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 9 e 11.

<sup>176</sup> VIVEIROS, op. cit., p. 2.

<sup>177</sup> COTRIM NETO, op. cit., p. 9 e 11.

discutindo seus direitos, respeitado e querido, como um farol magnífico que, à beira do Atlântico, indica à humanidade aflita o rumo da terra da Promissão”.<sup>178</sup>

Mesmo Salazar sendo apresentado, por vezes, como um líder “inferior à estirpe de um Mussolini, pois se filia muito mais á de um Pombal”,<sup>179</sup> Portugal deveria a ele e ao seu “governo forte” a resolução de toda a instabilidade política, econômica e social pela qual o país estaria passando antes da ascensão daquele ao poder.<sup>180</sup> Não obstante, Salazar teria, ainda, transformado Portugal num dos países baluartes, junto com a Alemanha e Itália, na luta contra o comunismo internacional, pelo o que o mundo deveria lhe ser muito grato.<sup>181</sup>

A declaração a respeito de Salazar é-nos de especial interesse. Ao declarar ter sido Salazar um líder inferior à estirpe de um Mussolini, assemelhando-se mais a um Pombal,<sup>182</sup> a documentação indica-nos que, possivelmente, os integralistas, apesar de apresentarem ambos como “fortes”, realizavam uma distinção entre os tipos de governos instaurados na Itália e em Portugal.

Com essa declaração, os integralistas, provavelmente, aludiam às reformas implantadas por Salazar no país ibérico; reformas estas, que, por mais que viessem fortalecer o poder do Estado, não se igualariam ao controle imposto ao mesmo por um governo do tipo fascista; daí, possivelmente a declaração veiculada pelo *A Offensiva*.

Entrementes à busca por transmitir-se a ideia de que um “governo forte”, como o fascismo e o nazismo, teria feito da Itália e da Alemanha grandes potências mundiais, conhecidas, respeitadas e admiradas em todo o mundo, o *A Offensiva* sugeria que governos embasados no liberalismo, como a liberal-democracia, encontrar-se-iam em decadência, não apresentando soluções satisfatórias para solucionar os muitos problemas que estariam assolando a humanidade, e, ademais, “abriam o peito das nações à incursão das víboras vermelhas”.<sup>183</sup>

Dessa forma, o *A Offensiva* sugeria que não haveria outra explicação plausível, além da ineficácia de seus respectivos governos liberal-democratas, para o fato de, por exemplo, a

<sup>178</sup> VIVEIROS, C. Portugal. *A Offensiva*, ano IV, n. 578, p. 2.

<sup>179</sup> COTRIM NETO, A. Portugal e o Estado Novo. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 9 e 11.

<sup>180</sup> VIVEIROS, op. cit., p. 2.

<sup>181</sup> Nas palavras de Palha, “Que seria do mundo se a Alemanha, a Itália e Portugal não levantassem barreiras de ferro às hyenas de Moscou?”. PALHA, A. Retalhos. *A Offensiva*, ano IV, n. 474, p. 2.

<sup>182</sup> Marques de Pombal, Primeiro Ministro da Coroa Portuguesa entre os anos de 1750 e 1777, foi uma figura central na história portuguesa e também brasileira. Recorrentemente apresentado enquanto uma das expressões do “despotismo-esclarecido”, implementou, enquanto dispunha de amplos poderes no governo, uma série de reformas econômicas, religiosas e educacionais com o objetivo de modernizar o Estado português.

<sup>183</sup> FREITAS, M. Um bando de piratas. *A Offensiva*, ano IV, n. 502, p. 2.

França encontrar-se, à época, em plena ebulição política, a Espanha, em Guerra Civil e a Inglaterra, a maior potência mundial de outrora, em franca decadência.<sup>184</sup>

Acreditamos que, ao evidenciar as diferenças entre o “mundo fascista”, onde “a ordem reina” e “todos se entendem”, e o mundo “antifascista”, no qual “a desordem é geral”,<sup>185</sup> e ao frisar a ineficácia e a paulatina decadência dos governos liberais e destacar as realizações do regime fascista e do nazista em seus respectivos países, o *A Offensiva* tencionou transmitir a ideia de que, enquanto um governo “forte”, como o fascista, poderia transformar países em potências, um governo “fraco” (como o liberal-democrata) poderia fazer o contrário, ou seja, arruinar países, mesmo os que, como a Inglaterra e França, tivessem sido as grandes potências mundiais de outrora.

Vislumbramos que esse discurso, bem como a busca por evidenciá-lo, antes de ter sido em vão, tinha um objetivo específico, e, para compreendê-lo, devemos levar em consideração o fato de a AIB estar, desde 1935,<sup>186</sup> inserida na disputa pelo governo brasileiro.

Nesse sentido, cremos que, com esse discurso, o *A Offensiva* sugeria, sutilmente, que, se, por um lado, a vitória eleitoral da liberal-democracia brasileira significaria abrir o peito do Brasil às incursões comunistas e, conseqüentemente, à anarquia, à instabilidade política e social, por outro, caso ascendesse ao poder, o integralismo, por meio de políticas semelhantes - mas não iguais - à do fascismo e nazismo, transformaria o Brasil numa potência mundial, admirada e respeitada. E, neste ponto, as declarações Madeira de Freitas (“só um governo forte pode fazer o que a Itália fez e o que Hitler está fazendo, o que o Integralismo fará um dia”)<sup>187</sup> e Faria (que, em certa oportunidade, declarou: “o espelho do Integralismo está na Pátria italiana, de quem os italianos hoje se orgulham”)<sup>188</sup> devem ser levadas em consideração.

Evidentemente, esse discurso transmitido por meio do noticiário internacional do periódico era, ao mesmo tempo, simplificado e sutil. Sutil, pois era construído em torno de analogias, contraposições e sugestões; simplificado, pois as analogias estabelecidas (“só um governo forte pode fazer o que a Itália fez [...] e o que o integralismo fará um dia”) suprimiam os programas políticos e propostos da AIB. Ainda assim, parece-nos que os integralistas valeram-se sutilmente do contexto internacional e do noticiário internacional do *A Offensiva* numa tentativa de alarmar e, concomitantemente, de seduzir potenciais eleitores - cabe-nos

<sup>184</sup> FREITAS, M. O Crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2.

<sup>185</sup> ABEN-ATTAR NETTO. A revolução da dor humana. *A Offensiva*, ano III, n. 224, p. 10.

<sup>186</sup> Ano em que adquiriu registro como partido político, passando, assim, a concorrer às eleições presidenciais.

<sup>187</sup> FREITAS, M. A força de um regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.

<sup>188</sup> FARIA, J. Questões Sociaes. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 31.

ressaltar que a impressão de que os integralistas se utilizaram do contexto e do noticiário internacional do *A Offensiva* com tais fins, se torna ainda mais latente quando vemos que os camisas-verdes apregoavam ser a Guerra da Abissínia e a Guerra Civil Espanhola “lições” e “advertências” para o Brasil e para a população brasileira, como poderemos conferir no capítulo subsequente desta dissertação.

A Itália, a Alemanha e, em menor grau, Portugal, eram apresentados como referências por já serem governados por um “governo forte”. No entanto, o *A Offensiva* procurou demonstrar a existência e o surgimento de novos movimentos “fortes”, “nacionalistas”, nos mais diferentes países e que a todos estes caberia a tarefa de salvaguardar suas respectivas nações.

Esses artigos foram mais comuns entre os anos de 1934 e 1935 - curiosamente, o período em que, por circular semanalmente, o *A Offensiva* não despendeu maiores atenções ao setor de seu noticiário internacional, já que seu conteúdo deveria estar mais direcionado e concentrado, sobretudo, na difusão da doutrina integralista. Tal fato nos sugere que os dirigentes do periódico julgaram de suma importância que os leitores do *A Offensiva* tivessem ciência da existência de movimentos de caráter fascista em vários países do mundo e que estes se encontrariam, à época, em franco processo de expansão e consolidação.

Diversas notas e artigos veiculados pelo *A Offensiva* nos indicam que o periódico havia, de fato, assumido a responsabilidade de divulgar a existência e o surgimento de novos movimentos fascistas ao redor do mundo. Tais artigos nos sugerem que a referida responsabilidade, assumida pelo *A Offensiva*, poderia ser justificada pelo constante boicote dos grandes meios de comunicação aos movimentos e regimes de caráter fascista:

É um facto que meio minuto de reflexão comprovará. As agencias telegraphicas vivem sabotando os movimentos de character nacionalista no mundo inteiro. Nós ignoramos completamente a extensão das idéas fascistas na Europa e Ásia, África e América porque as agencias fazem uma boycotagem completa desses acontecimentos. Há fascismo no Chile e na Argentina e são fortes e em marcha para a victoria. Quem sabe por aqui? Ninguém. Não há telegramma a respeito. Só se tem noticia quando, por casualidade, lemos um periódico do movimento. As agencias só alludem a essas agremiações para insultal-as e dizel-as aggressivas e massacradores de operários.<sup>189</sup>

<sup>189</sup> As agencias telegraphicas contra as patrias. *A Offensiva*, ano, I, 15 de nov. de 1934, p. 2.

Para mais artigos que versam sobre o suposto boicote dos grandes meios de comunicação aos movimentos e regimes de caráter fascista, ver, por exemplo, O Fascismo na Inglaterra: Sir Oswald Mosley e Lord Rothermere. *A Offensiva*, 18 out. 1934, p. 3; Notas do Exterior. Acontecimentos da Alemanha. *A Offensiva*, 5 jul. 1934, p. 3; Notas do Exterior. *A Offensiva*, 28 jun. 1934, p. 3; Se Fosse Hitler. *A Offensiva*, 18 out. 1934, p. 3; Os Camisas-Prateadas nos Estados Unidos. *A Offensiva*, 29 nov. 1934, p. 8.



Esse boicote era apresentado, pelo *A Offensiva*, ao mesmo tempo como inadmissível, mas, compreensível. Inadmissível, pois os grandes meios de comunicação, segundo o *A Offensiva*, quase não divulgariam notícias a respeito desses movimentos e regimes, “escondendo da opinião mundial sua larga atividade”, e, quando divulgavam, seriam notícias que teriam o único propósito de difamá-los e depreciá-los, propagando inverdades a seu respeito. Compreensível, pois, grande parte dos grandes meios de comunicação estaria, de acordo com o *A Offensiva*, sob direção direta ou indireta de elementos judaicos ou comunistas, ou sob direção de elementos liberais influenciados pelo judaísmo ou comunismo internacional; daí se calarem ante os movimentos fascistas ou de tentarem denegri-los.

A justificativa do próprio *A Offensiva* se sustenta na sua lógica. Não obstante, cremos, também, que o periódico, ao divulgar a existência, surgimento, consolidação e expansão, nas mais variadas partes do mundo, dos movimentos de caráter fascista, possivelmente tencionou demonstrar a amplitude e a força do fascismo enquanto ideologia, além de procurar demonstrar que em outras partes do mundo “vivem homens pensando a mesma coisa que Plínio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo”,<sup>190</sup> ou seja, que o integralismo faria parte de um “fenômeno” que, antes de se restringir ao Brasil, teria amplitude mundial.

A questão do “boicote” dos grandes meios de comunicação aos regimes e movimentos fascistas bem como a responsabilidade assumida pelo *A Offensiva* face tal boicote são, realmente, bastante interessantes e acabam, por fim, englobando outra: a forma com que o *A Offensiva* divulgava as informações a respeito do “fascismo internacional”.

Ao assumir a responsabilidade de divulgar a existência, surgimento, consolidação e expansão dos movimentos de caráter fascista e as realizações do fascismo e do nazismo, o *A Offensiva* procurou apresentá-los de forma agradável e, para isso, o periódico, em diversos momentos, precisou desconstruir a imagem “negativa” que a grande imprensa transmitia sobre os movimentos e regimes fascistas.

Ou seja, ao mesmo tempo em que declarava que as notícias propaladas pela grande imprensa não passariam de mentiras e difamações, os integralistas, por meio das páginas do *A Offensiva*, produziam a sua versão da verdade sobre os movimentos e regimes fascistas e a transmitia aos seus leitores. Dessa forma, acreditamos que o periódico, de maneira sutil, não apenas se esforçou para apresentar de forma agradável o fascismo internacional aos seus leitores, como procurou angariar e garantir uma posição pró-fascismo da opinião pública brasileira.

---

<sup>190</sup> CASCUDO, L. C. Sir Oswald Mosley. *A Offensiva*, 24 mai. 1934, p. 3.

Em acontecimentos pontuais, como a Noite dos Longos Punhais (1934), a Guerra da Abissínia (1935-1936) e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a tentativa do periódico em apresentar de forma agradável a extrema-direita internacional aos seus leitores foi levada ao extremo, com o *A Offensiva* se posicionando de forma totalmente favorável, no caso, ao expurgo ordenado por Hitler, na Alemanha; à invasão da Etiópia pela Itália fascista; e às tropas “nacionalistas” de Franco, na Espanha. Entrementes, o periódico apresentou várias justificativas aos episódios, tencionando legitimá-los ante a opinião pública brasileira.

Assim, como veremos no capítulo subsequente desta dissertação, em que realizamos uma análise acerca da cobertura do jornal integralista aos episódios acima citados, o *A Offensiva*, além de ter se posicionado ao lado do fascismo e da extrema-direita internacional, procurou justificar e dar respaldo às suas atitudes; e esse é um ponto interessante se pensarmos que esse discurso, possivelmente, faria parte de uma estratégia do periódico em apresentar o fascismo e os movimentos e regimes fascistas como “não violentos”.

Encontramos, no *A Offensiva*, artigos que referenciam a existência de movimentos de caráter fascista em vários países, como Argentina, Bélgica, Bulgária, Canadá, Chile, China, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Japão, Letônia, México, Polônia, Rússia. Ressaltamos, no entanto, que as atenções despendidas a cada um dos movimentos foi desigual. Assim, ao mesmo tempo em que o leitor poderia encontrar vários artigos que versavam sobre a *Falange*, na Espanha, *British Union of Fascists*, na Inglaterra, *Francistas*, *Croix de Feu*, dentre outros, na França, não encontraria mais que algumas poucas notas - ou mesmo uma curta referência - sobre os movimentos de caráter fascista existentes no restante dos países citados.

A estrutura dos artigos sobre os movimentos fascistas seguiu o mesmo padrão dos que abordaram o nazismo e o fascismo italiano, exaltando os líderes dos movimentos e atribuindo, tanto a esses movimentos quanto à suas lideranças, a alcunha de salvadores da civilização. Em grande parte desses artigos, o leitor do periódico encontrava grande riqueza de informações e detalhes sobre os movimentos fascistas existentes, o que, de fato, é curioso, ainda mais se levarmos em consideração que muitos desses movimentos tiveram uma expressão pífia em seus países - como o *Francismo*, que chegou a contar com cerca de 500 militantes (SOUCY, 1995).

A riqueza de detalhes presente em alguns desses textos foi, de fato, grande. Neles, o leitor poderia encontrar informações como a cor da camisa que cada movimento adotou; os principais pontos tanto da doutrina quanto do programa de cada um dos movimentos; a localização do “quartel general”, ou seja, a cidade/sede desses movimentos; se suas fileiras

contavam com pessoas de destaque no cenário político, social, econômico ou intelectual; se esses movimentos editavam jornais e, em caso positivo, os nomes desses periódicos; o número de filiados que cada movimento possuía; e, finalmente, as semelhanças e nuances entre a doutrina desses movimentos e a integralista.

Acreditamos que, talvez, por serem movimentos um pouco mais desconhecidos que o fascismo e o nazismo, o periódico se preocupou em transmitir, aos seus leitores, o maior número possível de informações a respeito dos mesmos.

Tencionando demonstrar não apenas a existência, mas também o tamanho, importância e a dimensão que os movimentos fascistas nos Estados Unidos teriam atingido, o *A Offensiva* veiculou, logo em sua segunda edição – o que nos indica a urgência em dar notícia a tal fato -, um longo artigo de autoria de Câmara Cascudo. Nesse artigo, Cascudo discorre sobre os *Kaki Shirts of America*, os *White Shirts*, a *National Watchmen* e os *Silver Shirts*.<sup>191</sup>

De acordo com o artigo, o movimento *Kaki Shirts of America* (ou “camisas kaki” da América, como Cascudo traduziu para o português) teria a Filadélfia como “quartel general” e era dirigido por um Conselho Supremo de generais e coronéis. Contariam, à época, com 1.500.000 “milicianos”, dentre os quais o Senador Huey Long - “o verdadeiro ditador do Estado da Louisiana” - o Deputado Mac Fadder e o General Smedley Bulter, comandante-chefe dos fuzileiros norte-americanos.<sup>192</sup>

Os *White Shirts*, camisas brancas, ou, ainda, “Cruzados da Liberdade Econômica”, como também eram conhecidos, eram dirigidos por George G. Christians. Teriam Nova York e Chattanooga, no Tennessee, respectivamente, como primeira e segunda “capital” e possuiriam núcleos fortes nos estados de Washington e Oregon. Segundo o periódico, atingiriam a cifra de 2.000.000 de associados, “com disciplina militar”, como destacado pelo artigo.<sup>193</sup>

Em Nova York, Chicago e S. Luiz existiriam quartéis de outra agremiação fascista, a *National Watchmen*. Segundo o periódico, o Movimento teria um total de 500.000 “sócios” e, como ressaltado pelo artigo, “dizem que o Oeste americano é a zona dos ‘Guardas Nacionais’”.<sup>194</sup>

No entanto, segundo o artigo, seriam os *Silver Shirts*, “justamente o menos conhecido do público brasileiro”, o grupo fascista mais popular. Teriam sua sede em Oklahoma e

<sup>191</sup> CASCUDO, L. C. O Fascismo nos Estados Unidos. *A Offensiva*, ano I, n. 2, p. 3.

<sup>192</sup> Ibid.

<sup>193</sup> Ibid.

<sup>194</sup> Ibid.

possuiriam grandes subsedes nos estados da Carolina do Norte, Califórnia, Pensilvânia, Maryland, Utah e Nebraska. Contaria, à época, com 2.000.000 de “legionários”, chefiados por Dudley Pelley, conhecido como “o Hitler americano”, não só pelo seu “furioso” antissemitismo como também pelo seu “invulgar poder de atração” e eloquência.<sup>195</sup> Segundo o *A Offensiva*,

[...] Dudley Pelley conhece admiravelmente a psychologia do yankee e a explora com inteligência [...] O judeu é um dos maiores alvejados pelos ‘camisas prateadas’, que nada compram aos israelitas. Seu órgão mais popularizado é a revista ‘Libertation’, em que os capitalistas, communistas e judeus são brutalmente insultados. Os ‘camisas prateadas’, como seus irmãos, os ‘Kaki Shirts’, usam a eloquência da violência que Farinacci ensinava nos tempos primeiros do Fascismo Italiano. Dissolvem comícios, atacam associações sympathicas á URSS, vaiaam os elementos israelitas e desenvolvem um verdadeiro plano de acção contra o individualismo capitalista. Os ‘camisas brancas’ de George G. Christians e os ‘camisas prateadas’ de Dudley Pelley, estão em vésperas de uma fusão para um Commando Único. Uma das ultimas proezas de Dudley Pelley foi denunciar o banqueiro Schiff como sendo o financiador dos communistas americanos e que estes são apoiados pelos grandes banqueiros judeus da Europa e America. A possivel guerra entre o Japão e os Estados Unidos será uma consequência de um plano infernal desse mesmo grupo bancário; mas Dudley diz que chegará a tempo de esmagar toda a trama guerreira [...].<sup>196</sup>

Em outros dois artigos,<sup>197</sup> o periódico procurou mostrar, a seus leitores, os avanços do fascismo nos Estados Unidos. Em nota veiculada em novembro de 1934, o *A Offensiva*, por exemplo, afirmou que um senador fascista e um dos líderes dos *Silver Shirts* teriam se apoderado e implantado, no Estado da Lousiania, um regime em desacordo com as leis da União, o que estaria provocando certos desconfortos no governo federal. A nota é concluída com a declaração – que também é uma advertência acerca do boicote da imprensa internacional - de que

[...] **já há um Estado da “liberal” Norte America nas mãos dos fascistas. Muito bem, e pelas notícias dadas pelos jornais até agora, ninguém poderia supor que houvesse fascismo nos Estados Unidos. Pois há e a prova é outra noticia embaralhada de inquéritos feitos no parlamento norte americano sobre as atividades dos camisas-prateadas, os quaes, segundo os telegramas, já dispunham de 500 mil veteranos prontos a marchar contra Washington [...] E a gente não sabia disso! [...]**<sup>198</sup> (grifos nossos)

<sup>195</sup> CASCUDO, L. C. O Fascismo nos Estados Unidos. *A Offensiva*, ano I, n. 2, p. 3.

<sup>196</sup> Ibid.

<sup>197</sup> Os Camisas-Prateadas nos Estados Unidos. *A Offensiva*, 29 nov. 1934, p. 8; O Fascismo na Lousiania. *A Offensiva*, 10 jan. 1935, p. 3; Os camisas-brancas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n., 25 de mai. 1935, p. 3.

<sup>198</sup> Os Camisas-Prateadas nos Estados Unidos. *A Offensiva*, 29 nov. 1934, p. 8.

Recorrentes, também, foram os artigos que buscaram demonstrar a existência e expansão dos movimentos de caráter fascista na França. Gustavo Barroso, por exemplo, versou, em artigo veiculado numa das primeiras edições do *A Offensiva*, sobre *O Movimento Fascista em França*.<sup>199</sup> Esse artigo seguiu o mesmo padrão outrora exposto, ou seja, procurava demonstrar ao leitor do periódico que, “apesar do silêncio dos jornais e agências telegráficas dominadas pelo judaísmo internacional”, existiam movimentos de caráter fascista no país gaulês e que estes, apesar das dificuldades que estariam enfrentando, se encontravam em franco desenvolvimento:

[...] Apesar do **silêncio dos jornais e agências telegráficas dominados pelo judaísmo internacional**, sabe-se hoje que existe, se propaga e desenvolve um grande movimento fascista em França, geralmente denominado Francismo.

Após o tiroteio da praça da Concordia [...] só se falou em França da nova França que surgia misteriosamente do fudo duma sociedade apodrecida. Homens reuniam-se para lutar contra a morte da pátria e salvá-la mesmo contra a sua vontade. As camisas azues dos fascistas mostravam-se já ao brando e raro sol parisiense, provocando os sorrisos anatólios de sempre e por toda parte. O **Fascismo na França judaizante** que tanto guerreara Mussolini e ataca Hitler! Ironia? Castigo? Nada disso. A energia nacional jorrando espontaneamente através de almas moças. Porque não fora França quem combateu Hitler e Mussolini; mas os **corrilhos judaicos, donos de governos, donos de imprensas e falando em nome das nações que lhes deram hospitalidade**. O Fascismo brota em França como brotou na Grã Bretanha: em diversos grupos. Os ingleses, tanto da Metropole como dos Domínios, já se reuniram na BUF, *British Union of Fascists*. Um dia, os franceses se reunirão para o grande esforço comum que lhes dará a vitória. No momento, eles acabam de nascer.

O **primeiro grupo do Francismo** tem sua sede na rua Vivienne, n. 22, perto da Bolsa. Seu chefe é o sr. Marcel Bucard, moço, enérgico, forte, que prefere os actos ás palavras, franco, desabusado, lógico, coberto de medalhas por serviços de guerra. Declara-se realista, isto é, homem que vê a realidade tal como ella se apresenta, sem o menor vislumbre de fantasia. Vê o regimen parlamentar na agonia e quer assegurar além d'elle a vida da nação. Nacionalista e autoritário. Não se preocupa com o antisemitismo. Nada de belicismo: paz e entendimento leal com a Allemanha. Cooperação de classes e cooperação de nações.

Seus companheiros são antigos combatentes, estudantes, empregados e operários. Todos entre 16 e 30 annos. Nenhum velho. Muitos ex-communistas. declaram-se ‘sem medo’.

Marcel Bucard quer a conquista do poder e o estabelecimento da dictadura por um preparo methodico, activo e intelligente dum estado de espirito. Contava para isso, em março deste anno, com dez mil camisas azues.

O **segundo grupo do Francismo** é o do sr. Henry Coston, que se reúne no n. 5 da avenida corbera, em Daumesnil, sob rótulo Frente Nacional Operaria Camponia. O chefe tem menos de trinta annos, usa bigodinho a Hitler, enraíza sua doutrina nas civilizações arianas e na raça celta, quer o governo forte e o Estado corporativo, professa o racismo e combate os judeus [...] O grupo é pequeno ainda. Compõe-se de uns 500 adherentes e publica um jornal: *La libre parole*.

Outras agremiações fascistas ou semi-fascistas enxameiam na França de hoje, prenunciando a morte do regimen parlamentar jurídico-burguez. A **Solidariedade**, que publica o jornal *L'ami Du peuple*, dirigido pelo sr. Jean Renaud, official do Exercito reformado, que combate o liberalismo e a finança internacional. É o grupo influenciado pelo sr. Coty, o perfumista doublé de político nacionalista. Comportam-se os leitores de *L'ami Du peuple* em 450 mil. Batem-se pela ‘purificação da França’, tentará a luta elitioral para vencer e, se nada conseguir, recorrerá a outros meios. O sr. Renaud combate

<sup>199</sup> BARROSO, G. O Movimento Fascista em França. *A Offensiva*, ano I, n. 4, p. 3.

a maçonaria e combaterá os judeus, se procurarem dominar a França. Afirma contar nas suas fileiras 87 mil camisas-azues.

Desde 1925, existem os J. P, as ‘**Juventudes Patriotas**’, destinadas a lutar contra os comunistas e que contam, só em Paris e arredores, 8 mil homens de tropas de choque organizadas, além de diversos *grupos mobilizados*, numerados e com estandartes. Dirige-os uma *velha guarda* composta de intendentess municipais de Paris: Taittinger, Denais, Pechin e Des Isnards, e uma *joven guarda*: Roger de Saivres e René Richard. Os primeiros agem nos meios políticos parlamentares. Os segundos, nos meios universitários. Todos se dizem Revolucionarios e querem uma Carta Nacional do Trabalho. Sua séde é no centro da grande capital: avenida da Opera, 31 [...]

A **Acção Franceza** é um desses agrupamentos. Talvez o mais conhecido no mundo. existe há trinta annos e seu programma foi admiravelmente exposto por Charles Maurras. A Acção Franceza possui tropas admiráveis e chefes que são grandes escriptores como Maurras e Daudet.

Outro é o **Partido Social Nacionalista**, do sr. Hervé, que conta algumas centenas de membros. Outros, a Acção Nova, do advogado corso Palmieri. Outro, a **Cruz de Fogo**, do coronel de la Rocque, organização essencialmente militar, com uma disciplina férrea, contando 30 mil homens de escol, que não faz propaganda, que não fala e sómente age nas occasiões precisas.

O liberalismo dividiu de tal modo os espiritos em França que até quando ella desperta para a Idéa Nova, essa divisão se faz sentir. Esperemos que as doutrinas se crystalizem, que a reorganização dos espiritos se faça e que a união fascista erga a França sobre um novo arco triumphal. **Essa multiplicação de grupos fascistas é uma lição da historia. Ella ocorreu na Itália de 1921, e na Allemanha de 1932. Ella ocorrerá por toda a parte.** Mas a grande totalização de esforços virá, um chefe surgira do fundo das massas em movimento e a política bandalha do **liberalismo alliado ao judaísmo** será varrida com um sopro das legiões de camisas-azues.

**A França Fascista é o annuncio do Mundo Fascista!** (grifos nossos)<sup>200</sup>

São perceptíveis a riqueza de detalhes e a quantidade de informações que o artigo procurou trazer sobre os movimentos de caráter fascista ou semifascista, como apontado por Barroso, existentes na França. Vemos, por meio desse artigo, alguns pontos dos programas e da doutrina dos movimentos fascistas, o ano em que os movimentos em questão surgiram, a localização de suas sedes, a quantidade de militantes e a origem social de grande parte destes, o nome, o pensamento e o posicionamento de seus líderes ante algumas questões, como o antissemitismo.

Não obstante, nesse artigo podemos, também, notar algumas questões mais pontuais, as quais devemos ressaltar. Não nos referimos, neste ponto, ao posicionamento antissemita de Barroso, o qual está evidenciado ao longo de todo o artigo, mas, sim, à expectativa e à torcida do autor no que se refere ao sucesso do fascismo francês.

Como Barroso procurou evidenciar, o fascismo francês, ao contrário do inglês, que já teria se unificado em torno de uma organização em comum, a *British Union of Fascists*, estaria fragmentado em muitos movimentos e partidos. Todavia, segundo Barroso, essa “multiplicação de grupos fascistas” seria uma “lição histórica”, que teria ocorrido na Itália de 1921 e na Alemanha de 1932, ou seja, pouco antes da ascensão de Mussolini e do fascismo e

<sup>200</sup> BARROSO, G. O Movimento Fascista em França. *A Offensiva*, ano I, n. 4, p. 3.

de Hitler e o nazismo ao poder. Notamos, dessa forma, que Barroso procurou transmitir aos leitores do *A Offensiva* que a fragmentação do fascismo em vários grupos seria algo que, além de não ser incomum, indicaria que a vitória do fascismo francês estaria próxima: “A França Fascista é o anúncio do Mundo Fascista!”.

Assim como os movimentos de caráter fascista dos Estados Unidos e da França foram motivos de artigos que tencionavam demonstrar não apenas a existência, mas também a expansão e consolidação do fascismo pelo mundo, outros movimentos fascistas, como o existente na Inglaterra, também o foram.<sup>201</sup>

No artigo *Sir Oswald Mosley*,<sup>202</sup> Cascudo procura evidenciar não só a existência de um grande movimento fascista na Inglaterra, a *British Union of Fascists* (BUF), como também que este movimento era liderado por uma figura distintíssima na sociedade inglesa, *Sir O. Mosley*. Segundo Cascudo,

O chefe dos ‘Black Shirts’ da Inglaterra é hoje um dos homens mais discutidos da Europa. Elle não tem a notoriedade do Duce italiano nem do Fuehrer alemão, mas está-se impondo á imprensa britannica e impressionando os políticos ‘carcomidos’, como diria o ministro José Americo. Sir Oswald Mosley, em dois annos, tornou-se a mais suggestiva figura de doutrinario político que a Inglaterra nomeia entre os seus innumerabilissimos baronnets e lords.

A principio, nenhum jornal inglez noticiava coisa alguma que se referisse a sir Mosley. A campanha foi crescendo e as ironias começaram. Sir Mosley era uma caricatura de Mussolini, um Duce em segunda-mão, uma vergonha para a gentry do Picadilly, pois até as ‘camisas negras’ o chefe inglês vestira nos seus adeptos [...]

Fundou um diário [...] Chamou-o CAMISA NEGRA. Sir Oswald Mosley é o Duce do fascismo inglez, justamente na liberal Inglaterra, a Inglaterra tradicional da democracia coroada, pabulo de todo orador camelot.

Sir Mosley é um político conhecido e com uma story illustre. Deputado a Camara dos Communs, foi ministro no gabinete trabalhista. Evoluiu para a doutrina victoriosa, humana e lógica, de que a Nação é uma só e os partidos a dividem criminosamente para reinar sobre os despojos. A concepção do Estado totalizante e do uni-partido empolgou o fino inglez, que abandonou todos os ritos e teoremas caducos e fez frente, inicialmente, aos pavores communistas em Londres.

**O fascismo inglez é uma resposta histórica, actual, viva e nítida aos que accusam o INTEGRALISMO BRASILEIRO de ser movimento social de reacção capitalista e burguezia.** Sir Mosley arrastou para os camisas negras mais de duzentos mil operários inglezes, especialmente mineiros e metallurgicos e a propaganda, conduzida pelos próprios “leaders” trabalhadores, é uma pagina de exaltação em toda Inglaterra e Escossia. Na livre Irlanda, o fascismo do general O’Duffy é por demais sabido pelos leitores brasileiros para que me detenha [...]

Os desfiles em Glasgow, Birmingham, Liverpool, New Castle, dizem insophimavelmente que a velocidade do fascio inglez é progressiva. Ultimamente, as agencias telegraphicas, outrora avaras de noticias fascistas, foram obrigadas a informar para o estrangeiro, o longínquo sul-americano, que na Inglaterra também existia gente com camisas symbolicas. **Certos jornaes independentes [...] começaram a permittir pequeninos registros, telegrammas sympathicos, deixando ver que lá fora, nos Estados Unidos e Inglaterra, também vivem homens pensando a mesma coisa que PLINIO SALGADO, e como elle, insensíveis e superiores ao desanimo.**

<sup>201</sup> Ver, como exemplo, O Fascismo na Inglaterra. *A Offensiva*, ano I, n., 13 de dez. de 1934, p. 3.

<sup>202</sup> CASCUDO, L. C. *Sir Oswald Mosley*. *A Offensiva*, ano I, n. 2, p. 2.

Os diários mais populares e lidos da Gran Bretanha inserem entrevistas e colaborações sobre sir Mosley e sua ideologia [...] Lord Rothermere escreveu mesmo neste último [Daily Mail], uma serie de artigos divulgativos que fizeram sensação. Lorde Rothermere provou que o ‘Fascismo é a Paz’, assim como destruiu a famosa ballela da ‘agressividade fascista’, quando é sabido que a organização do fascio é uma força em defesa e só age defendendo. E lembrou que há cem annos o Liberalismo encontrára na Europa as mesmas difficuldades e lutara com a mesma incompreensão que o fascismo hoje depara e nem por isto deixou de infiltra-se e dominar. **Assim, o fascismo inglez é uma fatalidade histórica, social e moral. Sua victoria é para breve e será perpetua,** porque toda a Nação, pela primeira vez, viverá hamonicamente.

**Ora, essa dialectica de lord Rothermere e de sir Mosley é a dos INTEGRALISTAS BRASILEIROS. Esperemos que o ambiente se modifique pelo conhecimento da doutrina e leal assimilação de seus postulados.**

Para muitos amigos é que constitue surpresa lembrar que a old England, a Inglaterra sábia, Britannia docet, está em vésperas de ser totalmente fascista. E haver gente que, fora da Itália e Allemanha, Portugal e Austria, saúda levantando as mãos, numa diagonal corajosa que tem trinta séculos de energia polarizada [...].<sup>203</sup> (grifos nossos)

Sobre os artigos citados, alguns pontos merecem ser destacados. É perceptível que o periódico tencionou demonstrar não apenas a existência, mas a força e a inserção social que os movimentos fascistas teriam em seus respectivos países. A procura por evidenciar o “sucesso” desses movimentos em países como EUA e Inglaterra, que, como os articulistas procuraram evidenciar, eram vistos como os maiores baluartes do liberalismo e da democracia, pode ser entendida como uma tentativa do periódico em transmitir a ideia de que não apenas a liberal-democracia estaria “morta”, mas, também, a força da qual a doutrina e os movimentos fascistas dispunham.

Além disso, é perceptível a constante procura em ressaltar-se que esses movimentos estariam sendo liderados por pessoas da mais alta estirpe e, ademais, que indivíduos distintos, como políticos de alto relevo, gerais e coronéis integravam as fileiras desses movimentos.

Notamos, também, a procura por se evidenciar que os movimentos fascistas, fossem nos EUA, na Inglaterra, ou em qualquer parte do mundo, estariam sendo vítimas de boicotes por parte dos grandes meios de comunicação. Esse “boicote”, segundo o *A Offensiva*, seria duplo: os meios de comunicações quase não noticiavam a existência ou expansão dos movimentos de caráter fascista e, quando noticiavam, seria ou para denegri-los ou para retratarem-nos de forma negativa.

Nesse sentido, a tentativa do *A Offensiva* em procurar demonstrar que o fascismo era a “Paz” e que a ideia circulante de que “fascismo é agressivo” não passaria de balela (como declarado por Cascudo, referenciado acima) pode ser entendida não apenas como uma procura por se divulgar uma imagem simpática do fascismo, mas também como uma forma de garantir e de angariar uma posição pró-fascismo da opinião pública brasileira.

<sup>203</sup> CASCUDO, L. C. Sir Oswald Mosley. *A Offensiva*, ano I, n. 2, p. 2.





Ao lado esquerdo da foto, em letras recuadas, consta um comentário do *A Offensiva*:

Existe em França uma organização fascista prospera e forte que tomou o nome de ‘Francismo’ e se considera como uma Frente Nacional Operaria-Camponeza. Seu symbolo é a velha ‘Frankisk’ ou ‘Francisca’ dos guerreiros Francos que conquistaram as Gallias, o machado de dois gumes. O Chefe dessa organização, por intermédio de nosso companheiro Gustavo Barroso, com quem se corresponde, acaba de enviar à Acção Integralista Brasileira o retrato que vae aqu estampado, com a seguinte dedicadora – ‘Saúdo os Camisas Verdes! Henry Coston’. Para *A Offensiva*, o jovem e ardoroso Chefe dos Camisas Azues de França mandou o artigo que publicamos nestas columnas e que é uma revelação sensacional da entrosagem de empresas estrangeiras e de bancos para a exploração systematica do Brasil transformado em colônia da grande finança internacional.

Na correspondência remetida por Coston, consta um artigo, sem autoria, por meio do qual se procurou atentar para o fato de que várias empresas estrangeiras estariam explorando o Brasil, tencionando transformar a nação brasileira numa “colônia da finança internacional”, controlada pelo “judaísmo internacional”, não por isso tendo sido, possivelmente, remetido a Gustavo Barroso.

Sobre a correspondência de Coston, cabem-nos algumas considerações. Primeiro, o destaque que a reprodução da correspondência recebeu nas páginas do periódico: na primeira capa da edição, o artigo, com manchetes grandes e em disposição central, aparece logo abaixo do cabeçalho do jornal e ocupa um espaço considerável da página, e com a reprodução de uma imagem, uma foto de Coston, que é a única existente na página.

Segundo, ela indica-nos a existência de contatos entre integrantes da AIB e de movimentos fascistas; e mais: o destaque conferido à matéria, bem como a necessidade do *A Offensiva* em ressaltar, em letras recuadas, a troca de correspondências entre Barroso e Coston, que nos evidencia a necessidade do *A Offensiva* em informar seus leitores sobre tais contatos.<sup>204</sup>

Da mesma forma que os movimentos de caráter fascista dos Estados Unidos, França e Inglaterra foram motivos de artigos que tencionavam demonstrar a existência, expansão e consolidação do fascismo pelo mundo, outros movimentos de caráter fascista em outras partes do mundo, como, por exemplo, na Argentina,<sup>205</sup> Bélgica, Bulgária,<sup>206</sup> Canadá,<sup>207</sup> Chile,<sup>208</sup> China, Espanha,<sup>209</sup> Holanda,<sup>210</sup>

<sup>204</sup> Apenas a título de curiosidade - já que não há estudos a respeito - a AIB dispunha de uma Secretaria Nacional de Relações com o Exterior, que tinha como um dos seus objetivos “promover estreito contacto e intercambio com os movimentos nacionalistas estrangeiros”. Ver Secretaria Nacional de Relações com o Exterior. *Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 18.

<sup>205</sup> CASCUDO, L. C. O Fascismo na Argentina. *A Offensiva*, 15 nov. 1934, p. 3; O Fascismo na Argentina. *A Offensiva*, 16 mar. 1935, p. 6.

<sup>206</sup> O Fascismo na Bulgária. *A Offensiva*, 9 ago. 1934, p. 3.

<sup>207</sup> BARROSO, G. O Fascismo no Canadá. *A Offensiva*, 20 set. 1934, p. 2.

<sup>208</sup> CARVALHO, N. Pelo bem do Chile. *A Offensiva*, ano, n. 372, 27 de dez. de 1936, p. 10.

<sup>209</sup> O Fascismo na Hespanha. *A Offensiva*, 2 ago. 1934, p. 3.

<sup>210</sup> Fascismo Hollandez. *A Offensiva*, 4 mai. 1935, p. 1; Fascismo Hollandez. *A Offensiva*, 4 mai. 1935, p. 1; O fascismo na Hollanda. *A Offensiva*, ano II, n., 15 de jun. de 1935, p. 3.

Hungria,<sup>211</sup> Letônia,<sup>212</sup> México,<sup>213</sup> Polônia,<sup>214</sup> Rússia<sup>215</sup>, Suíça<sup>216</sup> e tantos outros, também o foram.

Por serem artigos com estrutura bastante parecida e por apresentarem uma lógica bastante semelhante, cremos não ser necessário prolongarmos-nos nesse sentido. Ainda assim, vale-nos ressaltar que a obstinação do periódico em veicular tais artigos de pode ser um indício de que divulgar a existência e o surgimento de movimentos fascistas em todo o mundo seria, possivelmente, visto como algo de extrema necessidade pelos integralistas; e a veiculação de listas, denominadas *O Fascismo no Mundo*, que contêm o nome de todos os movimentos fascistas existentes, incluindo aí o integralismo, é, nesse sentido, mais um indício,

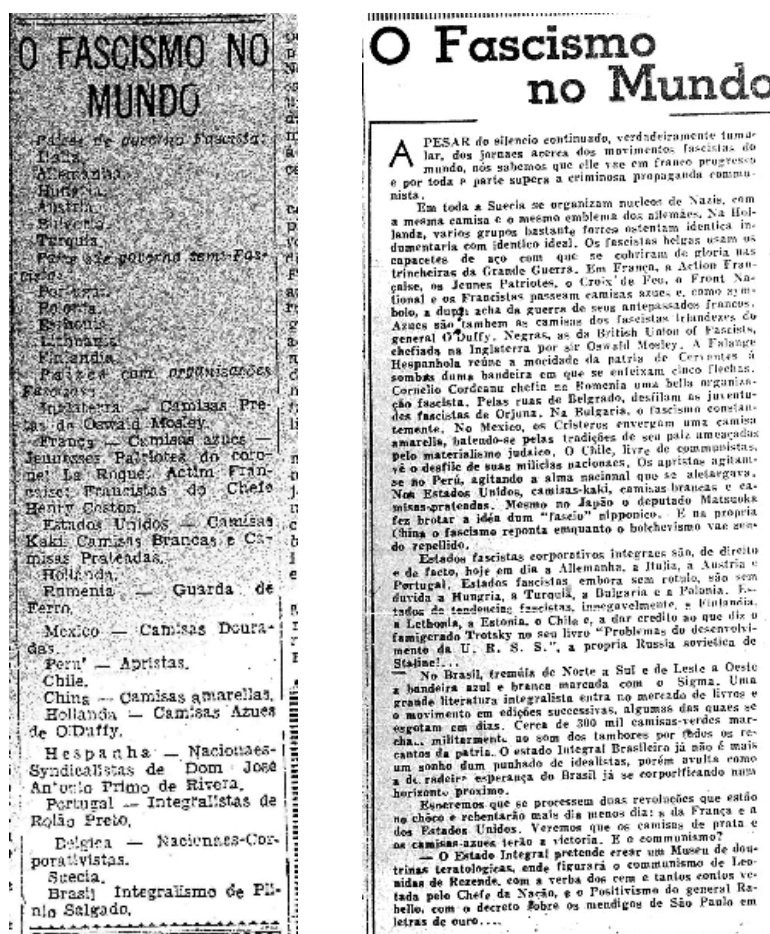


Figura 6 – *A Offensiva*, ano I, n. 13, p. 3 e *A Offensiva*, ano I, n. 30, p. 3.

<sup>211</sup> A marcha do fascismo no mundo. *A Offensiva* ano, n. 395, 23 de jan. de 1937, p. 5.

<sup>212</sup> O Fascio na Letônia. *A Offensiva*, 6 set. 1934, p. 2; O fascismo no Báltico. *A Offensiva*, ano II, n. , 17 de ago. de 1935, p. 11.

<sup>213</sup> Os Camisas-Douradas no México. *A Offensiva*, 3 jan. de 1935, p. 3.

<sup>214</sup> O Fascismo na Polônia. *A Offensiva*, 27 dez. de 1934, p. 3.

<sup>215</sup> Fascismo na Rússia? *A Offensiva*, 27 dez. de 1934, p. 3.

<sup>216</sup> O Fascismo na Suíça. *A Offensiva*, ano II, n. , 8 de jun. de 1935, p. 3; A doutrina do Fascio Suisso. *A Offensiva*, ano II, n. , 23 de set. 1935, p. 3.

Como sugerimos em parágrafos anteriores, entendemos que, ao divulgar a existência, surgimento, consolidação e expansão, nas mais variadas partes do mundo, dos movimentos de caráter fascista, o *A Offensiva*, possivelmente, tencionou demonstrar a amplitude e a força do fascismo enquanto ideologia, além, é claro, de procurar demonstrar que em outras partes do mundo “vivem homens pensando a mesma coisa que Plínio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo”,<sup>217</sup> ou seja, que o integralismo faria parte de um “fenômeno” que, antes de se restringir ao Brasil, teria amplitude mundial.

Todavia, mesmo apresentando todos esses movimentos como fascistas ou com características fascistas, o *A Offensiva* buscou ressaltar que cada um desses movimentos possuía, em grande parte, particularidades e especificidades, pois teriam sido criados em sociedades diferentes, com tradições e realidades diferentes, o que teria influenciado em sua conformação.

Nesse sentido, seriam, inclusive, as especificidades e particularidades nacionais que poderiam explicar o ferrenho posicionamento antinipônico do Aprismo peruano: “os japoneses tomaram conta das costas do Pacífico e os naturais soffrem com a sua concorrência em todos os sectores da vida. Dahi a violência com que o Aprismo boycotta os artigos japoneses e aconselha a luta contra os filhos do Império do Sol Nascente”.<sup>218</sup>

Ou seja, o *A Offensiva*, ao mesmo tempo em que apresentou todos esses movimentos como fascistas, procurou transmitir a ideia de que cada um desses grupos seria a expressão da nacionalidade de seu respectivo país.<sup>219</sup> Por consequência, cada grupo, além de ser independente um do outro, manteria sua identidade local. Sob essa perspectiva, mesmo que o Francismo e o nazismo fossem apresentados como um movimento e um regime fascista, eles o eram apresentados enquanto um regime fascista adaptado às realidades alemãs e como um regime fascista adaptado às realidades francesas:

[...] O fascismo applicado á França, o fascismo ‘á la Française’, o fascismo adptado ao character, ao temperamento e com os methodos frances, como o único meio de resolver a terrível crise social, política e moral por que está passando a Patria de Jeanne d’Arc, de Richelieu e de Napoleão: é o FRANCISMO [...].<sup>220</sup>

Se, por um lado, o discurso do *A Offensiva* sobre os diversos movimentos fascistas existentes no mundo foi bastante objetivo (ainda que com suas particularidades, todos foram

<sup>217</sup> CASCUDO, L. C. Sir Oswald Mosley. *A Offensiva*, 24 mai. de 1934, p. 3.

<sup>218</sup> BARROSO, G. Integralismo e Aprismo. *A Offensiva*, ano III, n. 140, p. 2.

<sup>219</sup> OLIVEIRA, 2009, p. 330.

<sup>220</sup> Ibid.

apresentados como fascistas), por outro, o discurso do *A Offensiva* sobre o caráter ideológico da AIB foi deveras confuso.

O tom predominante dado pelo periódico à questão era o de que a AIB seria um movimento de raízes estritamente nacionais, avesso a influências estrangeiras, quaisquer que fossem. No entanto, sobretudo nos anos iniciais de sua edição, notamos que, por vezes, o *A Offensiva* veiculou artigos que transmitiam a ideia de que o integralismo seria um movimento de caráter fascista, com suas particularidades e especificidades, incontestavelmente nacional, mas, ainda assim, fascista (valendo-se, inclusive, do emprego do termo “fascista” para aludir-se ao integralismo). Todavia, tais artigos foram, posteriormente, suprimidos e, como veremos, o posicionamento predominante, o que marcou o tom do discurso do periódico ante essa questão, foi o de que o integralismo era um movimento estritamente nacional, sem qualquer influência de doutrinas estrangeiras.

### 2.3 O *A Offensiva* e o caráter ideológico da AIB

Ao menos entre 1934 e 1935 a questão referente ao caráter ideológico da AIB foi apresentada, pelo *A Offensiva*, sob duas perspectivas. A primeira, que apresentava o integralismo como um movimento incontestavelmente nacional, mas com certas influências da doutrina fascista; e a segunda, na qual a questão do reconhecimento ou não da influência da doutrina fascista ficava relegada a um segundo plano, preocupando-se, sobretudo, em reafirmar as raízes nacionais da AIB (sem, para isso, recorrer a menções e comparações à doutrina fascista), objetivando refutar as acusações de que o integralismo seria uma cópia do fascismo ou do nazismo.

Não obstante, verificamos que, ao longo das edições do *A Offensiva*, sobretudo após 1936, os artigos que continham declarações de que o integralismo seria um movimento de caráter fascista foram sumariamente suprimidos das páginas do periódico. Nesse ínterim, verificamos que os artigos que tencionaram reafirmar as raízes nacionais da AIB, procurando desvincular o integralismo dos movimentos de caráter fascista e, assim, refutar as acusações de que o integralismo seria uma cópia do fascismo ou do nazismo, se tornaram predominantes.

Ao menos entre 1934 e 1935, ou seja, nos primeiros anos de edição do *A Offensiva*, não foram, de fato, poucos os artigos que tencionaram apresentar, aos leitores do periódico, o

integralismo como um movimento embasado na **doutrina** fascista. De forma geral, tais artigos procuraram esclarecer que o fascismo, enquanto doutrina, teria um caráter “universal” e, justamente por ser uma doutrina de “caráter universal”, movimentos embasados nas ideias e na doutrina fascista poderiam surgir nos mais diferentes países, como Brasil, França, Inglaterra, Estados Unidos, dentre outros.

Apesar de todos esses movimentos partilharem, no seu âmago, de uma doutrina ou pontos doutrinários em comum, o *A Offensiva* se preocupou em ressaltar a seus leitores que aqueles não seriam meras cópias do fascismo italiano, pois teriam surgido em países diversos, com histórias, costumes e tradições diferentes, com problemas internos diversos dos da Itália e, conseqüentemente, com soluções que deveriam ser diferentes às propostas pelo fascismo italiano para o país peninsular.

Vários artigos foram publicados, pelo *A Offensiva*, tencionando evidenciar justamente esses pontos. Logo numa de suas primeiras edições, o *A Offensiva* trouxe um artigo de autoria de Dubernard, no qual o autor, um dos fundadores do *Francismo* francês, procurou demonstrar que a doutrina fascista teria um caráter universal e que movimentos embasados nessa “doutrina universal” teriam surgido em diversos países, inclusive no Brasil, com o integralismo.<sup>221</sup> Todavia, isso, segundo o autor, não significaria que esses movimentos seriam uma “cópia” do fascismo italiano e nem mesmo que tivessem sofrido influências diretas deste. Seriam, segundo Dubernard, movimentos “espontâneos”:

[...] **O movimento fascista, como movimento, é especificamente italiano.** A resolução que realizou é um facto histórico italiano. **Mas o Fascismo também é uma doutrina e, como doutrina, tem caracter universal.** Portanto, empregaremos o termo Fascismo, ora para designar o movimento italiano e sua obra, ora o movimento philosophico universal, no qual se engloba o nacional-socialismo allemão, o nacional-corporativismo belga, o nacional-syndicalismo hespanhol e outros que taes: integralismo, aprismo, etc. **Essa philosophia surgiu em varias partes do mundo, sob diversos nomes, em organizações diferentes e com certas variantes que demonstram a sua espontaneidade. Não se trata de imitação nem mesmo d’uma influencia directa do Fascismo italiano. E, se se chama Fascismo a essa doutrina, é porque appareceu e venceu a primeira vez com esse nome.** O Fascismo Universal pôde ser resumido no seguinte: anti-individualismo, reafirmação do Estado encarnando a collectividade; heroísmo como principio de vida em opposição aos materialismos burguez e marxista; contra todas as divisões em classes ou partidos, reafirmação da nação como realidade primacial e da solidariedade natural que une todos os seus membros; organização hierarchica da collectividade nacional em todos os seus domínios. Portanto: collectivismo espiritual a nacional hierarchizade [...].<sup>222</sup> (grifos nossos)

<sup>221</sup> DUBERNARD, M. G. Francismo e Fascismo. *A Offensiva*, ano I, n. 14, p. 3.

<sup>222</sup> Ibid.

Barroso, ao discorrer, em artigo, sobre o sentido da “Revolução Interior”, apreendida tanto pelo fascismo quanto pelo integralismo, também apontou para “universalidade” do fascismo enquanto doutrina.<sup>223</sup> Ademais, o autor procurou demonstrar que, apesar de suas particularidades, dadas as diferenças de contextos em que foram criados, os movimentos embasados na doutrina fascista, inclusive o integralismo, teriam em comum a mesma “espiritualidade profunda e nobre”, todos eles se uniriam “na mesma força espiritual íntima”:

[...] **Todos os movimentos fascistas do mundo divergem na sua formação, no conceito das realidades a atender, nos característicos próprios de seus ambientes políticos, geográficos, econômicos, étnicos ou culturais. Entretanto, todos se unem na mesma força espiritual íntima, que emana do Espírito Eterno que guia e dirige os destinos dos povos.** [...] [após citar trecho de uma carta que lhe fora enviada por Pfister, continua] **Estas linhas mostram claramente o que é a Revolução Interior na alma de um fascista ou integralista, pouco importa o nome** [...] Como poderá o banqueiro judeu aliado ao interventor paulista, agindo escondido por trás dos srs. Henrique Bayma e Vicente Ráo, combater com capítulos e artigos de uma lei talmúdica e sinuosa um **Revolução dessa ordem que se processa com tal força dentro dos mais cultos espíritos, a mesma no seu fundo e nos seus propósitos, nos corações que palpitam sob as camisas-pretas da Itália e da Inglaterra, sob as camisas-pardas da Alemanha, sob as camisas-azues da França e sob as camisas-verdes do Brasil?** Essa Revolução Subjetiva, que as leis de modo algum poderão deter, depois de atingir a sua plenitude se derramará objectivamente na sociedade já minada e contaminada por ella [...] **O phenomeno fascista tem amplitude mundial. Em todos os corpos que vestem uma camisa de côr, neste ou naquele extremo do mundo, vibra como mostra essa magnífica missiva, a mesma espiritualidade profunda e nobre** [...].<sup>224</sup> (grifos nossos)

Vemos, tanto pelo artigo de Dubernard quanto pelo de Barroso, que o fascismo, enquanto doutrina, possuía um caráter “universal”. Esse caráter universal teria proporcionado que movimentos embasados na doutrina fascista surgissem em diferentes países, inclusive, no Brasil. Dessa forma, por terem como base uma doutrina em comum, partilhariam de alguns pontos em comuns. Todavia, a existência de pontos em comum não significaria que fossem meras imitações do fascismo italiano: seriam movimentos verdadeiramente nacionais e “espontâneos”, que, ademais, possuíam suas particularidades e especificidades, por, justamente, terem surgido em contextos diferentes.

Posicionamento semelhante foi partilhado por Câmara Cascudo. Em artigo veiculado ainda nos primeiros meses de circulação do *A Offensiva*, o autor, mesmo reconhecendo a “universalidade” da doutrina fascista e que o integralismo teria “aceitado muitas soluções

<sup>223</sup> BARROSO, G. Mané = Thécel = Pharés. *A Offensiva*, dia 14 fev. 1935, p. 2.

<sup>224</sup> Id. Mané = Thécel = Pharés. *A Offensiva*, ano II, n. 40, p. 2.

internacionais” desta doutrina, chamou a atenção para que essas o foram “sem perder de vista o elemento nacional, onde ella é camada a operar”.<sup>225</sup>

Ou seja, Cascudo, ao mesmo tempo em que reconhecia a universalidade da doutrina fascista, afirmava que esta “adquire cambiantes próprios das regiões onde se levanta”. Assim, segundo o autor, o integralismo, com suas particularidades, especificidades e adaptações da doutrina fascista “universal”, seria uma “formula brasileira do fascismo”, mas não o fascismo; além disso, ressaltou que, apesar de “fascista”, o integralismo seria um movimento totalmente independente de outros movimentos/regimes congêneres.<sup>226</sup>

**O Integralismo não é uma cópia. É a fórmula brasileira do Fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionaes da doutrina sem perder de vista o elemento nacional, onde ella é chamada a operar.** Cópia é o bolchevismo theorico de certos internacionaes pacotilha. Cópia é a elegância dos nossos ‘almofadas’, eternos ‘fans’ das ‘marionettes’ analphabetas de Hollywood. Nós **somos universalmente independentes.** É uma fatalidade social e biológica. Não creio na autarchia de nenhum povo porque teremos sempre a impossibilidade de conciliar produção com mercados. [...] Tudo em nós é uma herança de millenios. [...] Tudo tem passado por um processo secular de assimilação e de accommodação lectivas [...] O indumento, o idioma, a culinária, o folk-lore possuem leis de circulação e fusão ambientaes. São idéas, formas, matérias, universaes e que pertencem, pela peculiaridade que assumem, a todos os povos. Assim, o Integralismo surgiu brasileiro, para cumprir seu cyclo heróico, sem deixar de ser um pensamento de todos os povos que se renovam. É uma idéa geral, mas instinctiva como a legitima defesa. Vive em toda a parte, mas adquire cambiantes próprios das regiões onde se levanta, como uma affirmativa de Fé, ante a matilha troante dos insultadores da Pátria e da Raça. Nós não copiamos nenhum Fascismo. Sir Mosley, o grande camisa-negra inglez, já disse, entre applausos, que a saudação romana era um patrimônio commum aos povos cultos. Antes levantar a mão para o alto do que ter os dedos mettidos na algibeira do capitalista ou na jaqueta do operário, pedindo dinheiro ou votos, servo de uma gleba immovel e com um eterno dono – ‘está-se-usando’. Integralismo é uma força cuja inicial está em nós mesmos<sup>227</sup> (grifos nossos)

Posicionamento semelhante foi expresso por Edmundo Amaral, que, depois de afirmar que o fascismo seria o “sentido do século (XX)” em artigo homônimo e de discorrer acerca de vários movimentos fascistas, dentre os quais, o integralismo no Brasil, que, numa reação conjunta ao clima de instabilidade imperante, estariam se desenvolvendo em vários países, ponderara, conquanto, que

**O Integralismo Brasileiro que surgiu na organização luminosa de Plinio Salgado, é sobretudo um movimento coordenador das energias da raça. Adoptando o critério totalitário do fascismo e o processo corporativo do corporativismo, conserva-se profundamente nacional.** Toque de rebate das forças ancestraes da nacionalidade é também o Integralismo um movimento de

<sup>225</sup> CASCUDO, L. C. Integralismo é cópia? *A Offensiva*, ano I, n. 23, p. 2.

<sup>226</sup> Ibid.

<sup>227</sup> Ibid.



coordenação de todos os valores, de todas as actividades materiaes, intellectuaes, culturaes da nação Brasileira.<sup>228</sup>

Assim, apresentar a AIB como um movimento de carácter fascista não significaria que o integralismo e a doutrina integralista fossem uma cópia ou uma imitação do fascismo e nem mesmo que se encontrariam subjugados a este. Dessa forma, não menos insistentemente, o *A Offensiva* procurou demarcar não apenas as diferenças e singularidades da AIB e de sua doutrina, mas também a superioridade do Movimento e da doutrina integralista ante as demais doutrinas e movimentos/regimes fascistas. E, por meio do artigo *Um Confusionista*, Barroso procurou destacar justamente essas questões.

No artigo referenciado, Barroso declarou que o que o integralismo estaria defendendo seriam os princípios básicos da civilização cristã ocidental, e como esses princípios, segundo o autor, fundamentariam “todos os chamados fascismos, naturalmente com elles nos cruzamos aqui e ali”. Não obstante, de acordo com o autor, tanto ele, quanto Salgado e Miguel Reale, já teriam, por meio de diversos livros e artigos, mostrado que o integralismo, “na generalidade de seus princípios”, possuiria “pontos de contato” com o fascismo ou hitlerismo, porém, “os supera no sentido espiritual e se afirma marcadamente pelo seu cunho de brasilidade, de consulta directa ás realidades brasileiras”.<sup>229</sup>

De forma semelhante, Abben-Attar Netto, por meio do artigo *A revolução da dor humana brasileira*, buscou evidenciar aos leitores do *A Offensiva* justamente a questão da “identidade inicial dos movimentos fascistas do mundo moderno, e a substancial diferenciação existente entre os mesmos”.<sup>230</sup>

Netto, no artigo em questão, depois de esclarecer o porquê de todos esses “movimentos de reação” terem recebido a alcunha de “fascista” (“por prioridade histórica”, segundo o autor, “fascismo é a designação histórica deste clima”), procurou demonstrar que o laço que uniria os diferentes movimentos fascistas seria a luta por restabelecer a ordem mundial. Para tanto, valeu-se de uma construção metafórica dicotômica, a da existência de dois mundos: um, onde a “desordem é geral” e outro, onde a “ordem impera”; o primeiro mundo, como apregoa Netto, chamar-se-ia “caos antifascista”, ao passo que o segundo, “ordem fascista”. Levando-se em consideração tais ponderações, da existência de dois mundos distintos entre si, sentenciou o autor:

<sup>228</sup> AMARAL, E. O Sentido do século. *A Offensiva*, ano I, n. 15, p. 8.

<sup>229</sup> BARROSO, G. Um Confusionista. *A Offensiva*, ano II, n., 7 de set. 1935, p. 1 e 12.

<sup>230</sup> NETTO, A. B. A revolução da dor humana Brasileira. *A Offensiva*, ano III, n. 224, p. 10.

Ora, se aplicarmos o problema em sua imaginação total ao caso brasileiro do momento [...] então poderemos dizer, nós somos fascistas [...] pertencemos, queremos pertencer ao segundo mundo, porque somos contra a desordem social brasileira; porque assumimos a responsabilidade integral de combater esta desordem social, e criar uma sociedade nova, cujas mais belas decisões nascem da ordem, da disciplina, da hierarchia e da orientação definida. Mas só sob esse aspecto universal de ordem e desordem, que se destacam no mundo moderno, podemos nós, camisas-verdes, aceitar a denominação de fascistas [...] O Integralismo, só no sentido étnico universal, que tanto vive na Italia como na Allemanha moderna, só ahí pode ser chamado um movimento fascista. É nesse sentido, sempre que nos referirmos a esta correlação entre fascismo e integralismo, estamos tomando a grande linha geral e universal da emmoção que dividiu o mundo em dois campos únicos: nihilismo, decadência, catabolismo, contra anti-nihilismo, criação anabolismo perene e eterno das nacionalidades e povos da humanidade occidental. A velha sediosa afirmação de que giramos entre dois pólos, Roma e Moscou, não se impõe; onde existe sentido occidental de civilização, só existe um caminho: a ordem fascista.<sup>231</sup>

Dessa forma, poder-se-ia caracterizar, levando-se em consideração a existência de uma dicotomia mundial, o integralismo enquanto um tipo de “fascismo”. Ainda assim, de acordo com Netto, vários aspectos distanciariam e diferenciariam o integralismo dos outros tipos de fascismos:

Separam-nos do fascismo, fôrma do governo italiano, vários aspectos, desde o geográfico ao econômico e ao ethnographico e ethnologico. Enquanto a Italia era uma paiz a preservar da desordem e de cataclysmas iminentes, o Brasil não se trata tão somente do problema de preservar, mas de crear, construir os alicerces de uma grande Nação. Separam-nos no nazismo os mesmos aspectos, agravados ainda por certa orientação scientifico-philosophica que o hitlerismo mantes, e é o culto racista, que aos nossos olhos brasileiros é totalmente abstruso. O racismo alemão não se volta tão só contra a raça semita, mas também contra as demais raças. Ora, a philosophia integralista repudia a idéa bastarda dos racismos [...] devemos referir à entrevista que o Chefe Nacional deu à imprensa allemã. Perguntado se o Integralismo era racista e especialmente antisemita, Plínio Salgado respondeu estas palavras, simples mas eloquentes: O Integralismo é um Movimento ethico e não ethnico, no sentido de como apreciaes o anti-semitismo.<sup>232</sup>

Como vimos, o *A Offensiva*, ao menos em suas edições iniciais, veiculou artigos que apresentavam o integralismo enquanto um movimento de caráter fascista. Todavia, artigos como os que continham declarações explícitas de que o integralismo seria um movimento de caráter fascista - com suas particularidades, mas, ainda assim, fascista - foram paulatinamente suprimidos das páginas do periódico.

Por sua vez, artigos que reconheciam ou que tencionaram demonstrar a existência de pontos de contato entre a doutrina integralista e a doutrina fascista, apesar de continuarem a ser veiculados, o foram em menor frequência e com maiores cuidados e ressalvas; nestes, tinha-se o cuidado de não apresentar-se a AIB enquanto um movimento fascista e, ainda que o

<sup>231</sup> NETTO, A. B. A revolução da dor humana Brasileira. *A Offensiva*, ano III, n. 224, p. 10.

<sup>232</sup> Ibid.

integralismo fosse apresentado enquanto um dos integrantes do “movimento de reação” ou “ressurreccionais” (nota-se que a expressão “movimento de reação” ou “ressurreccionais” vieram, nesses artigos, substituir o termo “fascista”, o que nos indica os cuidados tomados em não apresentar-se a AIB como “fascista”, ao menos em termos explícitos) existentes no âmbito global, ele, além de ter suas especificidades, seria superior a todos os outros, como oportunamente procurara ressaltar Madeira de Freitas:

**De todos os movimentos resurreccionaes que se têm desencadeado em diversos pontos do mundo, em acção à onda bolchevista, é o Integralismo, sem duvida alguma, o mais interessante, o mais profundo, o mais amplo, o mais singular.**

Não se veja nestas palavras a menor eiva de desapeço à obra dos Mussolini, dos Hitler, dos Mosley; e muito menos sejam esses conceitos tomados à guisa de obsessão sectária pelo movimento que pertencem. O que acabo de afirmar tem apenas por fim registrar as proporções de cada um desses movimentos, quer na sua realidade objetiva, quer no sentido revolucionário de sua projecção nos transcendentes destinos dos povos.

A estas horas a repulsa das nações pelo “vírus” comunista já se faz sentir patentemente em quase todos os campos atingidos pela invasão moscovita. Além dos dois movimentos triunfantes, o da Italia e o da Alemanha, vários outros já empolgam, mais ou menos intensamente, o nacionalismo dos povos christãos [...].

Dizia, ao começar estas linhas, da profundidade e dos demais caracteres peculiares ao movimento do Sigma. **Em verdade, o Integralismo supera a qualquer dos movimentos nacionalistas de seu tempo, sendo que a uns por alguns aspectos, e a outros por todos.** Ninguém negará que o Integralismo é o único movimento do gênero que se funda num corpo de doutrina nítido, definido e preciso. Ninguém pode negar que no Movimento do Sigma, a pregação da idéa precedeu à organização partidária [...] **Mussolini realizou sua obra num São Paulo, porque a Itália é do tamanho de São Paulo; Hitler actuou numa Bahia; Plinio Salgado opera sua revolução no Brasil, que é do tamanho da Europa! O Integralismo, em área de acção imediata, é o maior movimento resurreccional da historia.**

Em profundidade, a sua precursão ideológica, de que a SEP foi a etapa final, colloca o Integralismo no plano das grandes revoluções, e o dilata de sua sede de origem, que é o Brasil, á inevitável expansão continental fará com que o século XX, que é o século da América, seja, como tem de ser, a aurora de uma nova era, de uma nova civilização, de um novo cyclo histórico, ou seja, queiram ou não queiram, A IDADE DO SIGMA.

Assim, enquanto o dirigente dos ‘Croix de Feu’, apesar de toda a sua bravura, se deixou surprehender por uma lei que lhe dissolveu as milícias, dispersando-lhe os intrépidos milicianos, como baratas tontas pelas ruas de Paris, o chefe dos camisas-verdes reunia os seus secretários, no Conclave de Lorena, em novembro de 1934, para lhes dar conhecimento de uma lei que deveria ser promulgada em março do anno seguinte. E no Congresso Nacional de Petropolis, installado em fevereiro de 35, portanto muito antes do advento de Lei de Segurança, já as milícias do Sigma, transformadas em academias de atletismo e gymnastica, se punham ao inteiro abrigo de qualquer interferência com as leis vigentes do paiz. Isso se chama previdência e organização, e revela a existência de um perfeito aparelho de informações, a serviço de um provido espírito de commando, com qualidades innatas de chefia, que caracteriza os homens capazes de conduzir outros homens, á conquista de um ideal pretraçado. **Outros e muitos outros aspectos do Integralismo o singularizam entre os movimentos de opinião que lhe são congêneres.** Seria longo enumerar-os em uma ligeira chronica de jornal diário. Entretanto, ainda me sobra tempo e espaço para dizer que o Sigma já transpoz, como doutrina, as fronteiras geographicas do Brasil [...] Já em toda a América Latina palpita o Integralismo nascente. No Uruguay, foi mesmo adoptado como symbolo o Sigma; na Argentina, no Chile, em Cuba, na Venezuela, no Paraguay, na Costa Rica,

as elites universitárias pregam o Integralismo aos seus compatriotas [...] E, em dia que não Serpa remoto, veremos a doutrina do Sigma enfeixando num laço estreito de Concordia, de Espiritualidade e de Força, os pavilhões das então republicas livres da livre América, impondo-se ao resto do mundo pelo império desse gênio incomparável, que é o gênio do Christianismo.<sup>233</sup>

Não obstante, verificamos que, nesse ínterim, artigos que buscaram desvincular o integralismo das doutrinas e dos movimentos de caráter fascista (que, na verdade, já se faziam presentes desde o início da circulação do *A Offensiva*) se tornaram predominantes, definindo, assim, o tom do posicionamento do periódico ante a questão do caráter ideológico da AIB.

Objetivando desvencilhar o integralismo dos movimentos e doutrinas de caráter fascista, algumas estratégias e argumentos foram recorrentemente utilizados. Dentre esses, estava a procura por se reafirmar as raízes estritamente nacionais da AIB e a procura em se demonstrar que a tarefa a ser desempenhada pela AIB, no Brasil, seria muito diferente da de outros movimentos existentes em outros países, o que já seria o suficiente para discerni-la desses.

Depois de as referências explícitas, que aludiam ser o integralismo um movimento de caráter fascista, terem sido suprimidas, o *A Offensiva* procurou, obstinadamente, demarcar as diferenças entre o Integralismo e os demais movimentos e regimes de “reação”.

Nesse intento, a simbologia criada pelo Movimento também era utilizada para reforçar o caráter genuinamente nacional da AIB:

O Integralismo é profundamente autochtone: seu cumprimento é o braço erguido para o céu, como fazem os índios brasileiros, e o grito que parte de uma ‘camisa-verde’ é o ‘Anauê’ das tabas selvagens dos tupys americanos. O comunismo adopta bandeira vermelha com a foice e o martelo, a mesma bandeira de todos os comunistas do mundo, que resolveram ser vassallos dos comissários do povo, judeus da Rússia.

O Integralismo, se fosse uma copia do fascismo, o ‘fascio littorio’, e se fosse uma copia do hitlerista adoptaria a cruz ‘swastica’; entretanto, sua bandeia é azul e branca e seu symbolo é o ‘Sigma’, que indica uma nova philosophia de vida [...] O comunismo é uma copia a papel carbonon. O Integralismo é um documento original [...].<sup>234</sup>

Uma das questões centrais na procura por demarcarem-se os pontos de divergências entre o integralismo e os demais movimentos e regimes de “reação” foi a busca por delimitar as diferenças entre o modelo de Estado proposto pela AIB e pelos outros movimentos e regimes de caráter fascista. Como a proposta de um Estado assentado no Corporativismo era

<sup>233</sup> FREITAS, M. A Era do Sigma. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 2.

<sup>234</sup> SALGADO, P. Nós e os escravos de Stalin. *A Offensiva*, ano II, n. 60, p. 1-2.

algo basicamente comum a todos esses movimentos - o que, portanto, aproximava o integralismo dos movimentos fascistas - essa era uma questão delicada.

Dessa forma, parece-nos que os integralistas se viram impelidos em evidenciar à opinião pública brasileira as diferenças entre o Corporativismo Integral, modelo corporativo tal como proposto pela AIB, dos modelos Corporativos propostos pelos demais movimentos e regimes de caráter fascista. Assim, procurava-se demonstrar que, se por um lado, a proposta Corporativista aproximava o integralismo dos movimentos fascistas, por outro, as especificidades e particularidades do Corporativismo Integral distanciava-o dos mesmos.

Não obstante, verificamos que os integralistas apressavam-se em ressaltar que tais particularidades teriam, até mesmo, feito do Corporativismo Integralista o modelo corporativista mais eficiente e completo, superior aos demais, inclusive ao modelo fascista italiano. E foi isso que o *A Offensiva* procurou evidenciar, por meio da veiculação de um artigo de Machado Paupério, no qual o autor integralista faz uma ampla exposição acerca do que seria um Estado Corporativo, das superioridades desse modelo face ao modelo de Estado proposto pelo liberalismo, e das especificidades do modelo corporativista proposto pelos integralistas:

**Vivemos o século do corporativismo [...] Enquanto os Estados de estrutura liberal apresentam, cada dia, sinais mais evidentes de colapsos profundos, os Estados de estrutura corporativa convalescem e se fortificam [...] Na Itália iniciou-se o movimento renovador.** Foi o primeiro Estado Novo a viver o Corporativismo, o Estado Italiano. Formou uma consciência nova. Pôs fim à lucta de classes. Organizou o trabalho. Resolveu o problema do desemprego. Ampliou os serviços de utilidade pública. Secou pântanos. Incentivou a agricultura e a produção. Levantou o padrão ouro a despeito da queda da libra e do dólar. E evidenciou-se no Mediterrâneo como a primeira potencia do Sul [...].

Pela constituição do regimen corporativo italiano, compreende-se o sentido totalitário um tanto perigoso que caracteriza o Fascismo. **A despeito das grandes vantagens trazida à Península, pelo novo regimen, não ocultamos os males que pode elle também ocasionar.** Parece patente o espirito de absorpção enfeixado nas mãos estataes. Por essa absorpção, o Estado vae aos poucos substituindo a livre actividade individual, banindo a iniciativa privada, fonte de grandeza e de progresso na ordem econômica, quando convenientemente disciplinada. Como já alhues dissemos, a economia dirigida que preconizamos não implica em absorpção pelo Estado das iniciativas individuais.

O papel do Estado como 'Minister Dei' e o controle das actividades privadas, tendo em vista o bem comum. Não pde ser uma machina por meio qual procure realizar seu intentos políticos. Neste ponto, o Estado Integral, por que nos batemos, é ainda exemplo de equilibrio perfeitos. Reagindo contra a impotência do Estado liberal apodrecido, não caiu no erro contrario, que iria, talvez, justificar mais tarde novas reacções sociais.

Nosso Estado Integral baseia-se na autonomia do Municipio, "cellula-mater" da administração nacional. Ao principio da centralização politica, opomos o da descentralização administrativa. Dentro dos Municipio agregar-se-ão as classes syndicalizada, delas dependendo directamente a escolha dos Conselhos e indirectamente, por meio desses, a dos prefeitos municipaes. Os syndicatos homogêneos, dentro do âmbito Provincial, darão as Federações, eleitoras dos Conselhos Provinciaes, a quem incumbirá a escolha do governador da Provincia, sob a aprovação do Executivo Nacional. Finalmente, as Federações Provinciaes homogêneas formarão as Corporações, de âmbito nacional, de cujos representantes se constituirá a Câmara Corporativa

Econômica. Tal Camara, conjuntamente com o Senado (órgão technico não econômico) formará o Congresso Nacional, que elegerá o Presidente da Republica.

A organicidade do nosso systema corporativo é, desse modo, como se acaba de ver, das mais perfeitas e das mais democráticas. O regimen corporativo não é, como muitos acreditam, incompatível com a democracia, mas sim com o liberalismo individualista. Quando se fala, portanto, no unitarismo do Estado Corporativo, não quer elle forçosamente significar uma concepção estatal absoluta como a de Manzini e de Rocco na Italia.

Totalitarismo, para nós, não significa absolutismo, mas sim **INTEGRAÇÃO PERFEITA E PROPORCIONAL DE TODAS AS FORÇAS ECONOMICAS E NÃO ECONOMICAS NO GOVERNO DA NAÇÃO.**

O Estado Corporativo é, por sua própria natureza, um Estado Forte. Esse Estado Forte não significa, entretanto, ditadura. Mas Força capaz de recompor equilíbrios em prol do bem comum [...] Os conceitos de autoridade e de liberdade harmonizam-se perfeitamente no Estado Integral. Da integração desses dois conceitos, aparentemente contradictorios, nasce na Economia Corporativa que preconizamos, não uma economia propriamente dirigida, mas uma economia verdadeiramente auto-dirigida. **Inspiramo-nos, certamente, na constituição corporativa Italiana. Mas nós soubemos adaptar às realidades brasileiras.** O corporativismo agrupa os indivíduos dentro das classes em que vivem. Os syndicatos são, por isso, grupos naturaes, em contraposição aos partidos políticos, grupos artificiaes. Os partidos vivem de interesses efêmeros. As classes vivem de interesses permanentes, porque em função da constante TRABALHO.

Assim, é justo que se organize a sociedade sob a base corporativa e não sob a base de partidos. Além disso, os contractos collectivos que são a alma do regimen corporativos, são o caminho mais seguro para a realização da Justiça Social. Aos syndicatos, representantes de cada classe, incumbe, como órgãos de direito publico, effectivar os contractos. No antigo Estado Liberal, na vigência dos contractos individuaes, houve logar para a exploração porque, como diz Lacordain, entre o forte o fraco, é a liberdade a maior força de escravização. No Estado Corporativo, o individuo fortalece-se com a classe e aparecem em igualdade de condições o Capital e o Trabalho como forças de colaboração mutua.

Na Magistratura do Trabalho, finalmente, na esfera judiciaria, completando organização syndical, resolve os conflitos por acaso surgidos na elaboração dos contractos collectivos e impede, ‘ipso facto’, as greves, tão prejudiciais à vida econômica do país.

**Por tudo isso pugnamos pelo Corporativismo que entre nós, entretanto, assumirá matizes diferentes do fascista. Se o Fascio tem apenas representação na econômica no governo da Nação, o nosso Integralismo apresentará também uma Câmara de representantes não econômicos para que se integre realmente a vida total do paiz. Se o Fascio é estatista, o Sigma é profundamente orgânico, racional, integral, christão!**<sup>235</sup>

A mesma diferenciação foi apontada, mas em poucas palavras, por Cotrim Netto, quando este resumiu em linhas gerais:

**Estado Fascista não é Estado Integralista; se um e outro são Estados Corporativos, são Estados Fortes, a Corporação Integralista assenta em outras bases; o Integralismo organizará o Brasil diferentemente da forma porque o Fascismo organizou a Itália centralizando em Roma a vida administrativa e política do paiz, ao passo que nós objectivamos descentralizal-a o mais possível, até aos municípios.**<sup>236</sup> (grifos nossos)

<sup>235</sup> PAUPERIO, M. A Doutrina do Sigma e o Corporativismo Italiano. *A Offensiva*, ano IV, n. 644, p. 9 e 14.

<sup>236</sup> NETTO, A. B. Raízes do Brasil. *A Offensiva*, ano IV, n. 404, p. 2.

Dessa forma, se o modelo Corporativo era uma proposta comum a grande parte dos movimentos de caráter fascista - o que aproximava o integralismo dos mesmos -, as especificidades do modelo corporativo proposto pela AIB fariam do Corporativismo Integral uma experiência única, o que demonstraria o seu caráter nacional e superior às demais.

Esse discurso possibilitava que os integralistas inserissem a AIB na “onda corporativa internacional” (afinal, como podemos notar pelos excertos, o corporativismo era o modelo que, segundo os integralistas, viera para substituir o combalido modelo de Estado liberal) e, ao mesmo tempo, dava margem para que os integralistas demarcassem os limites das influências fascistas sob o modelo de Estado proposto pela AIB.

Ainda na tentativa de demarcar-se a originalidade ou especificidade da AIB, procurava-se ressaltar, também, o fato de o integralismo não obstante ser um movimento político, sê-lo-ia, sobretudo, teórico; um movimento no qual a formulação teórica teria precedido sua organização política, fato que, ao mesmo tempo, o diferenciaria de muitos movimentos “fascistas” e revelaria o seu “caráter superior” e “espiritual”.<sup>237</sup>

Sua organização teórica precedente à partidária, antes de se mostrar irrelevante, teria proporcionado ao Movimento a conformação de um corpo teórico “nítido, definido e preciso”. Ademais, a organização partidária precedida pela teórica teria, segundo os integralistas, a sua vantagem:

Na pressa de oppor um dique ao diluvio comunista, a reação do Fascismo italiano realizou empiricamente o Estado Forte. Sua teoria veio depois. **A diferença essencial entre o movimento fascista e o movimento integralista, como movimentos, dynamicamente é esta: o Fascismo é prático e, exercendo a prática, crea a teoria; o Integralismo é theorico e exercerá a pratica baseado na sua teoria, modificando os pontos que a experiência aconselhar que sejam modificadas.**<sup>238</sup> (grifos nossos)

No intento de desvencilhar o integralismo dos movimentos e doutrinas de caráter fascista, os integralistas buscavam reafirmar as raízes estritamente nacionais da AIB e, ao mesmo tempo, demonstrar que a tarefa a ser desempenhada pela AIB, no Brasil, seria muito diferente da de outros movimentos existentes em outros países, o que já seria o suficiente para discerni-la destes, como ressaltara Orlando Castro:

O Integralismo é uma idéa, é um systema de se encarar o meio politico social, econômico. É uma forma nova de Estado baseado na verdade scientifica e na realidade brasileira. Não é a copia do Nazismo, nem do Fascismo, nem de qualquer

<sup>237</sup> FREITAS, M. A Era do Sigma. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 2.

<sup>238</sup> BARROSO, G. A Verdadeira Democracia. *A Offensiva*, ano II, n. 64, p. 1.

outro regimen porque o Integralismo é brasileiro, está organizado dentro das realidades brasileiras, a sua doutrina basea-se no estudo e solução dos problemas genuinamente brasileiros.<sup>239</sup>

Notamos, dessa forma, que, por vezes, na tentativa de evidenciar-se que o integralismo não seria uma “cópia” nem do fascismo e nem do nazismo, bastava, para tanto, declarar que o integralismo não o era simplesmente por ter surgido no Brasil. Ademais, esse discurso vinha acompanhado de uma estratégia: ao passo que se simplificava e sugeria-se que a AIB, por ter surgido no Brasil, não seria cópia nem do fascismo e nem do nazismo, ressaltava-se que seriam os liberais e os comunistas “cópias” estrangeiras, dado que o liberalismo seria fruto da Revolução Francesa, enquanto que o movimento comunista internacional encontrar-se-ia subordinado à URSS:

Os ignorantes que nos criticam, sem nos conhecer a Doutrina, dizem que somos fascistas, que somos hitleristas...

**Integralismo, Fascismo, Hitlerismo são fenômenos nacionalistas, o que quer dizer: fenômenos diferentes, pois diferentes são as nações em que eles se desenvolvem. São movimentos surgidos para solucionar os problemas nacionais, sem a intervenção de forças estranhas, e para tornar fortes as nações, contra a onda de lama do comunismo. Como diferentes são os problemas brasileiros, italianos e alemães, diferentes são, também, o Integralismo, o Hitlerismo, o Fascismo.**

Eis o que é claro e o que está nas dezenas de livros integralistas, mas a burrice, a ignorância e a má fé dos anti-integralistas não querem ver.

No entanto, eles, os liberais democratas e os seus parentes próximos, os comunistas, que nos chamam de copistas, e copistas-móres! Vejamos: a Liberal-Democracia é copia da coisa franceza, porquanto é fructo da Revolução Franceza, forjada pelo judaísmo, nas lojas maçônicas. E é este o motivo por que a Igreja, pela vez de seus Pontífices e, ultimamente, pela voz do actual Papa Pio XI, condemna, formalmente, a Liberal-Democracia ou Liberalismo.

No Imperio, que também foi liberal-democratico, copiou-se o Parlamentarismo inglez. Na Republica Velha, copiou-se a Federação norte-americana e copiou-se até o nome – Estados Unidos do Brasil – dos Estados Unidos da América do Norte. Na actual Republica, chamada Republica Nova, mantem-se a copia da Federação ampla, dos moldes norte-americanos, e ainda se copia mais a Constituicao de Weimar, social-democratica, que anarchizou a Allemanha e que está concorrendo para a anarchia brasileira. Na Allemanha, a anarchia cessou porque o Hitlerismo interveio. No Brasil, pelo Integralismo, a anarchia reinante muito em breve desaparecerá, também!

E os comunistas? Estes, então, são copistas-móres, por isso que desejam o traslado completo do regimen russo, com os mesmos symbolos, a mesma bandeira, o mesmo hymno, a mesma doutrina! [...].<sup>240</sup>

Verificamos, dessa forma, que os integralistas utilizavam-se do pretenso carácter “internacionalista” de seus inimigos para reafirmarem o carácter nacional da AIB. Tal estratégia discursiva foi, inclusive, adotada pelo próprio Plínio Salgado, no artigo com o já sugestivo título *Nós e os escravos de Stalin*:

<sup>239</sup> CASTRO, O. R. Reflexões sobre duas doutrinas. *A Offensiva*, ano I, n. 11, p. 2.

<sup>240</sup> O Integralismo não é hitlerismo, nem fascismo!. *A Offensiva*, ano IV, n. 580, p. 1.



O comunismo vive como satélite de Moscou, recebendo a luz vermelha de directivas internacionais, o Integralismo fulgura como um sol, projectando o seu clarão sobre o mundo contemporâneo. O comunismo não apresenta nenhuma originalidade [...] O Integralismo é coisa nova, interessante, século XXX, espirito da América, manifestação de um Novo Pensamento, a produzir uma Nova Sociedade, uma nova Economia. O comunismo é cópia servil. O Integralismo é uma doutrina original.

O comunismo recebe palavras de ordens do Exterior. O Integralismo traça novas directivas aos povos. O comunismo obedece a autoridade que não está no paiz; ainda agora os comunistas francezes declararam no Parlamento que seu chefe é Stalin e outros que sua pátria é a Rússia. Integralismo não obedece a estrangeiros; seu chefe é nacional e acima dele não há chefes internacionais.

O comunismo recebe dinheiro de fora do paiz. O Integralismo arranja-se com a prata da casa, vive do esforço dos próprios integralistas [...] O comunismo publica livros traduzidos. O Integralismo publica livros originaes. O comunismo é orientado por technicos estrangeiros. O Integralismo é dirigido exclusivamente por brasileiros [...].

Os ignorantes, que nunca leram as obras integralistas, quando falam em público sobre essa doutrina, não reparam que estão se expondo a um ridículo tremendo, ao affimar que o integralismo é uma copia do fascismo. Quem são esses? Os liberaes, que querem aplicar aqui o velho liberalismo inglez que já faliu na Inglaterra [...] ou então os socialistas de meia tigela [...] são esses os que dizem que copiamos [...].<sup>241</sup>

Não obstante, o espaço em que os dois últimos artigos citados foram veiculados no periódico (ambos na capa) nos sugere o quão importante seria, naquele momento, os integralistas reafirmarem o caráter nacional da AIB, objetivando refutar as acusações de ser o integralismo “cópia do fascismo e do hitlerismo”.



Figura 7 – *A Offensiva*, ano IV, n. 580, p. 1.

<sup>241</sup> SALGADO, P. Nós e os escravos de Stalin. *A Offensiva*, ano II, n. 60, p. 1-2.

Dando sequência ao artigo *Nós e os escravos de Stalin*, Salgado se aprofunda na questão acerca das acusações de o integralismo ser cópia do fascismo e do nazismo e toca numa questão central acerca do relacionamento “interfascismos”: o nacionalismo:

Se, para argumentar, dermos que a concepção do Estado segundo o integralismo é a mesma da Itália, da Alemanha, da Áustria, de Portugal, ainda ali seria leviandade dizer que o integralismo é uma cópia. Basta raciocinar um pouco. Que concepção de Estado seria essa? A do Estado Nacionalista, autoritário, interventor, diretor da Economia. Perguntamos: será possível construir esse Estado Nacional, copiando um Estado estrangeiro? Então não seria nacional e o princípio doutrinário teria caído por terra. Isso quer dizer que, mesmo dada a hipótese de que a concepção doutrinária do Estado fosse absolutamente idêntica entre fascismo, hitlerismo, salazarismo, dollfismo, integralismo, isso só demonstraria que cada uma dessas manifestações políticas são absolutamente originaes. Por que? Por que o “princípio” sendo nacionalismo, não haveria mais nacionalismo no dia em que umas copiassem as outras [...].<sup>242</sup>

Assim, procurando evidenciar que o integralismo não seria uma cópia nem do fascismo e nem do nazismo, Salgado destacara que, ainda que se utilizasse como argumento o fato de o Estado preceituado pelo integralismo ser o mesmo tipo de Estado preceituado por outros movimentos/regimes fascistas, a argumentação seria falha, pois tal modelo de Estado, fortemente baseado no nacionalismo, não poderia ser “cópia” de outro, pois, então, o tão apregoadado “nacionalismo” teria, conseqüentemente, caído por terra.

Notamos, conquanto, que Salgado se refere ao assunto em termos absolutos (“cópia”), e não em termos relativos (que envolveriam a possibilidade da existência de pontos de contatos, de aproximações, ou seja, de convergências, mas também de divergências entre a AIB e os movimentos congêneres). Obviamente, é preciso levarmos em consideração que o artigo de Salgado foi veiculado como uma resposta aos que acusavam ser o integralismo uma “cópia” do fascismo.

Assim, o discurso de Salgado sugere-nos a adoção de uma estratégia discursiva: num artigo que almejava refutar-se as acusações de que o integralismo seria cópia, tecer comentários apontando as convergências, ainda que, logo em seguida, se tentasse demarcar as divergências, possivelmente gerariam novas oportunidades para que o integralismo fosse acusado de “cópia”; e Salgado, provavelmente, tinha ciência disso.

Em outro artigo, intitulado *Distinção*, ao discorrer acerca de alguns pontos do nazismo, do fascismo e da *Croix de Feu* francesa que distanciariam a AIB desses regimes/movimentos (tais como o racismo e o antissemitismo nazista, o corporativismo centralizador do fascismo e o tradicionalismo dos integrantes da *Croix de Feu*), Salgado, mais

<sup>242</sup> SALGADO, P. Nós e os escravos de Stalin. *A Offensiva*, ano II, n. 60, p. 1-2.

uma vez, negligenciou os que os aproximaria do integralismo. Afinal, como sugerem o próprio título do artigo (*distinção*) bem como sua introdução e conclusão, este era o propósito do artigo: evidenciar as diferenças, e não as aproximações:

Os integralistas precisam distinguir o seu movimento dos outros, aparentemente congêneres, que se processam na história contemporânea, e que, entretanto, bem analisados, diferem fundamentalmente da Revolução do Sigma [...]

Quanto aos outros movimentos, estudarei num próximo artigo, de modo estar esclarecendo, o mais possível, aos integralistas brasileiros, dando-lhes consciência de sua originalidade, seu valor próprio. Não pretendo criar um movimento de copiadore, mas dizer a palavra da America do Sul, nos dias presentes.<sup>243</sup>

Como os artigos de Salgado veiculados pelo *A Offensiva* nunca trataram da questão de forma objetiva, sempre procurando negar que o integralismo seria uma “cópia” do fascismo ou do nazismo, ou apenas evidenciando as diferenças entre os diversos movimentos fascistas e a AIB, mas negligenciando as similitudes e os pontos de aproximação, seria inútil delongarmos-nos nesse sentido, pois, em última instância, confirmaríamos os pressupostos de Salgado de que o integralismo não era cópia do fascismo nem do nazismo e de que haveria pontos que distanciarariam o integralismo dos movimentos congêneres.

Não obstante, isso nos indica que essa é uma questão delicada e que merece ser relativizada.

Dentre os pontos que, em nível ideológico, aproximavam todos os movimentos de caráter fascista, existia um, o nacionalismo exacerbado - justamente um dos traços mais comuns e mais sobressalentes da ideologia e dos movimentos fascistas - que inviabilizava qualquer tipo de declaração que subjugasse, mesmo que a termos ideológicos ou terminológicos, um movimento ao outro (BERTONHA, 2008, p. 260-262). Dessa forma, a procura de, por vezes, negar-se o caráter fascista do movimento ao qual pertencia, antes de ter sido uma particularidade dos integralistas e da AIB, foi algo bastante comum também em outros movimentos (SOUCY, 1995, p. 23).

Como Bertonha (2008, p. 260) ressaltou num de seus estudos:

Os teóricos integralistas aceitam, em geral, as semelhanças do integralismo com o fascismo em diversos pontos, como a base sindical corporativa etc., a luta contra o materialismo, conteúdo revolucionário e mantém solidariedade com ele [...] mas recusam categoricamente quaisquer relações de dependência ou igualdade. O integralismo não só seria diferente dos demais fascismos, já que seria originário de bases nitidamente nacionais, como seria ainda um estágio superior a este em doutrina, espiritualidade etc. A presença dessas duas características – desejo de

<sup>243</sup> SALGADO, P. Nós e os escravos de Stalin. *A Offensiva*, ano II, n. 60, p. 1-2.

diferenciação e solidariedade ideológica – no mesmo raciocínio pode parecer contraditória, mas não é. Quase todas as relações inter-fascismo caracterizam-se por esse tipo de combinação entre o nacionalismo que rejeita a ligação externa e um senso de luta ideológica mundial, o que conduz necessariamente à ambigüidade do discurso.

O autor, no estudo em questão, se refere à ambigüidade do discurso dos integralistas acerca da constituição da “máquina simbólica” da AIB: “que ao mesmo tempo em que oferecem indícios de que aceitam a inclusão de sua simbologia dentro do universo fascista – quando, por exemplo, comparam os diversos gritos de guerra dos partidos fascistas com o ‘Anauê’ – os integralistas não cessam de proclamar a brasilidade de seus símbolos” (BERTONHA, 2008, p. 260).

A ambigüidade no discurso integralista, apontada por Bertonha, pode ser apercebida também quando observamos o discurso acerca do caráter ideológico da AIB propagado pelo *A Offensiva*.

O mesmo jornal que, nos primórdios de sua edição, veiculou artigos nos quais o integralismo, ante a “universalidade da doutrina fascista”, era apontado como um movimento de caráter fascista (com suas particularidades, especificidades e superioridades ante os demais, mas, ainda assim, fascista) ou ainda como um movimento cujas influências da doutrina fascista seriam bastante perceptíveis, em suas edições derradeiras procurou, insistentemente, desvincular o integralismo do fascismo ou do nazismo.

A ambigüidade em torno da questão se torna ainda mais evidente quando entramos em contato com os artigos de Plínio Salgado, nos quais o líder integralista, como forma de evidenciar que o integralismo seria algo genuinamente nacional, procurava insistentemente evidenciar os pontos que distanciariam o integralismo dos movimentos/regimes fascistas, negligenciando os que o aproximariam dos mesmos.

Não causa espanto, dessa forma, o fato de os artigos nos quais se declarava explicitamente ser o integralismo um movimento de caráter “fascista” (com suas especificidades e superioridades ante os demais, mas, ainda assim, fascista) deixarem de ter sido veiculados; de o termo “fascista” ter sido preterido por “movimento de reação”, “movimento ressurrecional” ou “movimento nacionalista”, para designar e inserir a AIB num âmbito internacional, lado aos demais “movimentos de reação”; ou de os artigos nos quais se reconheciam pontos de convergências entre o integralismo e outros “movimentos de reação” terem sido veiculados com mais cuidados, sempre ressaltando o caráter genuinamente nacional da AIB e a superioridade de sua doutrina. Afinal, não se municiar de tais cuidados

possivelmente forneceria oportunidades e argumentos para que acusassem a AIB de ser uma “cópia”.

Mas a ambiguidade desse discurso, cremos, não deve ser vista apenas em termos ideológicos - ou seja, restrita apenas à ambiguidade que o “nacionalismo” intrínseco à doutrina fascista carrega em si - mas que deve ser ampliada, envolvendo outros aspectos que não os doutrinários.

A decretação da Lei de Segurança Nacional em 1935 e a decretação do Estado de Guerra em março de 1936 geraram um intenso quadro de repressão política e social, que estava ameaçando o funcionamento tanto da AIB quanto da ANL enquanto organizações políticas legalizadas, pois ambas poderiam ser enquadradas a qualquer momento enquanto um “movimento extremista” (BARBOSA, 2007, p. 84-86; OLIVEIRA, 2009, p. 159-160).

A partir de então, se, por um lado, se tornou recorrente os aliancistas acusarem o integralismo de ser uma cópia do fascismo e do nazismo objetivando que a AIB fosse identificada como um “movimento extremista” e, assim, passível de ser enquadrada na LSN, por outro, não menos o foi com integralistas acusando a ANL de ser comunista, objetivando que a mesma fosse identificada como um “movimento extremista” e enquadrada na LSN (OLIVEIRA, 2009, p. 159-160).

Dessa forma, causas conjunturais, assim como as ideológicas, também poderiam ser utilizadas para explicar o fato de os artigos, nos quais se declarava explicitamente ser o integralismo um movimento de caráter “fascista”, deixarem de ter sido veiculados; de o termo “fascista” ter sido preterido; ou de os artigos, nos quais se reconheciam pontos de convergências entre a integralismo e outros “movimentos de reação”, terem sido veiculados com mais cuidados, sempre ressaltando o caráter genuinamente nacional da AIB e a superioridade de sua doutrina. Abster-se de tais cuidados possivelmente forneceria oportunidades e argumentos para acusarem a AIB de ser uma “cópia”.

Não obstante, curiosamente - ou não tão curiosamente - o *A Offensiva* passou a preterir a utilização do termo “fascista” por “movimento de reação”, “movimento ressurrecional” ou “movimento nacionalista” justamente nesse período. Assim, se tanto causas ideológicas quanto conjunturais podem ser vistas como motivadores da ambiguidade do discurso do periódico, parece-nos que a supressão da veiculação do termo “fascista” se deu mais por fatores conjunturais do que por fatores ideológicos.

Robert Soucy, em um de seus livros, mostra-nos que muitos dos militantes de base e mesmo lideranças de movimentos fascistas existentes na França, ao menos num primeiro momento, não viam maiores problemas em autointitular-se “fascistas”. Todavia, o autor

afirma que, num segundo momento, não só aboliram a utilização do termo para referirem a si próprios, como passaram a recusar com veemência quando assim os chamassem (SOUCY, 1995, p. 23).

O marco dessa mudança, segundo Soucy (1995), teria sido o ano de 1934, quando, face ao fato de a repressão interna desencadeada pelo regime nazista na Alemanha ter atingido níveis elevadíssimos, os fascistas franceses estrategicamente teriam abandonado a utilização do termo, temendo que fossem associados ao nazismo alemão.

Se, na França, o marco da recusa da utilização do termo “fascista” pelos movimentos com tal caráter teria sido o ano de 1934, tendo como motivo o medo de serem identificados com o nazismo alemão, parece-nos que o ano de 1935 e a LSN foram a data e o motivo que levaram o *A Offensiva* a suprimir de vez a utilização do termo “fascista”. Ou seja, uma data e um motivo em específico parecem ter impelido o jornal integralista a deixar de apresentar a AIB sob a alcunha de “movimento fascista”, ao menos em termos terminológicos, o que assemelha o caso brasileiro ao do fascismo francês arrolado por Soucy.

Isso poderia explicar, por exemplo, o porquê de artigos, nos quais se declarava explicitamente ser o integralismo um movimento fascista (com suas particularidades e superioridades, mas empregando, ainda assim, o termo “fascista”), bem como as listas “*O Fascismo no mundo*”, nas quais o integralismo era incluso ao lado dos vários movimentos fascistas existentes no mundo, terem sido veiculados até promulgação da LSN,<sup>244</sup> que se deu em abril de 1935.

Isso não nos parece totalmente infactível, afinal, pode-se imaginar que o maior periódico integralista apresentar o movimento ao qual pertencia sob a alcunha de “fascista” possivelmente seria utilizado como um dos maiores e melhores argumentos para os opositores da AIB acusarem o integralismo de ser uma “cópia” do fascismo.

A par dos motivos que teriam levado o *A Offensiva* a suprimir o emprego do termo “fascista”, preterindo-o pelo emprego dos termos “movimento de reação”, “movimento ressurrecional” ou “movimento nacionalista”, verifica-se que o discurso do *A Offensiva* acerca do caráter ideológico da AIB foi bastante ambíguo.

Fosse por questões ideológicas, ou por causas conjunturais, o *A Offensiva* sempre tencionou demarcar as diferenças entre o integralismo e os movimentos/regimes congêneres. Mesmo que em suas primeiras edições, como visto, empregasse o termo “fascista” para

<sup>244</sup> Ver, como exemplo, AMARAL, E. O Sentido do século. *A Offensiva*, ano I, n. 15, p. 8; CASCUDO, L. C. Integralismo é cópia? *A Offensiva*, ano I, n. 23, p. 2; BARROSO, G. Mané = Thécél = Pharès. *A Offensiva*, ano II, n. 40, p. 2; DUBERNARD, M. G. Francismo e Fascismo. *A Offensiva*, ano I, n. 14, p. 3; O Fascismo no Mundo, *A Offensiva*, ano I, n. 13, p. 3; O Fascismo no mundo, *A Offensiva*, ano I, n. 30, p. 3.

designar a AIB, o *A Offensiva* procurou demonstrar que o integralismo não apenas seria diferente, mas também superior aos demais movimentos fascistas.

Essa tendência foi recrudescida por volta dos anos de 1935 e 1936, quando, além de suprimir a adoção do termo “fascismo”, o *A Offensiva* deu início à veiculação de artigos que, como os de Salgado, procuravam evidenciar apenas as diferenças, negligenciando as convergências entre o integralismo e outros movimentos que outrora eram apresentados como congêneres.

O período em que isso se deu (tão logo se implementaram a LSN e depois o Estado de Guerra) sugere-nos a possibilidade de os motivos terem sido mais conjunturais do que ideológicos. Ainda assim, a complexidade da questão exige que a mesma seja sempre vista sob uma ótica relativa e nunca em termos absolutos.

\*\*\*

Vimos, nesse capítulo, alguns pontos centrais do noticiário internacional do *A Offensiva*. Verificamos que todo o noticiário internacional do periódico tinha como *background* um contexto de crises e polaridades ideológicas e que, nessa conjuntura, o mundo encontrar-se-ia polarizado em dois grandes blocos, o materialista e o espiritualista, que, além de serem a antítese um do outro, encontrar-se-iam em constante contenda. Ao primeiro era atribuída, pelo *A Offensiva*, a responsabilidade pelo profundo clima de inquietação pelo qual a humanidade estaria passando e, ao segundo, era atribuído o papel de restabelecer o equilíbrio do mundo.

O bloco materialista seria conformado pelo comunismo internacional, pelo liberalismo e, segundo alguns autores, pelo judaísmo internacional. Como vimos, o *A Offensiva*, em grande parte das vezes, estabeleceu diferenciações entre seus inimigos, todavia, em diversos momentos procurou evidenciar, aos seus leitores, que esses três inimigos agiam de forma conjunta. Nesse sentido, acreditamos que, ao apresentar o comunismo, liberalismo e judaísmo como “forças materialistas”, ou seja, ao reunir, num só grupo, diversos inimigos e procurar evidenciar que essas “forças materialistas” agiam de forma conjunta, o *A Offensiva* buscou simplificar o seu discurso para facilitar a compreensão do leitor, reduzindo, num único inimigo, os seus diversos inimigos ideológicos.

Enquanto o comunismo, liberalismo e judaísmo eram apresentados, pelo *A Offensiva*, como os grandes responsáveis pelo clima de instabilidade pelo qual o mundo estaria passando, os movimentos e regimes de extrema-direita, sobretudo, os de caráter fascista, eram

apresentados como os aliados da AIB nessa grande batalha que objetivava extirpar as forças materialistas e, assim, restabelecer a estabilidade no mundo.

Creemos que, ao divulgar a existência, surgimento, consolidação e expansão, nas mais variadas partes do mundo, dos movimentos de caráter fascista, o *A Offensiva*, possivelmente, tencionou demonstrar a amplitude e a força do fascismo enquanto ideologia (movimentos fascistas existiam até mesmo na Inglaterra e nos Estados Unidos, “berço” e “baluarte” do liberalismo como procuraram ressaltar), além de, possivelmente, procurar demonstrar que em outras partes do mundo “vivem homens pensando a mesma coisa que Plínio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo”, ou seja, que o integralismo faria parte de um “fenômeno” que teria amplitude mundial.

Ademais, verificamos que a Itália fascista e a Alemanha nazista eram apresentadas, pelo *A Offensiva*, como exemplos concretos das obras que um “governo forte” poderia fazer num país, transformando-o numa grande potência, respeitada e admirada por todos. Nesse ínterim, o periódico tencionou demonstrar que governos embasados no liberalismo, como a liberal-democracia, poderiam fazer exatamente o oposto, ou seja, transformar países que foram as potências de outrora em países decrépitos.

Acreditamos que, com esse discurso, o *A Offensiva*, possivelmente, buscou transmitir a ideia de que, caso ascendesse ao poder, o integralismo transformaria o Brasil numa potência mundial, admirada e respeitada, pois só um “governo forte” poderia fazer “o que a Itália fez, o que Hitler está fazendo e o que o Integralismo fará um dia”.<sup>245</sup> Não obstante, a vitória eleitoral da liberal-democracia brasileira significaria o mesmo que abrir o peito da nação às incursões comunistas e, conseqüentemente, na visão do periódico, à anarquia, à instabilidade política e social, etc.

Vimos também, nesse capítulo, a forma com que o *A Offensiva* tencionou transmitir a seus leitores uma questão bastante delicada para as lideranças do movimento: o caráter ideológico da AIB.

Como pudemos conferir ao longo deste tópico, nos primórdios da circulação do *A Offensiva*, os integralistas reconheciam ser o fascismo uma doutrina universal e que, justamente por ser universal, movimentos embasados na doutrina fascista poderiam surgir em qualquer país. Não só poderiam como, de acordo com o *A Offensiva*, estariam surgindo.

Em vários artigos o periódico arrolou um sem-número de movimentos de caráter fascista, incluindo, aí, o próprio integralismo – e isso pode ser visto tanto nas reproduções das

---

<sup>245</sup> FREITAS, M. A Força de um Regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.



“listas” *O Fascismo no Mundo*, quanto nos artigos de Amaral, Dubernard, Cascudo, Barroso e tantos outros. A força de expansão dos ideais fascistas e dos movimentos nele embasados fornecera, inclusive, ocasião para que o *A Offensiva* veiculasse artigos nos quais se apontava o fascismo como o “sentido do século”.

Não obstante, ao arrolar os inúmeros movimentos fascistas existentes no mundo, o *A Offensiva*, por vezes, expressou a solidariedade ideológica dos integralistas – o que pode ser apercebido por meio de alguns artigos de Cascudo e de Barroso, citados, que evidenciavam as expectativas dos integralistas de que a vitória dos movimentos fascistas na França e na Inglaterra estaria perto.

Entrementes, o *A Offensiva* procurava evidenciar a seus leitores que esses movimentos fascistas existentes não seriam meras “cópias” do fascismo italiano. Seriam, sim, movimentos fascistas, mas com um caráter indubitavelmente nacional. Possuiriam, ademais, suas particularidades e especificidades, pois teriam surgido em contextos diferentes, em países com história, costumes, tradições diferentes e com problemas internos diversos dos da Itália, o que, conseqüentemente, gerara diferenças entre esses movimentos e o fascismo italiano e também entre os próprios movimentos.

Nesse sentido, os integralistas, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, não menos rapidamente procuravam demarcar não só as diferenças e singularidades da AIB e de sua doutrina, mas também a superioridade do Movimento e da doutrina integralista ante as demais doutrinas/movimentos fascistas. Dessa forma, o periódico, desde o início, procurou, por intermédio de artigos variados, transmitir a ideia de que a AIB seria um movimento nacional, indubitavelmente.

Todavia, artigos que utilizavam o termo “fascista” para designar o integralismo foram, posteriormente, suprimidos das páginas do *A Offensiva*. Nesse ínterim, artigos que tencionaram demonstrar e reafirmar as raízes nacionais da AIB tiveram sua veiculação intensificada.

Fosse por questões ideológicas, ou por questões conjunturais, o *A Offensiva*, objetivando desvencilhar o integralismo dos movimentos e doutrinas de caráter fascista, procurou reafirmar as raízes estritamente nacionais da AIB e demonstrar que a tarefa a ser desempenhada pela AIB, no Brasil, seria muito diferente da de outros movimentos existentes em outros países, o que já seria o suficiente para discerni-la daqueles. Não obstante, o *A Offensiva* recrudescer a veiculação dos artigos por meio dos quais procurou demonstrar não apenas as diferenças, mas também a superioridade do movimento e da doutrina integralista perante os movimentos de caráter fascista.

Resta-nos, por fim, considerar que, se o *A Offensiva* em algum momento vislumbrou apresentar o integralismo enquanto um movimento de raízes estritamente nacionais, avesso a qualquer tipo de influências estrangeiras, a ambiguidade de seu discurso fez com que tal objetivo caísse por terra.

Por um lado, se o vislumbrou pelo “nacionalismo exacerbado” que embasava a doutrina integralista, as recorrentes menções, no início de sua edição, de que o integralismo seria um movimento fascista (ainda que com suas especificidades, mas fascista) bem como as posteriores menções aos pontos de contato entre o integralismo e outros “movimentos/regimes de reação” (lembrando que, se até 1935 o termo fascista foi empregado, este foi preterido após a instauração da LDS), procurando evidenciar que o integralismo faria parte de algo “maior”, teriam acabado por frustrar tal objetivo.

Por outro, vislumbrou-se pela conjuntura nacional - que exigiu que o discurso do periódico acerca do caráter ideológico da AIB fosse adaptado, numa tentativa de distanciar o integralismo do “fascismo internacional” - as recorrentes menções aos pontos de contato entre o integralismo e outros movimentos/regimes de “reação” bem como às declarações de que o integralismo faria parte de algo “maior” ainda assim forneciam munição para que os “inimigos do Sigma” acusassem o integralismo de ser uma “cópia estrangeira”.

Assim, por maior que tenha sido o esforço em transmitir a ideia de que o integralismo seria um movimento nacional, criado para resolver problemas estritamente nacionais, a ambiguidade do discurso do *A Offensiva* - ora colocando o integralismo enquanto um movimento fascista ou, posteriormente de “reação”, ora ressaltando as similitudes, mas também não perdendo de vista as diferenças – acabou por evidenciar que os integralistas se viam como integrantes de uma família maior. Seriam, sobretudo, integralistas e brasileiros, objetivando, sobretudo, criar a Nação brasileira e resolver os problemas nacionais; mas seriam elos de uma corrente maior, uma corrente que, partilhando de princípios em comuns, teria surgido para restabelecer a ordem mundial. E se isso foi, à época, por muitas vezes negado, tal fato, parece-nos, se deu muito mais por questões conjunturais e imediatas do que por questões ideológicas.

### 3 O JORNAL *A OFFENSIVA* E ALGUNS DOS ACONTECIMENTOS MARCANTES DO PERÍODO (1934-1938)

Ao longo dos anos de 1934 e 1938, período também compreendido pelo ciclo de vida do *A Offensiva*, o mundo assistiu, atônito, ao desenrolar de alguns significativos e marcantes acontecimentos. Episódios como *A Noite dos Longos Punhais*, expurgo por meio do qual Hitler consolidou a sua liderança dentro do partido nazista e do governo alemão; a *Guerra da Abissínia*, travada entre a Itália e a Abissínia, ao longo dos anos 1935 e 1936; e a *Guerra Civil Espanhola*, que, entre 1936 e 1939, dizimou a vida de muitos milhares de espanhóis e de estrangeiros que para lá rumaram, objetivando lutar por seus ideais, tiveram grande repercussão no meio internacional e foram amplamente divulgados pelos órgãos de imprensa.

Evidentemente, os avanços técnicos e tecnológicos pelos quais os meios de comunicações passaram entre fins do século XIX e inícios do XX – como a invenção do telégrafo e o surgimento das agências de notícias, que possibilitaram que, em questão de horas, ou mesmo de minutos, os últimos acontecimentos fossem difundidos para as mais longínquas partes do mundo (BARBOSA, 2011; LUCA, 2011) - contribuíram para que a cobertura dos referidos episódios ganhasse relativo espaço na imprensa internacional.

Não obstante, naquele contexto de disputas ideológicas, quando a eficácia do liberalismo e da liberal-democracia era contestada e o fascismo e o comunismo se apresentavam como alternativas viáveis à sociedade, seria de se esperar que episódios que envolviam alguns dos principais expoentes dessa disputa ideológica (a Itália fascista, a Alemanha nazista e os nacionalistas espanhóis de Franco e da Falange) se tornassem assuntos de interesse por parte da opinião pública internacional e, conseqüentemente, fossem amplamente noticiados pelos órgãos impressos.

Em território brasileiro, tanto o expurgo nazista quanto a deflagração da Guerra da Abissínia e da Guerra Civil Espanhola foram noticiados por inúmeros órgãos de imprensa, das mais variadas orientações políticas, incluindo os que compunham a extensa cadeia impressa, organizada pela AIB. No presente capítulo, objetivamos levantar uma discussão sobre a forma com que os integralistas se posicionaram ante esses acontecimentos e de como, por intermédio das páginas do principal periódico da rede impressa organizada pelo Movimento, apresentaram os mesmos à opinião pública brasileira.

Como teremos a oportunidade de conferir nas páginas que seguem, o *A Offensiva* manteve um irreduzível posicionamento favorável aos seus “aliados ideológicos” e de defesa

dos mesmos ante as atitudes por eles deflagradas. Desse modo, na medida em que aspectos da “solidariedade ideológica” dos integralistas para com os seus “aliados ideológicos” podem ser trabalhados, a análise dos respectivos episódios pode, possivelmente, contribuir para a discussão e elucidação de aspectos referentes ao próprio movimento integralista e ao seu caráter ideológico.

Entrementes, os integralistas, por meio das páginas do *A Offensiva*, se esforçaram em apresentar seus “aliados” de uma forma agradável, numa possível tentativa de garantir-lhes, naquele conturbado contexto de disputas e polaridades ideológicas dos anos de 1930, um posicionamento favorável de setores da opinião pública brasileira.

Algumas estratégias foram adotadas e almejaram atingir tais objetivos. Uma das mais evidentes foi a procura por se desqualificar e desconstruir o discurso tecido pela imprensa que se posicionara contrária aos episódios. Para tanto, os integralistas despenderam relativo esforço na tentativa de evidenciar que grande parte da imprensa mundial, inclusive a brasileira, ou seria manipulada pelo comunismo internacional ou seria antifascista, e, por isso, estaria propagando inverdades a respeito dos referidos episódios.

Não obstante, veremos, também, como os integralistas se utilizaram desses episódios, sobretudo a *Guerra da Abissínia* e a *Guerra Civil Espanhola*, como forma de alarmar a sociedade brasileira. Ambos os acontecimentos, apesar de pouco relacionados com os rumos da política nacional, foram apresentados como, nas palavras dos próprios integralistas, “advertências” e “lições” ao Brasil e à população brasileira.

Segundo os integralistas, a vitória da Itália fascista no episódio ítalo-abissíneo teria demonstrado que já não haveria espaço para Estados “fracos” no mundo - inclusive, declarar-se que a Abissínia seria dona de imensos “tesouros” naturais, mas que deles não soubera tirar proveito, permanecendo no mais puro atraso econômico e social, foi um dos inúmeros argumentos utilizados para justificar o posicionamento dos integralistas em favor da Itália fascista no que tange ao referido episódio.

Os integralistas sugeriam que a invasão fascista ao país africano seria uma advertência ao Brasil, um país territorialmente extenso e rico em recursos naturais, mas que, ainda assim, seria um Estado “fraco”, fato, este, que o assemelharia à Abissínia. Entrementes, verificou-se a veiculação de diversos artigos - relacionados ao episódio abissíneo, ou mesmo desconexos deste - nos quais os integralistas apregoavam que a AIB, assim como o fascismo, que fizera da Itália uma potência de “primeira grandeza”, detentora de um império colonial, “admirada e respeitada” por todos, seria a única força político-social capaz de fazer do Brasil um país “forte”.

De forma semelhante, a vitória da Itália, segundo os integralistas, teria dado indícios da “falência” do liberalismo. Isso porque, de acordo com o *A Offensiva*, a vitória italiana teria significado uma vitória não apenas sobre a Abissínia, mas também sobre a Inglaterra e sobre a SDN, país e organização que teriam tentado, em vão, se opor à empreitada colonial italiana.

Por intermédio de artigos veiculados no *A Offensiva*, os integralistas procuraram demonstrar que, com a concretização da vitória italiana, o liberalismo e a liberal-democracia, sumariamente identificados, nesse discurso, com Inglaterra e SDN, teriam se mostrado incapazes tanto de intermediar conflitos internacionais quanto de impedir ou de barrar, quando tentado, as pretensões do regime fascista. Essas ponderações, por fim, viriam a dar, ao mesmo tempo, indícios tanto da “falência” do liberalismo quanto da superioridade e supremacia de um regime “forte”, como o fascista, ante a “dissoluta” e “anárquica” - para utilizarmos os termos utilizados pelo próprio periódico - liberal-democracia.

O episódio espanhol, por sua vez, foi amplamente explorado na tentativa de alarmar a sociedade brasileira quanto à possibilidade da reprodução de uma guerra civil em terras tupiniquins, caso o comunismo não fosse extirpado e caso as perseguições aos camisas-verdes não cessassem.

Os integralistas, por meio das páginas do *A Offensiva*, apregoavam que os percalços que teriam conduzido à deflagração da guerra civil em território espanhol estariam se repetindo em território brasileiro. Aqui, os comunistas, segundo os integralistas, estariam agindo sornateiramente, sem encontrar maiores entraves às suas ações. Não obstante, assim como na Espanha, onde a Falange Espanhola - movimento de caráter fascista e maior “baluarte” contra o comunismo - fora alvo de perseguições por parte do governo e motivo da indiferença da população, no Brasil o governo estaria cerceando as atividades da AIB, muitos dos “patrícios” ainda se mostravam indiferentes e resistentes aos constantes apelos de Plínio Salgado, que insistentemente estaria convocando a população brasileira para adentrar às fileiras integralistas. A conjugação desses fatores, segundo os integralistas, estaria propiciando o livre desenvolvimento do comunismo no Brasil, e, em potencial, a reprodução do episódio espanhol em território brasileiro.

Cabe-nos ressaltar, por fim, que a utilização desses episódios, enquanto “lições” e “advertências” ao Brasil, não deve, de toda forma, ter soado como algo absurdo aos leitores do periódico, sobretudo no que concerne ao alarde em torno da reprodução, em terras brasileiras, de uma guerra civil.

Nesse ponto, entendemos como de fundamental importância o papel desempenhado pelo noticiário nacional do *A Offensiva*, por meio do qual os integralistas bombardeavam os

leitores do periódico com artigos que procuravam “denunciar” tanto as perseguições perpetradas pelo governo ao Movimento – que incluíam a prisão de militantes, o fechamento de sedes e núcleos da AIB, a proibição da utilização das camisas-verdes – quanto as atividades dos comunistas, que estariam, sempre, segundo os integralistas, à espreita de um golpe para tomada do poder e boicotando as atividades do movimento integralista, depredando suas sedes e propagando inverdades à respeito da lisura do movimento chefiado por Salgado. Dessa forma, podemos dizer que o noticiário internacional e o noticiário nacional do *A Offensiva* mantinham estreito contato e, em certa medida, se complementavam.

Por fim, acreditamos que a procura por apresentar-se esses episódios, enquanto “lições” e “advertências” ao Brasil, antes de ter sido em vão, tinha, possivelmente, um objetivo específico: a AIB, depois de ter adquirido registro enquanto partido político, estava inserida na disputa pelo poder e, possivelmente, utilizando-se desses episódios numa tentativa de alarmar a sociedade, os integralistas almejavam cooptar novos militantes ou, ao menos, potenciais eleitores.

Isso porque os integralistas, entrementes aos diversos alardes, sugeriam, por intermédio de diversos artigos veiculados pelo *A Offensiva*, que a AIB seria a única força político-social capaz não apenas de impedir a reprodução de uma guerra civil em terras tupiniquins, mas também de transformar o Brasil num Estado “forte”, a exemplo do realizado pelo fascismo e pelo nazismo, respectivamente, na Itália e na Alemanha.

### 3.1 A Alemanha nazista e a *Noite dos Longos Punhais* (1934)

A *Noite dos Longos Punhais*, ou *Noite das Facas Longas*, como também ficou conhecido o episódio, foi um expurgo ocorrido na Alemanha na noite de 30 de junho para 1º de julho de 1934, quando a direção do NSDAP (*Nationalsozialist Arbeiter Partei* - Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores) ordenou a execução de dezenas de líderes das Tropas de Assalto (SA), uma organização paramilitar do Partido Nazista, e também de opositores tanto internos quanto externos do NSDAP.

A essa época, Hitler já havia consolidado seu poder e o NSDAP, contando com o apoio de uma larga parcela da população e do empresariado alemão, já controlava a máquina do Estado. A única força que ainda poderia se opor à consolidação do regime nazista, e que tinha poder para isso, era o Exército alemão (*Reichswehr*), que, apesar de nutrir certa simpatia

às ideias expansionistas e militaristas de Hitler, ainda se mostrava receoso quanto às SA: “os militares desconfiavam delas e especialmente das pretensões de seu líder, Ernst Roehm, de substituir o Exército pelas Tropas de Assalto como força armada alemã”; dessa forma, “a eliminação das SA era o preço que Hitler teria que pagar pelo poder”, e, diante de tal impasse, Hitler optou pelo apoio do Exército (BERTONHA, 2005, p. 40).

Na preparação para o expurgo vindouro, Himmler, chefe das SS (*Schutz Staffeln* – Tropas de Proteção), e o Deputado Heydrich, que também era chefe de segurança da mesma organização, forjaram um dossiê - para o qual, outras lideranças das SS rapidamente falsificaram a documentação necessária – em que sugeriam que Roehm havia cometido um ato de traição contra Hitler. Em 24 de junho, o álibi para a execução da missão *Roehm-Putsch* estava finalizado. Na noite de 30 de junho, as SS eliminaram as lideranças das SA, incluindo Roehm, e aproveitaram a ocasião para eliminar e/ ou perseguir alguns dos rivais de Hitler existentes no seio do NSDAP e também fora dele, como, por exemplo, o vice-Chanceler von Papen e o ex-Chanceler von Schleicher.

Apesar de o número exato de pessoas executadas, além de impreciso, ser ainda motivo de controvérsias, variando de autor para autor, a bibliografia consultada acusa algo em torno de 85, além da prisão de outros tantos milhares (EVANS, 2005, p. 39). Seja como for, satisfeito com o desmonte da liderança das SA, o *Reichswehr* consolidou seu apoio a Hitler.

Ainda assim, o episódio exigiu alguns cuidados por parte das lideranças nazistas. Na tentativa de abafar os rumores em torno do ocorrido, difundiram-se informações que acusavam a existência de um complô para derrubar Hitler do poder e que o episódio que envolvia a execução e prisão de milhares de pessoas se legitimaria na medida em que visava à autodefesa do Estado.

Perante tal acontecimento, que teve ampla repercussão internacional, o *A Offensiva* se posicionou favorável a Hitler e à atitude tomada por este. Como podemos conferir em artigo veiculado no dia 5 de julho de 1934, a primeira edição do *A Offensiva* após o episódio, o periódico acatou e disseminou a seus leitores a ideia “oficial” de que Hitler teria sido vítima de uma traição por parte das lideranças das SA:

Conhecedor da lamentável ocorrência, o governo do Reich decidiu agir com a máxima energia e promptidão, á altura das penosas circunstancias em que se encontrou. O ardor da repressão justifica-se plenamente e se a opinião geral se impressiona com o numero de fuzilamentos e de suicídios verificados na Allemanha nos últimos dias, é porque não pode, á distancia, comprehender a legitima repulsa que ao nazismo caba nesta ocasião, deante do projectado levante de uma parte ínfima, mas influente, das suas tropas de assalto.

A primeira constatação que se deve fazer depois da plena victoria que coube ao governo do Fuehrer é a de que apesar da repercussão dos acontecimentos, de caracter estritamente parcial e pessoal a obra do nacional-socialismo não ficou com elles comprometida. Os altos objectivos da reorganização social do povo allemão pairam muito acima das querellas apenas accidentaes e os quinze mezes de estadia do nazismo no poder asseguram á sua já fixada doutrina não é apenas nacional mas universal a posse de uma segurança que descontenta a todos os seus numerosos inimigos [...]

É verdade que as pervertidas fontes de informação internacional vão explorar largamente esses acontecimentos contra aquella pujança do nazismo a que não podem mais abalar esses contrastes lamentáveis. Mas fora dos seus pérfidos commentarios, há de ficar, no intimo desses agentes da intriga, a convicção de que mesmo ás maiores provas pode ser submettido o hitlerismo, que elle as vencerá todas, porque, em ultima analyse, está com a verdade e com a força.<sup>246</sup>

Notamos, pelo excerto, que o jornal integralista, além de ter acatado e disseminado a ideia oficial de que Hitler teria alvo de uma traição por parte das lideranças das Tropas de Assalto, não apenas defendeu a decisão tomada pelo líder nazista de fuzilar todos os elementos “traidores” como afirmou que, se a opinião pública internacional teria ficado atônita ante o “ardor” de tal acontecimento, provavelmente numa referência ao banho de sangue que o mesmo gerou, seria porque, a distância, não poderia compreender o que, de fato, estaria se passando na Alemanha.

Em verdade, a difusão da notícia de que Hitler e o governo nazista foram acometidos por uma conspiração não foi, naquele momento, algo incomum. Diante da imprecisão das notícias sobre o episódio, ou mesmo da falta de informações a respeito do mesmo, muitos jornais ao redor do mundo, inclusive no Brasil, repassaram, num primeiro momento, essa versão.

Ainda assim, o posicionamento do *A Offensiva* é, de fato, revelador, na medida em que o periódico integralista não se deteve tão somente em transmitir o ocorrido, veiculando notas telegráficas difundidas pelas agências de notícias, como o fizeram outros periódicos. O maior e mais importante jornal da AIB adotou um posicionamento bastante parcial, saindo em defesa do expurgo ordenado por Hitler, não demonstrando, inclusive, ter tido maiores preocupações de averiguar com mais afínco as informações transmitidas, ou mesmo de botar em xeque a veracidade das mesmas, até porque, como demonstrado no excerto acima, o regime hitlerista, segundo o jornal integralista, estaria, sempre, com “a verdade com a força”.

Além disso, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, os integralistas não pouparam louvores à bravura, à coragem pessoal e à capacidade de clarividência do líder nazista, como podemos conferir pelo excerto que segue:

<sup>246</sup> A Semana Internacional. *A Offensiva*, ano I, n. 8, p. 3.



Cumpra ressaltar também o desapego á vida que manifestou, nessas duras contingencias o próprio chanceler do Reich. Se não era segredo para ninguém a coragem pessoal de Adolf Hitler, agora viu-se muito bem a que ponto vae sua compreensão do papel de chefe que a grande nação allemã lhe entregou, num momento trágico da sua evolução política e social. E, ao seu lado, a ação, não raro alvejada por calumnias do ministro Goering, foi outra prova da unidade de vistas dos chefes do nazismo.

[...] Parece mesmo que o próprio Hitler já previa a possibilidade do adventos dessa ambição de mando manifestada por alguns elementos das tropas de assalto, quando em 6 de julho de 1933 discursou perante os logares-tenentes do governo federal, dizendo-lhes textualmente: ‘Os logares-tenentes do governo do Reich tem que cuidar e são responsáveis por que nenhuma organização e qualquer instancia do Partido se arroguem poderes governamentais, demittam pessoas e nomeiem funcionarios para o que só é competente o governo e, portanto, no campo econômico, o Ministério de Economia. O Partido tornou-se Estado. Todo poder reside nas entidades officiaes do Reich. É preciso que se impeça que o centro da vida allemã torne a se transladar para quaesquer territórios ou muito menos ainda, para quaesquer organizações. Já não há autoridade procedente de um domínio individual do Reich, mas sim sómente dimanada do conceito allemão de Povo’.

Deante dessas palavras tão firmes e deante do prompto anniquillamento da tentativa de secessão que agora se esboçou – poder-se prever que mais uma vez, embora através de dificuldades, a Allemanha retomará a conquista dos seus destinos, sob a presidência do movimento nazista que a dirige e que continuará a dirigil-a, apesar dos tropeços internos e externos que a podem atacar, sendo logo esmagados como ainda agora se provou.<sup>247</sup>

Em sua tiragem subsequente, o *A Offensiva* trouxe, mais uma vez, a *Noite dos Longos Punhais* em pauta. Dessa vez, o esforço do periódico se deu no sentido de demonstrar que o líder nazista teria agido não apenas em legítima defesa, mas também - e, sobretudo - em defesa da nação alemã.

O artigo fora iniciado com a declaração de que muitos meios de comunicações estariam difundindo informações errôneas e tendenciosas a respeito do que teria sido a *Noite*, bem como sobre o pretenso *putch* planejado por Roehm e o expurgo levado a cabo por Hitler. No intuito de evidenciar o que, “de fato”, teria ocorrido, o artigo fez uma rápida introdução à história da formação das SA, com o objetivo de demonstrar que a organização fora criada exclusivamente com o fim de “garantir os trabalhos” e de “manter a ordem” nas reuniões do NSDAP, sendo vetada a ele, pelos seus estatutos, qualquer tipo de intromissão direta na política partidária.<sup>248</sup>

De acordo com o artigo em questão, os conspiradores teriam cometido uma tripla traição. Ao ambicionarem assumir o controle do Partido, o que, pelos estatutos da organização, ser-lhes-ia proibido, não teriam, segundo o periódico, traído apenas ao NSDAP e aos demais membros das SA, mas à nação e à pátria alemã como um todo, já que, nessa trama, teriam contado com o auxílio de uma potência estrangeira, o que seria um agravante:

<sup>247</sup> A Semana Internacional. *A Offensiva*, ano I, n. 8, p. 3.

<sup>248</sup> Os acontecimentos da Allemanha. *A Offensiva*, ano I, n. 9, p. 8.

Esses conspiradores almejavam violando o regulamento severo das SA, a direcção política do Partido, que como se sabe, lhes era vetada. Cometeram assim uma primeira traição, seguida de outras, conforme ficou provado no desenrolar dos acontecimentos do dia 30 de junho. Averigou-se sem a mínima duvida de que estavam em entendimento com uma potencia estrangeira senão official, pelo menos secretamente. Traíram, portanto, não só o Partido, que faz parte integral do Estado Allemão como ainda mais directamente sua pátria negociando com elementos estrangeiros a perturbação da ordem e a revolta! E ainda trahiram seus próprios commandados aos quaes disseram que tinham que marchar contra uma revolução de reaccionarios, com origem fora do Partido<sup>249</sup>

Assim, diante de tamanha e grave traição, os conspiradores, segundo o jornal integralista, mereceram o severo castigo imposto por Hitler - em outras palavras, os fuzilamentos e prisões. Ainda assim, o periódico, talvez com a pretensão de minimizar a má impressão que, possivelmente, a aplicação da “severa punição” poderia causar à figura de Hitler, frisou que tal castigo, antes de ter sido aplicado à revelia, pelo líder nazista, o fora de acordo com os artigos e estatutos das SA, os quais, ressaltou-se, teriam sido escritos pelo próprio Roehm e de acordo com as leis do Estado, a qual fora votada pelo parlamento alemão (*Reichstag*):

Mereceram, por isso, um severo castigo e receberam-n’o de accordo com os artigos introduzidos no regulamento das SA por Roehm, pessoalmente, e de accordo com a Lei para a Defesa e Protecção do Estado, votada pelo Reichstag.

Agora, após a tormenta, as SA estão sendo depuradas, devidamente, expulsando-se todos os elementos menos seguros. Concluir-se, dahi, como se tem feito, que o chanceller Hitler teria perdido 40 por cento de seus partidários constitue, porem, um erro crasso, porquanto as antigas formações das SA e, principalmente, as Secções de Segurança (SS Schutzstaffeln) formações essas que nada tem de commum com as SA, se acham completamente intactas, bem como o Partido (NSDAP) propriamente dito. Este, o ‘Fuehrer’ e seus fieis saíram do embate, inevitável para qualquer movimento revolucionário, mais fortes e seguros porque, com sua acção enérgica, fizeram jus á gratidão do povo allemão, salvo por elles da guerra civil.<sup>250</sup>

A edição do *A Offensiva* do dia 19 de julho de 1934 trouxe o último texto especificamente voltado ao episódio da *Noite dos Longos Punhais*. Nessa edição, o periódico veiculou um extenso artigo que versava sobre o discurso proferido pelo líder nazista perante o *Reichstag* alemão, no qual, segundo o periódico, Hitler, “como trahido e como justiceiro”, prestou “contas ao Reichstag allemão das medidas de emergência que contra muitos dos seus próprios membros fora forçado a tomar”. A atitude de Hitler em dar satisfações não apenas ao Reichstag, mas ao mundo, foi apresentada, pelo jornal integralista, como “uma attitude que

<sup>249</sup> Os acontecimentos da Allemanha. *A Offensiva*, ano I, n. 9, p. 8.

<sup>250</sup> Ibid.

todos têm de concordar que foi a maior e a melhor entre as que lhe eram possíveis no momento”.<sup>251</sup>

[...] Expondo com clareza os precedentes da conspiração suffocada, por mais que lhe doesse no íntimo, o sr. Adolf Hitler não poupou a divulgação de minúcias, mesmo em assumptos que facilmente poderia ter allegado pertencer exclusivamente á política e á policia internas da Allemanha. Sabedor de que o nacional-socialismo, em consequência da sua coragem intransigente, em questões de princípios orientadores tem contra si um movimento fortíssimo nos manejos de formação illicita da opinião internacional – o chancellor do Reich preferiu nada reservar para sciencia própria ou só dos seus collaboradores mais directos. Relatou os prós e os contras que tem assignalado a marcha, todavia sempre ascendente, do nacional-socialismo, por saber muito bem que dirigindo-se á mais alta assembléa do seu paiz não era somente ella e sim o mundo que estava suspenso á espera das palavras, sem duvida as mais importantes que a um chefe de Estado podem occorrer, nos grandes e decisivos momentos da historia dos seus povos.

O discurso de sexta-feira ultima foi, portanto, perfeitamente coherente com todos os precedentes da carreira do Fuehrer. Quem tem uma missão mais alta a realizar não pode procurar contornar as difficuldades que se lhe apresentem e, desta forma, na explicação dos factos occorridos, nenhuma influencia poderiam ter as considerações sentimentaes com que as informações tendenciosas tem procurado cercar o relato daquelles acontecimentos.

Na historia das revoluções que não chegaram a termo, não há de se inscrever, evidentemente, a do nacional-socialismo allemão. Isto, que é o que se conclue de victorias como essa que sobre uma grave conspiração interna acaba elle de conseguir, não o exime, contudo, de soffrer crises dessa natureza, nem seria possível que tal acontecesse. Os regimens políticos, tanto quanto os homens, não são susceptíveis de perfeição e, para vencer ataques daquelle gênero, tornam-se necessárias, não só as attitudes superiores, como as reveladas pelo chancellor Adolf Hitler, mas também um forte apoio, como o que em tal emergência acaba de lhe demonstrar toda a gloriosa nação allemã.<sup>252</sup>

Assim, a atitude de Hitler, em dar explicações sobre o ocorrido, revelaria o caráter superior da figura do chefe nazista. Além disso, o discurso proferido pelo mesmo teria sido de imperativa necessidade na tentativa de evitar-se que Hitler e o regime nazista fossem, injustamente, depreciados ante a opinião pública internacional, já que, de acordo com o jornal integralista, os grandes meios de comunicação estariam transmitindo informações ilícitas a respeito do acontecimento, deturpando o ocorrido e, assim, manobrando a opinião pública internacional contra o nazismo.

Em todos os artigos que versaram sobre o expurgo ordenado por Hitler, é, de fato, constante a preocupação do periódico integralista em evidenciar que as “fontes de informação internacional” iriam explorar o episódio, objetivando depreciar Hitler e o nazismo.

Em certa ocasião, que não referente ao episódio do expurgo, o periódico chegou a ironizar a questão do pretense “boicote”, declarando que “na imprensa do Rio de Janeiro

<sup>251</sup> Notas do Exterior. *A Offensiva*, ano I, n. 10, p. 3.

<sup>252</sup> Notas do Exterior. *A Offensiva*, ano I, n. 10, p. 3.

diariamente se fala das atrocidades de Hitler contra os carneirinhos judeus, embora não se cite nenhuma dessas atrocidades”, enquanto que essa mesma imprensa se silenciava ante o fato de os comunistas espanhóis terem queimado, ainda vivo, um vigário. A nota prosseguia afirmando que, “se fosse Hitler que houvesse queimado vivo um innocentinho israelita, todos esses jornaes estariam ahi aos berros epilépticos”.<sup>253</sup>

Na verdade, a procura por se desqualificar a imprensa opositora era um recurso bastante utilizado pelos integralistas, que, recorrentemente, apregoavam existir um complô, por parte da imprensa mundial, contra o nazismo, fascismo, integralismo e movimentos e/ou regimes congêneres.

Em nota veiculada ainda nos primeiros meses de circulação do *A Offensiva*, os integralistas, por exemplo, ressaltaram ser uma tarefa bastante difícil distinguir o que havia “de verdadeiro e de certo nas informações telegráficas e o que seja apenas jogo das agências transmissoras de noticias externas”. Segundo o jornal integralista, havia grandes divergências entre “o que acontecia de facto e o que era contado pelos cabos submarinos ou pela telegraphia”. Dessa forma, calúnias e campanhas antinazistas seriam ampla e constantemente propaladas, “como se ainda mais tolos que os seus autores se julgassem ser os públicos dos paízes em que são espalhadas”.<sup>254</sup>

Mais uma vez objetivando trazer em evidência o fato de o regime nazista ter se tornado alvo de boicote e/ou de injúria por parte da imprensa internacional, o *A Offensiva* utilizou-se dos resultados de um plebiscito ocorrido na Alemanha, em de agosto de 1934 (ou seja, no mês subsequente ao expurgo ordenado por Hitler), no qual a maioria da população alemã se mostrou favorável à pretensão de Hitler em assumir, além da função de Presidente, a de Chanceler, concedendo, assim, ao líder nazista, o “supremo poder do Reich”.

O resultado desse plebiscito – 40.000.000 de “sim” ao passo que 4.000.000 de “não” – seria, de acordo com os integralistas, revelador, na medida em que o apoio e a confiança que o povo alemão depositava em Hitler indicariam que o líder nazista estaria realizando uma “obra magnífica” na Alemanha e seria um exímio chefe de governo, ao contrário do que a imprensa internacional estaria propagando.<sup>255</sup>

\*\*\*

<sup>253</sup> Se Fosse Hitler. *A Offensiva*, 18 out. 1934, p. 3.

<sup>254</sup> Notas do Exterior. *A Offensiva*, 28 jun. 1934, p. 3.

<sup>255</sup> Hitler e o plebiscito do dia 19. *A Offensiva*, 23 ago. 1934, p. 3.

Notamos, assim, que as páginas do *A Offensiva* foram utilizadas como um canal privilegiado para que a “versão oficial” veiculada pelo regime nazista, a de que a execução das lideranças das SA fora consequência direta da traição de alguns elementos da cúpula da organização, fosse disseminada à opinião pública brasileira.

Como ressaltado em outra oportunidade, diante da imprecisão das notícias sobre o episódio ou mesmo da falta de informações a respeito do mesmo, grande parte da imprensa internacional, num primeiro momento, transmitiu tal versão. Todavia, com o passar dos dias, setores da opinião pública ou mesmo da imprensa internacional, ainda que não desacreditassem ou refutassem por completo a veracidade da versão propagada pelo regime nazista, começaram, ao menos, a questioná-la, indagando se tal complô teria, de fato, existido.<sup>256</sup>

Esse questionamento, conquanto, em momento algum esteve presente nas páginas do *A Offensiva*. Pelo contrário, não obstante o fato de em momento algum ter colocado em dúvida a versão propagada pelo regime nazista, verificamos, ainda, que *A Offensiva* despendeu relativo esforço na tentativa de sustentá-la, apregoando que os que estivessem questionando-a, o fariam ou por serem comunistas ou antifascistas, e os que estivessem perplexos ante as medidas repressivas tomadas por Hitler, o estariam por não poderem compreender, a distância, o que, de fato, estaria se passando na Alemanha.

Nesse sentido, o posicionamento do *A Offensiva* é, sem dúvida, revelador, na medida em que o periódico integralista, como podemos perceber por meio dos artigos veiculados, não se deteve tão somente em transmitir o ocorrido, estampando notas telegráficas difundidas pelas agências de notícias. Não obstante ter se mostrado favorável ao expurgo levado a cabo por Hitler, apresentando-o, inclusive, como uma “atitude superior” do líder nazista, o *A Offensiva* demonstrou, inclusive, não ter tido maiores preocupações de questionar a veracidade das explicações emitidas pela chancelaria nazista, até porque o regime hitlerista estaria, sempre, com “a verdade com a força”.

### 3.2 A Guerra da Abissínia (Guerra da Etiópia, 1935-1936)

---

<sup>256</sup> Ver, por exemplo, jornal *Folha da Manhã*, edições do dia 14 de ago. de 1934 e posteriores.

A Guerra da Abissínia (ou Guerra da Etiópia), deflagrada após o bombardeio aéreo italiano, sem qualquer declaração formal de guerra, à cidade etíope de Adwa, em finais de 1935, foi uma guerra travada entre a Itália e a Abissínia ao longo de outubro de 1935 e maio de 1936. Por, usualmente, associar-se a deflagração desse conflito a um revanchismo por parte da Itália, cremos ser necessário, antes de prosseguirmos, recuperar, ao menos minimamente, tal episódio.

Entre os anos de 1895 e 1896, no contexto da “Corrida Imperialista”, a Itália, depois de perder, para as forças abissínicas, a Batalha de Adwa (1896), fracassou no intento de conquistar a Abissínia (atual Etiópia), o último país africano livre do colonialismo europeu. A derrota italiana para um país africano teria colocado em xeque as convicções da superioridade branca europeia e destruído o sonho do império italiano na África Oriental: suas possessões ficaram restritas, a partir de então, às colônias da Somália, Eritreia e, posteriormente, a Líbia. Haveria, ainda, um agravante: o “império colonial” italiano, além de bastante limitado, seria formado por regiões “pobres e inóspitas” (MARQUES, 2008, p. 37), assemelhando-se mais a uma “coleção de desertos” (BARKER, 1979, p. 10).

Não obstante, a derrota da Itália, uma nação europeia, para um país africano, teria provocado uma “mancha no orgulho do país” peninsular. De acordo com Marques (2008, p. 37), “esta ‘mancha’ no orgulho do país perdurará por anos e será [posteriormente] amplamente explorada pelo governo fascista em suas aventuras na África Oriental, com largo apoio da opinião pública”.

Após esse primeiro conflito ítalo-etíope, as relações entre os dois países foi marcada pela tentativa, por parte da Itália, em estabelecer sua influência no país africano “de forma pacífica, através de acordos comerciais e diplomáticos” (MARQUES, 2008, p. 56). A política de aproximação italiana com a Abissínia, segundo Marques, teria se dado sob duas formas. Uma *política periférica*, que “visava subverter a autoridade imperial e facilitar a penetração italiana mediante acordos com os irrequietos chefes feudais (*ras*) das zonas vizinhas à Eritreia e a Somália Italiana”; e uma *política de amizade*, que “tentava favorecer os interesses da Itália através de acordos oficiais com o regente *Ras Tafari* (imperador)”.

Todavia, essa política italiana sofreu fortes resistências por parte do governo etíope, que adotou uma posição marcada pela hostilidade à influência italiana, recusando, por diversas vezes, empréstimos de capital italiano, optando por dar preferência aos ingleses ou estadunidenses e favorecendo a importação de produtos oriundos do Japão, que, à época, eram fortes concorrentes dos italianos (MARQUES, 2008, p. 56).

É difícil precisar, ao certo, em que momento o regime fascista italiano passou a cogitar uma nova invasão à Abissínia. De acordo com a bibliografia consultada, haveria razões para crer que o *Duce* vinha amadurecendo a ideia desde 1925 (BARKER, 1979, p. 15). Conquanto, os autores apontam que ações mais efetivas nesse sentido foram tomadas a partir de 1932, quando, por designação de Mussolini, o já idoso General Emílio De Bono realizou uma viagem às possessões italianas na África Oriental e relatara ao *Duce* sobre as reformas militares empreendidas pelo imperador abissíneo, alertando aquele sobre a possível ameaça que tais reformas poderiam oferecer às colônias italianas (MARQUES, 2008, p. 55).

O regime fascista, então, deu início ao envio de tropas e materiais bélicos para a colônia de Eritreia, a então base de operações italianas no chifre da África. Foi, contudo, o episódio de *Wal-Wal*, em dezembro de 1934, que acabou por desestabilizar de vez a já conturbada relação entre Itália e Abissínia.

Apesar de as fronteiras entre a colônia somali italiana e a Abissínia não terem sido adequadamente delineadas, os poços de *Wal-Wal* ficavam em território etíope – e todos os mapas da época apontavam para isso (BARKER, 1979, p. 16-17). Em novembro de 1934, um destacamento anglo-etíope, responsável pela demarcação fronteira entre a Abissínia e a Somália britânica, se deparou, ao chegar a essa região, com um destacamento de somalis italianos. Ambos os destacamentos permaneceram ali estacionados até que, em 5 de dezembro, disparos de origem indeterminada originaram um confronto direto entre os destacamentos.

Os incidentes fronteiros, como o de *Wal-Wal*, eram bastante comuns nos territórios coloniais e, geralmente, eram resolvidos sem maiores alardes e sem provocar hostilidades diplomáticas exasperadas. Todavia, esse incidente foi utilizado, por Mussolini, como um pretexto para uma nova empreitada colonial - e o contexto parecia favorecê-lo:

[...] a invasão japonesa na Manchúria, em 1931, e a ascensão de Hitler na Alemanha, em 1933, haviam alterado a relação de forças no concerto das nações. O advento nazista acabou aproximado [sic] a França e a Inglaterra de Roma. Mussolini acreditava que as duas potências fariam qualquer concessão pelo apoio italiano diante de um renascimento alemão. A política italiana, após a “crise austríaca”, em 1934, parecia confirmar essa tendência de distanciamento em relação a Hitler (MARQUES, 2008, p. 57).

Prontamente, Mussolini exigiu pedidos de desculpas e reparações, deixando subentendido que, caso estes não fossem atendidos, daria início a uma nova invasão italiana ao território abissíneo. O imperador etíope, Hailé Selassié, protestara junto à Liga das Nações,

mas, sem êxito: temendo a eclosão de um novo conflito, França e Inglaterra pressionavam Selassié a aceitar os termos italianos.

Conflitos pontuais ocorreram ao longo das semanas subsequentes ao episódio e, enquanto Selassié apelava para uma solução diplomática, por intermédio da arbitragem internacional da Sociedade das Nações, Mussolini ordenava, já em fevereiro de 1935, a mobilização das Forças Armadas e a preparação de toda a infraestrutura necessária – como construção de estradas, fortificações e reparos no porto de Massawa - para a guerra vindoura, planejando os ataques para outubro do mesmo ano (MARQUES, 2008, p. 59).

Nesse ínterim, propostas conciliatórias foram sugeridas, por intermédio da Inglaterra e França, à Itália. Todavia, Mussolini as recusava de pronto, julgando que estas não atendiam às reivindicações italianas.

No contexto diplomático internacional, os rumos da política externa inglesa – marcada, até aquele momento, por uma posição conciliatória que favorecia a Itália -, contudo, sofreram algumas alterações após a divulgação dos resultados de uma pesquisa organizada pela *União pela Liga das Nações* e intitulada *Peace Ballot* (“Votação de Paz”), que indicava que a opinião pública britânica era favorável à aplicação de sanções contra “agressores” (BARKER, 1979, p. 20). A imprensa, Igrejas e correntes de opinião eram quase unânimes numa política de impedir-se o já eminente ataque italiano à Abissínia. O governo britânico, pressionado pela opinião pública, se viu impelido a tomar uma atitude mais enérgica para com a Itália e, assim, a 20 de setembro de 1935, a Esquadra Britânica do Mediterrâneo foi reforçada.

A oposição britânica, ainda que discreta, gerou alarde entre os meios diplomáticos italianos. Mussolini, ao invés de intimidar-se, reforçou as tropas italianas na Líbia e se utilizou de tal oposição como argumento para entusiasmar o povo italiano diante do projeto expansionista na África. A oposição britânica, ainda que modesta, foi largamente utilizada pela máquina de propaganda fascista, objetivando entusiasmar o povo italiano. Nesse discurso, a Inglaterra era apresentada como uma potência imperialista, que se encontrava em decadência e que não via com bons olhos que a “jovem Itália” tomasse posse daquilo que lhe era legítimo” (MARQUES, 2008, p. 67):

Aos olhos do mundo, a campanha iminente não era popular. Mas na Itália a história era diferente. O aparecimento da esquadra britânica no Mediterrâneo e as sanções econômicas impostas pela Liga das Nações só haviam aumentado o entusiasmo do povo pela guerra [...] Os jovens soldados convocados que partiram da Itália desde 1935 acreditavam sinceramente que saíam em defesa dos direitos da sua nação



espezinhada e que partiam em missão civilizadora de um país oprimido por um regime feudal. (BARKER, 1979, p. 21-23).

Por sua vez, Hailé Selassié, o imperador etíope, não descartando a hipótese de que o litígio fosse solucionado pacificamente, esperou até 28 de setembro de 1935 para ordenar a mobilização geral das forças abissínicas. A ordem era para que as tropas etíopes mantivessem distância e permanecessem estacionadas a 30 km dos limites fronteiriços, com o objetivo de que, em caso de guerra, o mundo pudesse observar quem era a “nação agressora”.

Às primeiras horas do dia 3 de outubro de 1935, iniciou-se o ataque italiano. Sem declaração formal de guerra, as tropas italianas cruzaram a fronteira etíope, não encontrando qualquer resistência. A força aérea italiana bombardeou a cidade de Adwa e o Exército peninsular, sob o comando do General Badoglio, iniciou a invasão pela fronteira Sul da Etiópia, via Somália italiana. Mesmo com a supremacia bélica, as tropas italianas encontraram certa dificuldade em território etíope, pois no interior deste, as vias de comunicação eram bastante precárias.

Destarte, pelo fato de as forças militares das duas nações serem visivelmente desiguais, com uma supremacia incontestável dos italianos, a deflagração do conflito gerou um enorme desconforto, até mesmo para países que não se preocuparam em se envolver mais diretamente no conflito. Ademais, a opinião pública internacional, sobretudo após o início da utilização de armas químicas pelas forças italianas, se posicionava cada vez mais contrariamente ao episódio. A essa altura, as já inúmeras organizações e comitês pró-Etiópia denunciavam a desigualdade de forças entre as duas partes em contenda e questionavam a legitimidade da invasão que a Itália estava empreendendo (MARQUES, 2008, p. 68).

Por outro lado, parte da opinião pública e da imprensa internacional se mostrou bastante conivente em relação à Itália. Na França, por exemplo, acreditava-se que “a defesa da independência de um longínquo e pobre país africano era uma causa muito insignificante para tamanha tensão diplomática”, e que seria preferível a Itália realizar a sua conquista a criar uma nova situação de conflito na Europa (MARQUES, 2008, p. 68). Além do mais, apregoava-se que os protestos do governo britânico e do francês careciam de legitimidade, já que ambos os países possuíam vasto império colonial.

Iniciada a invasão, o representante do governo etíope na Sociedade das Nações (SDN), que há meses já interpelava pelo seu país junto à Organização, protestou, exigindo desta que aplicasse as sanções comerciais e financeiras - previstas nos artigos do Pacto da SDN - à nação agressora, que, no caso, viria a ser a Itália. A SDN, apesar de ter consentido ao apelo,

entendeu que a adoção das sanções econômicas não deveria ser, contudo, imposta pela Assembleia da Organização, mas sim decidida de forma soberana por cada país.

Essa decisão dificultou a efetivação das sanções, já que alguns países membros da SDN não aplicaram sanções algumas à Itália. Ademais, “o embargo liderado pela SDN não foi aplicado com rigor e tampouco se estendeu para produtos estratégicos como o petróleo, o carvão e o aço, ou a medidas de caráter militar como o fechamento do canal de Suez, que de fato poderia frear o avanço italiano na África” (MARQUES, 2008, p. 71).

Como apontado por Marques, os países europeus, sobretudo a França e Inglaterra, e os EUA temiam que a adoção de medidas mais exasperadas pudesse ser considerada, pela Itália, uma declaração de guerra e, por isso, se limitaram a sanções mais brandas (MARQUES, 2008, p. 71).

Em termos práticos, as sanções econômicas impostas pela SDN não surtiram efeitos diretos no conflito e serviram mais para mostrar algum posicionamento da Organização ante o episódio do que para impedir as pretensões italianas em conquistar a Abissínia. Assim, apesar de a invasão italiana à Abissínia ter tido repercussão mundial, pouco foi feito, de fato, para evitá-la.

Se, por um lado, as sanções impostas à Itália não surtiram impacto direto sobre o conflito, por outro, geraram ocasião para que o regime fascista e sua máquina de propaganda acusassem a existência de um “complô mundial”, liderado pela Inglaterra, contra a Itália fascista (MARQUES, 2008, p. 72).

Enquanto se sucediam os embates diplomáticos, as tropas italianas avançavam em terras abissínicas. Contudo, as tropas etíopes, em dezembro de 1935, “mais pela coragem e audácia do que pela existência de recursos ou lideranças capazes” (MARQUES, 2008, p. 72), apresentaram às tropas inimigas uma série de resistências, dificultando o avanço italiano. Objetivando dinamizar os avanços e pôr um fim definitivo à guerra, por determinações de Mussolini, generais foram substituídos – em novembro, De Bono foi substituído por Badoglio e Graziani assumiu o comando na Somália italiana – e autorizou-se a utilização de gás venenoso contra as tropas e população etíope.

Os rumores sobre a utilização, por parte da Itália, de gases tóxicos, como o mostarda, logo foram denunciados pela imprensa europeia. A princípio, a Itália procurou negar a veracidade dos rumores, alegando que essa imprensa, taxada como “antifascista”, estaria objetivando “desacreditar o exército italiano na África Oriental” e denegrir o regime fascista perante o mundo. Posteriormente, os comunicados oficiais do governo italiano começaram a falar sobre “represálias legítimas” contra os etíopes, que estariam utilizando as letais balas

*dum-dum* e, finalmente, que as forças italianas utilizaram gás, mas do tipo não letal, cujo único efeito seria uma paralisia momentânea (BARKER, 1979, p. 56-57).

Em março de 1936, mais precisamente no dia 7, outro assunto, que não a Guerra da Abissínia, concentrara toda a atenção da política europeia: Hitler, rompendo com acordos pré-estabelecidos, anunciou a remilitarização da região da Renânia, criando um grande clima de temor na Europa. As potências europeias, sobretudo a França, se mostraram ainda mais coniventes com a campanha colonial empreendida por Mussolini. Essa atitude pode ser justificada pelo temor desses países de que a imposição de maiores sanções à Itália poderia ocasionar, mais do que nunca, uma possível aproximação entre Mussolini e Hitler. Porém, “a reação da Itália diante das sanções e, principalmente o ressentimento em relação à Grã-Bretanha, condenaram ao fracasso qualquer tentativa de manter os acordos de Stresa” (BARKER, 1979, p. 56-57).

Enfim, a 6 de maio de 1936, as tropas italianas chegaram a Addis-Abeba, a capital etíope e, assim, oito meses após uma desgastante campanha em terras abissínicas, a conquista italiana se concretizava. Logo que a notícia chegara a Roma, Mussolini proclamou a fundação do Império Italiano na África e anunciou o Rei Victor Emanuel III como “Imperador da Etiópia”, em meio ao regozijo do povo italiano. Teria sido esse o auge da popularidade de Mussolini e do fascismo.

No dia 30 de junho de 1936, Hailé Selassié, que, a 4 de maio do mesmo ano, abandonara seu país rumo ao exílio em Londres, dirigiu, da tribuna da Sociedade das Nações, um último apelo às potências ocidentais. O emocionado discurso de Selassié de pouco adiantou. Poucos dias depois, a Inglaterra retirou sua frota do Mediterrâneo e, em 15 de julho, as sanções contra a Itália foram suspensas. A Sociedade das Nações prosseguiu apenas não reconhecendo a soberania italiana na Abissínia.

Após terem conquistado a capital etíope, os italianos deram início a uma série de medidas administrativas, objetivando iniciar o processo de colonização e a pacificação interna do país. A lira, moeda italiana, foi posta em circulação, o comércio parecia dar sinais de melhoras, rodovias, hospitais e outras obras públicas começaram a ser construídas.

Mesmo depois de conquistada a capital etíope, os italianos tiveram que lidar com uma forte resistência dos nativos abexins, organizados sob a forma de guerrilhas, leais a Hailé Selassié ou resistentes à conquista italiana, por toda a Etiópia. Tais guerrilhas contaram com o auxílio dos franceses, que lhes forneciam armamentos (MARQUES, 2008, p. 75). Na verdade, apenas nominalmente a Abissínia estava sob domínio da Itália, pois cerca de dois terços do

país ainda se encontravam, à época, sob o controle de nobres etíopes, e forças leais a Selassié ainda estariam concentradas em algumas outras regiões pontuais (BARKER, 1979, p. 134).

O Marechal Graziani, tão logo assumiu o posto de Vice-rei da Etiópia, deu início a uma intensa repressão aos nativos que ainda relutavam em capitular. Fuzilamentos, torturas, execuções sumárias e segregação racial tornaram-se correntes. Essa política repressiva desiludiu muitos dos nativos, o que dificultou ainda mais a consolidação do domínio italiano. Graziani foi substituído pelo Duque d'Aosta, um homem apto para a tarefa de “convencer os etíopes a aceitar e cooperar com os italianos” (BARKER, 1979, p. 147), em dezembro de 1937. Todavia, o processo de conciliação já se mostrava improvável.

Ainda em 1937, a Itália se retirou da Sociedade das Nações e estreitou ainda mais os laços com a Alemanha - dar-se-ia início à formação do eixo Roma-Berlim e à escalada rumo à Segunda Guerra Mundial (MARQUES, 2008, p. 76). Em janeiro de 1941, Hailé Sellasié, com a ajuda de britânicos e de rebeldes etíopes, retornou à Etiópia, restabeleceu a independência de seu país e, até novembro do mesmo ano, toda a resistência italiana na Etiópia foi suprimida (BARKER, 1979, p. 156).

Seria exagero creditar à Guerra da Etiópia a causa direta da Segunda Guerra Mundial. Todavia, a historiografia tem demonstrado que, da Guerra entre Itália e Abissínia e de seus desdobramentos, eclodiu-se uma série de fatores decisivos para a configuração do panorama que levaria à segunda conflagração mundial. Afinal, a Sociedade das Nações mostrou-se incapaz de intermediar conflitos, garantir a segurança de seus membros e punir os “agressores”. Não obstante, a política de conivência e as sucessivas concessões ao regime fascista italiano, objetivando evitar uma aproximação deste com o regime nazista alemão, também se mostraram estratégias falhas. Por fim, as constantes concessões à Itália fascista teriam estimulado as pretensões expansionistas da Alemanha nazista (MARQUES, 2008, p. 77).

Resta-nos verificar, ainda que de forma pontual, a forma com que a opinião pública brasileira se posicionou ante a Guerra da Abissínia. A historiografia tem demonstrado que a opinião pública latino-americana dedicou relativa atenção ao conflito ítalo-etíope e que, de forma geral, uma parcela significativa da opinião pública, da imprensa e da intelectualidade da América Latina fez uma avaliação positiva dos argumentos apregoados pelos italianos, não condenando as atitudes tomadas pelo regime fascista e, muitas vezes, apoiando-as (BRANDALISE apud MARQUES, p. 83).

No Brasil, ainda que a agressão italiana não tenha tido um grande impacto negativo sobre a imagem do fascismo (BERTONHA, 1999, p. 13), a deflagração do conflito ítalo-

etíope dividiu a opinião pública brasileira. Questões ideológicas parecem ter sido, segundo Bertonha, uma das principais causas - mas não a única - de tal divisão:

De fato, enquanto a solidariedade de idéias fazia os integralistas apoiarem a guerra fascista, o oposto também era verdadeiro, com a esquerda brasileira condenando o regime de Mussolini e apoiando os antifascistas italianos em ação no Brasil na sua campanha contra a guerra.

A apreciação positiva do fascismo também fez largos setores das classes dirigentes e intelectuais apoiarem a agressão italiana, enquanto o governo brasileiro, apesar de ser simpático ao fascismo e apoiar decididamente a Itália, parece tê-lo feito por interesses políticos e comerciais próprios e não por simples solidariedade ideológica. Ainda assim, é possível dizer que estes grupos tenderam a apoiar o fascismo na sua guerra (BERTONHA, 1999, p. 5).

Além de questões ideológicas, o autor chama a atenção para a *solidariedade latina*, que “teve algum peso na tarefa de gerar simpatia entre a população brasileira para a guerra fascista”, com diversos intelectuais publicando livros e ensaios sobre a ligação étnica, histórica e cultural entre Brasil e Itália (BERTONHA, 1999, p. 5).

No que se refere especificamente às “classes populares”, Bertonha (1999) comenta que fontes inglesas apontam que a maioria dos brasileiros teria ficado do lado abissínio. Todavia, faz ressalva sobre a inexistência tanto de um grande movimento pacifista organizado contra a guerra (como ocorrera nos EUA e Reino Unido), quanto de uma mobilização popular a favor da mesma, e que as próprias fontes fascistas são ambíguas quanto ao assunto, o que dificulta conclusões definitivas sobre.

Com uma maior riqueza de detalhes, Bertonha (1999, p. 7-8) conseguiu evidenciar a posição da população negra paulistana, pelo menos a sua parcela mais organizada politicamente, perante o conflito ítalo-etíope. Segundo o autor, o movimento negro organizado se posicionou firmemente contra a invasão fascista, mas, nem por isso, reduziu a questão ítalo-etíope a um mero conflito de raças, “aceitando colaborar com os antifascistas italianos e não identificando na raça italiana o agressor”.

Assim, sobre como a população brasileira teria, de uma forma geral, se posicionado perante a guerra entre Itália e Abissínia, conclui Bertonha:

[...] podemos concluir que as elites econômicas, as classes dirigentes, boa parte da intelectualidade e os movimentos mais à direita apoiaram a guerra fascista, enquanto os movimentos antifascistas e de esquerda e parte não quantificável das classes populares sustentaram o lado abissínio na guerra. São, porém, apenas conclusões iniciais que indicam a necessidade de uma monografia a respeito do tema (BERTONHA, 1999, p. 8).

Evidentemente, o regime fascista se preocupou e se esforçou em garantir um posicionamento pró-Itália da opinião pública latino-americana, inclusive da brasileira. De fato, entre os anos de 1935 e 1936, período abarcado pela Guerra da Abissínia, houve um relativo desenvolvimento do volume da propaganda fascista destinada à América Latina. Jornais, revistas, artigos, reportagens, fotos foram distribuídos, em maciça quantidade, à imprensa latino-americana. No Chile, por exemplo, a propaganda fascista obteve sucesso e possibilitou “uma decisiva virada da opinião pública, orientada anteriormente em favor da Etiópia” (MARQUES, 2008, p. 83).

No Brasil, a guerra da Abissínia foi um momento-chave para a consolidação da propaganda do regime fascista. A máquina de propaganda fascista, que já vinha sendo mais bem estruturada desde inícios dos anos de 1930, foi grandemente ampliada para garantir uma posição pró-italiana do governo e da opinião pública brasileira (BERTONHA, 2001, p. 277-280). A exibição de filmes, a realização de conferências, a cooptação da imprensa (por meio da distribuição de artigos e fotos ou mesmo de financiamentos) fizeram parte dessa estratégia.

Vimos, de forma geral, como diferentes setores da sociedade brasileira se posicionaram ante a Guerra da Abissínia. Notamos que, se haviam setores da opinião pública e da imprensa brasileira que condenavam a agressão italiana, o inverso também ocorria.

É bastante difícil, todavia, estabelecer uma listagem rígida, totalmente precisa e definitiva sobre quais desses setores condenaram ou não a empreitada colonial fascista em terras etíopes. Assim, como apontado por Bertonha, abordagens sobre o tema ainda se fazem imprescindíveis para que a questão seja mais bem compreendida, e é nesse sentido que nos propomos, neste tópico, a verificar como os integralistas, por intermédio do *A Offensiva*, o maior e mais importante periódico do Movimento, se posicionaram ante o conflito e como o apresentaram aos seus leitores.

O periódico integralista dedicou relativa atenção ao episódio. Ao longo dos anos de 1935 a 1938, o assunto manteve-se, em maior ou menor grau, sempre em pauta. A extensiva cobertura ao episódio indica-nos não só a importância que os integralistas atribuíram ao acontecimento como também que os mesmos, possivelmente, julgaram que esse assunto seria do interesse dos leitores do periódico, fossem estes integralistas ou não.

Destarte, um conflito envolvendo a Itália, cogita-se, poderia vir a ser do interesse da colônia italiana fixada no Brasil, de seus inúmeros imigrantes e descendentes - muitos dos quais, a propósito, cerrando fileiras do integralismo.<sup>257</sup> Ademais, o fato de o fascismo ter

---

<sup>257</sup> As informações que seguem foram extraídas, sobretudo, de Sentinelo (2011, p. 135-140).

exercido nevrálgica influência na formação teórica e ideológica da AIB, como também o de muitos de os militantes integralistas terem aderido ao Movimento motivados por uma simpatia aos movimentos de caráter fascista europeus (TRINDADE, 1979), permite-nos cogitar que a questão ítalo-abissínia interessaria a muitos dos integrantes da AIB.

O mesmo conflito, por outro lado, interessaria também à comunidade negra brasileira, parte da qual, ainda que em números desconhecidos até o presente momento, também integrava as fileiras integralistas.

Segundo a bibliografia disponível, a comunidade negra internacional, e não apenas a brasileira, se mostrou, de fato, bastante atenta e mobilizada em torno do conflito ítalo-etíope. Isso porque a Etiópia era, à época, o último país africano que não se encontrava subjugado por alguma potência ocidental. Além disso, como apontado por Marques, a vitória etíope sobre os italianos, em 1896, serviu de estímulo para que parte do movimento negro internacional passasse a identificar e a considerar a Etiópia enquanto sinônimo de África.<sup>258</sup>

Da mesma forma que em outras partes do mundo, também no Brasil, a Etiópia, como apontado pelo autor, era identificada e/ou considerada representante da liberdade dos povos negros, e isso poderia ser notado pelos nomes das organizações criadas pelos movimentos negros brasileiros, como o *Centro Ethiópico* e o *Centro Ethiópico Monteiro Lopes*, ambos criados na cidade de Pelotas, nos anos de 1884 e 1909, respectivamente (MARQUES, 2008, p. 177).

Assim, o conflito ítalo-etíope adquiriu significados diferentes para ambos os lados em contenda e para seus apoiadores. Enquanto que, pelo lado da Itália e dos que a apoiavam, a empreitada colonial seria de fundamental importância para a consolidação do Império Italiano e, conseqüentemente, do prestígio internacional da Itália e do regime fascista,<sup>259</sup> por outro, compreendido pelos movimentos negros e comunidades negras ao redor do mundo, seria uma agressão à única nação africana livre remanescente e, por conseguinte, uma agressão à comunidade negra de todo o mundo (SENTINELO, 2011, p. 137).

A Guerra da Abissínia, por todas essas particularidades, era, de fato, uma questão bastante delicada a ser abordada pelo periódico integralista e, por isso, a mesma, imaginamos, deve ter sido tratada com bastante cuidado, ainda mais se levarmos em consideração o

---

<sup>258</sup> Marques e Sentinelo realizaram uma profícua discussão acerca do assunto. Para mais detalhes, ver Marques (2008) e Sentinelo (2011).

<sup>259</sup> Como apontado por Bertanha, a campanha imperial italiana foi “em grande parte, artificial, movid[a] pelo desejo do governo e da opinião pública italianas de equipararem-se às outras nações européias e de se afirmarem como grande potência” (BERTONHA, 2005, p. 157).

expressivo número de negros residentes no Brasil e, sobretudo, os negros que militavam nas fileiras da AIB.

Como ressaltado por Sentinelo e Bertonha (2011, p. 99-100), “dentro do integralismo havia uma simpatia generalizada pela Itália fascista. Configuravam os quadros integralistas numerosos descendentes de italianos que apoiavam o *Duce* e, ao mesmo tempo, negros orgulhosos da sua raça que, provavelmente, olharam com desgosto para a invasão”. Há de se ressaltar, inclusive, a existência de registros de casos de intelectuais negros integralistas que organizaram ou se envolveram em manifestações públicas de repúdio à invasão da Itália fascista à Etiópia (NASCIMENTO apud SENTINELO, 2011, p. 138).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que manteve uma irredutível posição de defesa da campanha colonial empreendida pela Itália fascista, uma das estratégias adotadas pelo *A Offensiva*, para atenuar a polêmica em torno da questão, teria sido a de apresentar a Guerra da Abissínia como uma guerra que não poderia ser reduzido simplesmente a um conflito entre “raças”, procurando evitar que “a temática da inferioridade racial fosse abordada, o que causaria problemas entre os negros integralistas e, igualmente, no próprio projeto nacionalista da AIB” (SENTINELO; BERTONHA, 2011, p. 86).

Não haveria novidade em dizermos que a solidariedade de ideias foi, possivelmente, um dos principais fatores que levaram os integralistas a apoiarem e se posicionarem de forma favorável à empreitada colonial fascista (BERTONHA, 1999, p. 4). Todavia, verificamos que os integralistas foram um pouco além: a documentação nos sugere que, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, os integralistas se empenharam, por meio de diferentes argumentos e justificativas, em garantir e amear uma opinião pública favorável ao fascismo e sua campanha colonial, o que, naquele contexto, era de fundamental importância, já que setores da opinião pública, por todo o mundo, estavam condenando a invasão italiana.

Por fim, veremos a forma com que os integralistas se utilizaram sutil e habilmente da guerra entre Itália e Abissínia numa tentativa de alarmar a sociedade brasileira, apresentando o conflito ítalo-etíope enquanto uma advertência e uma lição ao Brasil.

Por intermédio de diferentes artigos, os integralistas sugeriam à opinião pública brasileira que o Brasil, apesar de territorialmente extenso e rico em recursos naturais, seria, ainda assim, um Estado “fraco” - fato este, que o assemelharia à Abissínia, recentemente subjugada pela Itália fascista, e suscetível, portanto, a uma agressão externa. Entrementes, os integralistas atentavam para o fato de que o Brasil, ainda que não estivesse sob ataque direto, armado, como o país africano, já o estaria sob “ataque econômico” de grandes potências, sobretudo Inglaterra e Estados Unidos.



Por outro lado, a Guerra da Abissínia seria, também, uma advertência e uma lição, pois o conflito, segundo os integralistas, teria dado indícios da “falência” do liberalismo, já que a vitória italiana não teria sido apenas uma vitória sobre a Abissínia, mas também sobre a Inglaterra e sobre a SDN, que, em vão, teriam tentado impedir a concretização da empreitada colonial italiana.

Como ressaltado noutra oportunidade, a modesta oposição da Inglaterra e da SDN, ainda que não tenha sido suficiente para evitar a concretização da campanha colonial italiana, foi amplamente explorada pela máquina de propaganda do regime fascista, que procurou demonstrar a existência de um complô mundial contra a Itália – e essa ideia também se fez presente nas páginas do *A Offensiva*. Assim, Inglaterra e SDN, e não apenas a Abissínia, eram apresentadas como inimigos que a Itália teve de enfrentar em sua empreitada colonial.

Por intermédio de artigos veiculados no *A Offensiva*, os integralistas procuraram demonstrar que, com a concretização da vitória italiana, o liberalismo e a liberal-democracia, sumariamente identificados com Inglaterra e SDN, teriam se mostrado incapazes tanto de intermediar conflitos internacionais quanto de impedir ou de barrar as pretensões do regime fascista, o que viria a dar indícios tanto da “falência” do liberalismo quanto da superioridade de um regime “forte”, como o fascista, sobre a “dissoluta” e “anárquica” - para utilizarmos os termos utilizados pelo próprio periódico - liberal-democracia.

Acreditamos que, possivelmente, o alarde em torno do episódio visava atingir um objetivo específico: a AIB, após ter adquirido registro enquanto partido político, estava inserida na disputa pelo poder, e os integralistas, numa possível tentativa de atrair novos militantes ou mesmo de cooptar potenciais eleitores, ao mesmo tempo em que se utilizaram desse episódio para alardear a sociedade, sugeriam, entretanto, que, caso a AIB ascendesse ao poder, transformariam o Brasil numa potência, a exemplo do realizado pelo regime fascista, que transformara, num curto espaço de tempo, a Itália numa potência colonial, “admirada e respeitada por todos”.

### 3.2.1 A Guerra da Abissínia nas páginas do *A Offensiva*

A cobertura realizada pelo *A Offensiva* ao conflito ítalo-abissíneo e aos seus desdobramentos abarca um período relativamente longo, compreendido entre setembro de 1935 até praticamente a extinção da folha, em inícios de 1938. Ou seja, do imediato pré-

guerra, quando os embates diplomáticos na SDN já estavam se desenrolando e a Itália se armando, até depois do conflito findado, quando a Itália ainda pelejava para que a anexação da Abissínia fosse reconhecida pela sociedade internacional. Assim, notícias sobre a Guerra da Abissínia estiveram presentes, em maior ou menor grau, quase que ao longo de toda a vida do jornal, editado entre os meses de março de 1934 e maio de 1938.

Constatamos, todavia, que uma atenção especial ao conflito foi dada apenas a partir do ano de 1936, quando o periódico passou a circular em tiragem diária. Isso, contudo, não significa, necessariamente, que a questão ítalo-abissínia fora negligenciada no período precedente. Tal fato pode ser compreendido quando levamos em consideração que, até o mês de janeiro de 1936, o *A Offensiva* possuía tiragem semanal, fato que lhe tolhia a possibilidade de ter, na maior parte das vezes, seu conteúdo dirigido para outros assuntos que não os diretamente relacionados ao movimento e à doutrina integralista. No entanto, a partir de janeiro de 1936, quando o periódico passou a circular diariamente, a cobertura sobre a guerra ítalo-etíope foi intensificada e o conflito ganhou destaque nas páginas do jornal.

De janeiro de 1936 até o fim do conflito - em maio do mesmo ano -, quase a totalidade das edições do *A Offensiva* trouxe artigos, matérias e informações sobre a guerra. Assim, os leitores do periódico poderiam encontrar, numa frequência diária, questões referentes tanto ao conflito que estava se desenrolando na África quanto aos embates diplomáticos que o mesmo suscitou nos meios internacionais.

Depois de findada a guerra, os artigos sobre a mesma diminuíram paulatinamente, e as páginas que, antes, buscaram legitimar, perante a opinião pública brasileira, a agressão fascista, passaram a apregoar a licitude da anexação da Abissínia à Itália, conformando o Império Italiano na África.

Antes mesmo da deflagração do conflito, em setembro de 1935, o *A Offensiva* veiculara um extenso artigo, por meio do qual os integralistas procuraram evidenciar, à opinião pública brasileira, o constante esforço que o regime fascista estaria empreendendo, desde o ano de 1934, em estruturar suas forças militares, a economia e a sociedade italiana, tendo em vista a já eminente campanha colonial.<sup>260</sup>

Segundo dados apresentados pelo periódico, no ano de 1934 o governo italiano teria destinado 1.200 milhões de liras para “renovação do material” e para “reconstituição das reservas”, iniciado a construção de dois couraçados de 35 mil toneladas e aprovado leis de “remilitarização da nação”, que visariam à “instrução pré militar, a post-militar e o ensino

---

<sup>260</sup> O rearmamento no Mediterrâneo. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 69, 7 de set. de 1935, p. 1 e 12.

cultural nas escolas e nas universidades”. Além disso, o artigo informara que um organismo, encarregado da inspeção da “preparação pré e post-militar”, teria sido criado para coordenar todos os esforços, e que toda a indústria já estaria preparada para uma mobilização latente, o que proporcionaria à Itália se manter com seus “próprios recursos em tempo de guerra”. Assim, como destacado pelo periódico, “toda a vida italiana está organizada para que a passagem do estado de guerra traga o mínimo possível de inconvenientes” aos italianos.<sup>261</sup>

Notamos, nesse artigo, que a preocupação central estava em evidenciar-se como o regime fascista havia preparado a Itália para a guerra, já eminente àquele momento. Nas entrelinhas do artigo, sugeria-se aos leitores que Mussolini não estaria lançando uma Itália despreparada numa nova empreitada colonial; pelo contrário. O regime fascista estaria, desde 1934, organizando e mobilizando toda a economia, indústria e sociedade, para que a Itália sofresse o menor impacto possível quando da eminente eclosão do conflito, e que uma derrota por questões econômicas e/ou estratégicas – ou pela falta delas -, como a vergonhosa derrota em Adwa, em 1896, não voltaria, provavelmente, vir a se reproduzir.

Depois de deflagrado o conflito, a 3 de outubro de 1935, o *A Offensiva* procurou, por meio de distintos argumentos e justificativas, dar respaldo ao regime fascista no que tange à licitude do conflito iniciado pela Itália. A procura em tentar-se legitimar a invasão italiana, presumimos, seria, naquele momento, de crucial importância, tendo-se em vista que setores da opinião pública, da imprensa internacional, bem como a própria SDN, como visto em outra oportunidade, condenaram a invasão italiana.

Muitos dos argumentos propalados pelo próprio governo italiano (como, por exemplo, o de que a Itália levaria a civilização a um país bárbaro, ou a de que a Itália estaria agindo apenas em legítima defesa, tão somente defendendo a sua integridade territorial ante as constantes incursões ordenadas pelo imperador etíope às colônias italianas na África) poderiam, inclusive, ser lidos nas páginas do periódico integralista.

Em artigo veiculado no dia 19 de outubro de 1935, por exemplo, a justificativa utilizada para se sair em defesa da empreitada colonial italiana era a de que não haveria mais lugar, no mundo, para Estados “fracos”, que não souberam aproveitar os recursos e riquezas naturais que tiveram à sua disposição. Seria este, segundo San Thiago Dantas, autor do artigo em questão e futuro Secretário Nacional de Imprensa da AIB, justamente o caso da Abissínia, que tivera imensos recursos naturais à disposição, mas que não soubera deles tirar proveito, permanecendo no atraso social e econômico:

---

<sup>261</sup> O rearmamento no Mediterrâneo. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 69, 7 de set. de 1935, p. 1 e 12.

**Para nós a guerra na África tem o valor de uma advertência. No mundo haverá sempre lugar para os homens fracos, mas já não há para Estados fracos.** De tempos em tempos, os povos prestam contas do que souberam fazer da sua riqueza e dos seus patrimônios históricos: esse é o sentido de muitas guerras. Há que se mostram com as mãos vazias, e lançam um olhar desesperado para os thezouros da terra que os annos passados lhes confiaram. Há os que chegam com as mãos transbordando, e exigem ainda os braços fortes deante de uma tarefa realizada. Deus dá então aos povos fortes a tarefa que não foi cumprida pelos fracos [...].

A guerra na Africa nos adverte do futuro. É inútil ouvir os sentimentalistas eternos ou as ridículas espécies dos juriconsultos. O que temos é de ver com todos os nossos olhos, o destino dos povos conformados e vagarosos. É assim o choque do trabalhador com o preguiçoso. **Ali está o mundo tomando dois povos contas rigorosas do que fizeram da riqueza e da vida que lhes foram confiadas.** Pois nem uma nem outra podem ser guardadas, tem de ser postas em marcha, tem de se aplicar na produção universal da existência humana; as nações não são proprietárias com direito á incúria e á avareza; são administradores, dispensadores de um thesouro que nas suas mãos, ou rende, ou não pára.

**O povo abyssinio é dono de thesouro parado.** Pela voz tormentosa da historia, o mundo está em vésperas de lhe tirar esse mandato, inútil [...].<sup>262</sup> (grifos nossos)

Nesse artigo, o *A Offensiva*, além de se posicionar ao lado da Itália na sua campanha colonial, evocando, como principal justificativa, o fato de o povo abissínio ser dono de um “tesouro parado”, apontou o conflito ítalo-etíope como uma advertência ao Brasil. Uma advertência, pois, na lógica exposta por Dantas, o Brasil, apesar de territorialmente extenso e rico em recursos naturais, ou seja, um país com potencial e condições para ser um “Estado forte”, ainda não o era – fato este que o assemelharia ao país africano.

Ponto de vista próximo ao exposto por Dantas foi expresso por Plínio Salgado, que, em artigo, após advertir para o fato de já não haver espaço para nações “fracas”, declarou e recomendou ao povo brasileiro, habituado, segundo o mesmo, a ler o livro *O Brasil no palco do mundo* – “onde a figura de Ruy Barbosa se agiganta, falando em todas as línguas do Universo, em nome do direito das pequenas nações” -, ler o livro de Hitler, *Minha Luta*, no qual o chefe do regime nazista “defende a these em que se afirma o direito dos povos fortes, quando se debatem nas dificuldades da super-população, de tomar territórios alheios”.<sup>263</sup>

Não obstante, também Salgado ressaltou, no artigo em questão, que a Guerra da Abissínia seria uma advertência ao Brasil, um país vasto e rico, que, apesar de não estar sob um ataque direto, armado, como o país africano, já se encontraria, ao menos economicamente, sob ataque de potências internacionais.<sup>264</sup> Entrementes às advertências, o Chefe Nacional da AIB concluiu e apontou, por fim, que a AIB seria a única força político-social capaz de conduzir e transformar o Brasil num Estado forte.

<sup>262</sup> DANTAS, S. T. Guerra na Africa. *A Offensiva*, ano II, n. 75, p. 2.

<sup>263</sup> SALGADO, P. A Lição de Addis Abeba. *A Offensiva*, ano II, n. 176, p. 2.

<sup>264</sup> Ibid.

Apesar de não explicitarem, os artigos de Dantas e Salgado deixam subentendida a ideia de que não seria apenas a extensão territorial e a abundância de recursos naturais que fariam um Estado “forte”. Seria imperativa, ainda, a existência de uma força político-social que detivesse a capacidade de conduzir e administrar toda a economia e sociedade, da mesma forma que o fascismo italiano estava conduzindo e administrando a Itália, por exemplo. E essa força, que seria, no Brasil, o integralismo, não poderia tardar a ser elevada ao poder, sob o risco de o Brasil se transformar, assim como fora a Abissínia, em alvo de ataques.

Retomaremos essa questão (sobre a utilização do conflito ítalo-etíope enquanto uma lição e uma advertência ao Brasil) um pouco adiante. Por enquanto, daremos sequência à tentativa de evidenciar a argumentação utilizada pelo periódico para justificar, perante a opinião pública nacional, o posicionamento dos integralistas ao lado da Itália fascista e de sua campanha colonial em terras africanas.

A partir do mês de janeiro de 1936, quando o *A Offensiva* passou a ter tiragem diária, a cobertura sobre a Guerra da Abissínia foi intensificada. O conflito entre o país europeu e o africano tornou-se um dos principais assuntos do periódico, sendo, inclusive, a pauta e/ou chamada central da capa de muitas das edições, o que nos indica a importância que o mesmo assumira tanto no cenário internacional quanto no noticiário do próprio periódico:



Figura 8 – *A Offensiva*, ano II, n. 121, p. 1 e *A Offensiva*, ano II, n. 182, p. 1.

Em tiragem diária, o *A Offensiva* passou a veicular, além dos artigos escritos pelos próprios integralistas, diversas notas de agências telegráficas, as quais informavam, diariamente, o desenrolar do conflito em terras africanas. As agências de notícias das quais o *A Offensiva* se servia eram as mesmas de outros grandes periódicos, com relativa predominância de notas oriundas da *Havas* e *Reuters*, duas das maiores agências existentes à época.

Essas notas telegráficas eram reunidas ou agrupadas sob uma manchete (como podemos verificar tanto nas reproduções das capas acima quanto na reprodução que segue abaixo), a qual, provavelmente, era elaborada por algum dos responsáveis pelo periódico. Por limitarem-se, na maior parte das vezes, a informar sobre o desenvolvimento do conflito, não entrando no mérito de qual dos lados em contenda teria a legitimidade ou não, as notas telegráficas veiculadas apresentavam um caráter mais informativo e objetivo do que os textos e artigos assinados pelos integralistas.

# OS ULTIMOS SUCESSOS ITALIANOS

## VISTOS DE ADDIS-ABEBA

### Os ethiopes procuram reduzir as proporções da derrota

ADDIS ABABA, 4 (H.) — Continuando a falta de notícias precisas tanto da frente norte como da frente sul, o que não pouco contribue para alimentar intermináveis polemicas sobre a marcha das operações.

Os Italianos negam que os ethiopes tenham alcançado qualquer triumpho na região do Temblon, entrando a offensiva italiana. Os ethiopes, por sua vez, alegam, citando comunicados officiaes Italianos, que a annunciada victoria italiana no sul não passou na realidade de um avanço que se tornou possível devido a um recuo strategico. Ao que se diz, quando o ataque italiano pareceu imminente em Ogden, os ethiopes resolveram entrincheirar-se em posições mais faciles de defender por julgarem que as posições avançadas das proximidades de Dolo não estavam bastante fortificadas nem em condições para resistir ao primeiro choque das forças Italianas motorizadas. Devido a circumstancias decorrentes da extensão da frente e da lentidão na transmissão das ordens, varios combates ethiopes não avariados a tempo tinham sido surprehendidos pelo avanço Italiano.

Observa-se em Addis Abeba que o general Graziani não pôde falar seriamente em resistencia alguma, visto como os Italianos tinham avançado sem disparar um tiro em territorio abandonado.

A falta de informações parece corresponder ao enfraquecimento das hostilidades de ambos os lados. A unica noticia interessante é a de que os medicos egypticos que regressavam da frente de Ogden a Harrar foram chamados por telegramma pelo ras Nasibu e convidados a voltar aos seus postos na frente sul o mais rapidamente possível, o que faria prever uma acção imminente naquello sector.

#### Comunicado official italiano

ROMA, 4 (H.) — Comunicado numero 114 do Ministerio de Imprensa e Propaganda:

"O marechal Badoglio telegrapha: No sector de Gallas Borana submettidos á Italia bateram e puzeram em fuga alguns nucleos adversarios".

"A aviação bombardeou as concentrações inimigas na região de Kilot, entre Uebi Gestro e Uebi Chebelli".

"Na frente da Kyrthra não ha nada de importante a registrar".

#### A ambulancia estava armada até os dentes

ROMA, 4 (H.) — A conversação de hoje entre o ministro da Suécia e o sub-secretario de Estado das Relações Exteriores serviu apenas para mostrar que subsiste desaccordo entre os pontos de vista sueco e italiano sobre o facto das tropas Italianas encontrarem vinte

que a quantidade de munições não está em proporção com as necessidades exclusivas da escolta.

#### A Rumania e as sanções contra a Italia

O "TEMPS" ENTREVISTA O REI CAROL

PARIS, 4 (H.) — Em entrevista concedida ao "Temps", o rei Carol, da Rumania, qualificou de difficil a situação em que a applicação das sanções collocou o seu pais.

S. Magestade acrescentou: Temos acompanhado de alma e coração a politica de Geneta. Todavia, não vos occultarei que dessa politica têm já resultado para a Rumania, graves difficuldades economicas. Esperamos, porém, que obteremos justas compensações.

#### O conflicto italo-ethiope e a politica do Mediterraneo

LONDRES, 4 (H.) — Os circulos diplomaticos inglezes affirmam que na entrevista realizada nesta capital, entre os srz. Flaudin e Anthony Eden, foi abordada a questão do projectado pacto do Mediterraneo.

Acredita-se que tanto os francezes como os inglezes encararam o meio de fazer evoluir o conflicto italo-ethiope, se isso for possível, para o terreno da politica geral do Mediterraneo, afim de ver se não será possível descobrir ahí uma base de negociações que o problema ethiope não compôrta actualmente.

Os inglezes não se oppõem a tomar em consideração esta possibilidade, mas não se mostram confiantes no exito da tentativa e parece que querem deixar a Paris a iniciativa de qualquer acção junto ao governo de Roma.

#### A produção dos succedaneos do petroleo

ROMA, 4 (H.) — Junto do Ministerio das Corporações foi agora creada uma Comissão Technica de Combustiveis Liquidos, que será encarregada de redigir um plano da

produção nacional de carburantes liquidos succedaneos e estudar os meios de utilizar no maximo as possibilidades actuaes da Italia nesse dominio.

A "Gazzetta Ufficiale" publicou um decreto concernente á obrigação, por parte dos productores e commerciantes, de declarar as quantidades de vinho de fabricação nacional actualmente em seu poder. Esse reconhecimento é destinado a preparar a distillação de uma parte desse vinho, afim de obter alcohol, que servirá para a fabricação de combustiveis liquidos succedaneos.

#### Passaram por Port Said 5.200 soldados italianos

CAIRO, 4 (H.) — Os navios "Losandra", com material de guerra, "Toscana", a cujo bordo viajam 2.200 soldados, e "Italia", com 3.000 homens, passaram por Port Said, com destino a Massaua.

#### Desmentido do governo ethiope

DESSIE, 4 (H.) — Foi officialmente desmentida a noticia de fonte italiana ultimamente propagada, segundo a qual o ras Muligheta, ministro da Guerra, e seu filho, teriam sido mortos nas proximidades de Makalilé.

São tambem desmentidas as informações da mesma origem, em que se afirma que a provincia de Godjam se tinha revoltado contra o dominio ethiope e que a tribu dos Addals tinha atacado a Guarda Imperial entre Dessié e Ankober.

#### O dr. Kelly vae dirigir uma ambulancia

LONDRES, 4 (H.) — O dr. P. J. Kelly, da Universidade de Glasgow, partirá quinta-feira, para a Ethiopia, afim de tomar a direcção da segunda ambulancia britanica.

O dr. Kelly encontrar-se-ha no Sudán com um contingente de enfermeiros e assistentes Indianos.

Um grupo de enfermeiros, sob a direcção do dr. Roberts, partiu sabado directament para a Ethiopia.

Figura 9 – *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 97, p. 5.

Produzidas e enviadas pelas agências de notícias, as notas telegráficas não apenas gozam como também transmitem certa aura de “objetividade” (BARBOSA, 2011). Não seria novidade ressaltarmos que a apregoada “objetividade” das mesmas não se sustenta a um olhar mais crítico, já que esse tipo de material esconde, atrás de si, um enorme jogo de interesses - pessoais, empresariais, políticos, ideológicos e governamentais - e a historiografia relativa aos estudos da imprensa é enfática nesse ponto (BARBOSA, 2011; LUCA; MARTINS, 2011).

Assim, acreditamos que tão ou mais importante do que discutir-se sobre a objetividade ou neutralidade das notas telegráficas, é analisarmos como esse tipo de material foi utilizado pelo *A Offensiva*. Afinal, como bem lembrado por Fraga, as agências de notícias, mesmo produzindo as notas e, ao produzi-las, privilegiando certos fatos em detrimento de outros - ou seja, manipulando-as - não as estampam diretamente sobre a página de um jornal (FRAGA, 2004, p. 124). Essa tarefa fica a cargo dos responsáveis pelo mesmo, que escolhem e

selecionam o que deve ser veiculado, enfatizado, menosprezado ou, quem sabe, até mesmo descartado.

No caso do *A Offensiva*,<sup>265</sup> fosse na capa do periódico ou nas páginas internas deste, as notas telegráficas eram reunidas e agrupadas num espaço a elas reservado, localizado, usualmente, na quinta página de cada edição. Todavia, antes de serem estampadas nas páginas do *A Offensiva*, as notas telegráficas, que chegavam diariamente e em número abundante, o que inviabiliza sua reprodução na totalidade, passavam por um processo de “triagem”. Neste processo, selecionava-se o que deveria ser estampado nas páginas do jornal e o que deveria ser descartado; encontramos, aqui, uma primeira intervenção direta dos responsáveis pelo periódico sobre o conteúdo telegráfico que viria a ser veiculado.

Posteriormente, do montante de notas telegráficas outrora selecionadas, elegia-se uma, possivelmente a que os integralistas julgassem ser mais relevante e que, por isso, gostariam que fosse enfatizada, que viria dar origem à manchete da “seção telegráfica” do dia. Nesse ponto, outra intervenção direta dos responsáveis pelo periódico: a seleção do que, dentre um montante de notas telegráficas, muitas vezes diversas entre si, deveria ser destacado e enfatizado, virando manchete.

Constatamos, assim, a existência de duas significativas intervenções dos responsáveis pelo periódico nas outrora “objetivas” notas telegráficas. A primeira, a seleção do que viria a ser veiculado e, a segunda, a seleção do que, dentre um montante de notas diversas, deveria ser enfatizado, virando manchete da seção reservada às notas telegráficas.

Usualmente, veiculavam-se e enfatizavam-se os avanços das tropas italianas em terras abissínicas. Assim, por meio das notas telegráficas, transmitia-se ao leitor a impressão de que os avanços das tropas italianas se davam de forma rápida e ininterrupta (“destruindo” e “destroçando”, para utilizarmos os termos recorrentemente veiculados pelo próprio periódico, quaisquer barreiras, naturais ou humanas), sem encontrarem maiores empecilhos e resistências por parte das tropas abissínicas, o que, ressaltamos, nem sempre correspondera ao ocorrido, já que, por vezes, não só as tropas etíopes resistiram, mesmo que minimamente, aos avanços italianos (como, por exemplo, no inverno de 1935, quando as tropas etíopes obrigaram os italianos, pela primeira vez, a recuarem algumas posições) como também os italianos encontraram problemas para transpor barreiras e empecilhos naturais em território etíope (BARKER, 1979, p. 44-56).

---

<sup>265</sup> Para formular essa “simulação” da dinâmica da redação do *A Offensiva*, nos baseamos em alguns estudos de Barbosa e de Luca e Martins. Ver, Barbosa (2011); Luca e Martins (2011).



Todo esse processo de intervenção e de seleção do que viria a ser veiculado poderia, inclusive, explicar, por exemplo, por que o periódico anunciava e exaltava os avanços italianos enquanto se calava ante algumas questões delicadas, que poderiam degradar a imagem do regime fascista italiano perante a opinião pública brasileira, como, por exemplo, a utilização de gás venenoso por parte das forças italianas.

Como visto anteriormente, a utilização de gás mostarda pelas forças peninsulares, além de ter sido motivo de grande repulsa por parte da diplomacia e da opinião pública internacional, foi largamente divulgada e denunciada por inúmeros órgãos da imprensa mundial, incluindo as agências de notícias que, regularmente, forneciam material telegráfico para o *A Offensiva*, como a *Havas* e a *Reuters*. Todavia, questões relativas à utilização de gás venenoso pela Itália foram praticamente silenciadas nas páginas do periódico integralista, não aparecendo, com raríssimas exceções, sequer nas seções reservadas às notas telegráficas.

Das mais de sete centenas de edições do *A Offensiva*, são, de fato, bastante raras as menções à utilização de gás venenoso por parte da Itália. Além do mais, ressaltamos, também, que, quando o fato era mencionado, ainda poderia o ser mais no sentido de ironizar a questão do que denunciar ou de condenar a prática italiana, como pode ser percebido na seguinte declaração: “O Negus, em Genebra, acusou os italianos de lançarem grande quantidade de gases nos hospitaes da Cruz Vermelha. Mas isto é um acto de alta humanidade, lançaram-se num hospital, não só ‘gazes’, mas também ataduras, algodão e esparadrapo”,<sup>266</sup> veiculada depois de findada a Guerra.

Há motivos para pensarmos que notas telegráficas sobre a utilização de gases venenosos, pelas tropas italianas, tenham chegado até a redação do periódico, já que a *Havas* e *Reuters*, as agências de notícias contratadas pelo *A Offensiva*, divulgaram amplamente esse fato. Todavia, as notas telegráficas, como ressaltado em outra oportunidade, antes de serem veiculadas, passavam por um processo de triagem, e, possivelmente, a veiculação e, conseqüentemente, a divulgação de informações referentes às brutalidades perpetradas pelas tropas italianas foram julgadas inapropriadas pelos integralistas.

O posicionamento do *A Offensiva* ante a questão sobre a utilização de gás venenoso pela Itália indica-nos, por fim, a forma com que os integralistas trabalharam para garantir uma imagem positiva do regime fascista e evidencia-nos ao menos parte das estratégias - a da censura interna e a do silêncio - utilizada periódico para que tal objetivo pudesse ser atingido.

---

<sup>266</sup> Pipocas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 224, p. 2.

Exaltavam-se os avanços das tropas italianas, mas, por outro lado, omitia-se, muitas vezes, a que custos esses avanços se davam.

Além das agências de notícias, o *A Offensiva*, objetivando realizar uma cobertura mais apurada e aprofundada da Guerra da Abissínia, contou, também, com um “enviado especial” em terras africanas, chamado Luigi Ricci. A existência de um enviado especial é significativa, pois indica-nos não apenas a importância que a Guerra da Abissínia tomou no cenário político internacional, mas também a ênfase da qual esse conflito gozava dentro noticiário internacional do principal periódico integralista.

Além do fato divulgado pelo próprio *A Offensiva* de que a folha dispunha com exclusividade dos serviços de Ricci no Brasil,<sup>267</sup> pouco pudemos reconstituir sobre a relação entre este e o periódico. Segundo o *A Offensiva*, a contratação de Ricci seria justificada pelo fato de o conflito ítalo-etíope ser, à época, um dos assuntos de maior relevância e de maior preocupação da opinião pública internacional. Assim, Ricci, jornalista e um dos “azes do periodismo mundial”, fora contratado e, duas vezes por semana, fosse por avião ou telégrafo, enviaria ao *A Offensiva* correspondências que relatavam os “acontecimentos que desenrolam sob sua vista”, e sobre os movimentos bélicos no *front* comandado pelo general italiano Rodolfo Graziani.<sup>268</sup>

Contabilizamos a veiculação de um total de 13 artigos creditados a Ricci, todos eles sob um ponto de vista favorável ao regime fascista e à empreitada colonial italiana, o que pode ser minimamente explicado pelo fato de o autor ser declaradamente fascista.<sup>269</sup> Por meio dos seus inúmeros artigos veiculados pelo *A Offensiva*, Ricci procurou demonstrar um pouco do cotidiano das tropas italianas e o desenrolar dos conflitos na frente da Somália.

Por se tratar de um tema bastante recorrente, chamou-nos especial atenção, nesses artigos, a tentativa de Ricci em ressaltar a existência de um bom relacionamento entre as tropas italianas e alguns dos nativos etíopes e a contribuição dos soldados negros às tropas italianas:

Quem já esteve em alguma colônia inglesa da Africa, deve ter presenciado o tratamento dispensado pelos officiaes britânicos aos soldados nativos: para eles os soldados negros não são homens, mas animaes.

Que venham os ingleses apreciar como os jovens officiaes italianos se sentem bem no meio das tropas de côr. Que venham apreciar aquelle punhado de mocinhos, há pouco sahido das brilhantes academias militares da península, que voluntariamente se offereceram para enquadrar-se nos bandos irregulares do sultão Olol-Dinle, quando ainda mal se podia julgar a lealdade desse impetuoso guerreiro. Que venham

<sup>267</sup> No “Front” sómalo, entre “askaris” e “dubats”. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 1 e 5.

<sup>268</sup> *Ibid.*

<sup>269</sup> RICCI, L. Uma rápida “enquete” entre os Chefes ethiopes. *A Offensiva*, ano III, n. 206, p. 1-2.

ver como são idolatrados pelos sómalos, que formam os contingentes de dubats esses graduados italianos que arriscam cem vezes a vida para salvar um dubat em perigo, um dubat que nem conhece a língua de Dante! Que venham apreciar esses soldados italianos que loucos de saudades da família, chamam os negrinhos barrigudinhos e sujos e os agradam com afagos paternaes, aconchegando-os ao collo.

Os jornalistas francezes testemunharam muitas vezes factos comovedores e os relataram. E foram, creio, os únicos entre os estrangeiros a falarem a verdade. Pois os outros, geralmente preferem nem olhar para os pretos. E se “tomam as dores” dos súbditos do negus é porque aquillo foi encomendado a tanto por linha.<sup>270</sup>

Como outrora ressaltado, sabemos que, antes mesmo da deflagração do conflito ítalo-etíope, as forças italianas procuraram cooptar alguns dos “rases” etíopes, objetivando enfraquecer o poder central de Selassié, e algumas das tribos nativas para o lado italiano. Todavia, não encontramos, na bibliografia disponível e consultada, maiores detalhes sobre a relação estabelecida entre as tropas italianas, as tropas recrutadas (tanto as oriundas das colônias da Itália na África quanto às recrutadas no interior do próprio império etíope) e a população nativa, sendo-nos impossível, portanto, verificar mais a fundo a relação entre estas e, ainda, se a mesma teria sido tão harmoniosa quanto apontara Ricci. Ainda assim, a preocupação de Ricci em tornar público o pretenso bom relacionamento entre os italianos e os nativos é, de fato, digna de nota.

Ao procurar evidenciar as boas relações existentes entre os italianos e os nativos, Ricci, como bem sugere no título de seu artigo, tinha como principal objetivo demonstrar que “não existiria questão de cor” para os italianos. Com isso, possivelmente, o autor tentou sugerir não apenas que a guerra ítalo-etíope não se resumiria a um conflito de “raças” como também frisar que os italianos mantinham boas relações com os nativos – os latinos, de modo diverso dos ingleses, não tratavam os soldados negros como animais, segundo Ricci.

Todavia, nem todos os nativos africanos eram apresentados da mesma forma. Se, por um lado, procurava-se utilizar adjetivos valorativos para se caracterizar os que se aliavam aos italianos ou os que já viviam sob a colonização italiana, procurava-se depreciar os insubordinados, relutantes e os que, por ainda não viverem sob domínio italiano, deveriam ser conquistados e civilizados (SENTINELO, 2011, p. 150). Mesmo porque, como veremos um pouco adiante, ainda que o conflito não fosse reduzido a uma questão racial, “levar a civilização aos bárbaros” era uma das justificativas utilizadas para legitimar a empreitada colonial da Itália fascista em terras etíopes.

Se a preocupação de Ricci em tornar público o bom relacionamento entre os italianos e os nativos africanos é digna de nota, não menos importante seria indagarmos os possíveis

<sup>270</sup> Id. Não existe questão de cor para os italianos. *A Offensiva*, ano II, n. 133, p. 1 e 4.

interesses dos integralistas em veicular e divulgar esse tipo de material, tornando-o público aqui, no Brasil. Afinal, mesmo Ricci sendo um “enviado especial” e tendo remetido, ao periódico, uma relativa quantidade de artigos, os diretores do *A Offensiva* tinham a opção de veicular ou não os mesmos.

Possivelmente, ao veicular tais artigos, o periódico procurou, assim como Ricci ao escrevê-los, demonstrar a existência de uma boa relação entre italianos e abissínios numa provável tentativa de desconstruir a impressão transmitida maciçamente pela imprensa internacional de que os italianos estariam perpetrando brutalidades contra os nativos etíopes. Além disso, ressaltar-se a inexistência de uma questão étnica na guerra entre os dois países que pode ser interpretado como uma tentativa de atenuar-se o impacto negativo que a mesma teria sobre os militantes integralistas negros.

Todavia, como ressaltado por Sentinelo, os integralistas parecem ter-se utilizado desse tipo de artigo também com outros objetivos. De acordo com a autora, os integralistas, num primeiro momento, tencionaram, por meio da veiculação desses artigos, cooptar a atenção da população negra brasileira, já que o assunto, possivelmente, seria do interesse desta.

Como ressaltado anteriormente, e como Sentinelo (2011, p. 147) também procurou ressaltar, artigos sobre a Guerra da Etiópia, e em especial, artigos com esse teor, foram, por vezes, matérias ou chamadas de capa do periódico. Ou seja, a disposição privilegiada que esses artigos recebiam nas páginas do *A Offensiva* (na primeira página, o local mais nobre e visado de um jornal) seria ao menos um indício de que “o periódico procurou chamar a atenção de um público específico e interessado no tema, os negros”.

Entrementes à tentativa de cooptar a atenção da população negra, o *A Offensiva*, por meio de uma transposição nem sempre clara ou lógica, buscou, de acordo com Sentinelo e Bertonha (2011, p. 98-99), afirmar a “inexistência de discriminação racial na ideologia da AIB” e também se utilizou da missão civilizadora italiana como uma analogia à missão civilizadora desempenhada, no Brasil, pelos integralistas, a qual, entretanto, consistia em cooptar a população negra brasileira e nela imbuir os valores propagados pelo Movimento. Nas palavras dos autores, “em última instância, de forma pacífica, seria o integralismo a fazer, com os brasileiros, o mesmo trabalho que a Itália fascista realizava na África” (SENTINELO; BERTONHA, 2011, p. 98-99).

Se, por um lado, o *A Offensiva* se silenciou ante as práticas brutais cometidas pelas tropas italianas em terras abissínicas, o mesmo não pode ser dito quanto às atrocidades cometidas pelos etíopes. Nesse ponto, um dos artigos enviados por Ricci é exemplar.

Em artigo veiculado no dia 12 de maio de 1936, quando as tropas italianas já haviam ocupado a capital etíope e Mussolini já declarara a fundação do Império Italiano na África, Ricci fez questão de discorrer acerca das brutalidades perpetradas pelas tropas do país africano contra as do país peninsular:

O exercito expedicionário italiano cumpre a sua missão entre as massas do povo abyssinio, missão de liberdade e de justiça que os cegos de Genebra não querem ver e reconhecer. Seria preciso que estivessem aqui, no front, os que negam o poder civilizador da Italia, os que defendem os lançadores de balas ‘dum-dum’, os decapitadores de prisioneiros, os que se abrigam nos hospitais para atirar esses defensores gratuitos; seria preciso que vissem como a Italia Fascista guerreia e abre escolas nas retrovias, destrõe ‘tukuls’ imundos, mas edifica casas, igrejas e hospitais para os pobres negros libertos da mais infamante escravidão. Os homens de cor de todas as partes do mundo, em vez de estar ‘torcendo’ contra a Italia, deviam applaudil-a, como fez o chefe da aviação do Negus, o coronel aviador negro norte-americano Johnson, o qual reconheceu que a civilização marchava ao som de ‘Giovinezza’. O gesto honesto e varonil de Johnson foi aplaudido por vinte milhões de homens de cor nos Estados Unidos

Como a historiografia já demonstrara, brutalidades foram praticadas por ambos os lados em contenda, italiano ou etíope. Todavia, os responsáveis pelo *A Offensiva* selecionaram as notícias que deveriam chegar até os leitores do periódico, e, se as truculências praticadas pelos italianos não fariam parte delas, as praticadas pelos etíopes, sim.

Restam-nos, por fim, algumas considerações sobre o “enviado especial” do *A Offensiva* à Guerra da Abissínia. Há motivos para inferirmos que a escolha de Ricci não tenha sido feita de forma aleatória. Possivelmente, os responsáveis pelo periódico tinham ciência de que um enviado especial junto às tropas italianas, aliado ao fato de este ser declaradamente fascista, provavelmente forneceria material favorável à campanha colonial italiana - o que, de fato, ocorreu.

Ou seja, não estamos falando, aqui, da contratação casual de um enviado especial também casual, responsável por remeter, ao *A Offensiva*, matérias aleatórias sobre a Guerra da Abissínia; mas, sim da contratação dos serviços de um indivíduo que enviaria artigos sob uma ótica favorável ao regime fascista, e os integralistas, possivelmente, tinham ciência disso. E mais: aos leitores do periódico transmitia-se a impressão de que, por intermédio dos artigos emitidos por Ricci, estariam entrando em contato com o que, de fato, estaria ocorrendo, já que o fato de o mesmo ser um observador/narrador presente diretamente no palco do conflito (ou seja, uma “testemunha ocular” dos acontecimentos) acabaria por reforçar “o sentimento de credibilidade das notícias emitidas” (FRAGA, 2007, p. 63).

Era, todavia, nos artigos escritos e assinados pelos próprios integralistas ou, ainda, em alguns esparsos artigos veiculados sem autoria, que os leitores do *A Offensiva* poderiam encontrar um apoio mais enfático dos camisas-verdes aos italianos e à campanha colonial levada a cabo pelo regime fascista.

Isso não significa, necessariamente, que o posicionamento dos integralistas não pudesse ser apreendido por intermédio das notas telegráficas veiculadas (sempre enfatizando e exaltando os avanços das tropas italianas) e dos meandros até sua veiculação (como a seleção do que viria a ser estampado ou não nas páginas do periódico), ou, ainda, por meio dos artigos remetidos por Ricci. Entretanto, por meio dos artigos escritos pelos integralistas, podemos ver, de forma mais explícita, o posicionamento dos camisas-verdes ante a empreitada colonial italiana.

Não obstante, sobre os há pouco referidos artigos sem autoria, devemos ressaltar que, justamente por não estarem assinados, torna-se praticamente impossível identificar por quais dos integralistas eles foram escritos e, por que não, se realmente o foram pelos integralistas. Posto o fato de o conteúdo dos referidos artigos ser marcado por um profundo tom apologético ao governo italiano, não poderíamos descartar a hipótese de aqueles terem sido, talvez, originários de publicações produzidas e distribuídas pela máquina de propaganda do próprio regime fascista, prática que, como visto anteriormente, não foi incomum no período.

O artigo intitulado *A victoria das armas italianas na Abyssinia* é, nesse sentido, um caso exemplar dos referidos artigos não assinados. Por intermédio desse artigo, veiculado a 5 de abril de 1936, aproximadamente um mês antes de as tropas italianas adentrarem à capital etíope, podemos ver o acentuado tom apologético à Itália, ao regime fascista e aos avanços das forças italianas em terras etíopes, além de diversas críticas à Inglaterra e à SDN, país e organização que se opuseram à empreitada colonial italiana:

Diante dos últimos triumphos das armas italianas na Abyssinia, não há exagero adeantar que o Império do Negus se encontra em franca derrocada, desmoralizado e falido. O imperador Selassié, a estas horas, deve estar completamente desiludido, lamentando mesmo o golpe errado que desfêriu, optando por uma guerra que não podia sustentar de modo algum. É bem verdade que se o Negus teve esse gesto arrogante e belicoso, é indubitável que assim agiu influenciado por garantias offerecidas pela Grã-Bretanha e, posteriormente, pela SDN. Entretanto, toda essa assistência material e econômica assegurada pelas potências genebrinas ao Império Negro, não pôde impedir que a Itália, levada por uma força de vontade inabalável amparada no seu incomparável poderio militar, desbaratasse, por completo, as hordas selvagens e indisciplinadas do exercito abexim, penetrando a fundo, no coração do território ethiope [...] Nem as sanções decretadas contra Roma, nem as colligações militares que se formavam por detrás dos bastidores, puderam abalar a alma da Itália Nova. E o resultado dessa perseverança inaudita ahí está, produzindo os seus fructos magnificos, - a penetração methodica e irresistível do exercito

peninsular por todo o território abexim, levando aos recessos da terra bárbara, os fulgores da civilização mediterrânea e, desse modo, arrancando á escravidão, levas e levas de infelizes que ali supportavam as mais horrorosas flagelações.<sup>271</sup>

Depois de discorrer sobre os avanços das tropas italianas nas mais diversas frentes de batalha, o artigo conclui, por fim, que a vitória italiana, além de eminente, já estaria bastante próxima:

[...] Como se vê, a penetração peninsular vae de vento em popa, surpreendendo aquelles que duvidavam do poderio militar italiano. É evidente que o Império Negro já pertence ao passado e não tem mais expressão no presente.<sup>272</sup>

Não dispomos de maiores informações para afirmar, com precisão, se o artigo em questão teria sido originário do material de propaganda do regime fascista ou se ele fora escrito pelos próprios integralistas. No entanto, sabemos que a máquina de propaganda fascista, sobretudo no período abarcado pela Guerra da Abissínia, trabalhou incessantemente, produzindo e distribuindo, para jornais mundo afora, artigos favoráveis à Itália no intuito de amealhar uma posição pró-Itália da opinião pública internacional.

Sabemos, também, que o jornal integralista *A Offensiva* era um dos periódicos brasileiros que, segundo relatórios do próprio governo fascista, tinha um posicionamento pró-Itália (BERTONHA, 2001, p. 350), fato este que pode ser ao menos um indício de que houve algum tipo de contribuição do periódico para com a embaixada italiana, como, por exemplo, a veiculação de artigos entregues pela mesma ao jornal integralista. Não obstante, devemos ressaltar que, com as informações de que dispomos, não podemos nada mais além do que levantar algumas e possíveis hipóteses.

Seja como for, ainda que tais artigos tenham sido fruto do material de propaganda italiano, eles não foram estampados diretamente pelos agentes do regime fascista nas páginas do *A Offensiva*. Assim, não podemos negligenciar o fato de que foram necessários o consentimento e o aval dos responsáveis pelo *A Offensiva* para que os referidos artigos, caso fossem originários do material de propaganda fascista, viessem a ser estampados nas páginas do maior e mais importante periódico integralista.

Em algumas edições posteriores, no dia 19 de abril de 1936, quando a vitória italiana já se encontrava próxima, o *A Offensiva* veiculou um extenso artigo, intitulado *Abyssinia, nação agressora!*, no qual reuniu diversos argumentos, muitos dos quais cunhados pelo próprio regime fascista, que justificariam a campanha colonial italiana. Por reunir, num único

<sup>271</sup> A victoria das armas italianas na Abyssínia. *A Offensiva*, ano II, n. 148, p. 9 e 14.

<sup>272</sup> Ibid.

artigo, um conjunto de declarações, informações e argumentos que, por vezes, encontravam-se dispersos em vários outros artigos, aquele se torna deveras interessante.

No *Abyssinia, nação agressora!*, a ideia central, a de que a Abissínia - e não a Itália, como sentenciara a Sociedade das Nações - seria a “nação agressora”, ou seja, a que teria iniciado ou provocado a guerra, veio acompanhada de diversos outros argumentos que, de acordo com o periódico, legitimariam a empreitada colonial fascista, como, por exemplo, o argumento de que a Itália e o regime fascista teriam tomado para si a responsabilidade de levar a civilização e a prosperidade a um povo “bárbaro” e a um país atrasado.

O texto fora iniciado com a declaração de que a SDN e seus membros teriam se equivocado ao conceder à Itália o título de “nação agressora”. Segundo o artigo, os membros da SDN “esqueceram-se ou fizeram-se esquecidos”, por influência da diplomacia britânica, o fato de que a Abissínia – uma “simples amálgama de tribos bárbaras”, ressaltamos – vinha, há tempos, ameaçando a segurança das colônias italianas da Somália e Eritreia e que, por este motivo, a Itália nunca pôde delas tirar total proveito.<sup>273</sup>

Não obstante, a Itália, de acordo com o artigo, teria tentado, por diversas vezes, manter uma relação cordial com o governo abissínio, não poupando esforços na tentativa de estabelecer relações comerciais com a nação africana, e tentado resolver, cordial e diplomaticamente, os impasses existentes em torno dos “problemas de fronteiras”. Todavia, segundo o *A Offensiva*, fora tudo em vão; e, ao mesmo tempo em que os governantes etíopes recebiam com hostilidade as propostas italianas, “favoreciam, por outro lado, as pretensões inglesas, francezas e até mesmo japonezas”.<sup>274</sup>

Como visto anteriormente, nos anos subsequentes ao primeiro conflito ítalo-etíope, no qual a Abissínia saiu vencedora, a Itália tentou, por intermédio “de forma pacífica, através de acordos comerciais e diplomáticos” (MARQUES, 2008, p. 56), estabelecer certa influência no país africano. Todavia, a política adotada pela Itália sofreu fortes resistências por parte do governo etíope, que adotou posição marcada pela hostilidade à influência italiana, recusando, por diversas vezes, empréstimos de capital italiano e favorecendo a importação de produtos oriundos do Japão - que, à época, eram fortes concorrentes dos artigos italianos.<sup>275</sup>

Além do mais, segundo o artigo em questão, o governo abissínio, além de sempre ter se mostrado hostil às propostas “conciliadoras” da Itália, procurou, insistentemente, ao longo de todo o período compreendido entre 1912 e 1934, desestabilizar e ocupar as colônias que a

<sup>273</sup> Abyssinia, nação agressora. *A Offensiva*, ano II, n. 160, p. 9 e 11.

<sup>274</sup> Abyssinia, nação agressora. *A Offensiva*, ano II, n. 160, p. 9 e 11.

<sup>275</sup> Ibid.



Itália possuía na África. Após apontar inúmeros incidentes que teriam sido provocados pelos abissínios, o artigo conclui, por fim, que a nação agressora e a geradora do conflito teria sido única e exclusivamente a Abissínia, e “nunca a Itália”:

Como se observa, a provocação ethiope era bem um estado permanente, prejudicando seriamente o prestígio de uma nação forte e civilizada. Ora, esses factos não foram levados em consideração pelos estadistas de Genebra que, não satisfeitos em declararem a Italia, nação aggressora, ainda acabaram decretando as famigeradas sanções económicas, que não tiveram efficacia absolutamente alguma, em vista da brilhante reacção italiana. Entretanto, basta a citação desses trechos, para se concluir logicamente que a nação aggressora e causadora do conflicto foi a Ethiopia, e nunca a Itália.<sup>276</sup>

Verificamos, assim, que os integralistas tencionaram transmitir, por intermédio da veiculação desse artigo, a ideia de que a Itália fascista teria agido em legítima defesa, apenas defendendo a sua integridade territorial ante as constantes incursões ordenadas pelo governo abissínio às colônias que o país latino detinha no continente africano. Além disso, ao atribuir à Itália o título de “nação agressora”, a SDN estaria ignorando dois fatos: as constantes incursões etíopes, ao longo dos anos de 1912 e 1934, às colônias italianas na África, e o de a Itália terem tentado, por diversas vezes, estabelecer relações cordiais, tanto diplomáticas quanto comerciais, com o país africano.

Como visto anteriormente, em outubro de 1935 a SDN julgou que a deflagração do conflito teria sido iniciada pela Itália, atribuindo-lhe não apenas o título de “nação agressora”, mas também lhe impondo algumas sanções econômicas, cujos resultados, na prática, se mostraram pífios, mas que foram o suficiente para a máquina de propaganda fascista acusar a existência de um complô mundial contra a Itália. Dessa forma, entendemos que difundir e sustentar a ideia de que a Abissínia, e não a Itália, seria a nação agressora, se fazia, naquele momento, de substancial importância, se não para reverter a situação diplomática e as sanções impostas ao país latino, ao menos para influenciar certos setores da opinião pública num sentido pró-Itália, convencendo-os de que a Itália, de fato, estaria apenas agindo em legítima defesa.

Ainda por intermédio do *Abyssinia, nação agressora!*, os integralistas apregoaram que a Itália fascista iria levar a “civilização” a um povo bárbaro e primitivo. Assim, a vitória da Itália não deveria ser encarada como algo ruim para a Abissínia, pelo contrário.

Aos leitores do periódico, descrevia-se uma Abissínia atrasada, onde praticamente inexistiam obras de infraestrutura e saneamento básico e onde imperavam práticas bárbaras e desumanas contra a população nativa, como a escravidão. O país africano, segundo o artigo

---

<sup>276</sup> Ibid.

em questão, nada mais seria do que um “imenso mercado de escravos”, os quais, por não encontrarem nenhuma garantia nas leis do país, estariam sujeitos a todos os tipos de tortura. Lá, os escravos, de acordo com depoimentos transcritos pelo periódico, seriam tratados de forma desumana, e, como verdadeiros animais, estavam suscetíveis a “todos os requintes de brutalidade”: eram queimados com água fervente e ferro em brasa, castrados, torturados e enterrados em fundos de quintais.<sup>277</sup>

A Abissínia seria, ainda de acordo com o artigo em questão, um verdadeiro “foco de imundície”, onde a inexistência de qualquer tipo de saneamento básico proporcionaria a propagação de epidemias e pestes. Nem mesmo na capital do Império, Addis-Abeba, a situação seria diferente. Lá, de acordo com o artigo, praticamente inexistiam banheiros (fossem estes públicos ou privados), e os serviços de limpeza urbana ficavam sob a responsabilidade de abutres, chacais e hienas, que se misturavam às “levas e levaras de leprosos e morpheticos”.<sup>278</sup>

Em suma, a Abissínia seria um país atrasado, bárbaro, no qual imperavam a “incivilidade” e a brutalidade. Eis porque, segundo o periódico, a população abexim estava se regozijando por onde as “tropas libertadoras italianas” passavam. Afinal, em todas as regiões conquistadas pelos peninsulares, os italianos, de acordo com o periódico, além de extinguirem a escravidão, estariam erigindo grandiosas obras de infraestrutura, como pontes e rodovias; edificações soberbas, como grandes hospitais; e prestando obras de assistências aos doentes. Toda a benevolência das tropas peninsulares, inclusive, explicaria as inúmeras rendições espontâneas de “tropas nativas” às “tropas libertadoras italianas”.<sup>279</sup>

O artigo, por fim, foi concluído com a afirmativa de que a “retrógrada” Abissínia tornar-se-ia, sob domínio do regime fascista, um enorme império colonial, “agazalhando um povo livre e recebendo os fulgores da civilização mediterrânea, o gênio da Roma Eterna”.<sup>280</sup>

Findada a Guerra da Abissínia, ao sexto dia do mês de maio de 1936, as páginas do *A Offensiva*, ao mesmo tempo em que estampavam, exprimiam o regozijo dos integralistas com a vitória da Itália fascista; anunciavam-se a conformação do Império Italiano na África, a nomeação do rei Victor Emanuel III como imperador e apregoava-se que o país africano passaria, agora sob o domínio e tutela da Itália fascista e de um “grande e nobre povo”, por um período de progresso o qual jamais conhecera:

<sup>277</sup> Abyssinia, nação agressora!. *A Offensiva*, ano II, n. 160, p. 9 e 11.

<sup>278</sup> Ibid.

<sup>279</sup> Abyssinia, nação agressora!. *A Offensiva*, ano II, n. 160, p. 9 e 11.

<sup>280</sup> Ibid.

**A Itália tem uma missão a cumprir na Abyssinia [...]: salvar a Ethiopia da anarchia, redimir um povo escravo, instruir as bárbaras tribus que a povoam, dando-lhes vigor, saúde, hygiene, conforto, bem estar e disciplina, para integrar essa nação na civilização occidental.** A ficção de soberania e independência, de que gozava o Imperio negro, continuará a mesma, mas sob a égide responsável de um grande e nobre povo. [...] **Nós confiamos na generosidade latina e estamos certos de que a Itália não humilhará a nação vencida [...]** O Negus e o governo abandonaram o seu povo e esse povo só pode e deve confiar, hoje, na generosidade italiana, o bom senso a isso aconselha. [...] E essa victoria não representa apenas uma conquista guerreira, uma campanha gloriosa, um episodio épico na historia italiana: essa victoria se eleva na concepção política do mundo em crise, para irradiar a preeminência incontrastável de um regime severo, patriota, augusto e nobre sobre a dissolução anarchica da obsoleta liberal-democracia.<sup>281</sup> (grifos nossos)

Como alguns historiadores corroboram (BARKER, 1979; MARQUES, 2008), a superioridade das armas italianas era evidente (o que, inclusive, foi um dos fatores que pesaram para que uma parcela da opinião pública internacional, prontamente, se posicionasse contra a guerra entre a nação latina e a africana) e, pelo que a documentação nos sugere, os integralistas tinham perfeita ciência disso. Todavia, diversos artigos veiculados pelo *A Offensiva* deixam transparecer que os integralistas não creditavam a vitória italiana única e exclusivamente à sua superioridade bélica e estratégica.

Levando-se em consideração as tamanhas dificuldades com as quais a Itália teria se deparado - dificuldades, estas, não apenas no combate em terras abissínicas, mas também no que se refere a toda oposição por parte das grandes potências, sobretudo Inglaterra, e de parte da opinião pública internacional -, a vitória italiana, segundo os integralistas, só poderia ser compreendida caso se levasse em consideração a “força do ideal fascista”, até porque, como diversos artigos sugerem-nos, a superioridade das armas e estratégias italianas teria, de acordo com os integralistas, uma relação direta e proporcional ao sucesso amealhado pelo regime, ideal e política fascista.

Dessa forma, procurava-se transmitir e propagar a ideia de que, na concretização da vitória do país latino, os ideais e a doutrina fascista teriam tido um papel tão ou mais significativo do que as armas e estratégias dos militares italianos:

**A victoria italiana na África não pode ser vista unicamente pelo aspecto material:** ella não se circunscreve somente ao aspecto militar, **porque esse aspecto decisivo e esmagador, é efeito de causas profundas.**<sup>282</sup> (grifos nossos)

No artigo *A Italia sahiu do temporal, vencedora*,<sup>283</sup> veiculado poucos dias antes de Mussolini anunciar a vitória na Abissínia, o periódico integralista lembrou que, logo no

<sup>281</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 175, p. 2.

<sup>282</sup> *A Italia sahiu do temporal, vencedora. A Offensiva*, ano II, n. 172, p. 13.

início da empreitada colonial italiana, conceituados analistas internacionais acreditavam que a Itália, fosse pela falta de preparação de suas forças militares, fosse pela inacessibilidade do terreno, pelo clima, pelas moléstias etíopes ou fosse, ainda, pelas sanções impostas pela SDN, não poderia vencer a guerra contra o país africano.

Porém, conforme os meses foram se passando, “assinalando sucessos e mais sucessos”, não só no *front* africano, mas também nos embates diplomáticos, as mesmas camadas da opinião internacional, que, ao início da guerra, duvidaram da vitória italiana, estariam, segundo o *A Offensiva*, estupefatas diante das realizações do regime fascista e dos avanços das tropas peninsulares, não encontrando outra explicação possível para tão grandiosa vitória que não a de um “milagre”.<sup>284</sup>

O periódico integralista afirmava que, indubitavelmente, e, como todos poderiam tirar a prova com seus “próprios olhos”, a Itália “sahiu do temporal vencedora”. Entretanto, ao contrário do que órgãos da imprensa e setores da opinião pública internacional estariam cogitando, a vitória italiana não teria se dado por algum tipo “milagre”. Pelo contrário, a vitória italiana poderia ser, e muito bem, explicada: a conquista da Etiópia teria sido o resultado da vitória de um ideal, no caso, o fascista, “expressão da fé e da pujança espiritual de um povo”:

A Itália sahiu do temporal vencedora. Genebra, que representa, no momento histórico, o symbolo do scepticismo democrático, curvou-se ao influxo do desanimo e do conformismo.

E agora, que os filhos da Loba cantam com alacridade e fervor os hymnos do patriotismo retumbante, bem depressa, nos apercebemos que **a conquista da Ethiopia, foi o resultado da victoria de um ideal, expressão da fé e da pujança espiritual de um povo.** Quando os soldados da Itália Nova deixaram o solo pátrio rumo á África, os estadistas envelhecidos e os inexpertos não quizeram ver que aquelles bravos levavam argamassa em seus espíritos, a força de uma convicção fortalecida na disciplina, no culto de dever e no amor da Pátria.

**Eis porque, o segredo de tão fulminantes victorias pode ser desvendado, contribuindo, desse modo, para provar a excellência do nacionalismo immortal, que transforma os fracos de hoje, nos fortes de amanhã.**<sup>285</sup> (grifos nossos)

Não que a superioridade bélica e estratégica da Itália fosse menosprezada pelos integralistas. Todavia, notamos que a referida superioridade apareceria, para utilizarmos um termo veiculado pelo próprio periódico, apenas como um fruto ou resultado advindo de “causas mais profundas”, das transformações operadas pela doutrina, ideais e políticas do regime fascista, desde a ascensão de Mussolini ao poder, na nação italiana. E seria,

<sup>283</sup> A Italia sahiu do temporal, vencedora. *A Offensiva*, ano II, n. 172, p. 13.

<sup>284</sup> Ibid.

<sup>285</sup> Ibid.

justamente, em todas as transformações operadas pelos ideais fascistas que residiria, segundo o periódico, o “segredo” das fulminantes vitórias italianas.

Não obstante, a vitória italiana na Guerra da Abissínia significaria, de acordo com o *A Offensiva*, não só um exemplo de como uma nação sob regência de um governo “forte”, como a Itália fascista, poderia vencer os mais diversos inimigos – fossem esses explícitos, como a Abissínia, ou “mascarados”, como a Inglaterra e a SDN - mas, também, uma advertência e uma prova da supremacia de um regime “forte”, como o fascista, sob a dissoluta e anárquica liberal-democracia:

Essa victoria não representa apenas uma conquista guerreira, uma campanha gloriosa, um episodio épico na história italiana; **essa victoria se eleva na concepção política do mundo em crise, para irradiar a preeminência incontrastável de um regime severo, patriota, augusto e nobre, sobre a dissolução anarchica da obsoleta liberal-democracia.** (grifos nossos)<sup>286</sup>

É relevante ressaltarmos a forma com que muitos dos artigos que versaram sobre a Guerra da Abissínia articulavam, entrementes às exaltações ao regime fascista, ataques à SDN, à Inglaterra e ao liberalismo. Até mesmo Plínio Salgado, que, muitas vezes, se absteve de comentar o conflito ítalo-etíope, ressaltou, em certa oportunidade, que duas “lições” principais poderiam ser extraídas do episódio: a primeira, a do poder “tonificador” de um regime forte, como o fascista, que teria feito da Itália uma potência vitoriosa, senhora de um império, muito diferente da Itália que, 40 anos antes, saíra humilhada quando da primeira incursão em terras abissínias; a segunda, a falência da liberal-democracia, que, incapaz de solucionar os problemas internos de cada país, também o teria sido ao intermediar problemas e/ou conflitos internacionais.<sup>287</sup>

Verificamos, assim, que os integralistas viram e utilizaram o episódio ítalo-etíope enquanto uma oportunidade de tecer críticas dirigidas ao liberalismo e à liberal-democracia, inimigos também presentes na ideologia da AIB; mas não apenas isso. Entrementes aos ataques ao liberalismo e das exaltações ao regime fascista, podemos notar, também, que a guerra que envolveu a Itália fascista e a Abissínia foi utilizada numa tentativa de alarmar a sociedade brasileira.

Como pudemos conferir por meio dos artigos de Salgado e de Dantas, citados ao início deste tópico, e também no artigo de Salgado, pouco acima citado, os integralistas declaravam ser o conflito ítalo-etíope uma advertência e uma lição ao povo brasileiro.

<sup>286</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 175, p. 2.

<sup>287</sup> SALGADO, P. A Lição de Addis-Abeba. *A Offensiva*, ano II, n. 176, p. 2.

Primeiro, pois a Guerra da Abissínia, segundo os integralistas, teria dado indícios práticos de que já não haveria espaço para a existência de Estados “fracos”. Nesse sentido, o conflito ítalo-etíope seria uma advertência à população brasileira, pois, de acordo com os integralistas, o Brasil, apesar de territorialmente extenso e rico em recursos naturais, seria, ainda assim, um Estado “fraco” - fato este que o assemelharia à Abissínia, recentemente subjugada pela Itália fascista -, suscetível, portanto, a uma agressão externa.

Haveria, ademais, um agravante: os integralistas, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, apregoavam que o Brasil, ainda que não estivesse sob ataque direto, armado, como o país africano, estaria sob “ataque econômico” de grandes potências, sobretudo Inglaterra e Estados Unidos, o que, possivelmente, pode ter contribuído no intuito de alarmar a população.

Por outro lado, o conflito ítalo-etíope seria também uma advertência e uma lição na medida em que, segundo os integralistas, a Guerra da Abissínia teria dado, ao mesmo tempo, indícios tanto da “falência” do liberalismo quanto da superioridade de um regime “forte”, como o fascista, sobre a “dissoluta” e “anárquica” - para utilizarmos os termos utilizados pelo próprio periódico - liberal-democracia.

Como ressaltado noutro momento, a modesta oposição da Inglaterra e da SDN, ainda que não tenha sido suficiente para evitar a concretização da campanha colonial italiana, foi amplamente explorada pela máquina de propaganda do regime fascista, que procurou demonstrar a existência de um complô mundial contra a Itália - e essa ideia também se fez presente nas páginas do *A Offensiva*. Assim, Inglaterra e SDN, e não apenas a Abissínia, eram apresentadas como inimigos que a Itália teve de enfrentar em sua campanha colonial.

Segundo os integralistas, o liberalismo e a liberal-democracia, sumariamente identificados, nesse discurso, com a Inglaterra e a SDN, incapazes de solucionar os problemas internos de cada país, também o teriam sido ao intermediar problemas e/ou conflitos internacionais e de barrar, quando tentado, as pretensões do regime fascista italiano. Por diversas vezes, inclusive, a acanhada oposição inglesa à empreitada colonial italiana foi ironizada pelos integralistas, que declaravam que a Inglaterra “rosnara e rosnara”, mas que em momento algum fora capaz de impedir as pretensões do *Duce*.<sup>288</sup> Esses fatores, segundo o periódico da AIB, teriam dado indícios da falência do liberalismo e das organizações dele originárias.

Entrementes à difusão da ideia da “falência” do liberalismo, notamos que os integralistas, numa tentativa de evidenciar a apregoada superioridade de um regime “forte”, se

---

<sup>288</sup> FREITAS, M. Nações Fortes. *A Offensiva*, ano III, n. 230, p. 2.

esforçaram em propagar a ideia de que o regime fascista e a ideologia fascista teriam sido os grandes responsáveis não só pela vitória italiana na Abissínia, mas também por terem feito da Itália, num curto espaço de tempo, uma grande potência, senhora de um império colonial.

Assim, levando-se em consideração tamanhas lições e advertências, daí, possivelmente, as recorrentes declarações, das quais o *A Offensiva* foi porta-voz, de que o Brasil e a população brasileira deveriam olhar com redobrada atenção os exemplos oferecidos pela Guerra da Abissínia. Dessa forma, os integralistas não apenas ofereciam a possibilidade como sutilmente impeliavam os leitores do periódico, fossem estes integralistas ou não, a estabelecerem analogias entre o episódio ítalo-etíope e o contexto brasileiro.

Não podemos, neste ponto, nos esquecer de que a AIB, após ter adquirido registro enquanto partido político, estava inserida na disputa pelo poder. Acreditamos, assim, que o alarde em torno do episódio, o esforço em evidenciar a falência do liberalismo e a apregoada superioridade de um regime forte, bem como as corriqueiras tentativas de fazer-se saber que “o exemplo mais edificante do programma do Integralismo Brasileiro preceitua, é o da Itália fascista, que, após o advento de Mussolini, impoz-se ao mundo como potência internacional entre as maiores que possam ser”,<sup>289</sup> antes de terem sido em vão, almejavam, possivelmente, um objetivo específico: cooptar novos militantes e/ou mesmo amealhar ou seduzir potenciais eleitores para as eleições presidenciais que viriam a ocorrer em 1938.

Conquanto, é-nos impossível verificar a resposta da população brasileira aos constantes apelos propalados pelos integralistas e nem mesmo se a estratégia em utilizar-se da Guerra da Abissínia para alarmar a opinião pública nacional teria surtido o efeito desejado, já que a eleição presidencial, que viria a ocorrer em 1938, foi frustrada pelo golpe do Estado Novo. Ainda assim, notamos que os integralistas, ao sugerirem à opinião pública brasileira que, caso ascendessem ao poder, transformariam o Brasil também numa potência - a exemplo do realizado pelo regime fascista, que teria transformado, num curto espaço de tempo, a Itália em senhora de um império colonial, “admirada e respeitada por todos” - utilizaram-se do episódio numa espécie de propaganda em causa própria, numa possível tentativa de cooptar militantes ou mesmo de seduzir potenciais eleitores.

Depois de findado o conflito, entrementes à procura de evidenciar o que, “de fato”, teria levado a Itália à vitória, o periódico lançou-se numa campanha, defendendo a legitimidade do país peninsular em anexar a Abissínia e a necessidade de que a diplomacia

---

<sup>289</sup> O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano IV, n. 408, p. 12.

internacional reconhecesse a incorporação do país africano à Itália, conformando o Império Italiano na África.

A discussão levantada, à época, em torno da legitimidade e do reconhecimento da anexação ou não da Abissínia pela Itália foi, realmente, bastante acalorada nos meios políticos e diplomáticos internacionais, ainda mais se levarmos em consideração que mesmo a invasão da Abissínia já havia sido condenada pela SDN.

Tão logo findada a guerra, a Inglaterra, como ressaltado em outra oportunidade, retirou toda a sua frota do Mediterrâneo e, em 15 de julho de 1936, as sanções econômicas impostas pela SDN à Itália foram suspensas. Em ambos os casos, o *A Offensiva* foi o porta-voz do regozijo dos integralistas, que viram essas atitudes não só como indícios de que o reconhecimento da soberania italiana na Abissínia estaria próximo, mas também como provas das vitórias do regime fascista ante os regimes liberal-democratas, no âmbito da diplomacia internacional:

[...] As sanções foram imposta á Liga pela Grã-Betanha, que julgou atemorizar a Itália concentrando 90% de toda a sua esquadra no Mediterrâneo, que pretendeu apertar as sanções, pensando mesmo em chegar ao bloqueio total da Itália e tudo isso não por amor á Paz, mas aos seus interesses ameaçados. A força de um regimen desbaratou todos esses planos. Ao mesmo tempo que Londres, Paris resolveu também suspender as sanções. E, como a França e a Inglaterra são as potencias que dão catas na Europa e na Liga, o Conselho, em sua reunião de 26, estará habilitado a formular a devida recomendação á Assembléa do dia 30 [...] Da abolição das sanções ao reconhecimento da anexação da Ethiopia, o caminho é curto e já se encontra lisamente asphaltado. O senhor Éden, a serem verdadeiros os telegrammas recebidos, já teria declarado que na Abyssinia não mais existe governo indígena. É a these de Mussolini, proclamada em Londres [...].<sup>290</sup>

Sua Majestade o Rei da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, Imperador das Índias, etc., etc., acaba de assignar o decreto com o qual são suspensas as sanções impostas pela Liga das Nações á Itália. O Almirantado inglez deliberou e o governo resolveu a retirada, do Mediterrâneo, do 'Home Fleet' e das esquadras dos mares das Índias, da China, da Austrália e da Nova Zelândia e o seu regresso às respectivas bases. Essas duas providências e, sobretudo, a sua simultaneidade, são de ordem a levarnos à deducção de que a Grã-Bretanha encaminha-se franca e vexadamente para o reconhecimento da victoria italiana, do facto consumado, do inevitável, a anexação da Ethiopia [...]

A suspensão das sanções e a retirada das esquadras britânicas do Mediterrâneo marcam o fim do ultimo quadro do primeiro acto de uma empolgante tragédia cujo scenario abrange a Europa, a Africa e Genebra, cujos actores são reduzidos, se bem numerosos os comparsas. Varias lições podemos e devemos tirar da filosofia desse drama; duas, porém, se destacam por sobre todas as outras; não há justiça nem direito, sem o apoio da força; a mystica de um regimen dá à um povo força e direito para reparar injustiças.<sup>291</sup>

<sup>290</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 211, p. 2.

<sup>291</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 230, p. 2.



Ainda assim, a SDN e grande parte de seus membros permaneceram não reconhecendo a soberania da Itália na Abissínia, o que foi motivo de protestos por parte do *A Offensiva* e dos integralistas. Em 13 de maio de 1936, uma semana depois de consumada a conquista italiana, o *A Offensiva* teceu ferrenha crítica à SDN e à demora em se reconhecer a anexação da Abissínia pela Itália.

Segundo o periódico, os países membros da SDN estariam agindo como “médicos illustres”, reunidos em conferências para combinarem termos “técnicos e elegantes” com os quais deveria ser redigido o “atestado de óbito” de um paciente - no caso, a Abissínia -, o qual nada poderia ser feito para “ressuscitar”. Os integralistas exigiam mais pragmatismo da Organização, pois a vitória italiana seria um fato já consumado:

[...] Mussolini anexou a Abyssinia e proclamou Victor Emmanuel Imperador da Ethiopia. A Itália fascista venceu a guerra, apesar e contra a Liga, apesar e contra a Inglaterra, apesar e contra as sanções. Genebra, Londres e os sancionistas não querem reconhecer a incorporação do império negro á coroa da Itália. Estão no seu papel - o menor açodamento nesse sentido seria, para cada um delles, renegar, com deslustre, a si próprio e a sociedade genebrina. É preciso salvar as aparências, cohenestar as tortuosidades equívocas de uma diplomacia velhaca. Genebra é hoje o emblema supremo e genuíno da liberal-democracia internacional e, como as nacionaes, não cabe duvidar, saberá amoldar-se rápida e suavemente aos factos consumados. A Abyssinia está anexada á Italia, o seu reconhecimento e consagração pelas nações da Liga é questão de tempo, de dias. Falta-lhes o fogo sagrado, que só as entidades fortes, inspiradas por um ideal supremo, podem alimentar. Assim como a Itália - animada e movida pelo arrojo de uma ideologia impolluta - venceu a guerra; assim, unida e forte, sob a égide de um regimen integralista, saberá dominar a timidez tagarella de uma diplomacia inconsistente.<sup>292</sup>

Um pouco adiante, o artigo revela, finalmente, a que propósito veio: apontar que, pelos estatutos do Direito Internacional (e não pelos artigos e estatutos da SDN), a SDN e seus membros deveriam reconhecer a anexação e incorporação da Abissínia ao Império Italiano:

Para a existência jurídica de um Estado soberano, em Direito Internacional, são necessários três elementos essenciaes: o território, fundo nacional; a população, vida nacional; o ‘imperium’, governo próprio e independente. Desapparecido um desses elementos - o ‘imperium’ - pela deserção dos seus legítimos representantes, desfaz-se a figura jurídica do Estado.

Esta é, pois, e não outra, a condição da Abyssinia, cujo governo próprio e independente esfumou-se, abandonando os dois outros elementos - território e população - desagregados, á mercê do vencedor. Assim, no passado, desapareceram do concerto dos Estados soberanos e independentes: o Hanovre e Hesse, o Ducado de Nassau e a Cidade Livre de Francforte, incorporados á Prussia em 1866; as Duas Sicílias, a Toscana, Parma, Modena em 1859, e o Estado Papel, em 1870, absorvidos pela sobernia da Sardenha e muitos outros.

<sup>292</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 230, p. 2.

Negamo-nos a examinar o aspecto da questão, do ponto de vista do artigo 10 do Pacto da Liga das Nações, porque a desmoralização em que, gradativa e progressivamente, foi cahindo o Instituto de Genebra, desde a sua fundação, é de molde a não inspirar nem confiança nem respeito em tudo quanto se refira á sua acção, que nunca foi, porque não podia ser, imparcial, equânime e justiceira.

De pé estão os velhos e impreteríveis princípios do Direito Internacional, a sustentar o direito da Itália sobre um territorio que, pela deserção dos seus órgãos dirigentes, transformou-se de facto e de direito um 'res nullius', á disposição do vencedor occupante.<sup>293</sup>

É, de fato, bastante curiosa a argumentação utilizada pelo *A Offensiva* para justificar o “direito” da Itália fascista em anexar a Abissínia. Segundo o periódico, a SDN encontrar-se-ia desmoralizada e, por isso, a instituição não seria modelo e nem inspiraria confiança ou respeito em suas ações. Ademais, o artigo aponta que as decisões tomadas pela organização jamais teriam sido “imparciais, equânimes e justiceiras”, mas sempre movidas no sentido de satisfazer os interesses de grandes potências, como a Inglaterra, e/ou na manutenção do *status quo* existente.

Levando-se tais fatos em consideração, o periódico julgava, assim, que as resoluções em torno do caso ítalo-abissíneo deveriam ser discutidas com base nos “velhos e impreteríveis princípios do Direito Internacional”, os quais sustentariam a legitimidade da anexação da Abissínia ao Império Italiano, tendo-se em vista que o país africano encontrar-se-ia, desde a fuga de Salassié para a França, sem um governo instituído. Daí a categórica declaração, da qual o *A Offensiva* foi porta-voz, de que os integralistas reconheceriam, portanto, “dentro dos princípios, preceitos, doutrinas, regras e normas do Direito Internacional, o direito pleno, inteiro e absoluto, que assiste á Itália para manter a anexação da Abyssinia”.<sup>294</sup>

A partir de junho de 1936, os artigos sobre a Guerra da Abissínia paulatinamente se tornaram mais esparsos. Ainda assim, notas telegráficas sobre o gradual reconhecimento, por parte de alguns países, da soberania italiana sob a Abissínia, bem como sobre as obras de colonização empreendidas pela Itália no país africano, podiam ser encontradas nas páginas do *A Offensiva* até a extinção do mesmo, em inícios de 1938.

Os motivos da diminuição do volume de artigos que versavam sobre o conflito ítalo-etíope são compreensíveis. Ainda que a SDN e alguns de seus membros persistissem em não reconhecer a soberania italiana na Abissínia, a guerra, de fato, já findara, não sendo necessário, portanto, que o periódico continuasse a despender esforços no sentido de procurar legitimar, ante a opinião pública brasileira, a empreitada colonial italiana. Não obstante, é preciso levarmos em consideração, também, que, a partir de julho de 1936, os holofotes da

<sup>293</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 179, p. 2

<sup>294</sup> Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 179, p. 2

diplomacia, da opinião pública e da imprensa internacional se voltaram para outro acontecimento marcante do período entre guerras, a Guerra Civil Espanhola.

\*\*\*

Vemos, assim, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, que os camisas-verdes mantiveram, do início da Guerra da Abissínia até depois desta finda, um irredutível posicionamento pró-Itália fascista. E mais, que utilizaram as páginas do maior e mais importante jornal do Movimento como um canal privilegiado na tentativa de legitimar, ante a opinião pública brasileira, a licitude tanto da campanha colonial empreendida pelo regime fascista quanto da Itália em anexar a Abissínia.

Como pudemos conferir, os argumentos utilizados pelos integralistas, ao apregoarem a legitimidade da invasão italiana, foram bastante variados. Menos variada, mas, ainda assim, bastante enfatizada, foi a argumentação utilizada para respaldar a anexação do país africano à Itália, a qual fora contestada pela SDN e seus países membros. Nesse ponto, o *A Offensiva*, foi o porta-voz de declarações bastante categóricas dos integralistas, que apregoaram reconhecer o “direito pleno, inteiro e absoluto” da Itália em anexar a Abissínia.

Entrementes à tentativa de legitimar, ante a opinião pública brasileira, tanto a licitude da guerra iniciada pela Itália quanto da anexação da Abissínia pelo país peninsular, notamos que o *A Offensiva* procurou apresentar, de uma forma agradável aos olhos da opinião pública brasileira, a campanha colonial empreendida pelo regime fascista. Como visto no desenrolar do texto, tendo-se em vista que vários setores da opinião pública e da imprensa internacional se posicionaram contra o conflito, sobretudo por conta da incontestável supremacia das forças bélicas italianas em comparação com as abissínicas, e também o significado da Etiópia para a comunidade negra internacional, inclusive a brasileira, tal cuidado por parte do periódico se mostrava imperativo.

Essa tarefa se deu por distintas formas e exigiu que algumas estratégias fossem adotadas pelo jornal integralista. Além do apregoador caráter “civilizatório” da campanha colonial italiana, que, apregoava-se, levaria a civilização e a liberdade a uma sociedade primitiva e escravocrata, e de procurar-se enfatizar as boas relações existentes entre os soldados italianos e os nativos africanos, numa provável tentativa de se evidenciar a inexistência de um caráter racial no conflito, o *A Offensiva* se utilizou da estratégia do silêncio ante certas atitudes tomadas pelos italianos, as quais, de alguma forma, poderiam depreciar a campanha do regime fascista.

Referimo-nos, nesse ponto, à utilização de gás venenoso pelas forças italianas, fato que, apesar de ter tido grande repercussão e de ter sido largamente divulgado pela imprensa internacional à época, foi suprimido e censurado das páginas do periódico. Concomitantemente, verificamos, por outro lado, a veiculação de artigos nos quais se enfatizavam as atrocidades cometidas pelos soldados abissínios contra os italianos. Assim, notamos que, se por um lado, julgava-se que as atrocidades praticadas pelas tropas italianas não deveriam chegar aos leitores do periódico, por outro, as praticadas pelas tropas abissínicas, sim.

Não menos curiosas foram, ainda, as recorrentes declarações que apontavam a Inglaterra e a SDN também como inimigos que a Itália fascista teve que enfrentar para a concretização de sua campanha colonial. A modesta oposição da Inglaterra e da SDN ante à Itália e ao episódio foi utilizada, pelo periódico, como forma de evidenciar a superioridade de um regime forte, como o fascista, ante a liberal-democracia e às instituições dela originadas.

Por intermédio da veiculação de diversos artigos, o *A Offensiva* procurou transmitir a ideia de que a vitória italiana, levando-se em consideração todas as dificuldades com as quais a Itália teria se deparado, não poderia ser explicada única e exclusivamente pela superioridade bélica e estratégia do país peninsular. Essa superioridade, antes de ser menosprezada por parte dos integralistas, era apontada apenas como um resultado de “causas mais profundas”, nas quais, de fato, residiria o segredo das fulminantes vitórias italianas: as transformações operadas pela doutrina, ideais e políticas do regime fascista, desde a ascensão de Mussolini ao poder, na nação italiana.

Procurava-se, dessa forma, transmitir a ideia de que, na concretização da vitória do país latino, os ideais fascistas teriam tido um papel tão ou mais significativo do que as armas e estratégias dos militares italianos. E mais: de acordo com os integralistas, a vitória italiana teria dado, à sociedade brasileira, um exemplo concreto da supremacia de um regime forte, como o fascista, sob a dissoluta e anárquica liberal-democracia.

Afinal, apregoava-se que, enquanto o poder “tonificador” do regime fascista teria feito da Itália uma potência vitoriosa, dona de um império colonial, a liberal-democracia e as instituições dela originárias, sumariamente identificadas com a Inglaterra e a SDN, teriam se mostrado inábeis ao intermediar conflitos internacionais e incapazes, quando tentado, de enfrentar um regime forte. É notável para nós, assim, que os integralistas utilizaram o episódio para tecer ataques à liberal-democracia, inimigo presente também na ideologia da AIB, e propagar a sua apregoada “falência”.

Diante de tamanhas “lições” e “advertências”, daí, possivelmente, também as recorrentes declarações, das quais o *A Offensiva* foi porta-voz, de que a Guerra da Abissínia seria, ao mesmo tempo, uma advertência e uma lição também ao Brasil. Verificamos, dessa forma, que, por meio desses artigos, o *A Offensiva* sutilmente impelia o leitor a estabelecer paralelos com a situação brasileira.

Desde 1936, o integralismo, ao deixar de ser exclusivamente um movimento para transformar-se, também, em um partido político que concorreria às eleições presidenciais de 1937, estava inserido na disputa pelo poder.

Evidentemente, o integralismo possuía o seu programa de governo próprio, com propostas próprias e suas especificidades, as quais sempre fazia questão de enfatizar. Todavia, os integralistas, como pudemos conferir em outra oportunidade, não titubeavam em declarar que a Itália e o regime fascista seriam um “exemplo edificante”, no qual os integralistas espelhar-se-iam. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se sugeria que a liberal-democracia, como a Guerra da Abissínia teria exemplificado, estava fadada ao fracasso, simplificava-se e sugeria-se, aos leitores do periódico, que o integralismo, a exemplo do realizado pelo fascismo na Itália, transformaria o Brasil numa potência.

Assim, vemos que o regime fascista italiano encontrou, no *A Offensiva*, o maior periódico integralista, e também nos próprios integralistas, autores de diversos dos artigos veiculados, grandes aliados na tentativa de se conquistar, no Brasil, uma opinião pública pró-Itália e pró-fascismo. Não obstante, ainda que nenhum dos artigos analisados declarasse, explicitamente, a existência de uma solidariedade ideológica, o posicionamento dos integralistas, bem como o esforço despendido por estes na tentativa de atermarem uma opinião pública favorável à Itália, são-nos alguns indícios nesse sentido.

Ademais, por maior repercussão que tenha tido e por mais que os integralistas tenham, por vezes, tentado revesti-la com um caráter ideológico - ao atribuir a vitória italiana não à superioridade bélica, mas sim à ideologia fascista - a Guerra da Abissínia acabou por não exprimir um embate de ideologias tal qual a Guerra Civil Espanhola, travada entre 1936 e 1939, viria a exprimir. Neste conflito, sim, os integralistas, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, exprimiram toda sua solidariedade ideológica às forças Nacionalistas de Franco e da Falange Espanhola.

### 3.3 A Guerra Civil Espanhola (1936-1939)<sup>295</sup>

Entre os anos de 1936 e 1939, desenrolou-se na Espanha o que, possivelmente, tenha sido um dos acontecimentos mais marcantes e emblemáticos do conturbado período entre guerras mundiais, a Guerra Civil Espanhola. Fosse pelas brutalidades praticadas por ambos os lados em contenda, ou, ainda, pelo massacre de um grande número de civis e clérigos, esse conflito atraiu a atenção de toda a diplomacia, imprensa e opinião pública internacional.

Além disso, tendo sido deflagrada num período marcado não apenas por uma profunda instabilidade política, econômica e social, mas também por uma aguda polaridade ideológica, quando a funcionalidade e a eficácia do modelo liberal-democrático eram questionadas e o fascismo e o comunismo se apresentavam como uma alternativa política viável para a sociedade, a Guerra Civil acabou por atrair, além da atenção, a solidariedade de boa parte do mundo para ambos os lados em contenda.

Como frisado por Almeida (1999, p. 42-43), não se tratava de uma mera guerra civil, que envolvia e se restringia a questões e problemas estritamente internos à Espanha. O conflito espanhol acabou por exprimir, em essência, os embates de todas as rupturas ideológicas do período, em particular a luta entre a democracia, o fascismo e o comunismo. Ademais, esse mesmo caráter de “embate ideológico” serviu de estímulo para que auxílios materiais, ou mesmo demonstrações de “solidariedade ideológica”, fossem enviados, por parte dos países, organizações ou pessoas interessadas, para ambos os lados em contenda.

Na Espanha, os primeiros seis anos da década de 1930 foram anos bastante conturbados, política e socialmente. À queda da ditadura de Primo de Rivera (em 1930) e à abdicação do Rei Alfonso XIII (abril de 1931), seguiu-se a proclamação da Segunda República Espanhola, que, entre 1931 e 1936, foi marcada por agitações e rebeliões políticas e sociais, como a revolta dos mineiros asturianos, em 1934, na qual 3.000 trabalhadores foram mortos e outros 30.000 presos, e por alternâncias de poder e embates entre setores da esquerda e direita (ALMEIDA, 1999, p. 40-41).

A efervescência político social, contudo, se tornou insustentável quando, sob orientação do Comintern, setores da esquerda espanhola, à exceção dos anarquistas, que concederam apenas o seu apoio crítico, se uniram em torno de uma “Frente Popular”,

---

<sup>295</sup> Este tópico deu origem a um capítulo de livro, escrito em coautoria com o Prof. Dr. João Fábio Bertonha, intitulado *A Guerra Civil Espanhola na imprensa integralista: a solidariedade fascista contra o inimigo comum*, que será publicado no livro *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, Vol. 2.

conquistaram a maioria das cadeiras nas Cortes, e Manuel Azaña ascendeu à presidência do país, nas eleições realizadas em fevereiro de 1936 (FRAGA, 2004, p. 9).

À ascensão de Azaña ao governo, sucederam-se, em meio à crise política, inúmeras quedas de gabinetes, protestos, greves e atentados políticos e ideológicos – o mais famoso, e que também foi um dos pretextos diretos para que a Guerra Civil Espanhola (GCE) eclodisse naquele mesmo mês, foi o do líder monarquista e um dos expoentes da direita espanhola, Calvo Sotelo, na primeira quinzena de julho de 1936. Ao 17º dia do mês de julho de 1936, finalmente, “depois de longa maturação das forças direitistas e monarquistas” (ALMEIDA, 1999, p. 42), irrompeu-se um levante militar – o qual, apesar de encabeçado pelo Exército, contou com o apoio dos monarquistas, republicanos de direita, carlistas e falangistas - que, partindo do Marrocos espanhol, estendeu-se, rapidamente, por todo o território peninsular espanhol.

Todavia, ao contrário do planejado pela cúpula rebelde, o levante, como ressaltado por Fraga, encontrou forte resistência não apenas por parte do governo, mas também por parte das organizações de esquerda e de setores populares (FRAGA, 2004, p. 9-10). Por outro lado, como apontado por Almeida (1999, p. 42), se o governo republicano esperava uma rápida repressão do levante, não menos frustradas teriam sido suas expectativas, ao se deparar com a extensão obtida pela mesma. Iniciava-se, assim, uma das mais longas e ferais guerras civis da História Moderna.

Muito já se escreveu sobre a repercussão da Guerra Civil Espanhola no mundo, e na América Latina em particular, demonstrando-se as posições dos vários governos, a divisão das coletividades espanholas e também das sociedades como um todo. Em geral, o padrão não varia muito de país para país, com os grupos e associações ligadas à direita (fascistas, nacionalistas, católicos, etc.) apoiando a insurreição nacionalista, e os ligados à esquerda (comunistas, socialistas, anarquistas, grupos democratas e laicos em geral), a República.<sup>296</sup>

Não é nossa intenção recuperar todo esse debate e todas essas informações, assim como não vemos necessidade em fazer um apanhado geral sobre o fascismo na América Latina. Basta-nos recordar como os movimentos fascistas locais foram entusiastas da rebelião e que as células da Falange Espanhola espalhadas pelo continente foram especialmente ativas na promoção e defesa da proposta franquista.<sup>297</sup>

---

<sup>296</sup> Apenas para citar alguns trabalhos clássicos, ver Falcoff e Pike (1982); Meihy (1996); Trifone e Svarzman (1993); e Quijada (1992).

<sup>297</sup> Ver, para exemplos de uma imensa bibliografia, Calleja (1988); Gomez-Escalonilla (1988, 1992); Rein (2001); Calleja (1994a, 1994b); Perez Montfort (1992); e Sanz (1992, 1995).

Os núcleos da Falange, ou mesmo falangistas isolados, tinham sólidos laços com as outras organizações semelhantes e agiram com eles na defesa do lado de Franco. Na Argentina, a relação de proximidade com os nacionalistas argentinos era grande e a Falange foi especialmente desenvolvida, tanto que conseguiu enviar um grupo de voluntários – a *Legiòn de la Bandera Argentina* – para lutar no lado nacionalista, mas registros semelhantes podem ser encontrados em outros locais.

### 3.3.1 A Guerra Civil Espanhola nas páginas do *A Offensiva*

A Guerra Civil Espanhola (GCE) recebeu relativa atenção no noticiário internacional do *A Offensiva*. Entre julho de 1936 e março de 1938, quando a folha deixou de circular, os leitores do jornal, fossem estes integralistas ou não, poderiam encontrar, em periodicidade diária, inúmeras notícias telegráficas e vários artigos escritos pelos próprios integralistas que versavam sobre o conflito.

Por meio da análise documental, notamos que os integralistas, desde o início da GCE, mantiveram um posicionamento pró-forças nacionalistas, expressando seu apoio e solidariedade aos nacionalistas espanhóis – “fascistas hespanhóis” ou “integralistas hespanhóis”,<sup>298</sup> como o foram, por vezes, chamados pelo jornal.

De forma geral, os integralistas, por meio das páginas do *A Offensiva*, procuraram apresentar a GCE como um conflito de elevada importância, ao qual a população do mundo todo deveria estar bastante atenta. Atenta, pois a GCE não seria uma simples guerra civil restrita à Espanha, mas sim um conflito no qual “esquerda” e “direita” estariam num grande embate armado, no qual se selaria o destino de toda a civilização ocidental:

A revolução nacional que estalou na Hespanha, e que vem, de uns dias a esta parte fazendo convergirem sobre aquelle paiz a atenção e os anseios do mundo inteiro em expectativa, constitue, sem duvida alguma, um duplo ‘test’ do estado de espirito, em que vive, na hora presente, todo o gênero humano. **Objectivamente circumscripta ao território exíguo da península, tem, entretanto, o actual movimento armado hespanhol,** uma significação bem mais alta do que a que à primeira vista possa parecer; e transcende, pelo sentido mesmo de suas directrizes, à singeleza de uma guerra civil, para interessar, muito de perto, os altos destinos da Europa, quiçá de todo o Occidente christão [...] **É pois no seio do intrépido povo hespanhol que se trava, neste momento, a grande batalha entre o que o mundo chama de Direita e a esquerda, ou sejam, o Christo e o anti-Christo** [...] A guerra civil agita e

<sup>298</sup> “Momento internacional”. *A Offensiva*, III/240, 24/7/1936.



ensanguenta a Hespanha. A massa gigantesca dos rebeldes se projecta sob a matilha solta da esquerda situacionista, como uma enormidade sobre outra enormidade [...] É o encontro supremo da nação hespanhola com a horda de mercenários que Stalin mantém na península, a soldo e jornal. Quem vencerá? A matilha soviética ou a dignidade da Hespanha? O mundo inteiro, varado de emoção, assiste à luta do homem com a hyena. **Em dois grandes campos se divide a opinião do mundo atento: nos que “torcem” pela Hespanha, e nos que latem pro-soviet.**<sup>299</sup> (grifos nossos)

Assim, a Espanha seria, naquele momento, uma enorme arena, na qual o povo espanhol estaria se digladiando. Não obstante, a mesma extrapolaria, e muito, os limites das guerras civis que, até então, a precederam: o conflito espanhol seria, em verdade, uma guerra civil-ideológica, da qual a Espanha seria apenas o palco principal, onde “esquerda e direita”,<sup>300</sup> “fascistas e comunistas, tendo cada um desses contendores os seus aliados hespanhóis”,<sup>301</sup> estariam se digladiando e decidindo os destinos de toda a civilização ocidental. Daí, segundo o *A Offensiva*, a GCE ser um conflito de elevada importância, ao qual a população do mundo todo, sobretudo a brasileira, deveria estar atenta.

Os artigos que procuraram explicar a deflagração da GCE foram escritos de forma objetiva, procurando transmitir, de uma forma simplificada e parcial, os percalços que teriam conduzido à eclosão do conflito. Sucintamente, a GCE teria sido deflagrada, na perspectiva transmitida pelo *A Offensiva*, numa tentativa desesperada, por parte das “forças sadias” existentes na Espanha (compostas pelo Exército, Falange Espanhola, Monarquistas, Carlistas e Republicanos de direita),<sup>302</sup> de resgatar o país latino da convulsão política e social na qual os comunistas o teriam imergido.

A desordem na qual a Espanha estaria imersa, segundo o *A Offensiva*, antes de ser “obra do acaso”, se constituiria em apenas uma das etapas das táticas empregadas pelo comunismo internacional para ascender ao poder. Informava-se, por meio das páginas do periódico, que os comunistas espanhóis estariam incentivando diversas greves, atentados e assassinatos, objetivando desestabilizar a Espanha, política e socialmente, pois somente num clima de desestabilidade é que o comunismo teria chances de ascender ao governo.

Todavia, as táticas empregadas pelo comunismo na Espanha “começaram a despertar as legítimas forças nacionais espiritualistas e revolucionárias”.<sup>303</sup> As referidas “forças nacionais espiritualistas e revolucionárias” tomaram corpo e forma quando da fundação da Falange Espanhola, fundada por José Antonio Primo de Rivera, em 1933, a qual era

<sup>299</sup> A Guerra Hispano-Soviética. *A Offensiva*, ano III, n. 240, p. 2.

<sup>300</sup> Ibid.

<sup>301</sup> FREITAS, M. Valha-nos o aviso. *A Offensiva*, ano IV, n. 379, p. 2.

<sup>302</sup> SALGADO, P. O cyclo das idéas. *A Offensiva*, ano III, n. 248, p. 2.

<sup>303</sup> Id. O Drama da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

apresentada, pelo *A Offensiva*, como um movimento político-social de caráter fascista e como o maior baluarte contra o comunismo, na Espanha.<sup>304</sup> Conquanto, ao passo que população espanhola se mostrava indiferente aos constantes alertas e apelos de Rivera, o governo espanhol, manobrado pelo comunismo soviético, restringia as atividades da Falange, perseguia seus membros e fechava suas sedes.<sup>305</sup>

A situação teria se tornado insustentável, todavia, quando, sob orientação de Moscou, as esquerdas espanholas se uniram em torno de uma “Frente Popular” e ascenderam ao poder, nas eleições ocorridas em fevereiro de 1936. A partir daí, a instabilidade política e social atingira seu ápice: a céu aberto, segundo o periódico, assassinatos motivados por questões políticas e ideológicas se tornaram recorrentes; saqueavam-se e depredavam-se templos cristãos; assassinavam-se padres, monges e estupravam-se freiras; e, para o máximo assombro dos integralistas, cantava-se a “Internacional Comunista” pelas ruas da capital espanhola.<sup>306</sup> Não obstante, o governo da Frente Popular, objetivando deixar o caminho livre para o avanço dos comunistas, acabara, em maio de 1936, por colocar na ilegalidade a Falange, o único movimento capaz de impedir o alastramento do comunismo em solo espanhol.<sup>307</sup>

A essa altura, a convulsão política e social, na qual a Espanha estaria imersa, teria chegado a tal ponto que, segundo o *A Offensiva*, o governo da Frente Popular, apesar de eleito pela população, já não mais exprimia os anseios e desejos do povo espanhol: “os homens que a vontade do seu povo conduziu há poucos meses aos postos governamentais, são os mesmos contra os quais a nação enganada, hoje se atira de armas na mão”.<sup>308</sup> Foi quando, segundo o periódico integralista, depois de celebrada a confraternização entre o “Exército espanhol, os carlistas, os monarchistas, os republicanos da direita e os fascistas”, irrompeu-se a rebelião no Marrocos, a qual rapidamente atingiu e se alastrou pelo território peninsular, objetivando resgatar a Espanha da instabilidade político-social na qual havia sido imersa pelos comunistas.<sup>309</sup>

Obviamente, a aliança “direitista”, forjada para fazer oposição ao governo Republicano instituído, acabou por aglutinar tendências políticas diferentes. Como ressaltado por Campos (2004, p. 133), “todos estos sectores coincidían en su carácter antidemocrático y todos se habían fascistizado em alguna medida. Pero aquí se acababa el consenso”. Não é nossa intenção pontuar as convergências e divergências entre cada um desses setores. Basta-

<sup>304</sup> Ibid.

<sup>305</sup> Ibid.

<sup>306</sup> Id. A hora trágica. *A Offensiva*, ano II, n. 108, p. 2.

<sup>307</sup> SALGADO, P. O Drama da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

<sup>308</sup> Mensagem De Sangue. *A Offensiva*, ano III, n. 248, p. 9.

<sup>309</sup> SALGADO, P. O Cyclo das idéas. *A Offensiva*, ano III, n. 248, p. 2.

nos recordar que Monarquistas, carlistas, republicanos de direita, falangistas e Exército, apesar de unidos contra um inimigo comum, tinham objetivos e planos de governos que, em maior ou menor grau, destoavam entre si, o que, imaginava-se já à época, provocaria atritos sobre o rumo a seguir, caso a revolta nacionalista saísse vitoriosa e um governo nacionalista fosse instituído.

A “confraternização” entre os setores da direita era apontada, pelos integralistas, como algo necessário para que a rebelião nacionalista lograsse algum êxito.<sup>310</sup> Ainda assim, artigos veiculados pelo *A Offensiva* nos indicam que, para os camisas-verdes, a Falange Espanhola, mais do que qualquer outro de seus integrantes, teria exercido e ainda estaria exercendo, à época, um papel central no interior da referida aliança.

Como ressaltado em algumas ocasiões, a Falange seria o “elemento preponderante da União Nacional”, e, sem o apoio da mesma, a revolta encabeçada pelo Exército não teria passado de um mero “pronunciamento”, cujo fracasso seria certo. Não obstante, entre carlistas, monarquistas e o próprio Exército, a Falange, segundo os integralistas, distinguir-se-ia pelo “vigor” de sua doutrina e pela importância que adquirira, com o desenrolar da GCE, no seio dos “nacionalistas”.<sup>311</sup>

Não obstante, na Espanha, seria a Falange – apresentada, por vezes, como a “ala do fascio espanhol” ou como o “fascismo adaptado às realidades espanholas” - o movimento/partido político-social que mais se assemelharia ao integralismo brasileiro. As semelhanças entre ambos os movimentos seriam tamanhas que, por vezes, ao referir-se aos falangistas, o periódico valeu-se, inclusive, da expressão “integralistas espanhóis”.

De fato, o *A Offensiva* veiculou inúmeros artigos, procurando demonstrar e ressaltar as similitudes entre a Falange e o integralismo. Como procurava ressaltar o periódico, o que assemelharia ambos os movimentos não seria tão somente os aspectos visuais, como, por exemplo, a indumentária utilizada por integralistas e falangistas, mas também – e, sobretudo – os “apertados laços ideológicos” que os uniam.<sup>312</sup> Dessa forma, os integralistas se esforçaram, em diversas oportunidades e ocasiões, em ressaltar tanto as semelhanças ideológicas quanto a semelhança entre os conteúdos programáticos da Falange e integralismo.<sup>313</sup>

Por diversas vezes, inclusive, antes de serem apresentadas como meras “coincidências”, as afinidades ideológicas indicariam, segundo o *A Offensiva*, que

<sup>310</sup> PENNA, O. “A Phalange Hespãñola”. *A Offensiva*, ano III, n. 356, p. 10.

<sup>311</sup> PENNA, O. “A Phalange Hespãñola”. *A Offensiva*, ano III, n. 356, p. 10.

<sup>312</sup> De passagem pelo Rio uma embaixada de phalangistas hespanhóis.

<sup>313</sup> Ver, como exemplos, CASCUDO, L. C. Primo de Rivera. *A Offensiva*, ano IV, n. 425, p. 9 e PENNA, O. A Phalange Hespãñola. *A Offensiva*, ano III, n. 356, p. 10.

integralismo e Falange seriam integrantes de um fenômeno político-ideológico de amplitude global, numa sutil alusão ao fascismo. O integralismo, assim como a Falange, seria, para valermos-nos de uma metáfora utilizada por Ernani de Moraes, o elo de uma grande corrente, que, em conjunto com os demais elos forjados noutros países, sustariam a “desintegração que ameaça o planeta”.<sup>314</sup>

Apesar de os integralistas terem despendido relativo esforço em supervalorizar o papel da Falange, era, contudo, o Exército espanhol que possuía certa preponderância entre integrantes da aliança nacionalista. Tal preponderância, que, já no primeiro ano da GCE, era notável, foi consolidada em 1937, quando Franco unificou todos os partidos e movimentos nacionalistas num partido único, denominado Falange Espanhola Tradicionalista de *las JONS*, e assumiu a liderança do mesmo.

Como demonstrado pela bibliografia referente ao tema, Franco, utilizando-se de habilidade política, de negociação e aproveitando-se dos atritos existentes entre os movimentos e partidos “nacionalistas” (como, por exemplo, entre a Falange e Carlistas) bem como das disputas internas existentes em alguns desses (como no caso da Falange, que, após a morte de Rivera, foi imersa numa conturbada disputa interna pela liderança do Movimento), unificou, num partido único, todos os partidos e movimentos de direita.<sup>315</sup>

Os integralistas se abstiveram de comentar, de forma mais objetiva, a unificação levada a cabo pelo general espanhol, o que nos dificulta precisar, ao certo, o posicionamento dos mesmos ante a questão. Ainda assim, artigos pontuais fornecem-nos alguns indícios e permitem-nos levantar algumas hipóteses sobre como os camisas-verdes encararam a unificação que alçou Franco à liderança dos nacionalistas e que acabou por solapar qualquer expectativa de ascensão da Falange Espanhola ao poder - o que, parece-nos, esperavam os integralistas.

A crença dos integralistas de que a Falange exercera um papel central no interior da rebelião nacionalista pode ser, de certa forma, um indício de que os integralistas aspiravam que a mesma assumisse a liderança no seio dos nacionalistas. Tal impressão, inclusive, encontra sustentação num artigo de autoria de Oswaldo Penna, veiculado em dezembro de 1936, quando a ideia de unificar, num partido único, todos os setores da aliança nacional já estava sendo cogitada.

---

<sup>314</sup> MORAES, E. Lição a seguir. *A Offensiva*, ano III, n. 265, p. 4.

<sup>315</sup> Sobre as disputas entre os movimentos e partidos e sobre as disputas internas existentes na Falange, bem como sobre a habilidade de Franco em unificar, num partido único, todos os movimentos e partidos nacionalistas e assumir a liderança do mesmo, ver Campos (2004) e Payne (1985).

Nesse artigo, Penna, após ter discorrido sobre aspectos referentes à organização da Falange Espanhola, deixa transparecer o anseio dos integralistas de que a Falange ascendesse ao poder na Espanha, assim como o fascismo e o nazismo teriam, respectivamente, chegado ao poder na Itália e na Alemanha: “a Phalange triunfará como há de triunfar, sempre, todo ideal elevado. E deste modo, depois da Itália, depois da Alemanha, e infelizmente, antes do Brasil, a mystica nacional que se convencionou chamar de ‘fascista’ se implantará na Hespanha”.<sup>316</sup>

Não obstante, o próprio silêncio do periódico ante a atitude de Franco pode, igualmente, fornecer-nos indícios sobre a questão. Se o silêncio imperante não é o suficiente para indicar-nos que os integralistas foram contrários à preponderância assumida pelo Exército e pelo seu destacado general, não o é, também, para indicar-nos que foram favoráveis, pois, caso assim fosse, as páginas do *A Offensiva* teriam sido tomadas por inúmeros artigos elogiosos, por parte dos integralistas, à atitude levada a cabo por Franco, o que não ocorreu.

Há motivos para acreditarmos que o silêncio pode ter sido adotado como uma perspicaz estratégia, inclusive. Tendo-se em vista que a liderança de Franco já estava consolidada e não encontrava maiores resistências nem mesmo por parte dos líderes da Falange (os que resistiram foram feitos prisioneiros), os integralistas, possivelmente, viram que qualquer tipo de protesto ou demonstração pública de aversão ao fato já consumado, além de se mostrar ineficazes no sentido de reverter o quadro imposto pelo general aos demais “nacionalistas”, poderiam, conseqüentemente, vir a ser motivos de futuros atritos com Franco, logo este ascendesse ao poder.

Enfim, se, por um lado, os integralistas viram a “confraternização” entre os setores de direita como algo essencial para que a rebelião nacionalista lograsse algum êxito, há motivos para crermos que o mesmo não pode ser dito da preponderância assumida por Franco e pelo Exército no seio dessa aliança. Afinal, segundo os integralistas, a Falange, além de ser o elemento central da “união nacional” e de ser a detentora da doutrina mais “vigorosa”, seria o movimento que mais se assemelharia, tanto em termos ideológicos quanto organizacionais, ao integralismo brasileiro, e, possivelmente, era pra ela que os integralistas canalizavam suas expectativas.

Deflagrada a GCE, o *A Offensiva* se apressou em denunciar as truculências perpetradas pelas forças republicanas não apenas contra as tropas nacionalistas, mas também

---

<sup>316</sup> PENNA, O. A Phalange Hespanhola. *A Offensiva*, ano III, n. 356, p. 10.

as dirigidas contra a população civil espanhola, aos clérigos e aos templos religiosos espanhóis. Numa periodicidade quase que diária, inúmeras notas telegráficas apontavam para as brutalidades acometidas pelos “vermelhos”: denunciavam-se, dentre outras coisas, casos de estupros e assassinatos de freiras, de degolamentos de padres e sacerdotes, de saques e incêndios de templos religiosos,<sup>317</sup> a utilização de gases venenosos contra as tropas nacionalistas.<sup>318</sup>

As truculências praticadas pelas forças governistas foram, também, assunto bastante recorrente nos artigos escritos pelos próprios integralistas. Em artigo veiculado em fins de 1937, Madeira de Freitas, por exemplo, relata e enfatiza todas as crueldades praticadas pelas tropas republicanas:

Logares houve em que os pacatos casaes e as herdades mansas e humildes serviram de alvo experimental à fúria dos aviões de bombardeio; outro houve ainda em que os comunistas procederam ao massacre universal de mulheres, crianças e anciães. Gestantes, infelizes gestantes, tiveram o seu ventre aberto e receado de pedras pelos monstruosos executores do que se chama “terrorismo planificado”, na technica macabra do Komintern. Paes de familia viram os corpos de suas filhas, as virgens mais puras de Hespanha, expostos, depois de violados e trucidados, à profanação da getne espúria que formava o grosso das hordas vermelhas. A muitos d’aquelles varões foram oferecidas, a preço de ouro, partes mutiladas dos cadáveres dos que lhes eram caros. E, depois de comprarem aos algozes crueris os despojos mortuários dos entes queridos, eram, incontinente, chacinados pela sanha do sanguinário invasor.

O que se viu no assalto aos mosteiros [...] excede, pela proporção da hediondez e do horror, a fantasia mais arrojada de que seja capaz a imaginação humana em matéria de fúria homicida, de terror iconoclasta e de aviltamento ao pudor e à honra da mulher, correndo parelha com o sacrilégio o mais revoltante. Nem mesmo os corpos que jaziam no repolso da turba comunista. Exhumados de seus sepulchros, cadáveres de monjas eram exhibidos ao faror bestial dos asseclas de Largo Caballero [...].

Outra característica deprimente do espirito das multidões vermelhas é a fúria depredatória das hordas em retirada. Mais bárbaros ainda do que os hunos de Attila, esses semeadores da desolação e da dor não passam por parte alguma sem que assolem a região, arremetendo contra tudo e contra todos, transformando em montões de ruínas as cidades mas florescentes, levando, no roldão de sua passagem sinistra, os traços de toda a civilização occidental, não deixando pedra sobre pedra. É a destruição sem objetivo, o arrazamento sem finalidade, o incêndio sem qualificativo [...].

Taes horrores, tamanhas atrocidades, e infâmias taes, não poderiam jamais encobrir, de modo algum, a baixeza moral, a covardia sem limites e a perversidade incrível daqueles, que, friamente, planejara e puseram por obra toda a enormidade trágica da hecatombe hespanhola. Dahi não causarem espanto os actos de traição, de pusilanimidade, de felonía, de requintada mesquinhes e de ferocidade selvagem que tingiram no sangue fidalgo de um nobre povo, o trapo vermelho que tremula no tope dos acampamentos legalistas de Hespanha [...]<sup>319</sup>

<sup>317</sup> Ver, como exemplo, As milícias comunistas espalham o terror praticando crimes monstruosos. *A Offensiva*, ano III, p. 1.; A Hespanha em chamas. *A Offensiva*, ano III, n. 263, p. 4.

<sup>318</sup> As tropas vermelhas empregam gases asphyxiantes. *A Offensiva*, ano III, n. 262, p. 5.

<sup>319</sup> FREITAS, M. A inferioridade moral do comunismo. *A Offensiva*, ano IV, n. 636, p. 2.

Nesse mesmo artigo, Freitas, após discorrer sobre as “práticas comunistas”, afirmou que a população brasileira deveria estar bastante atenta ao comportamento de ambas as tropas beligerantes, pois, enquanto todas as brutalidades perpetradas pelas forças republicanas revelariam e comprovariam a “inferioridade moral” do comunismo, o exímio porte das forças comandadas por Franco revelaria e comprovaria a “superioridade moral” dos nacionalistas.

Na verdade, a tentativa de exaltar a postura “digna”, “humana” e, até mesmo, “heroica” das forças nacionalistas, que se debatiam na tentativa de salvar a civilização ocidental do bolchevismo, foi, também, uma constante. Essa tentativa se dava de forma concomitante à depreciação da postura das forças republicanas, sempre retratadas, como pudemos conferir por meio do artigo acima citado, não apenas como “bruta”, mas como “desumana”.

A historiografia demonstra - e ainda tem demonstrado - que brutalidades foram praticadas por ambos os lados em contenda, nacionalista ou republicano. Todavia, o posicionamento do *A Offensiva* ante essa questão foi um tanto parcial: enquanto o mesmo se lançou numa intensa campanha com o objetivo de denunciar as truculências das tropas nacionalistas, não apenas se calou, como também procurou negar as brutalidades partidas das tropas nacionalistas, afirmando, por vezes, que faria parte de uma “tática de propaganda comunista” difundir-se a ideia de que os nacionalistas seriam truculentos.<sup>320</sup>

Não menos rapidamente do que denunciar as brutalidades perpetradas pelas forças republicanas, se apressou o periódico em declarar que a GCE, e todo o banho de sangue que a mesma originara, seria uma fatalidade que poderia ter sido evitada. Assim, os assassinatos de mulheres e crianças, os estupros de freiras, as centenas de padres que teriam sido degolados, as exumações de cadáveres, as violações de túmulos, as depredações ao patrimônio público, os saques aos templos religiosos e a vida de tantos outros milhares de espanhóis poderiam ter sido poupadas, não fosse a inabilidade dos liberal-democratas e a indiferença e inércia da população civil espanhola.

Os comunistas eram, de fato, apontados como os agentes diretos da erupção da GCE, afinal, seriam eles que, sob orientação direta de Moscou, teriam desestabilizado política e socialmente a Espanha. Todavia, os liberal-democratas e a população civil espanhola, cada qual à sua maneira, deveriam, de acordo com os integralistas, ser igualmente responsabilizados pela deflagração do conflito espanhol:

---

<sup>320</sup> Topicos. *A Offensiva*, ano IV, n. 470, p. 2.

**Em maio próximo findo, soffreram os fascistas hespanhóes uma perseguição systematica, que ultrapassou o direito do Estado [...] O povo, displicente como todas as massas pensantes [...] assistiu indifferente ao golpe torpe, sem se interessar pela sorte de primo de Rivera Filho e de seus soldados [...]** Nas províncias hespanholas, principalmente na Catalunha, as sedes foram fechadas, os funcionários demittidos e insultados os homens que ousavam fazer a saudação fascista [...] Foram esses defensores da liberal democracia hespanhola, que entravaram a acção de Primo de Rivera Filho, quando esse idealista, com a visão nítida do momento, arregimentava elementos para enfrentar a onda vermelha que rolava [...].<sup>321</sup> (grifos nossos)

**O filho de Primo de Rivera organizou o fascismo hespanhol. A grande burguezia, o clero, os Paes de família, não se commoveram deante do desespero esforço do joven José de Rivera. Pelo contrario; uns cruzaram crimosamente os braços; outros se inscreveram em organizações congêneres, com o fim de enfraquecer Rivera [...]** Os esquerdistas, percebendo o perigo que representava para elles o movimento do Sr. José de Rivera, utilizaram-se dos ingênuos liberaes democratas para desencadear uma perseguição contra elle. A palavra de ordem de Moscou era agora ‘combater o extremismo da direita’. Sim: extremismo da direita era apenas isto: o brio nacional, a lucta contra o bolchevismo, a defesa das famílias, o culto da Patria e de Deus. Fez-se a perseguição. [...] e tudo terminou com o fechamento do fascio hespanhol, como queria Moscou, com a prisão de José de Rivera [...] O resto, é o que sabemos. Como terminará a tragédia? Eis ahi uma lição para todos os povos que ainda estão em tempo de aproveitar lições; offereço estes commentários de política internacional á posteridade Brasileira para que os julgue.<sup>322</sup> (grifos nossos)

Ou seja, procurava-se transmitir a ideia de que, caso os “burgueses” liberal-democratas e caso a população civil espanhola tivessem dado apoio a Primo de Rivera, quando este o solicitara, a sorte da Espanha, possivelmente, teria sido diferente. E foi justamente essa questão que Madeira de Freitas, ao comentar sobre o sangrento acontecimento deflagrado na Espanha, procurou enfatizar:

[...] Peza-nos considerar que tal sacrificio de vidas tão promissoras, poderia ter sido poupados se os estadistas da democracia hespanhola houvessem acudido em tempo à conjuração do ‘vírus’ vermelho, que os agentes do Komintern inocularam na população da península, dando origem à Frente Popular. Quando Primo de Rivera tentou mobilizar, com tempo e ordem, os homens válidos da Hespanha, advertindo-os da ameaça bolchevista, apenas algumas almas jovens comprehenderam a attitude do chefe fascista e sentiram-lhe na voz a própria voz da Hespanha e, assim, atenderam àquelle significativo toque de reunir. Mas a burguesia se fez surda ao chamamento de Primo de Rivera; e deu de hombros, com displicência, nos providos avisos dos fascistas. Esta burguesia, que é igual à burguesia de todas as nações, está pagando bem caro a indiferença a quanto se lhe havia advertido [...].<sup>323</sup>

Notamos, dessa forma, que os integralistas, por meio de distintos artigos veiculados pelo *A Offensiva*, procuravam propagar a ideia de que os liberal-democratas e a população

<sup>321</sup> VIVEIROS, C. Os responsáveis. *A Offensiva*, ano III, n. 257, p. 2.

<sup>322</sup> SALGADO, P. O drama da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

<sup>323</sup> FREITAS, M. Arriba Hespanha!. *A Offensiva*, ano III, n. 276, p. 2.



civil espanhola deveriam, igualmente, ser responsabilizados pela eclosão da GCE. Os primeiros o seriam tanto por terem se mostrado inábeis em impedir o alastramento do comunismo, quanto pelo fato de terem, por diversas vezes, cerceado as atividades da Falange Espanhola. Por sua vez, a população civil seria responsabilizada por ter se mostrado indiferente aos constantes apelos do líder falangista, Primo de Rivera, o qual teria, inutilmente, alertado e convocado o povo espanhol para adentrar às fileiras da Falange. A conjugação desses fatores teria propiciado, assim, ao comunismo agir livremente em solo espanhol, sem encontrar qualquer tipo de obstáculo, levando, por fim, à eclosão da GCE.

Os integralistas, conscientemente ou não, acabaram por construir um discurso que, de certa forma, lhes era útil, já que o mesmo lhes proporcionava estabelecer algumas analogias entre o contexto brasileiro e o espanhol, no período que precedeu à deflagração da GCE. Daí, possivelmente, não ser apenas coincidência as constantes declarações, das quais o *A Offensiva* foi porta-voz, de que a GCE seria não só uma advertência, mas também uma lição ao Brasil.

Foram, de fato, inúmeros os artigos nos quais os integralistas se utilizaram da GCE como forma de alarmar a sociedade brasileira. A mesma era apontada como uma advertência, pois, segundo os integralistas, um contexto muito similar ao que precedera a eclosão do conflito civil espanhol estava se repetindo no Brasil: o governo brasileiro, assim como o espanhol, ao mesmo tempo em que se mostrava incapaz de impedir o alastramento do comunismo em terras brasileiras, estaria cerceando as atividades da AIB e perseguindo muitos dos camisas-verdes; Plínio Salgado, assim como Rivera, estaria convocando a população brasileira para adentrar às fileiras do integralismo, mas, muitos “patrícios” ainda estariam se mostrando indiferentes aos constantes apelos do Chefe Nacional.

Assim, artigos que procuraram explorar as similitudes do contexto brasileiro ao contexto espanhol, no período que precedera a deflagração do conflito, foram, com esse objetivo, amplamente explorados, como demonstram os seguintes extratos:

Que reflectam os que ainda no Brasil tem illusões a respeito dos processos communistas; a advertência que nos vem de Hespanha deve servir de aviso aos indifferentes, que não se arregimentam em torno de uma mystica para evitar as desgraças que agora está soffrendo o povo irmão do continente Europeu. Só se destróe uma mystica com outra mystica. E só o Integralismo conseguirá o milagre de impedir a bolchevização do Brasil.<sup>324</sup>

A sangrenta catastrophe da Hespanha teve como prelúdio a perseguição movida pelos chamados liberaes democratas, contra as forças conservadoras da pátria, classificadas por elles de ‘extremismo da direita’.<sup>325</sup>

<sup>324</sup> Hespanha, a grande advertência. *A Offensiva*, ano III, n. 213, p. 2.

<sup>325</sup> *A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 1.

Os liberaes que pleiteiam o fechamento do Sigma, agem, consciente ou inconscientemente, por conta das mesmas forças que fecharam, em Hespanha, as organizações congêneres do Integralismo.<sup>326</sup>

Nós, brasileiros, que acompanhamos com justa indignação o desenrolar da catastrophe hespanhola, não nos devemos esquecer de que aos liberaes-democratas, e unicamente a elles, se deve o alastramento do communismo na Hespanha, tal como acontece em nosso paiz. Na Hespanha, como no Brasil, as forças nacionalistas-conservadoras foram perseguidas pelos liberaes-democratas e por elles malevolamente acoimadas de ‘extremismo de direita’. De toda essa calamidade são os communistas os agentes mobíficos; mas os liberaes-democratas são della os maiores culpados. Seja Deus servido saibamos nos aproveitar da dolorosa lição da Hespanha.<sup>327</sup>

Ó homens eminentes, que insistis em chamar o Integralismo de ‘extremismo da direita’, ignorando ou fingindo ignorar a nossa doutrina, lembrae-vos que na Hespanha também foram chamados ‘extremistas da direita’ aquelles bravos generaes que hoje representam tudo o que a sua Pátria ainda tem de são, de salvador dos últimos reductos da dignidade de um povo [...].<sup>328</sup>

Repetem-se no Brasil as scenas que precederam a revolução da Hespanha. Os assaltos às sedes de partidos que se verificam ultimamente no paiz, identificam a situação brasileira àquella que precedeu o golpe do Komintern em Madrid, resultando a tremenda convulsão da Hespanha [...] O povo brasileiro, a cada atentado que se verifica contras as sedes do Integralismo, pode ir contando os minutos, e aguardando os acontecimento que um dia, na sua trágica eloquência, irão demonstrar que os camisas-verdes não faziam obra de politica, quando procuravam avisar a Nação, por todos os meios, da próxima catástrofe, com o fim de alertal-a em face do perigo iminente.<sup>329</sup>

Procurava-se, por intermédio desses e de outros, demonstrar à opinião pública brasileira não só que “perseguir o integralismo é preparar no Brasil a reprodução da tragédia hespanhola”, como também a imperativa necessidade do povo brasileiro, os “indiferentes, que não se arregimentam em torno de uma mystica”, em atender aos chamados do Chefe Nacional e adentrarem às fileiras do integralismo, procurando evitar a reprodução, em território brasileiro, da guerra que estava assolando “o povo irmão” do continente europeu.

A argumentação utilizada pelos integralistas para sustentarem as declarações de que a GCE seria uma advertência e uma lição à população brasileira não devia parecer, à opinião pública, algo absurdo. Afinal, o levante comunista ocorrido no Brasil, em novembro de 1935, mesmo que rapidamente reprimido pelo governo, ainda estava fresco na memória da população e possivelmente contribuiu para que a ideia de um “perigo comunista” em terras tupiniquins encontrasse, ao menos minimamente, algum respaldo.

<sup>326</sup> *A Offensiva*, ano III, n. 359, p. 1.

<sup>327</sup> FREITAS, M. Os maiores culpados. *A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 2.

<sup>328</sup> SALGADO, P. Carta aos inconscientes. *A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 2.

<sup>329</sup> Repetem-se no Brasil as scenas que precederam a revolução da Hespanha. *A Offensiva*, ano IV, n. 582, p. 1.

Por sua vez, a perseguição dos governos estaduais aos camisas-verdes paranaenses e baianos, bem como a iminência do perigo de o integralismo - podendo ser, a qualquer momento, enquadrado como um “movimento extremista” - ser posto na ilegalidade, sustentavam a argumentação utilizada pelos integralistas de que as atividades do Movimento estariam sendo cerceadas, da mesma forma como foram cerceadas as atividades dos falangistas espanhóis. Por fim, podemos conjecturar – mas, nada além disso - que as constantes declarações, por meio das quais os integralistas procuravam evidenciar que a população civil espanhola, por ter se mostrado indiferente aos apelos de Primo de Rivera, seria igualmente culpada pela deflagração da GCE, tinham, de certa forma, algum impacto sobre os leitores que se detinham a ler as matérias relativas ao conflito espanhol, veiculadas pelo *A Offensiva*.

Em meio a todas essas advertências, apresentavam-se, aos brasileiros, a Alemanha e a Espanha como dois exemplos distintos do que poderia vir a se suceder no Brasil, dependendo dos rumos que a política brasileira seguisse, a partir daquele momento.

Madeira de Freitas, por exemplo, declarou que a insegurança, no Brasil, teria atingido o “grão máximo de gravidade”, fato que assemelharia, e muito, a situação do Brasil à situação da Alemanha tomada pelo comunismo, no período que precedera a ascensão de Hitler e do Nazismo ao poder, e à situação da Espanha, que, tomada pelo comunismo, seria, naquele momento, palco de uma sangrenta guerra civil. Após breve exposição dos contextos espanhol e alemão, Freitas levanta a indagação:

**Deante destes dois quadros o da Alemanha triunphante do perigo vermelho, e o da Hespanha esphacellada pelos sicários da foice e do martello, tendo que recorrer á dura contingencia de acceitar o auxilio de forças estrangeiras – como se deve portar o Brasil, o nosso querido Brasil, cuja situação actual tanto se assemelha ao momento grave porque passaram as duas nações do Velho Mundo? Como é sabido, a história se repete através dos tempos. Já o que aconteceu na Alemanha de Hitler é uma reprodução do que se passou na Itália de Mussolini. Por outro lado a Hespanha de Manuel Azaña repete a Rússia de Kerenski. Assim quanto se viu na Alemanha de Hindenburg e na República hespanhola de Azaña, está se repetindo em nossa pátria. Os communistas, sob a capa de liberaes, infestam os partidos, o parlamente, e até as secretarias de estado, envenenando as massas e mobilizando as elites intellectuaes. Numa impressionante coincidência, como na Alemanha e na Hespanha, uma voz inspirada pelas mais altas virtudes da raça e oriunda do coração da nacionalidade – grita, clama, conclama e convoca todos os brasileiros a se unirem num só bloco para arrancarem do organismo nacional o cancro do bolchevismo. E como se portarão, nesta conjuntura, os responsáveis pelos destinos do Brasil? Reagirão como a Alemanha de Hindenburg ou se entregarão como a Hespanha de Manuel Azaña? [...].<sup>330</sup> (grifos nossos)**

<sup>330</sup> FREITAS, M. A pátria em perigo!. *A Offensiva*, ano IV, n. 561, p. 2.

Ao passo que se exemplificavam, por meio dos casos alemão e espanhol, os rumos que a nação brasileira poderia tomar (o de uma “Alemanha triunfante”, salva, pelo nazismo, do colapso político, econômico e social em que vivia, e o de uma “Espanha esfacelada pela guerra civil”), procurava-se evidenciar que existiria, no Brasil, uma força político-social congênere àquela que não apenas salvara a Alemanha das garras do comunismo como também fizera desse país uma potência mundial, respeitada por todos:

Devemos, pois, nós, brasileiros patriotas e ciosos de nossa nacionalidade, acompanhar com toda a nossa atenção, por muito de perto nos interessar, a luta verdadeiramente épica dos altivos e destemidos patriotas hespanhóes, em defesa da civilização ocidental. O exemplo da Alemanha, onde o nacional-socialismo restituiu á grande pátria dos Genio e da Arte a consciência de seu próprio valor; o nacional-socialismo que, tornando a Alemanha moralmente forte, permitiu-lhe falar, de igual para igual, ás demais nações, impondo-se e fazendo-se respeitar como ainda não acontecera, desde Versalhes, mostra-nos, a nós, brasileiros, que **somente o Integralismo, que é a exata compreensão do nacional-socialismo no Brasil, poderá dar a definitiva tranquilidade aos homens de boa vontade, em sua diária labuta pela construção de um Brasil sempre maior [...].**<sup>331</sup> (grifos nossos)

Assim, por meio de constantes analogias, sugeria-se que a instabilidade política e social teria atingido, no Brasil, índices altíssimos, o que assemelhava o contexto brasileiro tanto ao contexto espanhol, no período que precedeu a GCE, quanto ao da Alemanha, no período que precedera a ascensão do nazismo ao governo. Concomitantemente, o periódico apresentava dois exemplos do que poderia suceder no Brasil: o da Espanha imersa numa guerra civil, sobretudo por conta das perseguições impostas à Falange, e o da Alemanha, a qual, outrora humilhada pelo Tratado de Versalhes, encontrara num regime de força, o Nazismo, a solução para uma ressurreição nacional.

Entrementes, após sugerir-se que o integralismo, por ser a “exata compreensão do nacional-socialismo”, poderia fazer do Brasil não apenas um país livre do perigo comunista, mas também uma potência respeitada por todos, levantava-se a questão: qual exemplo seguir, o da Alemanha ou o da Espanha, tomada por uma guerra civil? A decisão ficaria sob responsabilidade da população e do governo instituído. Caso optassem por apoiar o integralismo, este, a exemplo do nazismo, transformaria o Brasil num grande país. Mas, caso aqueles negligenciassem os apelos do Chefe Nacional ou continuassem a cercear as atividades dos integralistas, possivelmente se repetiria, em terras brasileiras, o sangrento episódio espanhol.

---

<sup>331</sup> H. G. Perante o drama hespanhol. *A Offensiva*, ano III, n. 274, p. 2.

Como ressaltado, é preciso que levemos em consideração, ainda, que a argumentação utilizada pelos integralistas para sustentar suas afirmações, antes de ser absurda, encontrava, ao menos minimamente, respaldo em alguns episódios “recentes”, o que, possivelmente, contribuía para revestir com certa “aura de legitimidade” o discurso que propagavam.

É-nos impossível, todavia, verificar a recepção e a resposta da população brasileira ante os constantes apelos que os integralistas propagaram pelas páginas do *A Offensiva*. Todavia, por meio da análise documental, evidenciamos que estabelecer similitudes entre o contexto brasileiro e o espanhol, no período que precedera a deflagração da GCE, foi uma tática adotada pelos integralistas, tanto na tentativa de atrair novos membros para as fileiras do Movimento, como na tentativa de reverter-se o quadro de perseguições que os governos estaduais e federal estavam acometendo contra a AIB.

Depois de deflagrado o conflito, as páginas do *A Offensiva*, passaram a veicular, em periodicidade diária, notas telegráficas que apontavam o desenvolvimento, os avanços e recuos nas frentes nacionalistas e republicanas, e, também, notas sobre os embates que a GCE suscitara nos meios políticos e diplomáticos internacionais. Ao mesmo tempo, difundia-se que o movimento integralista se solidarizava e apoiava a causa nacionalista e que, por recomendação do Chefe Nacional do Movimento, todos os integralistas deveriam se posicionar ao lado de Franco e da Falange Espanhola:

Inaugurando, sábbado, a Exposição Permanente dos Serviços Elleitoraes da AIB, num dos salões do edificio do ‘Jornal do Commercio’, o **Chefe Nacional do Integralismo deu uma nova palavra de ordem aos camisas-verdes. Disse elle: ‘Fiquemos com o governo de Valladolid, contra o de Madrid’. Que promova, pois, a maior força nacionalista da América do Sul, no Brasil surgida, contra o ‘vírus’ do Kremlin moscovita, um grande movimento de solidariedade ás forças revolucionarias do general Franco**, para que o governo brasileiro rompa relações com o marxista de Azaña, e reconheça o installado em Valladolid. Pois que, as forças nacionalistas, que estão em armas na Hespanha, não defendem somente a Honra e a Dignidade de um povo. Mas do mundo inteiro, contra a objectivação da segunda etapa da revolução materialista, rotulada de proletária por Moscou.<sup>332</sup> (grifos nossos)

A questão relativa à intervenção internacional no conflito espanhol foi, dentre os embates suscitados nos meios políticos e diplomáticos, possivelmente, a mais acalorada; e sobre ela o *A Offensiva* se deteve com especial cuidado.

Sabemos, por exemplo, que ambos os lados em contenda receberam apoio material - armamentos, financiamentos, alimentos e remédios - bem como de tropas estrangeiras e de voluntários que se inscreveram para lutar em terras espanholas ao lado dos seus aliados

<sup>332</sup> MELLO, O. Pela Hespanha Nacionalista. *A Offensiva*, ano III, n. 269, p. 2.

políticos (ALMEIDA, 1999; FRAGA, 2004). Todavia, o posicionamento do *A Offensiva*, no que se refere à intervenção estrangeira no conflito, é bastante típico: enquanto se denunciava e condenava-se a intervenção estrangeira, sobretudo a intervenção oriunda da URSS, França e México, dirigida para o lado republicano, calava-se, ou, ainda, exaltava-se a intervenção, por parte da Itália, Alemanha e Portugal, dirigida para o lado nacionalista.

Nesse sentido, sobre a polêmica levantada em relação ao possível auxílio enviado pelo governo brasileiro aos nacionalistas espanhóis, temos um caso exemplar do posicionamento dos integralistas ante a questão. Ao longo do mês de julho de 1937, a imprensa e setores da opinião pública denunciaram que o governo brasileiro estaria auxiliando as tropas de Franco. Na ocasião, Madeira de Freitas declarou, categoricamente, que, caso a acusação procedesse, antes de ser motivo de revolta, o povo brasileiro deveria exaltar a atitude de Vargas, afinal, “só pode merecer da Nação Brasileira os mais entusiásticos applausos todo e qualquer apoio que tenha prestado áquelles que luctam na península Ibérica na defesa do occidente christão”. Não obstante, Freitas concluiu, por fim, que os que se mostrassem contrários à possível atitude de Vargas estariam fazendo “profissão pública de fé comunista”, na medida em que “o protesto contra todo e qualquer ato de solidariedade, moral ou material, com os nacionalistas de Hespanha, só pode partir daqueles que aceitam e propagam as idéas negativistas de Karl Marx”.<sup>333</sup>

Ainda nesse sentido, é bastante curiosa a declaração de Ernani de Moraes, veiculada pelo periódico em agosto de 1936. Moraes, ao comentar sobre uma nota emitida pelos governos da Itália e da Alemanha, na qual era apregoado que esses dois países não permitiriam a “bolchevização” da Espanha, sugerindo que, se preciso, poderiam vir a intervir diretamente no conflito espanhol, chegou a conjecturar, inclusive, que, caso o integralismo já estivesse no poder, tal nota, possivelmente, teria partido do Brasil integral, e não da Itália fascista ou da Alemanha nazista.<sup>334</sup>

Assim, se, por um lado, os auxílios enviados aos republicanos e a intervenção ao lado dos mesmos eram veemente condenados, o envio de auxílios às forças nacionalistas não o eram. Pelo contrário. Até mesmo a intervenção direta, armada, em favor das tropas de Franco era, pelo que nos sugere a documentação, algo cogitado, incentivado e defendido pelos integralistas:

---

<sup>333</sup> FREITAS, M. Arriba Espanha! *A Offensiva*, ano IV, n. 540, p. 2.

<sup>334</sup> MORAES, E. Lição a seguir. *A Offensiva*, ano III, n. 265, p. 4.

O que está acontecendo em Hespanha é o maior ultraje até hoje atirado á face das nações, cuja única atitude compatível com a dignidade elementar dos povos livres seria a intervenção conjuncta no conflicto, para consummar, pelas armas, com os patriotas de Hespanha, o esmagamento completo, a extinção radical dessa raça de vândalos, de cannibae, de scelerados, que vem ameaçando a soberania das nações e a vida fecunda da sociedade christã, com toda a brutalidade, toda a torpeza e toda a infâmia que caracterizam as agitações communitas.<sup>335</sup>

O motivo para tamanha discrepância ante a mesma questão, a da intervenção internacional no conflito espanhol, não é, de toda forma, difícil de ser compreendido. Se, por um lado, a ajuda de países, como França e URSS, era voltada a armar e fortalecer as forças republicanas, o auxílio oriundo da Itália e Alemanha o era para armar e fortalecer as forças nacionalistas que, segundo os integralistas, estariam lutando pela defesa da civilização ocidental.

Ainda se envolvendo nos polêmicos embates travados em nível diplomático, o *A Offensiva*, conforme as forças nacionalistas foram estabelecendo domínio e ocupando novos territórios, passou a veicular uma série de artigos por meio dos quais apregoava julgar como imprescindível a necessidade do reconhecimento, por parte da comunidade internacional, do “Estado de Beligerância” na Espanha.

O reconhecimento do Estado de Beligerância implicaria, de pronto, que os nacionalistas, ora encarados como “rebeldes” ou “insurrectos”, fossem colocados, diante da jurisprudência internacional, em pé de igualdade jurídica com as forças legalistas do governo instituído, não podendo mais ser encarados como meros agressores da ordem instituída e nem podendo sofrer retaliações pelos atos praticados.

Mais do que isso, todavia, o reconhecimento do Estado de Beligerância precede ao reconhecimento de um novo Estado ou de um novo governo. Dessa forma, o reconhecimento do “Estado de Beligerância” precederia ao reconhecimento, como governo legal, da Junta Governativa Nacionalista - que os nacionalistas haviam instituído na cidade espanhola de Burgos – a qual ainda enfrentava relutância por reconhecimento por parte comunidade internacional.

É válido ressaltar, ainda, que o reconhecimento do Estado de Beligerância, inclusive, sempre foi pauta da reivindicação dos próprios nacionalistas espanhóis, que recorrentemente enviavam notas diplomáticas à comunidade internacional exigindo que a mesma reconhecesse o Estado de Beligerância o mais rápido possível, e advertindo que a demora de tal

---

<sup>335</sup> FREITAS, M. Morte ao comunismo. *A Offensiva*, ano III, n. 261, p. 2.

reconhecimento poderia implicar uma posterior retaliação “diplomática e comercial” por parte do futuro governo nacionalista, que se instauraria na Espanha, logo a GCE fosse findada.<sup>336</sup>

Assim, fazendo coro com as reivindicações dos nacionalistas espanhóis, os integralistas utilizaram as páginas do *A Offensiva*, procurando demonstrar não apenas que todos os requisitos para o reconhecimento do “Estado de Beligerância” já tinham sido atendidos, mas também a imperativa necessidade de se reconhecer, como governo legal, a Junta Governativa instituída pelos nacionalistas, como podemos conferir nos excertos que seguem:

[...] Cumpre não esquecer ainda que os revolucionários hespanhóes tem direito ao reconhecimento da beligerância. Eles já contam com um governo obedecido na maior parte das províncias. A Junta Governativa de Burgos impôs a ordem onde exerce a sua autoridade.<sup>337</sup>

Nada, pois, seria mais logico do que o reconhecimento, por parte das nações anti-communistas, do estado de beligerância, em favor dos nacionalistas da Hespanha. Motivos ponderosos e razões de humanidade, aconselham a adoção de semelhante medida. Accentue-se que, de acordo com o ensinamento dos publicistas, já preencheram os revoltosos todas as condições indispensáveis a um tal reconhecimento. São, na verdade, condições para beligerância: que os combatentes da revolução formem tropas organizadas, sujeitas à disciplina militar, e que ocupem uma parte considerável do território nacional, ahi exercendo governo.

É essa, exatamente, a situação dos restauradores da honra nacional em terras de Hespanha. Porque, então, não se lhes reconhecer a beligerância? Porque não avança o Brasil, que tanto sofreu e sofre ainda, por decreto do Komintern, esse passo de altivez e nobreza aos olhos do mundo?

O reconhecimento do governo de Burgos auscultaria os anseios da alma nacional do Brasil e corresponderia às medidas de defesa que devemos à nossa própria civilização e à ordem social na América. Os bons filhos da Hespanha, os que não sabem trahir a beleza de sua história, tentam levantar na Europa e para o mundo, um novo dique anti-comunista. Todos os povos, pois, da Europa ou da América, tem o dever moral de amparar, de modo inequívoco, por palavras, gestos e, se necessário for, até mesmo acções, os esforços hercúleos da jovem Hespanha, na sublime tentativa de impedir que as cataractas bolchevistas façam submergir a civilização, alagando o mundo com vagalhões de sangue e de miséria que se espriam com terror em nossos dias, na península martyrisada.<sup>338</sup>

Por intermédio das páginas do *A Offensiva*, os integralistas declaravam que a relutância, por parte da comunidade internacional, em se reconhecer tanto o Estado de Beligerância quanto o Governo de Burgos, antes de indicar a apregoada “neutralidade” da mesma ante a GCE, indicaria a sua inclinação em favor do governo republicano instituído e, conseqüentemente, contra o governo nacionalista instituído em Burgos. Assim, notamos que, no Brasil, os nacionalistas espanhóis encontraram, nos integralistas, grandes aliados, tanto na

<sup>336</sup> Reclamado pelos nacionalistas o imediato reconhecimento da beligerância. *A Offensiva*, ano IV, n. 533, p. 5.

<sup>337</sup> Momento internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

<sup>338</sup> A Semana internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 294, p. 11.



tentativa de demonstrar à opinião pública que o reconhecimento do governo nacionalista de Burgos se tornava algo imperativo, quanto na tentativa de pressionar o governo brasileiro para tal reconhecimento.

As páginas do *A Offensiva* evidenciam-nos, também, que os integralistas empreenderam esforços na organização e realização de alguns eventos, por meio dos quais procuraram prestar homenagens e expressar sua solidariedade ideológica aos nacionalistas espanhóis.

Temos referência, por exemplo, à organização de uma cerimônia, organizada pelo Departamento Provincial de Estudantes da Ação Integralista e realizada em outubro de 1936, com o fim de prestar solidariedade aos “heróis” nacionalistas do Alcazar de Toledo. Nesse evento, nomes relevantes na hierarquia do Movimento, como Gerardo M. Mourão e San Thiago Dantas, proferiram discursos, exaltando não só aqueles que, naquele momento, estariam defendendo, em terras espanholas, a Espanha e a civilização ocidental, mas também todos os movimentos “nacionalistas” que estavam se desenvolvendo em “todas as pátrias do universo”, que se encontrariam “ligadas pelo mesmo sentimento de fraternidade”:

**A mocidade brasileira, solidarizando-se com a mocidade hespanhola representada pelos Heróis do Alcazar, realizou, hontem, no Instituto Nacional de Musica, sob os auspícios do Departamento Provincial de Estudantes da Acção Integralista Brasileira, uma brilhante conferência, na qual, exortando as vibrações da alma nacionalista da tradicional Hespanha, falaram figuras representativas do Brasil que ora ressurge com o Integralismo [...]** A companheira Nilza Peres, usando da palavra, proferiu uma brilhante oração, exaltando a mocidade da Hespanha que, neste momento angustioso, oppõe seria barreira à onda bárbara que solapou a Rússia e que pretende enxovalhar tudo que é nobre e que é bello [...]. Sob aplausos do grande auditório, falou o companheiro Gerardo Mello Mourão, que conseguiu electrizar a todos. A sua palavra enérgica, revelando, com uma convicção profunda, o sentido da Revolução integralista, provocou entusiasticos aplausos [...]. Occupando a tribuna, falou o companheiro dr. Augusto Frederico Schmidt, que teceu um longo comentário em torno das revoluções nacionalistas que se operam em todas as pátrias do Universo [...]. **a sua oração que concluiu por uma linda exhortação à juventude nacionalista da Hespanha foi bastante entrecortada de entusiasticos aplausos.** Encerrando a conferencia em justa homenagem aos heróis do Alcazar de Toledo, falou o companheiro dr. San Thiago Dantas, representante do Chefe Nacional. Na sua brilhante oração, o ilustre companheiro teve ocasião de tecer um longo comentário em torno da revolução que abala a Hespanha, nesta época em que, cumprindo a sua predestinação histórica, o temporal e o espiritual se congregam e estabelecem a força inabalável e imprescindível para oppôr embargo às forças materiaes da dissolvência, em cumprimento da mensagem divina e da sua vocação nacionalista [...]. Explicando meticolosamente a revolução nacionalista do Sigma, salientou o papel das nações do Universo na posteridade, ligadas pelo mesmo sentimento de fraternidade, ao invés desse antagonismo que ora se verifica, afastando-as de sua vocação [...]. Foi cantado o Hymno Nacional e saudado com vibrantes anauês o Chefe Nacional e os heróis do Alcazar de Toledo. Estando uma junta de nacionalistas hespanhóis presente à cerimônia, esta, no início da conferência, foi convidada a participar da mesa [...].<sup>339</sup> (grifos nossos)

<sup>339</sup> Em Homenagem Aos Heróis Do Alcazar De Toledo. *A Offensiva*, no III, n. 300, p. 1 e 2.

É digno de destaque, ainda, o fato de o *A Offensiva*, ou melhor, a sua redação, ter sido testemunha de pequenas, mas corriqueiras, cerimônias conjuntas entre integralistas e falangistas argentinos, uruguaios e paraguaios, que, de rumo à Espanha, onde cerrariam fileiras ao lado dos nacionalistas, aproveitavam a escala realizada no porto do Rio de Janeiro para visitar a redação do maior e mais importante periódico integralista. Assim, a redação do jornal foi, em diversos momentos, palco de ocasiões em que integralistas e falangistas declararam suas afinidades e solidariedades ideológicas.<sup>340</sup>

No geral, eram cerimônias sem grandes pompas, pois, como sempre frisado pelo *A Offensiva*, os falangistas, usualmente, apareciam de forma imprevista na redação do jornal integralista. Ainda assim, apesar de singelas, essas visitas se tornaram bastante ricas em símbolos e significados: eram momentos, nas palavras de Madeira de Freitas, em que falangistas, atraídos à redação do *A Offensiva* pela “força de um ideal comum”, ressaltemos, e camisas-verdes “comungavam nos mesmos anseios, no mesmo ideal e nos mesmos elevados propósitos”; em que gritos de “Arriba España!” eram seguidos por “Arriba Brasil!”.<sup>341</sup> Ademais, as visitas dos falangistas à redação do periódico rendiam oportunidades para trocas materiais relativas a ambos os movimentos, como livros, panfletos doutrinários, distintivos e condecorações, e de saudações recíprocas entre integralistas brasileiros e falangistas espanhóis.

Alguns momentos dessas visitas foram oportunamente registrados em fotografias que, posteriormente, eram divulgadas por meio das páginas do *A Offensiva*:

---

<sup>340</sup> Ver, como exemplo, “Arriba Hespanha!”. *A Offensiva*, ano III, n. 274, p. 1; Soldados da Revolução, *A Offensiva*, ano III, n. 280, p. 3; Arriba España!, *A Offensiva*, ano III, n. 306, p. 10; Vão combater o Communismo, *A Offensiva*, ano IV, n. 429, p. 10; De passagem pelo Rio uma embaixada de phalangistas hespanhoes, *A Offensiva*, ano IV, n. 529, p. 10.

<sup>341</sup> FREITAS, M. Arriba Hespanha!. *A Offensiva*, ano III, n. 276, p. 2.

**A OFFENSIVA**

Proprietar: ESCOLHIDOS S. A.      Organização de PLÍNIO SALGADO      Publicador: ESCOLHIDOS S. A.  
 Diretor: MADERA DE FREITAS      ANNO III — N. 274 — RIO, Quarta-feira, 2 de Setembro de 1936 — 50000 - BORNABES - REUNIDOS

**“ARRIBA HESPANHA!”**  
 Phalangistas hespanhoes residentes na Argentina  
 passam pelo Rio rumo aos campos de batalha

**OFFICIAES**  
 russos a serviço  
 do governo  
 hespanhol

SARAGOÇA, 1 (Ho-  
 va) — Um grupo de  
 Arábios assaltou que  
 a maioria dos jefes  
 dos accedentes gover-  
 namentais, assim como  
 os correspondentes de  
 guerra, são  
 officios russos.

**A VISITA DOS BRAVOS NACIONALISTAS  
 A' REDACÇÃO DE "A OFFENSIVA"**



Os phalangistas hespanhoes em sessão redacção.

**NCIA**  
**SILEIRO**  
 OS POR ARGENTINOS INTER-  
 PROGRAMOS DE UMA CRISE

Figura 10 – "Arriba Hespanha?". *A Offensiva*, ano III, n. 274, p. 1.

**SOLDADOS DA REVOLUÇÃO**  
**COM DESTINO A' HESPANHA, VIAJAM**  
 pelo transatlantico "General San Mar-  
 tin" dez hespanhoes e tres uruguayos  
 OS PHALANGISTAS REBELDES VISITAM A REDACÇÃO DA "A OFFENSIVA"



Phalangistas hespanhoes pousando para "A OFFENSIVA".

Figura 11 – "Soldados da Revolução". *A Offensiva*, ano III, n. 280, p. 3.

Ressaltamos, a propósito, que uma das passagens de Falangistas pelo Brasil deu origem a um equívoco histórico que cabe resolver. Quando do embarque de um grupo de falangistas, uma fotografia foi feita, a qual segue:



Figura 12 – Fotografia do embarque de um grupo de falangistas.  
Fonte: Sombra e Guerra (1988, p. 25).

Na própria fonte dessa imagem, o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, aparece a legenda “Integralistas a caminho da Espanha, acompanhados de milicianos franquistas, 10/09/1936”, o que levou não apenas acadêmicos, como inclusive militantes atuais do integralismo<sup>342</sup> a imaginarem uma possível participação de integralistas na Guerra Civil Espanhola. O fato em si não é impossível, mas não é confirmado até o momento..

Por fim, constatamos, também, que o apoio dos integralistas para com os nacionalistas espanhóis não ficou restrito tão somente a demonstrações públicas de solidariedade ideológica. As páginas do *A Offensiva* indicam-nos a existência de uma possível contribuição prática dos integralistas para com os nacionalistas espanhóis.

<sup>342</sup> FERREIRA, Marcos. *Viva la muerte! A participação voluntária ao lado de Franco na Guerra Civil Espanhola*. Publicado em 8/9/2003 e revisado em 18/9/2003. Disponível em: <<http://www.doutrina.linear.nom.br/historia/historia.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

Nesse ponto, referimo-nos aos espaços cedidos, pelos integralistas, para divulgação propagandística da revista nacionalista *Nueva España*, editada no Rio de Janeiro,<sup>343</sup> e para que a *Junta Oficial Nacionalista Espanhola* (uma espécie de organização diplomática dos nacionalistas, em solo brasileiro) e o *Comité Nacionalista Español* divulgassem, por intermédio do *A Offensiva*, alguns comunicados sobre atividades corriqueiras das respectivas organizações, bem como instruções sobre a forma a se proceder para que a colônia espanhola e os brasileiros simpatizantes às causas nacionalistas pudessem enviar donativos - “moral ou materialmente” - para as forças comandadas por Franco.<sup>344</sup>

Além disso, verificamos, também, que os leitores do *A Offensiva* poderiam encontrar, nas páginas do periódico, instruções sobre como proceder para inscreverem-se como voluntários, caso desejassem combater em armas ao lado das tropas nacionalistas:

**Os hespanhoes do Rio de Janeiro pela Revolução.** Organizado um comitê para as adhesões. Pedem-nos a seguinte publicação:

‘Comité Nacionalista Español. – Convocatoria – Se invita a todos los ciudadanos españoles simpatizantes com el movimiento nacionalista libertador de las doctrinas comunistas que están ensangrentando nuestra España, a prestar su adhesión a este Comité, a fin de llevar a nuestros Hermanos allende el Oceano la cordialidade de nuestros votos y todo el apoyo moral y material que podamos prestarles. Las adhesiones se reciben em la Rua Santo Amaro, 71, 2 andar, tel 42-1627 (comício provisional). Por el Comité – J. Torres Oliveros, membro de la Union Cultural Universal y Secretario de la Camara de Comercio Hispno-Brasileña de Andalucía’.<sup>345</sup> (grifos nossos)

\*\*\*

Entre os dias 26 e 31 de março de 1939, os nacionalistas tomaram a capital espanhola, Madri, e as cidades de Valencia, Alicante e Murcia, os últimos redutos da resistência republicana. Já ao primeiro dia do mês de abril de 1939, depois de quase três anos de intensa batalha, um dos episódios mais emblemáticos do período entre guerras e uma das guerras civis mais sangrentas da História, teve, enfim, um desfecho, com a vitória dos nacionalistas de Franco. O general espanhol, que, já em 1937, havia unificado, sob sua liderança, num partido

<sup>343</sup> Orgão Nacionalista Hespanhol. “Nueva España” acaba de aparecer na capital da Republica como um novo órgão de imprensa colonial orientador dos ideais nacionalistas entre os membros da colônia hespanhola no Brasil. *A Offensiva*, ano IV, n. 498, p. 4.

<sup>344</sup> Ver, como exemplo Pela Hespanha Nacionalista. *A Offensiva*, ano III, n. 352, p. 2.; Reunião Dos Nacionalistas Hespanhoes. *A Offensiva*, ano IV, n. 470, p. 3.; Reunião Das Senhoras Nacionalistas Hespanholas E Sympathizantes. *A Offensiva*, ano IV, n. 482, p. 10.; Quando For Reconhecido O Governo De Burgos. *A Offensiva*, ano III, n. 298, p. 5.

<sup>345</sup> Os Hespanhos Do Rio De Janeiro Pela Revolução. *A Offensiva*, ano III, n. 266, p. 1.

único, todos os grupos que compunham as forças nacionalistas, se tornou, também, o líder do governo ditatorial e permaneceu no poder até 1975, ano de sua morte.

O *A Offensiva* não realizou uma cobertura do desfecho da GCE, pois o periódico deixou de circular em março de 1938, ou seja, antes que se desse tal desfecho. Ainda assim, a análise documental permite-nos conjecturar que os integralistas, provavelmente, regozijar-se-iam com o epílogo do episódio em questão e que, possivelmente, as páginas do periódico seriam estampadas com inúmeros artigos que congratulavam os “integralistas espanhóis” pela vitória.

Qualquer estudo sobre a relação do integralismo com o mundo só pode se tornar completa se se avançar além dos laços, mais do que estudados, com a Itália e a Alemanha e incluir a Península Ibérica. A Espanha e Portugal sempre foram referências culturais fundamentais para os intelectuais e políticos brasileiros e, especialmente nos anos 1930, as figuras de Franco e Salazar eram de importância central na discussão política e social brasileira. Restringir o estudo dos vínculos internacionais integralistas à Itália e Alemanha e esquecer a Península Ibérica seria, no mínimo, reducionista.

O levantado neste texto confirma a força das ligações materiais e simbólicas entre os dois grupos e, especialmente, entre os falangistas e os integralistas. Notamos, na cobertura integralista relacionada ao conflito, que eles viam a união entre os setores da direita como fator necessário para que a rebelião lograsse algum êxito. Todavia, a Falange Espanhola exerceria, segundo eles, um papel central no interior dessa aliança.

Como ressaltado em alguns momentos,<sup>346</sup> a Falange seria o “elemento preponderante da União Nacional” e, sem o apoio dela, a revolta encabeçada pelo Exército não teria passado de um mero “Pronunciamiento”, cujo fracasso seria certo. Além disso, entre carlistas, monarquistas e o próprio Exército, a Falange, segundo Penna, distinguir-se-ia pelo “vigor” de sua doutrina e pela importância que adquirira, com o desenrolar da GCE, no seio dos “nacionalistas”.

O posicionamento integralista – a favor dos rebeldes e ainda mais próximo da Falange – indica o lugar em que se viam dentro daquele contexto: no campo da direita, mas nem tradicionalistas (como seriam a Igreja e o Exército), nem reacionários monarquistas e ultracatólicos como os carlistas, mas próximos aos falangistas, dentro da matriz fascista comum.

---

<sup>346</sup> Ver, por exemplo, PENNA, O. “A Falange Española”. *A Offensiva*, ano III, n. 356, 6/12/1936.

Como indicado em outra oportunidade por Bertonha,<sup>347</sup> depois de 1945, a Espanha e, acima de tudo, Portugal tornaram-se referenciais chave para o “novo integralismo”, com os regimes de Salazar e Franco – e suas ditaduras conservadoras, expurgadas em boa parte da herança fascista – o que fizeram deles modelos a serem imitados. Antes da guerra, contudo, era à parte mais radical dos blocos de poder salazarista e franquista que os integralistas dirigiam o grosso da sua atenção e solidariedade, o que foi suavizado posteriormente. Esse é um sinal de que os vínculos, as solidariedades e identificações podem mudar no decorrer do tempo, mas que a simples existência dessas relações, como identificado ao longo do texto, é um elemento fundamental para a discussão do caráter ideológico do integralismo e suas variações ao longo do tempo.

Sobre aspectos gerais a todos os episódios arrolados (Noite dos Longos Punhais, Guerra da Abissínia e Guerra Civil Espanhola), alguns pontos podem ser ressaltados. A análise dos episódios demonstrou-nos que os integralistas mantiveram um irredutível posicionamento ao lado de seus aliados ideológicos e que se esforçaram, municiando-se de diversos argumentos, para justificar as atitudes por eles deflagradas. Tal fato sugere-nos a presença de uma “solidariedade ideológica”, sugestão que se torna ainda mais latente quando levamos em consideração o esforço dos integralistas em apresentar, de forma agradável, seus “aliados” em todos esses episódios.

De fato, fosse na cobertura realizada acerca do expurgo nazista, da invasão fascista ao país africano, ou da guerra deflagrada pelos nacionalistas espanhóis, salta-nos aos olhos o esforço dos integralistas em apresentar, de forma agradável, seus “aliados” no combate pelo restabelecimento da ordem mundial, numa provável tentativa de garantir opinião pública favorável.

Em aspectos mais pontuais, é interessante ressaltar a forma com que a Guerra Civil foi utilizada para alarmar a sociedade brasileira, fato que a aproxima da utilização da Guerra da Abissínia com os mesmos fins. É, de fato, interessante apercebermos como ambos os episódios foram apresentados como sendo “lições” e “advertências” ao Brasil.

A utilização de tais episódios, enquanto lições e advertências, exigiu que algumas estratégias discursivas fossem adotadas. Utilizar-se desses episódios com tais fins implicaria, a princípio, aceitar-se que eles teriam alguma coisa a dizer e a mostrar à sociedade brasileira. Dessa forma, o *A Offensiva* valeu-se de constantes analogias entre os contextos brasileiro, espanhol, italiano e etíope.

---

<sup>347</sup> Ver Bertonha (2011a).

Por exemplo, a Guerra da Abissínia, segundo tal perspectiva, teria demonstrado a supremacia de um regime forte, como o fascista, sobre a dissoluta liberal-democracia e, ao mesmo tempo, evidenciado à sociedade que já não havia mais lugar no mundo para Estados “fracos”.

Primeiramente, o *A Offensiva* buscou sugerir a seus leitores que o Brasil, apesar de ser um país extenso territorialmente e rico em recursos naturais, seria um Estado “fraco”, fato este que o assemelharia à Abissínia, então recentemente subjugada pela Itália. De forma semelhante, a vitória italiana, segundo o *A Offensiva*, teria dado indícios da supremacia de um regime “forte” sob a dissoluta liberal democracia. Entrementes, por meio de constantes analogias, o *A Offensiva* sugeria a seus leitores que existiria, no Brasil, um movimento/partido que, a exemplo do realizado pelo fascismo na Itália, poderia transformar o Brasil numa potência respeitada, caso ascendesse ao poder; e essa força seria a AIB.

A Guerra Civil Espanhola, por sua vez, seria um exemplo do que poderia vir a suceder-se no Brasil caso o comunismo não fosse extirpado da sociedade brasileira e caso as perseguições perpetradas pelos governos estaduais à AIB não cessassem. Valendo-se de constantes analogias, verificamos a forma com que o *A Offensiva* sugeria a seus leitores que o clima de instabilidade no Brasil teria atingido índices altíssimos, fato este que assemelharia o contexto brasileiro ao contexto espanhol no imediato pré-eclosão da Guerra Civil.

Como vimos, foram inúmeros os artigos nos quais os integralistas se utilizaram da GCE como forma de alarmar a sociedade brasileira. A mesma era apontada como uma advertência, pois, segundo os integralistas, um contexto muito similar ao que precedera a eclosão do conflito civil espanhol estava se repetindo no Brasil: o governo brasileiro, assim como o espanhol, ao mesmo tempo em que se mostrava incapaz de impedir o alastramento do comunismo em terras brasileiras, estaria cerceando as atividades da AIB e perseguindo muitos dos camisas-verdes; Plínio Salgado, assim como Rivera, estaria convocando a população brasileira para adentrar às fileiras do integralismo, mas, muitos “patrícios” ainda estariam se mostrando indiferentes aos constantes apelos do Chefe Nacional.

Os integralistas, conscientemente ou não, acabaram por construir um discurso que, de certa forma, lhes era útil, já que o mesmo lhes proporcionava estabelecer algumas analogias entre o contexto brasileiro e o espanhol, no período que precedeu a deflagração da GCE. Daí, possivelmente, não serem apenas coincidência as constantes declarações, das quais o *A Offensiva* foi porta-voz, de que a GCE seria não só uma advertência, mas também uma lição ao Brasil.



Procurava-se demonstrar à opinião pública brasileira não só que “perseguir o integralismo é preparar no Brasil a reprodução da tragédia hespanhola”, como também a imperativa necessidade do povo brasileiro, os “indiferentes, que não se arregimentam em torno de uma mystica”, em atender aos chamados do Chefe Nacional e adentrarem às fileiras do integralismo, procurando evitar a reprodução, em território brasileiro, da guerra que estava assolando “o povo irmão” do continente europeu.

Em meio a todas essas advertências, apresentavam-se, aos brasileiros, a Alemanha e a Espanha como dois exemplos distintos do que poderia vir a se suceder no Brasil, dependendo dos rumos que a política brasileira seguisse, a partir daquele momento. Entrementes, após sugerir-se que o integralismo, por ser a “exata compreensão do nacional-socialismo”, poderia fazer do Brasil não apenas um país livre do perigo comunista, mas também uma potência respeitada por todos, levantava-se a questão: qual exemplo seguir, o da Alemanha ou o da Espanha, tomada por uma guerra civil? Caso se optasse por apoiar o integralismo, este, a exemplo do nazismo, transformaria o Brasil num grande país. Mas, caso os apelos do Chefe Nacional fossem negligenciados ou as atividades da AIB continuassem a ser cerceadas, possivelmente se repetiria, em terras brasileiras, o sangrento episódio espanhol.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a documentação, salta-nos aos olhos a ambiguidade do discurso propagado pelo *A Offensiva* acerca da natureza ideológica do integralismo. Isso demonstra-nos que essa questão parece ter sido algo bastante difícil de ser trabalhada inclusive pelos próprios militantes do Movimento e, ao mesmo tempo, adverte-nos dos riscos e da probabilidade de uma análise prescindida de maiores ponderações nos conduzir a conclusões precipitadas ou reducionistas.

A ambiguidade do discurso difundido por meio das páginas do *A Offensiva* acerca da natureza ideológica do integralismo foi realmente grande, no entanto, um aspecto sempre marcou essa questão: a procura, por parte dos integralistas, de evidenciar as particularidades, as superioridades e a “originalidade” do movimento ao qual pertenciam. Fossem nas primeiras edições do *A Offensiva*, nas quais o periódico valia-se do termo “fascismo” para aludir à AIB, fosse nas posteriores, nas quais o termo “fascismo” foi preterido por “movimentos de reação”, “movimentos nacionalistas” ou “movimento ressurrecional”, os integralistas, por intermédio das páginas do *A Offensiva* sempre tencionaram demarcar as diferenças, a superioridade e a originalidade da AIB.

A análise documental nos demonstra que a dubiedade do discurso do periódico acerca do caráter ideológico da AIB foi, de fato, grande. Como pudemos conferir no segundo capítulo desta dissertação, alguns dos integralistas, por intermédio das primeiras edições do *Jornal A Offensiva*, apregoavam ser o fascismo uma doutrina universal e que, justamente por ser universal, movimentos embasados na doutrina fascista poderiam surgir em qualquer país. Não só poderiam como, de acordo com o *A Offensiva*, estariam a surgir.

Em suas primeiras edições, o periódico arrolou um sem-número de movimentos de caráter fascista, incluindo, aí, o próprio integralismo. A força de expansão dos ideais fascistas e dos movimentos nele embasados forneceu, inclusive, ocasião para que o *A Offensiva* veiculasse artigos nos quais se apontava o fascismo como o “sentido do século”. Entrementes, ao arrolar os inúmeros movimentos fascistas existentes no mundo, as páginas do *A Offensiva*, por vezes, expressaram e evidenciavam a solidariedade ideológica dos integralistas, que nutriam certa expectativa acerca da vitória dos movimentos fascistas em seus respectivos países.

Mesmo que nessa época todos os movimentos fossem por vezes apresentados sob a alcunha de “fascistas”, o *A Offensiva* não reduziu os mesmos a meras “cópias” do fascismo

italiano e procurou evidenciar isso a seus leitores. Seriam, sim, movimentos fascistas, conquanto, com um caráter indubitavelmente nacional; possuiriam suas particularidades e especificidades, pois teriam surgido em contextos diferentes, em países com história, costumes, tradições diferentes e com problemas internos diversos dos da Itália, o que, conseqüentemente, gerou diferenças entre esses movimentos e o fascismo italiano e também distinções entre os próprios movimentos.

Assim, os integralistas, por intermédio do *A Offensiva*, ainda que por vezes apresentassem sob a alcunha de “fascista” o movimento ao qual pertenciam, não menos rapidamente procuravam demarcar não só as diferenças, singularidades e superioridades da AIB (esta última poderia ser aferida sobretudo pela proposta de Estado integralista, o Estado Integral), como também ressaltar que a AIB seria um movimento nacional, indubitavelmente.

Conforme se passaram as edições do *A Offensiva*, o discurso acerca do caráter ideológico da AIB tornou-se mais ambíguo; suprimiu-se a utilização do termo “fascista” para aludir-se à AIB e, ainda que o integralismo fosse apresentado, num âmbito global, ao lado dos movimentos e regimes fascistas no combate pela restituição da estabilidade mundial, ele não o era sob a alcunha de “fascista”, mas sob “movimento de reação”, como podemos verificar pelo artigo *A Era do Sigma* de Madeira de Freitas, citado.

Não obstante, uma série de artigos que ressaltaram apenas os pontos de divergências entre o integralismo e os movimentos outrora apresentados enquanto congêneres foram veiculados. Nestes, ressaltamos, a prioridade estava em evidenciar as divergências e não as convergências entre o integralismo e os movimentos que lhe eram similares; como ressaltado por Salgado no artigo *Distinção*, citado, era preciso que os integralistas distinguissem o movimento ao qual pertenciam dos movimentos “aparentemente congêneres”.

Entretentes, as páginas do *A Offensiva* foram utilizadas para veicular artigos por meio dos quais os integralistas objetivavam evidenciar que o integralismo não seria cópia nem do fascismo italiano e nem do nazismo alemão. Daí, possivelmente, tais artigos em momento algum aludirem à possibilidade de influências do fascismo sob o integralismo ou à possibilidade da existência de pontos de convergências entre ambos; afinal, o objetivo de evidenciar que o integralismo não seria uma cópia poderia cair por terra caso os próprios integralistas reconhecessem influências da doutrina fascista sob a do movimento ao qual pertenciam.

A ambigüidade do discurso integralista parece ter se dado por dois motivos principais, um ideológico e um conjuntural. O ideológico referir-se-ia à existência de um elemento intrínseco à ideologia integralista e de outros movimentos análogos, o “nacionalismo

exacerbado”, que inviabilizava qualquer tipo de declaração que subjugasse, mesmo que a termos ideológicos ou terminológicos, um movimento ao outro, e que inviabilizava, por fim, que a “solidariedade ideológica” se concretizasse por completo.

O conjuntural, por sua vez, referir-se-ia à promulgação da Lei de Segurança Nacional (LSN), em abril de 1935, e, posteriormente, em 1936, do Estado de guerra, que parecem ter impellido o *A Offensiva* a adaptar o discurso acerca do caráter ideológico da AIB. Isso porque a promulgação da LSN estava ameaçando tanto a AIB quanto a Aliança Nacional Libertadora (ANL) enquanto organizações políticas legalizadas e, na lógica de suspeição existente, os aliancistas acusavam os integralistas de serem fascistas, objetivando que os mesmos fossem enquadrados na LSN; por sua vez, os integralistas, com o mesmo objetivo, acusavam os aliancistas de serem comunistas. Daí, possivelmente, as tentativas do periódico em evidenciar as diferenças e as superioridades da AIB ante os movimentos e regimes que lhes eram semelhantes e de ressaltar o caráter genuinamente nacional do integralismo.

Acreditamos, no entanto, que uma análise acerca da ambiguidade do discurso dos integralistas sobre a natureza ideológica do movimento ao qual pertenciam deva levar em consideração tanto os aspectos conjunturais, quanto os ideológicos, pois ambos, antes de se excluírem, se completam na tentativa de evidenciar tal questão. Isso porque, se o “nacionalismo exacerbado” poderia explicar, por um lado, a insistente procura do *A Offensiva*, em suas edições iniciais, em ressaltar as diferenças, superioridades e o caráter genuinamente nacional da AIB, os aspectos conjunturais, por outro, poderiam explicar o porquê do recrudescimento do *A Offensiva* na tentativa de desvencilhar o integralismo dos movimentos fascistas existentes bem como a procura do periódico em evidenciar que o integralismo não seria cópia de movimentos ou regimes estrangeiros.

Dessa forma, cremos, a procura do *A Offensiva* em reafirmar as raízes estritamente nacionais da AIB e em evidenciar as diferenças e a superioridade do movimento e da doutrina do movimento ao qual pertenciam, almejando desvencilhar o integralismo dos movimentos e doutrinas de caráter fascista, parece ter se dado, possivelmente, mais por motivos conjunturais ou ideológicos do que pela ausência ou inexistência do sentimento de “pertencimento” a um grupo maior, que englobava todos os movimentos fascistas existentes. E a procura dos integralistas por inserir o movimento ao qual pertenciam ao lado dos movimentos/regimes congêneres, nem que para tanto o termo “fascista” fosse preterido por “movimento de reação” ou outros semelhantes é, nesse sentido, mais um indício.

Outro indício que aponta para o mesmo sentido é a “solidariedade ideológica” dos integralistas para com os movimentos e regimes que lhes eram congêneres. Como os próprios

artigos veiculados pelo *A Offensiva* nos evidenciam, os integralistas, daqui do Brasil, estavam na expectativa e nutriam certa esperança de que todos os movimentos fascistas existentes no mundo ascendessem, um dia, ao poder.

Como vimos no terceiro capítulo de nossa dissertação, a solidariedade ideológica dos integralistas para com os membros integrantes do “universo fascista” se tornou ainda mais manifesta na cobertura daqueles acontecimentos marcantes do período, nos quais alguns membros integrantes desse universo se envolveram, como o regime fascista em sua campanha colonial na Abissínia, ao regime nazista no expurgo realizado com o objetivo de se consolidar no poder, e aos nacionalistas espanhóis no levante deflagrado contra o governo republicano legalmente instituído.

A solidariedade ideológica pode ser apercebida não só em declarações explícitas de apoio, mas também em aspectos mais sutis, como a tentativa dos integralistas, por intermédio das páginas do *A Offensiva*, em apresentar esses episódios sob uma ótica favorável aos seus aliados ideológicos. Ao apresentar o expurgo nazista, a campanha colonial italiana e o levante nacionalista espanhol sob uma ótica favorável aos mesmos, os integralistas, possivelmente, se utilizaram das páginas do *A Offensiva* almejando garantir-lhes o apoio de ao menos alguns setores da opinião pública brasileira.

Essa questão nos leva a outra. Como vimos, os integralistas se utilizaram de dois desses episódios, a Guerra da Abissínia e a Guerra Civil Espanhola, como forma de alarmar a sociedade brasileira. Ambos foram apresentados enquanto “lições” e “advertências” ao Brasil e população brasileira. Enquanto o primeiro foi apresentado enquanto uma advertência de que já não existiria lugar no mundo para Estados fracos e uma lição por ter evidenciado a supremacia de um regime forte ante a dissoluta liberal-democracia, o segundo foi utilizado enquanto uma advertência do que poderia ocorrer no Brasil caso o comunismo não fosse extirpado da sociedade brasileira e caso as perseguições aos camisas-verdes não cessassem.

Utilizando-se de analogias, os integralistas se valeram do *A Offensiva* enquanto um canal privilegiado para sugerir que o integralismo seria a única força político-social brasileira apta tanto a evitar a reprodução de uma guerra civil em território nacional quanto a transformar o Brasil num Estado forte. Não era, de toda forma, um discurso explícito; fosse por questões ideológicas, fosse por questões conjunturais, isso era construído por meio de um discurso baseado em analogias e sugestões, como visto no terceiro capítulo desta dissertação.

Estabelecer a natureza ideológica do integralismo é tarefa bastante arduosa e temos ciências de que vários aspectos, tais como a ideologia, bem como a simbologia e ritualista e a origem social dos militantes do Movimento, devem ser levados em consideração para tal

análise ser completa. Ainda assim, por meio da análise documental, é perceptível que naquele conturbado contexto de “inquietações” apregoado pelos integralistas, os camisas-verdes se viam como elos de uma corrente maior.

Naquele contexto de polaridades ideológicas, essa “corrente”, contudo, acabou por abarcar distintas tendências da extrema-direita, da qual a fascista era apenas uma parte. Todavia, os próprios integralistas, ao declararem que tinham como espelho a “Itália fascista”, que seria a “perfeita compreensão do nacional-socialismo no Brasil”, ou de que seriam os falangistas, dentre todos os “nacionalistas espanhóis”, os mais próximos ideologicamente do movimento ao qual pertenciam, nos evidenciam que viam o integralismo enquanto um dos membros integrantes de uma matriz fascista comum.

Certamente, as ponderações dos próprios integralistas de que a AIB não seria uma cópia do fascismo, do nazismo ou de qualquer outro movimento/regime congênere devem ser levadas em consideração. Devem, pois, de fato, não o era. Não obstante, a análise documental no permite afirmar que os integralistas viam a AIB enquanto um movimento de caráter fascista, com suas particularidades, especificidades e superioridades, mas, ainda assim, fascista, e, se isso foi por muitas vezes negado, parece-nos que tal fato possivelmente se deu mais por questões ideológicas ou conjunturais do que pela inexistência de um sentimento de “pertencimento” a uma matriz fascista comum.

Ao jogar luzes sobre a questão, acreditamos, assim, que a pesquisa aqui apresentada forneceu elementos de grande importância e que contribuíram para enriquecer esse debate acerca do caráter ideológico da AIB.

## REFERÊNCIAS

### Arquivos Consultados

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Periódico *A Offensiva* (1934-1938) microfilmado.  
Centro de Documentação da Universidade Estadual de Maringá (CDO-UEM), para a leitura e digitalização da documentação microfilmada.

### Referência Documental

- Jornal *A Offensiva* (1934-1938).
- Artigos do *A Offensiva* citados na dissertação (sem autoria).

*A Offensiva*, 28 de set. de 1935, p. 1.

*A Offensiva*, ano II, n. 91, p. 2.

*A Offensiva*, ano II, n. 97, p. 6.

*A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 1.

*A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 2.

*A Offensiva*, ano III, n. 264, p. 2.

*A Offensiva*, ano III, n. 359, p. 1.

*A Offensiva*, ano IV, n. 482, p. 3.

*A Offensiva*, ano IV, n. 575, p. 2.

*A Offensiva*, ano IV, n. 576, p. 2.

*A Offensiva*, ano IV, n. 584, p. 2.

Abyssinia, nação agressora. *A Offensiva*, ano II, n. 160, p. 9 e 11.

A doutrina do Fascio Suisso. *A Offensiva*, ano II, n., 23 de set. 1935, p. 3

A fome na Hespanha vermelha. *A Offensiva*, ano IV, n. 595, p. 1 e 3.

A Frente popular domina a Hespanha. O novo ministério foi organizado pelo sr. Azaña. *A Offensiva*, ano II, n. 110, p. 5.

A Grande usina bolchevique. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 1.

A Italia sahiu do temporal, vencedora. *A Offensiva*, ano II, n. 172, p. 13.

A Lição da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 317, p. 1.

A Guerra Hispano-Soviética. *A Offensiva*, ano III, n. 240, p. 2.

A Hespanha em chamas. *A Offensiva*, ano III, n. 263, p. 4.

- A marcha do fascismo no mundo. *A Offensiva* ano, n. 395, 23 de jan. de 1937, p. 5.
- A palavra de ordem do Komintern. *A Offensiva*, ano IV, n. 525, p.1.
- A Offensiva. *A Offensiva*, ano I, n. 1, p. 2.
- A Offensiva. *A Offensiva*, ano I, n. 3.
- A Offensiva diária. *A Offensiva*, ano II, n. 81, p. 6.
- A Offensiva diária. *A Offensiva*, ano II, n. 90, p. 2.
- “Arriba Hespanha!”. *A Offensiva*, ano III, n. 274, p. 1.
- Arriba España!, *A Offensiva*, ano III, n. 306, p. 10.
- A Semana internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 294, p. 11.
- A Semana Internacional. Notas do Exterior. O Segundo aniversario da chegada ao poder do nacional-socialismo allemão. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 38, 31 de jan. de 1935, p. 3.
- A Sigma Editora... *A Offensiva*, ano I, n. 4, p. 7.
- As agencias telegraphicas contra as patrias. *A Offensiva*, ano, I, 15 de nov. de 1934, p. 2.
- A Semana Internacional. *A Offensiva*, ano I, n. 8, p. 3.
- As milicias comunistas espalham o terror praticando crimes monstruosos. *A Offensiva*, ano III, p. 1.
- As realizações do Regimen Fascista. *A Offensiva*, ano V, n. 709, p. 1 e 2.
- As realizações do Regimen Fascista. *A Offensiva*, ano V, n. 711, p. 1 e 5.
- As tropas vermelhas empregam gases asphyxiantes. *A Offensiva*, ano III, n. 262, p. 5.
- A victoria das armas italianas na Abyssínia. *A Offensiva*, ano II, n. 148, p. 9 e 14.
- De passagem pelo Rio uma embaixada de phalangistas hespanhoes, *A Offensiva*, ano IV, n. 529, p. 10.
- Dois Aniversários. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 2.
- Em Homenagem Aos Heróes Do Alcazar De Toledo. *A Offensiva*, no III, n. 300, p. 1 e 2.
- Fascismo Hollandez. *A Offensiva*, 4 mai. 1935, p. 1.
- Fascismo na Russia? *A Offensiva*, 27 dez. de 1934, p. 3.
- Guerra ao Commuunismo. *A Offensiva*, ano IV, n. 561, pp. 9-10.
- Hitler e o plebiscito do dia 19. *A Offensiva*, 23 ago. 1934, p. 3.
- Na Russia soviética. *A Offensiva*, ano III, n. 187, p. 1.
- Na Russia Sovietica. *A Offensiva*, ano III, n. 188, p. 1.
- Na Russia soviética. *A Offensiva*, ano III, n. 190, p. 1.
- Notas do Exterior. *A Offensiva*, ano I, n. 10, p. 3
- Notas do Exterior. Acontecimentos da Allemanha. *A Offensiva*, 5 jul. 1934, p. 3.



- Notas do Exterior. *A Offensiva*, 28 jun. 1934, p. 3.
- O Accaso melancólico da liberal democracia... *A Offensiva*, ano II, n. 101, p. 9.
- O Congresso de Imprensa. *A Offensiva*, ano III, n. 366, p. 1.
- O Currupira, *A Offensiva*, ano II, n. 54, n. 55, n. 56, p. 10.
- O Expresso Soviético ou a Super-Machina. *A Offensiva*, ano II, n. 183, p. 1.
- O Fascismo na Argentina. *A Offensiva*, 16 mar. 1935, p. 6.
- O Fascismo na Bulgária. *A Offensiva*, 9 ago. 1934, p. 3.
- O Fascismo na Hespanha. *A Offensiva*, 2 ago. 1934, p. 3.
- O Fascismo na Hollanda. *A Offensiva*, ano II, n., 15 de jun. de 1935, p. 3.
- O Fascismo na Inglaterra. *A Offensiva*, ano I, n., 13 de dez. de 1934, p. 3.
- O Fascismo na Inglaterra: Sir Oswald Mosley e Lord Rothermere. *A Offensiva*, 18 out. 1934, p. 3.
- O Fascismo na Lousiania. *A Offensiva*, 10 jan. 1935, p. 3
- O Fascio na Letonia. *A Offensiva*, 6 set. 1934, p. 2.
- O Fascismo na Polônia. *A Offensiva*, 27 dez. de 1934, p. 3.
- O Fascismo na Suissa. *A Offensiva*, ano II, n. 8 de jun. de 1935, p. 3
- O Fascismo no Báltico. *A Offensiva*, ano II, n. 17 de ago. de 1935, p. 11.
- O Integralismo não é hitlerismo, nem fascismo!. *A Offensiva*, ano IV, n. 580, p. 1
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 170, p. 2
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 175, p. 2.
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 179, p. 2.
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 210, p. 2.
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 211, p. 2.
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 230, p. 2.
- O Momento internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 240, p. 2.
- O Momento internacional. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.
- O Momento Internacional. *A Offensiva*, ano IV, n. 408, p. 12
- O rearmamento no Mediterrâneo. *A Offensiva*, ano II, n. 69, p. 1 e 12.
- Orgão Nacionalista Hespanhol. “Nueva España” acaba de aparecer na capital da Republica como um novo órgão de imprensa colonial orientador dos ideaes nacionalistas entre os membros da colônia hespanhola no Brasil. *A Offensiva*, ano IV, n. 498, p. 4.
- Os acontecimentos da Allemanha. *A Offensiva*, ano I, n. 9, p. 8.
- Os camisas-brancas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 25 de mai. 1935, p. 3.
- Os Camisas-Douradas no México. *A Offensiva*, 3 jan. 1935, p. 3.

Os Camisas-Prateadas nos Estados Unidos. *A Offensiva*, 29 nov. 1934, p. 8.

O Secretário Nacional de Doutrina, entrevistado pela “A Offensiva”, fala sobre o papel da imprensa integralista. *A Offensiva*, ano III, n. 363, pp. 1-2.

Os Hespanhos Do Rio De Janeiro Pela Revolução. *A Offensiva*, ano III, n. 266, p. 1.

Página Médica, *A Offensiva*, ano II, n. 54, n. 55, n. 56, n. 62, p. 5.

Pela Hespanha Nacionalista. *A Offensiva*, ano III, n. 352, p. 2.

Pipocas. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 224, p. 2.

Quando For Reconhecido O Governo De Burgos. *A Offensiva*, ano III, n. 298, p. 5.

Reclamado pelos nacionalistas o imediato reconhecimento da beligerância. *A Offensiva*, ano IV, n. 533, p. 5.

Repetem-se no Brasil as scenas que precederam a revolução da Hespanha. *A Offensiva*, ano IV, n. 582, p. 1.

Reunião Das Senhoras Nacionalistas Hespanholas E Sympathizantes. *A Offensiva*, ano IV, n. 482, p. 10.

Reunião Dos Nacionalistas Hespanhoes. *A Offensiva*, ano IV, n. 470, p. 3.

Secção Jurídica, *A Offensiva*, ano I, n. 28, p. 5.

Secção Universitária, *A Offensiva*, ano I, n. 23, n. 32, p. 5.

Se Fosse Hitler. *A Offensiva*, 18 out. 1934, p. 3.

Soldados da Revolução, *A Offensiva*, ano III, n. 280, p. 3

Topicos. *A Offensiva*, ano IV, n. 470, p. 2.

Turistas no paiz do soviet. *A Offensiva*, ano III, n. 186, p. 1.

Vão combater o Communismo, *A Offensiva*, ano IV, n. 429, p. 10.

Vida Militar, *A Offensiva*, ano II, n. 58, n. 61, n. 65, p. 5.

- Artigos do *A Offensiva* citados na dissertação (com autoria).

ABEN-ATTAR NETTO. A revolução da dôr humana. *A Offensiva*, ano III, n. 224, p. 10.

\_\_\_\_\_. Raízes do Brasil. *A Offensiva*, ano IV, n. 404, p. 2.

AMARAL, Edmundo. O Sentido do Seculo. *A Offensiva*, 23 ago. 1934, p. 8

BARROSO, G. A melhor lição do bolchevismo. *A Offensiva*, ano II, n. 133, p. 2.

\_\_\_\_\_. A Verdadeira Democracia. *A Offensiva*, ano II, n. 64, p. 1.

\_\_\_\_\_. Aspectos da crise norte-americana – A acção do judaísmo-maçonico. *A Offensiva*, ano IV, n. 635, p. 2

\_\_\_\_\_. Chechez le juif. *A Offensiva*, ano III, n. 290, p. 2.

- \_\_\_\_\_. Clama, ne cesses!... *A Offensiva*, ano IV, n. 387, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Integralismo e Aprismo. *A Offensiva*, ano III, n. 140, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 98, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 101, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 107, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 118, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Judaísmo Internacional. *A Offensiva*, ano II, n. 124, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Mané = Thécel = Pharés. *A Offensiva*, ano II, n. 40, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O Fascismo no Canadá. *A Offensiva*, ano I, n. 19, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O Kahal de Nova York. *A Offensiva*, ano IV, n. 624, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O Movimento Fascista em França. *A Offensiva*, ano I, n. 4, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Um Confusionista. *A Offensiva*, ano II, n., 7 de set. 1935, p. 1 e 12.
- CARVALHO, Nicanor. Pelo bem do Chile. *A Offensiva*, ano, n. 372, p. 10.
- CASCUDO, Luis Câmara. Integralismo é cópia? *A Offensiva*, ano I, n. 23, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O Fascismo na Argentina. *A Offensiva*, 15 nov. 1934, p. 3.
- \_\_\_\_\_. O Fascismo nos Estados Unidos. *A Offensiva*, ano I, n. 2, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Primo de Rivera. *A Offensiva*, ano IV, n. 425, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Sir Oswald Mosley. *A Offensiva*, 24 mai. 1934, p. 3.
- CASTRO, Orlando Ribeiro de. Reflexões sobre duas doutrinas. *A Offensiva*, ano I, n. 11, p. 2.
- COTRIM NETO, Alberto. Portugal e o Estado Novo. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 9 e 11.
- DANTAS, San Thiago. Guerra na Africa. *A Offensiva*, ano II, n. 75, p. 2.
- DUBERNARD, M. G. Francismo e Fascismo. *A Offensiva*, ano I, n. 14, p. 3.
- FARIA, Jensen. Questões Sociaes. *A Offensiva*, ano III, n. 184, p. 31.
- FREITAS, Madeira de. A Era do Sigma. *A Offensiva*, ano III, n. 218, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A Fallencia do communismo. *A Offensiva*, ano III, n. 206, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A Força de um Regimen. *A Offensiva*, ano II, n. 173, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A grande lição da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 242, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A inferioridade moral do communismo. *A Offensiva*, n. 636, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A mentira ao serviço de Moscou. *A Offensiva*, ano V, n. 710, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A Nova era que nasce. *A Offensiva*, ano II, n. 115, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A pátria em perigo!. *A Offensiva*, ano IV, n. 561, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Arriba Hespanha!. *A Offensiva*, ano III, n. 276, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Arriba Espanha! *A Offensiva*, ano IV, n. 540, p. 2.

- \_\_\_\_\_. As Catacumbas. *A Offensiva*, ano III, n. 308, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Ave, Lusitania! *A Offensiva*, ano III, n., p. 2.
- \_\_\_\_\_. Frentes Populares. *A Offensiva*, ano IV, n. 523, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Hespanha, a grande advertência. *A Offensiva*, ano III, n. 213, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Inercia Criminosa. *A Offensiva*, ano III, n. 266, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Morte ao comunismo. *A Offensiva*, ano III, n. 261, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Nações Fortes. *A Offensiva*, ano III, n. 230, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Nas vésperas da cathastrophe. *A Offensiva*, ano IV, n. 548, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O crepúsculo dos Deuses. *A Offensiva*, ano II, n. 162, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Ordem. *A Offensiva*, ano IV, n. 535, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Os maiores culpados. *A Offensiva*, ano III, n. 252, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Os paradoxos do liberalismo. *A Offensiva*, ano IV, n. 582, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Processos empíricos. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Um bando de piratas. *A Offensiva*, ano IV, n. 502, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Valha-nos o aviso. *A Offensiva*, ano IV, n. 379, p. 2.
- H. G. Perante o drama hespanhol. *A Offensiva*, ano III, n. 274, p. 2.
- LAVRADOR, Paulo. Os judeus no cinema. *A Offensiva*, ano III, n. 261, p. 8.
- LINS, Alberto Rego. A tragi-comedia bolchevista. *A Offensiva*, ano III, n. 267, p. 2.
- MARTINS MOREIRA, Thiers. Fuga Crepuscular. *A Offensiva*, ano III, n. 303, p. 3.
- MELLO, Olbiano de. Pela Hespanha Nacionalista. *A Offensiva*, ano III, n. 269, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Quem salvará a Europa da democracia? *A Offensiva*, ano III, n. 259, p. 2.
- MORAES, Ernani de. Lição a seguir. *A Offensiva*, ano III, n. 265, p. 4.
- MOTTA, Jeovah. Inquietações. *A Offensiva*, ano III, n. 301, p. 3.
- MOURÃO, Gerardo de Melo. Momento Internacional. *A Offensiva*, ano IV, n. 385, p. 2.
- PALHA, Américo. A Nossa Vigília. *A Offensiva*, ano III, n. 287, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Retalhos. *A Offensiva*, ano IV, n. 474, p. 2.
- PAUPERIO, Machado. A doutrina do Sigma e o Corporativismo italiano. *A Offensiva*, ano IV, n. 644, p. 9.
- PENNA, Oswaldo. A Phalange Hespañola. *A Offensiva*, ano III, n. 356, p. 10.
- \_\_\_\_\_. Os sábios de Sião. *A Offensiva*, ano III, n. 185, p. 14.
- REGO LINS, Alberto. do. A tragi-comedia bolchevista. *A Offensiva*, ano III, n. 267, p. 2.
- RICCI, Luigi. Não existe questão de cor para os italianos. *A Offensiva*, ano II, n. 133, p. 1 e 4.
- \_\_\_\_\_. No “Front” sómalo, entre “askaris” e “dubats”. *A Offensiva*, ano II, n. 92, p. 1.

\_\_\_\_\_. Uma rápida “enquete” entre os Chefes ethiopes. *A Offensiva*, ano III, n. 206, p. 1-2.

SALGADO, Plinio. Agitação. *A Offensiva*, ano II, n. 110, p. 2.

\_\_\_\_\_. A hora trágica. *A Offensiva*, ano II, n. 108, p. 2.

\_\_\_\_\_. A Lição de Addis Abeba. *A Offensiva*, ano II, n. 176, p. 2.

\_\_\_\_\_. Carta aos inconscientes. *A Offensiva*, ano III, n. 258, p. 2.

\_\_\_\_\_. Mensagem De Sangue. *A Offensiva*, ano III, n. 248, p. 9.

\_\_\_\_\_. Nós e os escravos de Stalin. *A Offensiva*, ano II, n. 60, p. 1-2.

\_\_\_\_\_. O cyclo das idéas. *A Offensiva*, ano III, n. 248, p. 2.

\_\_\_\_\_. O Drama da Hespanha. *A Offensiva*, ano III, n. 254, p. 2.

\_\_\_\_\_. O Perigo do Communismo. *A Offensiva*, ano I, n. 24, p. 1.

SOKOLEV, A. O Exercito Vermelho. *A Offensiva*, ano I, n. 19, p. 3.

VIVEIROS, Custódio de. Italia. *A Offensiva*, ano, n. 580, p. 2.

\_\_\_\_\_. Os responsáveis. *A Offensiva*, ano III, n. 257, p. 2.

\_\_\_\_\_. Portugal. *A Offensiva*, ano IV, n. 578, p. 2.

- Artigos de outros periódicos integralistas citados.

*Monitor Integralista*, ano II, n. 6, p. 1.

*Monitor Integralista*, ano II, n. 8, p. 1.

*Monitor Integralista*, ano III, n. 10, p. 7.

*Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 3.

*Monitor Integralista*, ano IV, n. 15, p. 17.

*Monitor Integralista* ano I, n. 15, p. 17-18.

*Monitor Integralista*, ano V, n. 22, p. 4.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Paulo Roberto. *Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo*. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, UFPR, n. 12, p. 35-66, jun. 1999. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/238/23801203.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

ALVARES JUNCO, José; LEANDRI, Ricardo González (Orgs). *El Populismo em Espana y América*. Madrid, Catriel, 1994.

- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a sombra do Eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2007.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (Org.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos: Anais do Colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 87-91
- \_\_\_\_\_. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARKER, A. J. *A conquista da Etiópia*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1979.
- BERTONHA, João Fábio. *Sob a Sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1943*. São Paulo: AnnaBlume, 1999.
- \_\_\_\_\_. A migração internacional como fator de política externa. Os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política externa da Itália, 1870-1943. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 123-164, 1999.
- \_\_\_\_\_. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 83-110, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Fascismo, nazismo e integralismo*. São Paulo: Ática, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Eduem, 2008.
- \_\_\_\_\_. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975). *Análise Social*, Portugal, v. 198, n. 46, p. 65-87, 2011.
- BULHÕES, Tatiana da Silva. “*Evidências esmagadoras dos seus atos*”: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- CALLEJA, Eduardo Gonzalez; NEVADO, Fredes Limon. *La Hispanidad como instrumento de combate. Raza e Império en la prensa franquista durante la Guerra Civil española*. Madrid, CSIC, 1988.
- \_\_\_\_\_. “?Populismo o captacion de elites? Luces y sombras en la estrategia del Servicio Exterior de Falange Española”. In: JUNCO, José Alvarez; LEANDRI, Ricardo González (Orgs.). *El Populismo em Espana y América*, Madrid, Catriel, 1994, p. 61-90.
- \_\_\_\_\_. El servicio exterior de Falange y la política exterior del primer franquismo: consideraciones previas para su investigación. *Hispania*. Espanha, n. 186, p. 279-307, 1994a.
- CALIL, Gilberto. *Integralismo no pós-guerra: Partido de Representação Popular (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALLEJA, Eduardo Gonzalez; NEVADO, Fredes Limon. *La Hispanidad como instrumento de combate. Raza e Império en la prensa franquista durante la Guerra Civil española*. Madrid: CSIC, 1988.

\_\_\_\_\_. “?Populismo o captacion de elites? Luces y sombras en la estratégia del Servicio Exterior de Falange Espanola”. In: JUNCO, José Alvarez; LEANDRI, Ricardo González. *El Populismo em Espana y América*. Madrid: Catriel, 1994a. p. 61-90.

\_\_\_\_\_. El servicio exterior de Falange y la política exterior del primer franquismo: consideraciones previas para su investigación. *Hispania*, Espanha, n. 186, p. 279-307, 1994b.

CAMPOS, Ismael Saz. *Fascismo y Franquismo*. Espanha: Universitat de Valencia, 2004.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937)*. Bauru: Edusp, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria El Ciências Humanas Ltda, 1978.

CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In: CHAUÍ, M.; CARVALHO, M. S. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Cedec, 1978.

CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: A intolerância como princípio*. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em História)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

EVANS, Richard. *The Third Reich in Power*. New York: Penguin Group, 2005.

FALCOFF, Mark; PIKE, Fredrik (Eds.). *The Spanish Civil War 1936-1939: American Hemispheric Perspectives*. Lincoln; London: University of Nebraska Press, 1982.

FRAGA, Gerson Wassen. *Branços e Vermelhos: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GOMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo Delgado. *Diplomacia Franquista y política cultural hacia Iberoamerica, 1939-1953*. Madrid: CSIC, 1988.

\_\_\_\_\_. *Imperio de papel: acción cultural y política exterior durante el primer franquismo*. Madrid: CSIC, 1992.

HILTON, Stanley. “Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938”. O Brasil e a crise internacional: 1930-1945 (cinco estudos). São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LEAL, Carine de Souza. *Imprensa Integralista (1932-1937): Propaganda ideológica e imprensa partidária de um partido fascista no Brasil dos anos 30*. 2006. 115 f. Monografia (Graduação em Jornalismo)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MACHADO, Ironita P. História e Imprensa: um olhar sobre o olhar do semário *A Voz da Serra*. *Histórias: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 155-175, 2006.
- MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MARQUES, Alexandre Kohlrausch. “*A questão ítalo-abissínia*”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. 2008. 263 f. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O Brasil no contexto da Guerra Civil Espanhola. *O Olho da História – Revista de História Contemporânea*, Salvador: UFBA, v. 2, p. 117-124, 1996.
- OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. *Imprensa Integralista: imprensa militante*. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley. *El fascismo*. Espanha: Alianza Editorial, 1980.
- PEREZ MONTFORT, Ricardo. *Hispanismo y Falange. Los sueños imperiales de la derecha española y México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- QUIJADA, Mónica; TABANERA, Nuria; AZCONA, José M. Actitudes ante la Guerra Civil Española en las sociedades receptoras. In: VIVES, Pedro. *Historia General de la Emigración española a Iberoamérica*. Madrid: Fundación Centro Español de Estudios de América Latina, 1992. v. 1, p. 461-556.
- REIN, Raanan Francoist. Spain and Latin America, 1936-1953. In: LARSEN, Stein Ugelvik, *Fascism out Europe: the European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. Nova York: Columbia Press, pp. 116-152, 2001.
- SANZ, Rosa Pardo, *!Com Franco hacia El Império!* La política exterior española em América Latina 1939-1945. Madrid: UNED, 1995.



\_\_\_\_\_. Hispanoamérica en la política nacionalista, 1936-1939. *Espacio, Tiempo y Forma, Historia Contemporánea*, n. 5, p. 211-238, 1992.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. *O Negro e a Nação Integral por meio das páginas do periódico integralista A Offensiva*. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SENTINELO, Jaqueline Tondado; BERTONHA, João Fábio. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In: SIMÕES, R. D.; GONÇALVES, L. P. (Orgs). *Entre Tipos e Recortes: Histórias da imprensa integralista*. Maricá: Editora Sob Medida, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O Século XX. O tempo das Crises. Revoluções, fascismos e guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SIMÕES, Renata Duarte. *A Educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOMBRA, Luiz Henrique; GUERRA, Luiz Felipe Hirtz (Orgs). *Imagens do Sigma*. Rio de Janeiro: Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, 1988.

SOUCY, Robert. *French Fascism: The second Wave, 1933-1939*. Estados Unidos: Yale University Press, 1995.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TRIFONE, Victor; SVARZMAN, Gustavo. *La repercusión de la guerra civil española en la Argentina (1936-1939)*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

\_\_\_\_\_. Integralismo: teoria e práxis política no década de 30. In: FAUSTO, Boris: *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1981.

\_\_\_\_\_. *O Nazi-fascismo na América Latina: mito ou realidade?*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.